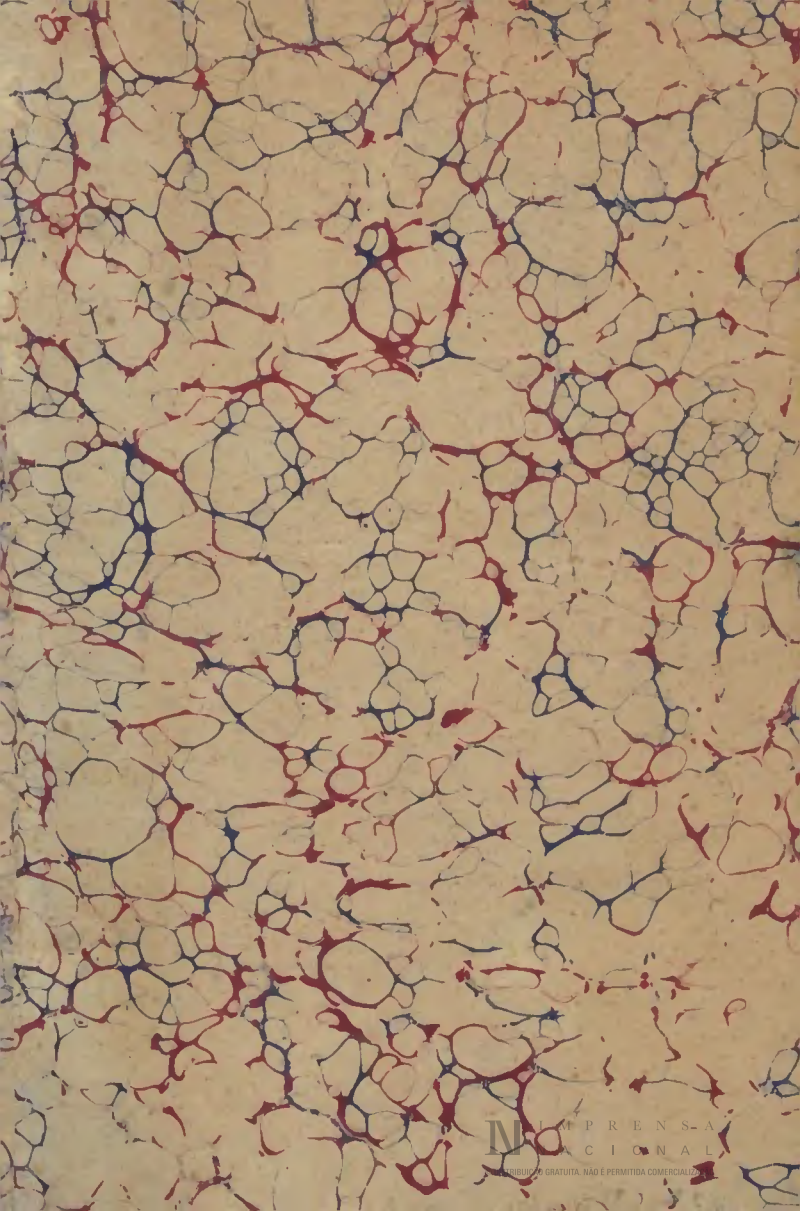


IMPRESSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, SEM PERMISSÃO DE COMERCIALIZAÇÃO



**M** IMPRENSA  
ACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO  
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

CONTINUAÇÃO  
DA ASIA  
DE  
JOÃO DE BARROS  
POR  
DIOGO DE COUTO.

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CONTINENTE  
DA ASIA  
DE  
JOÃO DE BARROS  
POR  
DIOGO DE COUTO



**N** IMPRENSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



*Silva delin.*

*Frois sculp.*

**N** IMPRENSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOMAS JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

# DA ASIA

DE

# DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM  
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS  
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

## DECADA QUARTA

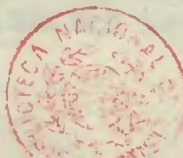
PARTE PRIMEIRA.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.  
ANNO MDCCLXXVIII.

*Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.*



IMPRENSA  
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA

281304

✓  
79452

V I D A  
D E  
DIOGO DE COUTO

Chronista do Estado da India, e Guarda mór  
da Torre do Tombo della.

Por MANOEL SEVERIM DE FARIA:



EM tanta força as obras dos Homens doutos para fazer estimar seus Authores em toda a parte, que não sómente ganham com particular affeição as vontades dos que os vem, mas ainda levam apòs si os desejos dos ausentes para pertenderem sua communicação. Estes me fizeram procurar com cartas desde este Reyno a amizade de Diogo de Couto na India; e agora me obrigam a que ponha em lembrança a noticia, que alcancei de suas cousas, assi por cumprir em parte neste officio com o que lhe devo, como por entender, que com isso faço huma obra agradavel a todo este Reyno, de que pelo muito que trabalhou no serviço público, com razão he tido por merecedor de outras avantajadas memorias.

Foi Diogo de Couto filho de Gaspar de Couto, e de Isabel Serrão de Calvos, pessoas nobres, e ella foi filha de Vasco Serrão de Calvos, por cuja via ficava Dio-

go de Couto segundo primo daquelle insignificante Prégador, e grande Religioso o P. Luiz Alvares da Companhia de Jesus. Nasceu Diogo de Couto em Lisboa no anno de 1542. estando seu pai Gaspar de Couto em serviço do Infante D. Luiz, a quem o dera ElRey D. Manoel. Por esta razão entrou Diogo de Couto, como teve idade, no serviço do Infante, o qual o mandou estudar em Lisboa, e de onze annos começou a ouvir Grammatica entre os primeiros estudantes do Collegio de Santo Antão da Cidade, que foi o primeiro Collegio que a Religião da Companhia teve em toda Europa. Seu Mestre na lingua Latina foi o P. Manoel Alvares, célebre Humanista, e Author da Arte da Grammatica, que hoje se lê em todas as Universidades, e estudos, que a Companhia tem a seu cargo. A Rhetorica ouviu do P. Cypriano Soares, que compoz a Rhetorica, porque se ensina esta Arte nas escolas da Companhia. E se he verdadeira aquella Sentença, que o primeiro fervor, e motivo da sabedoria he a excellencia dos Mestres, com razão se podem ter em muito as obras de Diogo de Couto, pois além de serem nascidas de seu grande engenho, foi elle cultivado por tão célebres, e doutos varões daquelle tempo.

Acabados os estudos da Humanidade,

pa-

parou Diogo de Couto na continuação das escolas, porque ainda então se não liam em Lisboa mais que as letras humanas, e assi ficou continuando no serviço do Infante; o qual mandando algum tempo depois o Senhor D. Antonio seu filho ao Mosteiro de Bemfica para ouvir a Filosofia do santo varão Fr. Bartholomeu dos Martyres, que depois foi Arcebispo de Braga, vendo a boa, e natural habilidade, que já em Diogo de Couto se descubria, lho deo por condiscipulo. Aprendeo Diogo de Couto deste insigne Mestre não sómente as Artes liberaes, em que elle foi eruditissimo, mas juntamente as virtudes, que nelle mais resplandeciam, como bem o mostrou depois na temperança, modestia, e piedade, que em toda sua vida guardou, assi no estado de soldado, como no de Cidadão; sem lhe as delicias da India poderem fazer mudança nos costumes em tão largos annos, como teve de vida.

Faleceo o Infante ao tempo que Diogo de Couto acabava a Filosofia, e pouco depois desta perda recebeu a segunda com a morte de seu pai, e assi cortando-se-lhe o curso de suas esperanças, foi constrangido a mudar estado, e deixando as letras, seguiu as armas, a que seu animo não pouco o inclinava. E como já naquelle tempo

não havia outra conquista, senão a do Oriente, por quanto ElRey D. João III. tinha largado os lugares de Africa, sustentando sómente aquelles que podiam servir de fronteira de Hespanha, determinou passar á India, como o fazia então a mór parte da nobreza de Portugal, por nesta empreza terem muitos em breve tempo ganhado honra, e proveito, o que sempre assi acontecera, se os que depois vieram quizeram continuar no valor, e virtudes dos primeiros, que áquellas partes passáram, e não seguíram os vicios da sensualidade, e avareza, com que corrompêram aquelle tão bom procedimento antigo.

Embarcou-se Diogo de Couto no anno de 1556. militou na India oito annos, achando-se nos mais dos feitos assinalados de seu tempo, mostrando com particular valor, que as letras não impedem, antes favorecem as armas, como deram a entender antigamente os Gregos na imagem de Apollo, a quem pintavam armado de arco, e settas, e o veneravam juntamente por Deos das sciencias. Cumpridos dez annos de milicia contínua, tornou ao Reyno a requerer o premio de seus trabalhos; e ainda que chegou a Lisboa, quando com maior força ardia o mal de peste, que vulgarmente se chama grande, foi brevemente, e bem des-

despachado. Com este despacho se partio logo para a India, onde se casou na Cidade de Goa com Luiza de Mello, pessoa nobre, cujo irmão foi o P. Fr. Adeodato da Trindade, da Religião de Santo Agostinho, que depois cá no Reyno lhe assistio á imprelsão das suas Decadas.

Tanto que o estado de Cidadão pacifico, e livre das occupações da guerra, lhe deo lugar para se lograr do ocio, tornou a renovar no animo os antigos estudos das letras humanas; e assi por estas, como por sua cortezia, e boa condição, se fez mui conhecido na India, e amado de todos os doutos, nobres, e curiosos, e até dos Principes Pagãos daquellas partes.

Foi Diogo de Couto mui douto nas Mathematicas, e particularmente na Geographia; soube bem a lingua Latina, e Italiana, nas quaes compoz alguns Poemas, e assi na nossa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras lyricas, e pastoris, de que deixou hum grande tomo de Elegias, Eglogas, Canções, Sonetos, e Grosas. Teve particular amizade com o nosso excellente Poeta Luiz de Camões, o qual o consultou muitas vezes, e tomou seu parecer em alguns lugares dos seus Lusíadas, e a seu rogo commentou Diogo de Couto este seu heroico Poema, chegando com os

Com-

Commentarios até o quinto Canto, o qual não acabou de todo por outros impedimentos que lhe occorrêram. Porém nem por isso deixam de ser muito estimados estes seus fragmentos ; e em poder de D. Fernando de Castro Conego de Evora está o volume original delles, que foi de seu tio D. Fernando de Castro Pereira, a quem Diogo de Couto o enviou, por ser particular amigo seu.

Succedendo ElRey D. Philippe I. na Coroa destes Reynos, como era Principe tão prudente, e que sempre trazia nos olhos o bem commum de seus vassallos, desejou de mandar profeguir a historia da India, do tempo em que a deixou o nosso João de Barros, e que se continuassem as suas Decadas com o mesmo titulo, e estilo, pelo grande applauso, com que as tres primeiras foram recebidas em toda Europa. Para tão grande empreza foi nomeado a ElRey Diogo de Couto, ainda que estava morador em Goa, abrangendo tão longe a fama de suas partes. Encarregou-o ElRey desta obra com titulo de Chronista da India, a qual Diogo de Couto accceitou animosamente, e a trouxe a tão perfeito fim, como depois se vio.

A primeira couza em que poz a mão, foi a decima Decada, por começar do dia,  
em



em que o mesmo Rey foi jurado, e recebido naquelle Estado, e assi lho mandar Sua Magestade, mais, segundo parece, por pagar primeiro a divida em que estava aos Vassallos que o servíam naquellas partes, que pelo gosto que Tullio confessava ter ao historiador Luceio de ver suas proprias acções escritas em historia ainda em vida sua.

Por esta razão acabou a decima Decada, concluindo-a com o governo de Manoel de Sousa. Estimou ElRey muito esta obra, e a agradeceo a Diogo de Couto por carta sua, encommendando-lhe de novo, que tornando atrás com a historia continuasse as Decadas do tempo, em que João de Barros as deixára. Obedeceo Diogo de Couto, e com grande brevidade compoz a quarta Decada, e assi a quinta, sexta, e setima, undecima, e duodecima.

A oitava, e nona acabou no anno de 1614. no qual querendo-as mandar ao Reyno, enfermou tão gravemente, que esteve desconfiado da vida. Com esta occasião lhe desapparecêram estes dous volumes de casa, tomando-os alguem para se depois aproveitar dos trabalhos alheios. Mas foi Deos servido de dar saude, e forças a Diogo de Couto (que já neste tempo era de setenta e dous annos) para das lembranças, que lhe ficáram, e da memoria, que a tinha felicif-

si-

fima, ajuntar outra vez o que naquellas duas Decadas tratava; de que fez hum só volume, recopilando nelle as cousas de mór importancia, e relatando as maiores mais largamente, com que se remediou este furto de maneira, que quando alguma hora apparecerem, assi pela ordem, como pela materia, publicarão claramente seu Author.

Destas Decadas estam sómente até agora impressas a quarta, quinta, sexta, setima; porém á sexta succedeo hum grande desastre, e foi, que estando a impressão acabada em casa do impressor, se accendeo o fogo nas casas, e ardêram todos os volumes, escapando sómente seis delles, que acaso estavam já em o Convento de Santo Agostinho de Lisboa. As mais Decadas não sahiram ainda á luz, e quando faleceo Diogo de Couto ficáram em poder do P. Fr. Adeodato da Trindade seu cunhado.

O estilo, que nestas Decadas guardou Diogo de Couto, he muito claro, e chão, mas cheio de sentenças, e com que julga as acções de cada hum, e mostra as causas dos successos adversos, e prosperos, que naquellas partes tiveram os Portuguezes. Porém ainda que nesta parte póde ser com outros comparado na verdade do que escreve, que he a alma da historia, no que trata dos Principes do Oriente, nos costumes da-

daquelles povos, e remotas Provincias, na situação da sua verdadeira Geografia, levou a muitos conhecida vantagem; como se póde claramente ver das suas Decadas, nas quaes se mostram os erros, que nestas materias tiveram os que antes d'elle escrevêram as cousas do Oriente. Para esta noticia, além da grande applicação, com que se deo ao estudo dos Geografos antigos, e modernos, lhe valeo a assistencia, que teve naquellas partes por mais de sincoenta annos, nos quaes vio por razão da milicia, e commercio muitos daquelles Reynos; e depois sendo Cidadão de Goa, cabeça daquelle Estado, pode bem alcançar a verdade dos successos que refere, pois naquella Cidade assistem todos os Viso-Reys, e della sahem todas as Armadas, e a ella se tornam a recolher, de maneira, que recebeo as informações dos mesmos que se acháram nas emprezas, e a tempo que as testemunhas de vista, que na mesma Cidade havia, os obrigavam a fallar verdade. A esta razão se lhe acrescentou outra, que foi a do officio de Guarda mór da Torre do Tombo do Estado da India, o qual cargo lhe deo ElRey D. Philippe I. quando mandou ordenar este arquivo pelo Viso-Rey Mathias d'Alboquerque, no qual se recolhêram todos os contratos de Pazes, Provisões, Registos de

Chan-

NACIONAL

Chancellaria , e os mais papeis de importancia , que costumavam andar em poder do Secretario , e de outras pessoas daquelle Estado , com que lhe ficou huma noticia original de tudo o tocante áquella historia , donde com razão podemos ter esta por não menos verdadeira , que a de Polibio , e Salustio , a quem este desejo levou de Grecia a Italia , e de Italia a Numidia , para verem os sitios das Provincias , de que haviam de escrever , e alcançar as informações dos feitos , de que tratavam , dos quaes ( por serem passados muitos annos antes ) de força lhe faltaria a noticia em muitas partes essenciaes , tendo juntamente o mesmo tempo mudada a face das terras , e lugares , como cada dia veímos.

Não he menos de estimar esta obra por sua grandeza ; porque além de escrever Diogo de Couto noventa livros nestas nove Decadas , numero a que raros Escritores chegaram , foi toda esta historia escrita por elle novamente , e não tomada de outros Authores , no que se mostra bem a grandeza , e valor de seu engenho , a que não chegou Livio , ainda que lhe excedeo no número dos volumes , por quanto a maior parte de sua historia foi tomada de outros , e principalmente de Polibio , o qual tambem confessa de si , que das obras que muitos Escri-

tores tinham publicado de cada conquista dos Romanos em particular, compuzera a sua universal historia. Mas Diogo de Couto foi o primeiro que tirou á luz a historia da India, do tempo, em que a deixou João de Barros, (senão foi o que até o principio do governo de Nuno da Cunha tinha escrito Fernão de Castanheda;) por quanto a quarta Decada de João de Barros, que acaba com o governo do mesmo Nuno da Cunha, sahio muitos annos depois.

Para aperfeiçoar esta obra, e dar huma consummada noticia do Oriente, compoz outro livro, a que chamou *Epilogo da historia da India*, no qual, tratando de cada fortaleza nossa, aponta as cousas principaes que alli acontecêram, as em que faltáram os nossos Historiadores, e outras, que de novo foram succedendo, de maneira, que neste volume está summariamente tudo o que toca á historia, commercio, e policia Oriental, accommodando o estilo a este compendio com muita clareza, e brevidade. Não foi menos eloquente no estilo Oratorio; porque além do que se vê nas suas Decadas, que não he pouco, por insigne nesta faculdade foi escolhido para fazer as praticas aos mais dos Governadores, e Viso-Reys; que em seu tempo entráram em Goa; mas isto não era só pela linguagem, e ornato de  
pa-

palavras com que fallava, mas pela verdade, e defengano com que as dizia, das quaes algumas andam impressas, que não desfizem de seu Author.

Acompanhou a Diogo de Couto desde seus primeiros annos hum grande zelo do bem público da patria, que junto com o entendimento, e experiencia, de que era dotado, lhe fez considerar as causas de alguns inconvenientes, que havia no governo da República, e principalmente no estado da India, onde elle assistia, e onde por ausencia dos Reys, e excessos dos Ministros hiam as desordens a maior crescimento. Para remediar este mal, vivendo ainda ElRey D. Sebastião, compoz hum livro, a que chamou o *Soldado pratico*, no qual introduzio per modo de Dialogo hum Viso-Rey novamente cleito, fallando com certo soldado velho da India, que andava na Corte em seus requerimentos, para se informar das cousas que lhe importavam para a jornada, e do mais que tocava ao governo da Fazenda Real, e milicia daquelle Estado, e em todas estas cousas aponta com cortezão estylo; e brevidade o que se deve seguir; ou evitar, dando os exemplos, e razões fundamentaes de maneira, que póde ser huma excellente instrucção para aquelle governo. Porém antes de aperfei-

feiçãoar esta obra, lhe foi furtado o original della, e sem mais o poder haver ás mãos, chegou a este Reyno sem nome de Author, aonde se trasladáram algumas copias, que foram tidas em grande estima dos que as puderam haver. Sendo disto advertido no anno de 1610. por hum amigo seu, tornou a reformar esta obra, ou quasi a fazella de novo, porque introduzio por pessoas do Dialogo hum Governador, que tinha sido da India, com hum Soldado pratico della, ambos em casa de hum despachador, tratando sobre as cousas daquelle Estado, trazendo-as ao tempo presente, com tanta ponderação, e juizo, que não sómente póde servir de norte aos que o governarem, mas em todo o tempo de claro desengano das cousas d'elle. Esta obra dedicou ao Marquez de Alemquer, e o original está na livraria de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, a quem elle o mandou.

Este zelo da honra da patria lhe fez escrever hum livro, contra o que compoz o P. Fr. Luiz de Urreta Dominico, da historia, e policia do Reyno da Ethiopia, a que vulgarmente chamamos *Preste João*, no qual o Padre com a pouca noticia que tinha do Oriente, e sem ler as historias da India, nem deste Reyno, (como quem escreveu entre os bosques, e delicias de Valen-

*Couto. Tom. I. P. I.*

\*\*

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

ça, sem ver mais que hum só homem, que o informou, e a quem creio) disse muitas cousas contra toda a verdade da historia, sendo todo o seu livro huma obra fabulosa, e temeraria. E posto que os Padres Fernão Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia tinham respondido ao P. Urreta com particulares Apologias; os mesmos Padres da Companhia de Goa pediram a Diogo de Couto respondesse tambem pela honra deste Reyno, o que elle fez, estando já quasi com o corpo na sepultura; mas com tanto vigor de animo, que bem parece que se lhe faltavam as forças corporaes, que as do entendimento hiam sempre em maior perfeição. Este livro trouxeram os Padres da India ao Arcebispo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes per ordem de seu Author.

Com estas occupações não pode acabar de todo outra empreza, que deixou começada para luz do commercio da India, em que tratava de todos os tempos, e monções, em que se navega para todas as partes do Oriente, e dos pezos, medidas, e moedas, com todas as mais cousas que a este particular pertenciam.

Nestas taes obras gastou Diogo de Couto a maior parte de sua idade, exercitando o talento que lhe foi entregue, como bom, e util servo, até o anno de 1616. no qual sendo de 74. annos o levou Deos para si,



fabado a 10. de Dezembro, para lhe dar o premio que suas obras merecêram. Foi Diogo de Couto homem de meã estatura, de alegre, e veneravel presença, olhos vivos, côr atereciada, o nariz algum tanto aquilino, mui laborioso, como o mostra a multidão de seus escritos, teve grande conselho, e por essa causa era chamado muitas vezes dos Vice-Reys a elle nos negocios de mór importancia. Era pouco cubiçoso, que para homem, que viveo tantos annos na India, he grande maravilha, e assi foi mais rico de partes, e merecimentos que de fazenda, posto que esta lhe não faltou em seu estado, com que sempre passou honradamente.

De sua mulher, com que viveo largos annos, teve huma só filha, que morreo antes de casar, donde não ficou delle geração, o que os antigos julgavam por infelicidade, porém não tal, que lhe possa tirar a bema-venturança, que os mesmos antigos tinham por grande, que era escrever feitos alheios, e dar materia para que se escrevessem os seus proprios, o que elle fez na sua milicia, e historia, compondo, e pelejando. Pelo que com razão lhe puzeram aquelle Distico ao pé de seu retrato, que como estava immortal, lhe imprimiram nas suas Decadas, que diz:

*Exprimit effigies, quod solum in Cesare visum est.*

*Historiam calamo tractat, & arma manu.*

\*\* ii

NO-  
I M P R E N S A  
N A C I O N A L

NOTICIA DOS AUTHORES;  
 QUE ESCREVERAM  
 DE  
**DIOGO DE COUTO,**

E Catalogo das Obras, que compoz, extrahidas da Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado Tom. 1. pag. 648. até 649. e Tom. 4. pag. 98.

**E** Screveo a sua Vida o douto Manoel Severim de Faria nos discursos varios desde pag. 148. até 157. Nicoláo Antonio *Bibl. Hisp. T. 1. pag. 215. col. 1.* fallando d'elle, diz: *Studiis denuo se restituens rebus quidem per totos quinquaginta annos terra, marique in isto Orientis orbe gestis sive miles prius, sive Proregum familiaris, & ad negotiorum momenta subinde admisus non sine magno rerum Lusitanarum incremento haud minus animo, attentaque observatione, quam praesentia interfuit.* João Soares de Brito *in Theatr. Lusit. Lit. D. num. 12. Hist. da Etiop. Alt. Liv. 1. Cap. 27. e Liv. 2. Cap. 7. insigne Historiador.* Niceron *Memor. pour servir a l'Hist. des Hom. Illust. Tom. 12. pag. 94.* Soula *Flor. de Hespan. Cap. 8. excell. 11. num. 7.* Morery *Diccion. verb. Couto.* Antonio de Leão *Bibl. Ind. Tit. 3.* Faria Elencho dos Authores Portug. no principio do Tom. I. da *Asia Portug.* D. Francisco Manoel na *Carta dos Authores Portug.* escrita ao Doutor Themudo.

Ca-

N. IMPRENSA  
 NACIONAL

*Catalogo das obras , que sahíram á luz  
pública da impressão.*

*Decada quarta da Asia dos feitos , que os Portuguezes fizeram na conquista , e descobrimento das terras , e mares do Oriente , em quanto governáram a India Lopo Vaz de Sampaio , e parte de Nuno da Cunha. Lisboa por Pedro Crasbeeck no Collegio de Santo Agostinho 1602. fol.*

*Decada quinta da Asia , &c. em quanto governáram a India Nuno da Cunha , D. Garcia de Noronha , D. Estevão da Gama , Martim Affonso de Sousa. Lisboa pelo dito Impressor 1612. fol.*

*Decada sexta da Asia , &c. em quanto governáram a India D. João de Castro , Garcia de Sá , Jorge Cabral , e D. Affonso de Noronha. Lisboa pelo dito Impressor 1614. fol.*

*Decada setima da Asia , &c. em quanto governáram D. Pedro Mascarenhas , Francisco Barreto , D. Constantino , o Conde de Redondo , D. Francisco Coutinho , e João de Mendoça. Lisboa pelo dito Impressor 1616. fol.*

*Decada oitava da Asia , &c. em quanto governáram a India D. Antão de Noronha , e D. Luiz de Ataide. Lisboa por João da Costa , e Diogo Soares 1673. fol.*

*Sinco livros da Decada Duodecima da historia da India.* Paris 1645. fol. Comprehen-  
de o governo do Vice-Rey D. Francisco  
da Gama Conde da Vidigueira, que sahio  
á luz pública por diligencia do Capitão Ma-  
noel Fernandes Villa-real, Consul dos Por-  
tuguezes na Corte de Paris.

Todas estas Decadas com a Nona, que  
nunca foi impressa, sahiram novamente á  
luz pública em 3. Tomos com Indices mui-  
to copiosos na Officina da Musica. Anno  
1736. fol.

Da Decada Decima foram sómente im-  
pressas 120. paginas, e de toda ella ha al-  
gumas cópias, que constão de dez livros.

*A Undecima Decada* nunca se descu-  
briu, applicando-se infructuosamente multi-  
plicadas diligencias para que apparecesse, a  
qual certamente escreveo, como testemunha  
o grave Antiquario Manoel Severim de Fa-  
ria na *Vida de Diogo de Couto*, pag. 152.

*Falla que fez em nome da Camera de  
Goa a André Furtado de Mendocça, indo  
por Governador da India em successão do  
Conde da Feira D. João Pereira, dia do  
Espirito Santo de 1609.* Lisboa por Vicen-  
te Alvares 1610. fol.

*Relação do naufragio da ndo S. Thomé  
na terra dos Fumos no anno de 1589. e dos  
grandes trabalhos, que passou D. Paulo de*  
Li-

*Lima nas terras da Cafraria até sua morte.* Sahio impressa na *historia Tragico-Maritima*, Tom. 2. a pag. 155. até 213. Foi escrita esta relação em o anno de 1611. á instancia de D. Anna de Lima irmã do dito D. Paulo de Lima.

*Vida de D. Paulo de Lima Pereira Capitão mór de Armadas do Estado da India, com huma descripção desde a terra dos Fumos até ao Cabo das Correntes.* Lisboa por José Filippe 1765. 8.

#### *Obras Manuscritas.*

*Epilogo da historia da India.* Nelle trata de cada fortaleza nossa, e o que succedeo mais digno de memoria.

*Soldado perfeito.* Nesta obra introduz por modo de Dialogo hum Vice-Rey novamente eleito, fallando com hum soldado veterano da India, que andava na Corte requerendo para se informar de tudo, que pertence á arrecadação da fazenda Real, e milicia daquelle Estado, sendo huma excellente instrucção para o que deve obrar hum Vice-Rey. Antes de pôr a ultima mão a esta obra lhe desapareceo o original, o qual chegando a este Reyno sem nome do seu Author, se extrahíram delle algumas cópias; porém sendo advertido por hum seu amigo, a reformou em o anno de 1610. e  
fa-

sahio com este titulo : *Dialogo entre hum Fidalgo , e hum Soldado da India*. Dedicado ao Marquez de Alemquer. O original se conserva na livraria do Conde do Vimieiro.

*Historia do Reyno da Ethiopia , chamado vulgarmente Preste João , contra as falsidades , que nesta materia escreveo Fr. Luiz Urreta Dominicano*. Foi offerecida esta obra pelos Padres Jesuitas ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.

*Commento ás Lusíadas de Luiz de Camões* feito á petição deste incomparavel Poeta , em cuja empreza não passou do quinto Canto , que conservava D. Fernando de Castro Conego de Evora por lho ter deixado seu tio D. Fernando de Castro Pereira , a quem o Author o tinha remettido.

*Poezias varias*. Constavam de Elegias , Eglogas , Sonetos , Canções , e Glozas.

*Falla que fez na Camara de Goa ao Conde D. Francisco da Gama , quando nella puzeram o retrato de seu bisavô D. Vasco da Gama*. Começa : *A cousa de que se prezavam aquellas famosas Républicas , &c.*

*Falla que fez ao Vice-Rey Ayres de Saldanha , quando entrou em Goa a rogo da Cidade*. Começa : *Aquelle grande Theopompo Rey dos Lacedemonios , &c.*

*Oração que tinha feito para o dia que se*

*se levantasse a Estatua do Conde Almirante a segunda vez que se restituiu a seu lugar donde a tiráram, a qual não houvs effeito. Começa: Aquelle Principe de toda a eloquencia Latina M. Tullio Cicerão, &c.*

*Oração que fez a rogo da Cidade de Goa ao Vice-Rey D. Martim Affonso de Castro, quando entrou na Cidade de Goa. Começa: Daquelle grande Alexandre Monarca do Mundo, &c.*

*Oração que fez ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando por morte do Vice-Rey D. Martim Affonso de Castro succedeo na governança da India em 11 de Fevereiro de 1608. Começa: Escrevem gravissimos Authores, &c.*

*Oração que fez ao Vice-Rey Lourenço Pires de Tavora, quando entrou na Cidade de Goa. Começa: Hoje que me era necessario hum animo arrebatado, hum espirito fervoroso, &c.*

*Oração que tinba feito pera o dia da entrada do Vice-Rey D. Jeronymo de Azevedo. Todas estas orações conservava na sua grande Bibliotheca o insigne Antiquario Manoel Severim de Faria.*

*Tratado de todas as cousas succedidas ao valoroso Capitão D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India no descobrimento, e*  
con-

*conquista do mar , e terras do Oriente , e de todas as vezes , que á India passou , e das cousas , que succedêram nella a todos seus filhos. Dirigido a D. Francisco da Gama , Conde da Vidigueira , Almirante do mar Indio , e Vice-Rey da India. Fol. Ms. Consta de duas partes , a primeira comprehende vinte e oito capitulos , e a segunda trinta. Foi feito em Goa a 16. de Novembro de 1599.*

*De todos os tempos , e monções , em que se navega para todas as partes do Oriente , e dos pezos , medidas , e moedas , com tudo o mais pertencente a este argumento. Esta obra não acabou impedido pela morte.*

AO

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L



AO INVICTÍSSIMO  
MONARCA DE HESPAHHA

D. FILIPPE

REY DE PORTUGAL

O PRIMEIRO DESTE NOME.

EPISTOLA.

**A** COUSA a que a Natureza mais inclinou todas as creaturas affi racionaes, como irracionaes (segundo os Filozofos affirmam, INVICTÍSSIMO MONARCA) fei a conservação de fua propria especie, trabalhando por produzirem outras semelhantes a fi. Mas ao homem como mais excellente de todas lhe deo além difto hum appetite quasi sobrenatural, que he defejar, e follicitar mais que tudo a conservação de feu proprio nome, trabalhando por deixar delle huma memoria eterna por feitos, e obras  
he-

heroicas, antes que por imperios, Reynos, e senhorios. Disto temos hum muito claro exemplo no grande Alexandre, que sendo já senhor do Mundo, quando parecia que a cubiça humana estava satisfeita, então lhe entráram novas invejas, vendo o sepulcro de Achilles, porque não tinha outro Homero pera lhe acabar de rematar sua bemaventurança, pera em tudo ser maior que todos. É por tanto maior tinha esta gloria de ficar no Mundo vivendo por fama, que o imperio de todo elle; pois estando pera morrer, não deixou seus Reynos a seu filho polo não achar digno delles, senão ao virtuoso Perdica, porque assi accrescentava mais em sua fama, que não quiz arriscar no filho pola inclinação que lhe finio. A mesma opinião teve Phartes Rey dos Parthos, que tendo tambem filhos deixou seus Reynos ao famoso Mithridates, porque esperava com seus feitos perpetuar mais sua memoria. Apôs este appetite natural corriam aquelles famosos

fos Capitães Themistocles, e Julio Cesar, quando hum muito pensativo dizia, que os troféos de Milciades o não deixavam quietar; e o outro quando vio em hum templo esculpidas algumas façanhas de Alexandre, entristeceu-se, por se ver em idade em que o outro conquistou o Mundo, e elle não tinha feito nada. E assi he na verdade; porque nenhuma cousa puxa mais por hum varão de honra, que estes desejos de gloria, e fama, porque tantos obráram, e fizeram tantas, e tão altas maravilhas, que pareciam passar os termos, e limites da natureza humana. Isto sentio muito bem Thucidides, quando dizia que aquelle seria famoso, e grande que corresse apôs aquillo que andava mais perto da inveja; entendendo que necessariamente havia ella de andar apôs a virtude, que he o mesmo que Plutarco affirma. Desta gloria eram os antigos Gregos tão amigos, que o mór galardão, que davam aos seus famosos, eram estatuas, que se punham em lu-

ga-

gares publicos pera memoria. E assi costumavam a dar a seus noveis escudos brancos , pera que fazendo façanhas tão notaveis , que merecessem ficar em memoria , as pudessem pintar nelles , pera com isso os obrigarem a fazerem feitos dignos de serem por elles eternizados. Isto significou Virgilio no quarto livro de sua *Aeneida* fallando de Heleno , dizendo que morreo na guerra com seu escudo branco sem gloria ; porque o matáram tão moço , que não teve tempo de fazer cousa digna de se pintar nelle. E este tão glorioso costume guardáram aquelles famosos Principes D. Reimão de S. Gil de Proença , D. Reimão de Tolosa , e Dom Henrique seu sobrinho , de quem Vossa Magestade directamente descende. Que sahindo juntos pelo Mundo a ganhar fama , leváram os escudos brancos , e com elles chegaram ao Reyno de Castella , e ajudáram a El Rey D. Affonso o Sexto contra os Mouros , e pelos galardoados os casou com tres filhas. E destas

tas coube em forte a D. Henrique o  
senhorio de Portugal, que seu filho Dom  
Affonso Henriques tanto dilatou. Este  
valeroso Principe depois daquella tão  
famosa, e milagrosa vitoria do Campo  
de Ourique, em que venceu os cinco  
Reys Mouros, logo pintou em seu es-  
cudo, que ainda era branco, aquelle si-  
nal de nossa Redempção, que nosso Se-  
nhor por muito particular mimo, e  
mercê lhe quiz mostrar no ceo por lhe  
dar esperanças da vitoria. Estas armas,  
por serem tão gloriosamente ganhadas,  
deixou por herança aos Reys de Por-  
tugal, como VOSSA Magestade as tem.  
Esta gloria das estatuas, e dos escudos  
brancos passáram depois os Athenien-  
ses ás escrituras, por verem que as  
imagens, e pinturas eram mudas, e  
não podiam recitar seus feitos. Daqui  
se estendêram aos Romanos, e a todas  
as mais nações do Mundo, tão desejo-  
sas todas de huma perpétua fama, que  
lhe não fica cousa, que não seja logo  
por muitos, e varios modos escrita. Só  
a es-

a esta nossa nação Portugueza falton esta gloria, como se fora menos merecedora della, de que nós mesmos temos a culpa, parecendo-nos que só o obrar feitos illustres, e insignes nos basta; não vendo que esta gloria em cada hum se passa, e que estoutra vive em todos eternamente; e que assi ficam sendo suas obras mortas, como o estavam muitas, e mui dignas de grandes escrituras, que neste Oriente passáram, que em toda a outra nação haviam de andar em mil volumes por espantofas ao Mundo. Esta perda, que tanto nos deve envergonhar, quiz VOSSA Magestade remediar com me mandar proseguisse a Historia da India, começando donde João de Barros acabou, pera que sahifsem á luz os feitos, que estes vassallos Portuguezes tem obrado nestes Estados. E tanta ventagem faz esta mercê a todas as que fez a todos, depois que herdou essa Coroa de Portugal, quanto vai da vida á morte, e do que sempre dura ao que logo se acaba. Porque os

ju-

juros , as fortalezas , as commendas ,  
 as tenças , e tudo mais de que encheo  
 todos os Portuguezes assi desses Rey-  
 nos , como destes Estados , cousas fo-  
 ram que acabáram já em muitos ; e  
 não tardará muito que o faça em os  
 mais. Mas ter VOSSA MAGESTADE tanta  
 lembrança de todos , que até os que  
 acabáram , já ha tantos annos , quiz que  
 participassem da grandeza de suas mer-  
 cês , mandando-me que lhe traga seus  
 feitos á luz , cousa foi em que parece  
 quiz imitar a Deos , que he em resus-  
 citar mortos pera tornarem a viver em  
 fama outra vida ; que nunca se acabará  
 em quanto durar o Mundo. E nisto  
 quiz VOSSA MAGESTADE tambem reme-  
 diar o descuido Portuguez tanto pera  
 estranhar , que as Decadas de João de  
 Barros nosso natural ( que assi por sua  
 muita erudição , como pelos grandes  
 feitos que de seus naturaes escreveo ,  
 são dignas de muita estima ) assi foram  
 estimadas de nós , que não houve mais  
 que a primeira impressão. , que o tem-  
 po

Couto. Tom. I. P. I.

\*\*\*

po tem tão consumida ; que não sei se ha em Portugal dez volumes, e na India hum só. O que não he em Italia, onde andam traduzidas por Affonso Ulhoa , e dirigidas a Guilherme Gonzaga terceiro Duque de Mantua. E foram tão estimadas delle , e o são hoje de todos os Grandes, que as trazem ás cabeceiras das camas, como Alexandre trazia a Iliada de Homero. É certo, que vendo tamanho esquecimento, poderamos cuidar que por algum occulto juizo de Deos não merecemos andar na memoria dos homens, não negando, que o mesmo Senhor nos tem feito muito particulares mercês nas muitas, e raras vitórias, que dos inimigos de sua Santa Fé cada dia alcançamos, como pelo decurso da historia se verá. Fui ainda continuando por Decadas por seguir a João de Barros, como VOSSA MAGESTADE me mandou. E porque elle acabou com a morte do Governador D. Henrique de Menezes, que na governança da India succedeo ao Conde

Al-



Almirante, comecei com a successão de Pero Mascarenhas, e differenças que teve com Lopo Vaz de Sampaio, que nesta Decada se verão. E tenho acabadas seis Decadas, as tres cumprindo o tempo de 28. annos, e nove Governadores. Pero Mascarenhas; e Lopo Vaz de Sampaio, que conto por hum, por governarem ambos juntos, e de Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Estevão da Gama, Martim Affonso de Sousa, D. João de Castro, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e D. Affonso de Noronha. As outras tres Decadas começam no dia que VOSSA MAGESTADE foi jurado por Rey nestes Estados; e a primeira contém o tempo de tres Governadores, sc. Fernão Teles, D. Francisco Mascarenhas, e D. Duarte de Menezes. Estas tinha feitas quando VOSSA MAGESTADE me mandou tornar atrás. O tempo que fica em meio (tendo vida, e favor de VOSSA MAGESTADE) trabalharei por escrever. Este volume, que contém em si a quarta Decada,

\*\*\* ii

of-

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

offereço humilmente aos pés de VOSSA MAGESTADE. E só com pôr os olhos nelle haverei por muito bem empregadas todas as despezas, e trabalhos de tantos annos quantos gastei, e despendi em ajuntar cousas tão esquecidas. Ahi verá VOSSA MAGESTADE as muito grandes, e admiraveis façanhas feitas por aquelles antigos Governadores, que com haver tão poucos annos que foram, parecem cousas sonhadas, assi pelo esquecimento em que estavam, como pela mudança que o tempo tem feito em tudo. E he bem saiba VOSSA MAGESTADE a causa dellas, que verá pelo decurso da historia. E esta era a razão, porque Demetrio Falereo aconselhava a ElRey Ptolomeu que se occupasse em ler livros, porque nelles achavam os Reys cousas, que ninguem lhes ousava dizer pessoalmente. Pelo decurso destas Decadas verá VOSSA MAGESTADE nos raros, e espantosos feitos, que estes seus vassallos tem feito, e cada dia fazem, com quanta mais razão póde dizer por elles o que dizia  
Pir-

EPISTOLA XXXVII

Pirro , que se tivera os Romanos por  
soldados , que facilmente fora senhor  
do Mundo , ou elles se o tiveram a elle  
por Capitão. E pois nós temos em  
VOSSA MAGESTADE outro Pirro , e elle  
nestes seus vassallos Portuguezes outros  
Romanos ; mande-os , porquẽ elles lhe  
levarão suas columnas mais adiante , e  
pollas-hão onde Semiramis , e Alexandre  
não chegaram. E elles com a espada ,  
e eu com a penna mostraremos ao Mun-  
do , que assi como em VOSSA MAGESTADE  
se acha a ventura de Cesar , a pruden-  
cia de Fabio , o esforço de Scipião ;  
assi lhe não falta a humanidade , e cle-  
mencia de Filippo pera com os seus ,  
com o que romperão com hum animo  
seguro por todos os perigos da vida ,  
até arvorarem as Reacs bandeiras da mi-  
licia de Christo , e as pôrem nos mais  
altos cornchéos da nefanda casa de Ma-  
famede ; pera que no lugar de suas tor-  
pezas , e abominações , offereçam ao Al-  
tíssimo Deos muitos sacrificios de lou-  
vor , com que o nome de VOSSA MAGES-

TA-

TADE fique muito affirma de todos os que celebra a Fama. Desta Cidade de Goa a vinte de Novembro de 1597. annos.

*Diogo de Couto.*

IN-

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÊM

NESTA PARTE I.

DA DECADEA IV.

---

---

## LIVRO I.

**C**AP. I. De como por morte do Governador D. Henrique de Menezes succedeo na governança da India Pedro Mascarenhas, que estava por Capitão de Malaca: e do modo por que Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a terceira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio. Pag. 1.

CAP. II. De como Affonso Mexia entregou a India a Lopo Vaz de Sampaio: e de como o Governador se partio pera Goa: e da grande vitoria que houve de hum Armada do Camory no rio de Bacanor. 7.

CAP. III. Do que o Governador passou em Goa com Francisco Deça, Capitão daquella Cidade, sobre o não querer receber nella: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de como o Governador partio pera Ormuz. 18.

CAP. IV. Do que aconteceu a Eitor da Silveira no estreito de Méca: e de como foi ter a Maçud, e mandou buscar D. Rodri-

# I N D I C E

- drigo de Lima ao Preste João: e do que lhe succedeo na viagem de Ormuz.* 24.
- CAP. V. *Do que aconteceu a Eitor da Silveira na viagem até Ormuz: e de como o Governador recebeu o Embaixador do Preste João.* 31.
- CAP. VI. *De como Affonso Mexia mandou a Malaca chamar o Governador Pero Mascarenhas: e do que elle fez depois que soube as novas: e do que aconteceu na jornada a Martim Affonso Jusarte, e a Francisco de Sá.* 37.
- CAP. VII. *De como Eitor da Silveira partio de Ormuz a esperar as náos de Méca: e de como Melique Az Capitão de Dio tratou de dar aquella fortaleza aos Portuguezes. Do fundamento daquella Ilha, e do tempo em que os Mouros conquistáram aquelle Reyno: e do que passou Eitor da Silveira com Melique Az.* 42.
- CAP. VIII. *De como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Silveira, e elle se foi pera Chaul sem concluir em nada: e de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traição, e a entregou a ElRey de Cambaya.* 52.
- CAP. IX. *Da Armada que este anno de vinte e seis partio do Reyno: e das novas successões que ElRey mandou: e de*

60-

## DOS CAPITULOS

- como Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a primeira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio. 61.
- CAP. X. Do que fez o Governador em Cochim; e das náos que partíram pera o Reyno; e de como ElRey D. João recebeu o Embaixador Abexi. 71.

## LIVRO II.

- CAP. I. Da origem, e princípio do Reyno, e Reys de Malaca: e do tempo em que recebêram a lei de Mafamede: e do fundamento, e descripção da Ilha de Bintão. Pag. 80.
- CAP. II. De como Pero Mascarenhas partio pera Bintão, e de como desbaratou huma Armada d'ElRey de Pão: e do grande trabalho que os nossos tiveram na entrada do rio. 87.
- CAP. III. De como os inimigos commetteram o navio de Fernão Serrão, e do risco em que se vio: e de como o Governador o soccorreo, e commetteo a Cidade de Bintão, e a tomou. 92.
- CAP. IV. Do alvoroço que havia na gente da India sobre o governo de Lopo Vaz de Sampaio: e de como se elle fez prestes pera ir buscar as galés dos Rumes. 103.
- CAP. V. Do que aconteceu a Pero Mas-

## I N D I C E

- carenhas até chegar a Cochim: e de como Affonso Mexia lhe defendeo a desembarcação: e do que passou em Cananor, e de como se partio em hum catiúr pera Goa.* 110.
- CAP. VI.** *Do que fez Lopo Vaz de Sampaio tanto que teve novas de Pero Mascarenhas: e de como o mandou esperar na barra, e o prendêram em ferros, e o leváram a Cananor.* 117.
- CAP. VII.** *Do que Christovão de Sousa Capitão de Chaul escreveu a Lopo Vaz de Sampaio sobre as cousas de Pero Mascarenhas: e de como chegou a Goa prezoz Rax Xarrafo Guazil de Ormuz: e dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampaio.* 125.
- CAP. VIII.** *Das revoltas, que em Goa houve sobre as cousas dos dous Governadores: e de como Eitor da Silveira, e Diogo da Silveira se lançáram da parte de Pero Mascarenhas.* 133.
- CAP. IX.** *Do protesto, que Pero Mascarenhas mandou aos Vereadores, e Fidalgos de Goa: e de como os apresentáram a Lopo Vaz de Sampaio.* 139.
- CAP. X.** *Do que Lopo Vaz respondeo aos protestos de Pero Mascarenhas.* 147.
- CAP. XI.** *De como os do bando de Pero*

Mas-



## DOS CAPITULOS

*Mascarenhas tratáram de prender Lopo Vaz, e das uniões que sobre isso houve: e de como Lopo Vaz os foi prender a todos.* 155.

## L I V R O III.

**C**AP. I. *Do que acontecco na jornada de Francisco de Sá, e da descripção da Ilha de Faõa, e de qual he a maior, e menor de Marco Polo: e de como Francisco de Mello rendeo huma não de Turcos na barra de Achem.* Pag. 163.

**C**AP. II. *De como D. Garcia Henriques fez pazes com ElRey de Tidore, e a razão porque logo as quebrou, e de como faleceo aquelle Rey: e das suspeitas que houve ser ajudado a isso com peço-nha que se lhe deo.* 173.

**C**AP. III. *Do que aconteceo a D. Jorge de Menezes na jornada de Maluco, e de como descubrio as Ilhas dos Papuas: e da Armada que partio de Castella para aquellas Ilhas de Maluco, e da derrota que levou até chegar a ellas.* 178.

**C**AP. IV. *De como D. Jorge de Menezes chegou a Maluco, e de como fez tregoaas com os Castelhanos, que se quebráram logo: e de como faleceo ElRey Bayano, e succedeo seu Irmão Ayalo. E de como*  
El-

I N D I C E

- ElRey de Loba matou os Portuguezes que estavam em seu porto, e tomou huma galé por engano. 192.
- CAP. V. De como D. Simão de Menezes soltou Pero Mascarenhas: e dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz: e da Armada que este anno de vinte e sete partio de Portugal: e de como duas náos della se perdêram na Ilha de S. Lourenço. 199.
- CAP. VI. Da Armada, que o Turco Soleimão mandava contra os Portuguezes: e das differenças que houve entre os Capitães: e de como matáram o General, e a Armada se desfez. 208.
- CAP. VII. De hum assinado, que Antonio de Miranda de Azevedo deo a Pero Mascarenhas de lhe obedecer: e do que assentáram o mesmo Antonio de Miranda, e Christovão de Sousa sobre as cousas dantre os Governadores. 218.
- CAP. VIII. De como se mostrou a pauta a Lopo Vaz, e de como jurou de a cumprir, e se partio pera Cochim, aonde se havia de julgar a contenda: e do que passou em Cananor com Pero Mascarenhas. 227.
- CAP. IX. De algumas desavenças, que houve em Cochim entre os Governadores: e de como se accrescentáram mais dous

DOS CAPITULOS

*Juizes por parte de Lopo Vaz , e do  
que mais passou.* 235.

L I V R O IV.

**C**AP. I. *Dos Juizes que se accrescen-  
táram de novo : e de como se deo a  
sentença por Lopo Vaz de Sampaio : e  
de como Pero Mascarenhas se embarcou  
pera o Reyno.* Pag. 241.

**C**AP. II. *Do que passou D. Jorge Capi-  
tão de Maluco com D. Garcia Henri-  
que sobre certos apontamentos que leva-  
va , e de como mandou a Malaca pe-  
dir soccorro , e prendeo D. Garcia em  
ferros.* 250.

**C**AP. III. *De como os de D. Garcia o  
induzíram que prendesse D. Jorge : e  
de como o fez ; e se metteo na forta-  
leza.* 257.

**C**AP. IV. *Do que fizeram os amigos de  
D. Jorge sabendo sua prisão : e das cou-  
sas que succedêram até o soltarem : e do  
que aconteceu aos que D. Jorge tinha  
mandado a Borneo.* 263.

**C**AP. V. *Das cousas em que o Governador  
provêo , em quanto esteve em Cochim : e  
das Armadas , que despachou pera fóra :  
e da grande vitoria , que D. João Deça  
houve de huma Armada de Calecut : e  
de*

## I N D I C E

- de como Christovão de Mendouça foi entrar na fortaleza de Ormuz, e da morte do Guazil Rax Hamede.* 272.
- CAP. VI. *Do que aconteceo a Antonio de Miranda no estreito do mar Roxo, e das prezas que fez.* 278.
- CAP. VII. *De como Simão de Sousa Galvão, que hia pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem: e da grande, e espantosa batalha que teve com huma Armada sua, em que foi morto, e a galé tomada.* 282.
- CAP. VIII. *De como Gonçalo Gomes de Azevedo, que hia pera Maluco, chegou a Banda, e do que alli passou com D. Garcia Henriques: e de como chegou a Tidore Alvaro de Sayavedra Ceron, que partio da nova Hespanha, e do que aconteceo a D. Forge com elle.* 292.
- CAP. IX. *Do que aconteceo a Antonio de Miranda, que invernou em Ormuz: e de como Diogo de Mesquita foi cativo da Armada de Cambaya, e foi mettido em huma bombardas, pera que se fizesse Mouro, e da grande constancia que teve: e de como esta Armada pelejou com Henrique de Macedo, e da brava batalha que tiveram.* 304.
- CAP. X. *Do que aconteceo na jornada a Martin Affonso de Mello Juzarte: e de*

DOS CAPITULOS

*como se perdeu na costa de Bengala : e dos grandes trabalhos que passou até ser cativo.*

312.

LIVRO V.

CAP. I. *De como ElRey D. João mandou por Governador da India Nuno da Cunha : e do que aconteceu na jornada.*

Pag. 325.

CAP. II. *Do que succedeo ás mais ndos da companhia do Governador Nuno da Cunha : e de como elle se perdeu na Ilha de S. Lourenço : e do que aconteceu á gente da companhia de Manoel de Lacerda.*

333.

CAP. III. *De huma Armada nossa , que partio de Cochim, e se perdeu no rio de Chatuá : e de como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio pera Cochim, e desbaratou huma grande Armada do Camorim.*

339.

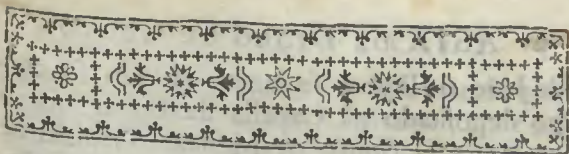
CAP. IV. *De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio destruiu o Arel de Porca : e da Armada que do Reyno partio : e do que lhes aconteceu na jornada até chegar a Cochim.*

348.

CAP. V. *De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio foi avisado de huma Armada de Cambaya que andava fóra : e de*

## INDICE DOS CAPITULOS

- como a foi buscar, e pelejou com ella, e a desbaratou de todo. 352.
- CAP. VI. Da guerra que Heitor da Silveira fez na costa de Cambaya: e de como destruiu a Cidade de Baçaim, e as Villas de Tand, Bombaim, e outras: e do que o Governador Lopo Vaz de Sampaio fez em Goa, e do que aconteceu no Malavar. 362.
- CAP. VII. De como Christovão de Mendonça Capitão de Ormuz mandou Antonio Tenreiro por terra ao Reyno com as novas das galés, e da jornada que este homem fez pelo deserto de Arabia: e de como chegou ao Reyno, e ElRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz a prender Rax Xarrafo. 370.
- CAP. VIII. Das cousas que aconteceram em Malaca até chegar Garcia de Sá: dos ardís de que o Achem usou com Pedro de Faria, por ver se podia colher em seu porto algum navio: e de outras cousas que mais passaram. 378.
- CAP. IX. De como ElRey do Achem tomou por engano hum galeão, de que era Capitão Manoel Pacheco: e de como foram descubertos huns ratos que Sinaya de Raya Chely de Malaca trazia com o do Achem, e de como foi morto. 385.



# DECADA QUARTA.

## LIVRO I.

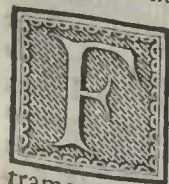
Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente, em quanto governáram a India Lopo Vaz de Sampaio, e parte de Nuno da Cunha.

---

---

### CAPITULO I.

*De como por morte do Governador Dom Henrique de Menezes succedeo na governança da India Pero Mascarenhas, que estava por Capitão de Malaca: e do modo por que Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a terceira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio.*



F ALECIDO o Governador Dom Henrique de Menezes na fortaleza de Cananor, no fim de Janeiro deste anno de 1526, em que com o favor Divino entramos, como no fim da terceira Decada

Couto. Tom. I. P. I.

A N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

de João de Barros se conta, estando seu corpo depositado na Capella da Igreja, sendo presentes D. Simão de Menezes Capitão de Cananor, Affonso Mexia Veador da fazenda, Vicênte Pegado Secretario do Estado, o Licenciado João de Osouro Ouvidor Geral, D. Vasco Deça, Ruy Vaz Pereira, Dom Affonso de Menezes filho do Conde de Cantanhede, Manoel de Brito, Antonio da Silva de Campo maior, Lopo de Mesquita, e Diogo de Mesquita ambos irmãos, Diogo da Silveira, Manoel de Macedo, Antonio de Miranda de Azevedo, Dom Vasco de Lima, Martin Affonso de Mello Jusarte, D. Jorge de Menezes, D. Antonio da Silveira, D. Jorge de Castro, Francisco de Ataíde, e outros Fidalgos, e cavalleiros. E presentes todos, abriu o Veador da fazenda hum cofre, em que estavam guardadas as successões da governança da India, que eram tres, que trouxe consigo o Conde Almirante D. Vasco da Gama quando veio por Viso-Rey, que foram as primeiras que á India vieram; porque antes d'elle não havia esta ordem, nem nós pudemos saber a que El Rey D. Manoel tinha dado, sendo caso que falecesse o Governador da India; porque nem João de Barros, nem Damião de Goes o declaram. Aberto o cofre, tirou o Veador da fazenda d'elle a segunda suc-



cessão, porque a primeira fora aberta por morte do mesmo Conde Almirante, na qual tinha succedido D. Henrique de Menezes, cujo corpo estava presente; e dando a successão ao Secretario, elle a amostrou a todos pera que vissem que estava serrada, e sellada com o sello das armas Reaes sem nella bolir, nem tocar, e a deo ao Capitão, e ao Ouvidor geral pera que a examinassem bem, e elles a tornáram ao Secretario que a abriu, e achou-se nella Pero Mascarenhas, que estava por Capitão de Malacca. Este Alvará de successão mostrava ser feito em Evora aos 10. dias de Fevereiro de 1524. Nomeado Pero Mascarenhas por Governador, ficáram todos embaraçados; porque não podia vir de Malacca, senão dalli a quatorze mezes. E porque se não puderam logo determinar no que se devia fazer, enterráram o corpo do Governador D. Henrique de Menezes. Ao outro dia se ajuntáram todos em casa do Capitão, onde o Veador da fazenda lhes fez huma breve falla, em que lhes representava as necessidades em que o Estado estava; assi pelas novas que havia de galés de Rumes, como pela guerra que estava aberta com Cambaya, e com o Camorim; pera o que era necessario tomar-se determinação sobre aquelle negocio do Governador, pois Pero Mascarenhas estava

#### 4 ASIA DE DIOGO DE COUTO

tão longe. Sobre isto se movêram grandes alterações, sendo quasi todos de parecer que se esperasse por Pero Mascarenhas, e que entretanto se ordenassem regentes, que governassem em seu lugar. Estando a cousa affi baralhada em porfias, disse o Licenciado João de Osouro, que se se pudera saber qual era o Fidalgo da terceira successão, que effe se poderia eleger pera aquelle negocio. Affonso Mexia deitando a orelha áquelle ponto disse: *Que mão seria, Senhores, abrir-se a terceira successão, e entregar-se este governo ao que nella estiver, jurando primeiro todos os que aqui estão, que qualquer que se achar nella governará a India até vir Pero Mascarenhas, a quem a tornará a entregar; e que tanto que elle chegasse, nenhum conheceria mais outro Governador senão a elle?* Não pareceo mal aquillo a alguns Fidalgos, que cuidavam poderiam succeder naquelle lugar, dizendo, que o melhor meio, que naquelle negocio se pudera tomar, era aquelle; mas só D. Vasco Deça, reprovando aquelle parecer, fallou muito alto, dizendo, que nas successões da India se não podia bulir senão pela ordem que ElRey mandava, que era por falecimento da pessoa que governasse o Estado; e que Pero Mascarenhas, que succederá per morte do Governador D. Henrique, estava vivo, e que

e que abrindo-se outra successão, se daria materia a grandes divisões; porque pela ventura que o homem, que succedesse na outra via, não quereria depois entregar a India a Pero Mascarenhas, no que forçado havia de haver desconcertos, e bandos, porque Pero Mascarenhas era hum Fidalgo muito cavalleiro, de grandes merecimentos, e muito aparentado, e que das desavenças que disso succedessem, todos os que presentes estavam haviam de dar conta a ElRey. Pareceo isto tão bem a alguns que estavam do outro parecer, que se retratáram, e disseram, que aquillo, que D. Vasco Deça tinha dito, era o que cumpria ao serviço de Deos, e d'ElRey, e que elles eram do mesmo parecer. Mas o Veador da fazenda como ficava então sendo a primeira pessoa da India pelos poderes de seu cargo, disse, que elle tomava sobre si aquelle negocio, e que se abriria a successão, e o que nella se achasse affinaria hum auto, em que se obrigasse a entregar a India a Pero Mascarenhas; e que elle Veador da fazenda com todos os Fidalgos, e Officiaes, que alli estavam, fariam hum juramento solemne, que lhe fariam entregar a India tanto que chegasse de Malacca. E logo o Ouvidor geral deo juramento a todos, que obedeceriam a Pero Mascarenhas tanto que viesse, e não ao que governa-

## 6 ASIA DE DIOGO DE COÛTO

nasse pela terceira successão, porque não havia de ser Governador mais que até sua vinda. Disto tudo fez o Secretario Vicente Pedgado hum auto, em que se assináram todos; e juntos na Igreja tiráram a terceira successão, e abrindo-a, achou-se nella Lopo Vaz de Sampaio, que estava por Capitão de Cochim. Este Alvará mostrava ser tambem feito em Evora aos 26. de Fevereiro do anno de 1524. dezeseis dias depois do de Pero Mascarenhas, e logo alli o Veador da fazenda, e todos os que tinham assinado no auto, tornáram a ratificar o passado, jurando de novo de não obedecerem a Lopo Vaz mais que até á hora que chegasse Pero Mascarenhas, a que logo fariam entregar a India. Disto tornou o Secretario fazer outro auto, em que todos se tornáram a assinar, que foi feito aos 3. de Fevereiro de 1526. e logo se embarcáram todos pera Cochim pera irem entregar o governo a Lopo Vaz de Sampaio.

CA-

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CAPITULO II.

*De como Affonso Mexia entregou a India a Lopo Vaz de Sampaio: e de como o Governador se partio pera Goa: e da grande vitoria que houve de hum Armada do Camory no rio de Bacanor.*

Poucos dias puzeram o Veador da fazenda, e todos aquelles Fidalgos até Cochim, e desembarcando em terra, se ajuntaram logo na Sé, onde mandáram chamar Lopo Vaz de Sampaio, e o Veador da fazenda lhe deo conta do que estava assentado, e lhe leo os autos, e juramentos que estavam feitos entre todos aquelles Fidalgos, e Capitães primeiro que se abrisse a terceira successão em que elle estava, notificando-lhe o modo de como havia de ter o governo, que era até vir Pero Mascarenhas, a quem todos haviam de obedecer como a verdadeiro Governador. E acceitando Lopo Vaz a successão por aquelle modo, logo alli se lhe deo juramento em hum Missal, que tanto que Pero Mascarenhas viesse lhe entregaria a governança, e elle ficaria depois como pessoa privada, e debaixo de sua jurdição: e de tudo isto fez o Secretario outro auto em que Lopo Vaz se assinou,

## 8 ASIA DE DIOGO DE COUTO

nou, e com elle o Veador da fazenda, Fidalgos, Capitães, e todos os Officiaes da justiça, e fazenda, os quaes tornáram a jurar de novo de obedecer a Pero Mascarenhas tanto que chegasse de Malaca. Acabado este auto, foi logo Lopo Vaz entregue da governança da India, dando a ome-nagem della pela fórma costumada nos Rey-nos de Portugal, declarando nella que go-vernaria até chegar Pero Mascarenhas, que era o legitimo Governador, a quem logo a entregaria. Daqui por diante começou Lopo Vaz de Sampaio a correr com suas obrigações, e a primeira cousa em que proveo foi na capitania de Cochim, que deo a Dom Vasco Deça, e em despachar pera Bengála Ruy Vaz Pereira, a quem deo aquella via-gem, que era de muito proveito. E dando ordem a muitas cousas, embarcou-se com muita pressa por ser avisado que no rio de Bacanor estava huma grande Armada de Calcut, de que era Capitão Cotiale Marcá Mourro grande coffairo. Levava o Governador alguns galeões, de que eram Capitães Diogo da Silveira da Tereva, D. Affonso de Menezes, D. Pedro Manoel, Manoel de Brito, Manoel de Macedo, Antonio da Silva, Diogo de Mesquita, Lopo de Mesquita, a fóra alguns catúres, e navios de remo, cuja cópia, e Capitães não achámos.

O

O Governador hia embarcado na galé baf-tarda, de que era Capitão D. Vasco de Li-ma, e com toda esta Armada se fez á véla a dezeseis de Fevereiro; e tomando Cananor, achou cartas de D. Jorge Tello, e de Pero de Faria, que estavam com dous galeões no Malavar, em que lhe faziam a saber que ficavam sobre a barra do rio Bacanor, e que tinham dentro encerrada huma Armada do Camori de mais de setenta vélas, em que havia mais de tres mil Mouros, e que esta-vam favorecidos de hum Capitão d'ElRey de Narlinga, cuja a terra era, que tinha der-redor de vinte mil homens. Tanto que o Governador vio as cartas, e que soube o poder dos inimigos, vendo que em toda a sua Armada não haveria mais de setecentos ho-mens, despedio hum catúr muito ligeiro pe-ra Goa com cartas a Christovão de Soufa, e a Antonio da Silveira, que lá estavam com seus galeões, pera que logo se fossem pera elle; e despedio Manoel de Brito no seu ga-leão, pera que se fosse ajuntar com D. Jor-ge, e Pero de Faria no rio de Bacanor, pe-ra que a Armada dos inimigos não pudesse sahir pera fóra. Partidos estes navios, tomou o Governador alguns mantimentos, e agua, e logo se fez á véla. Cotiale Capitão mór da Armada Malavar logo foi avisado de co-mo o Governador era partido de Cochim  
em

em busca delle; e não se atrevendo a pelejar com os galeões, que estavam sobre a barra, determinou de o esperar em terra, pera o que mandou com muita brevidade fazer defronte da Cidade, onde tinha a Armada, algumas tranqueiras, em que affestou muita artilheria, e no rio de huma, e de outra parte mandou atravessar muitas estacadas de páos grossos pera impedir a passagem aos nossos navios, deixando-lhe pelo meio hum canal tão estreito, que não pudessem por elle entrar senão hum, e hum a fio, pera das tranqueiras os metterem no fundo; e de humas estacadas a outras mandou atravessar viradores grossos por de baixo da agua, pera que os navios encalhassem nelles. O Governador foi seguindo sua viagem até chegar a Bacanor, onde surgiu, e soube daquelles Capitães o modo de como os inimigos estavam fortificados, fazendo-lhes a entrada duvidosa; mas o Governador como era muito cavalleiro, e fóra de todo o medo, sem embargo de todas as difficuldades que lhe representavam, determinou de entrar o rio, e pelejar com os inimigos em terra, sem esperar pelos Capitães que tinha mandado chamar a Goa, e mandou logo ordenar em quatro batéis grandes, e fortes, mantas, e arrombadas, e em cada hum mandou metter hum camelo de marca grande

pe-



pera baterem as estancias; e pondo este negocio em conselho, disse nelle a todos os Capitães, que a elle lhe parecia bem commetter os inimigos sem esperar pela Armada de Goa, porque não era credito do estado deixar-se estar sobre aquella barra sem a entrar, e ir commetter os inimigos em suas tranqueiras, porque haveriam elles que os receava, que o estado da India não se havia de sustentar, e dilatar senão com a reputação, e opinião com que se ganhou, a qual tanto que os Portuguezes a perdessem com os inimigos, logo se perderia tudo, e que sobre isto lhe podiam livremente dizer o que lhes parecia. E votando aquelles Capitães, foram todos de parecer, que se não arriscasse o estado da India em hum feito tão duvidoso, e em que nada se ganhava, antes se perderia muito, acontecendo hum desastre, que o tempo não fugia, que os inimigos dentro os tinham seguros, que se esperasse pelos Capitães que tinha mandado chamar a Goa, e que então se commettessem os inimigos, e que Deos lhe daria a vitoria; mas que era necessario ter-se primeiro alguns cumprimentos com o Capitão d'ElRey de Bisnagá que alli estava, pois era amigo do Estado. Alguns cuidáram, que alguns destes Capitães de inveja de Lopo Vaz governar a India lhe queriam tirar aquella vitoria, e honra

das

das mãos. E Fernão Lopes de Castanheda diz, que andavam os mais delles pejados no governo de Lopo Vaz, porque cuidava cada hum que lhe cabia aquelle lugar melhor que a elle: o que parece foi imaginação, porque primeiro que Lopo Vaz fosse entregue da India, podiam elles estorvallo, por serem muitos, e muito principaes Fidalgos, que se quizeram, não consentiram a Affonso Mexia o que fez, nem acceitaram em Cochim a Lopo Vaz por Governador; mas a verdade he, que o feito era temerario, que na vitoria todos haviam de ter tamanho quinhão como Lopo Vaz. Vendo elle todos aquelles Capitães daquelle voto, disse, que ficasse a cousa sem se resumir até ver o rio, o que elle em pessoa queria fazer de madrugada, e até mandar recado ao Capitão d'ElRey de Bisnagá. E logo despedio hum Mouro, que se lançou em terra com recado áquelle Capitão, em que lhe fazia a saber, que elle era alli chegado pera pelejar com aquella Armada do Çamorim, que era inimigo do Estado da India, e que soubera estar elle Capitão alli; e como ElRey de Portugal era grande amigo do de Bisnagá, e elle como quem estava em seu lugar não queria deservillo em nada, lhe pedia que lhe mandasse entregar aquelles navios que estavam dentro, pois eram de Mouros seus

ini-

inimigos, senão que soubesse de certo que os havia de ir buscar, e que não quizesse elle romper a paz, que estava feita entre seus Reys, porque o de Bisnagá não se haveria por servido d'elle. Este recado se deo ao Capitão, que respondeo, que aquella Armada se recolhêra naquelle rio, e que não era lícito entregalla elle, pois se recolhêram alli de baixo do amparo, e favor d'ElRey de Bisnagá: e que ainda que elle os quizesse entregar, os Mouros estavam tão fortes que se não atrevia com elles: que se elle os queria ir tomar, que muito bem o podia fazer, porque elle se não sahiria da sua Cidade, nem lhe daria favor, e ajuda. Esta resposta veio já de noite, com a qual o Governador se determinou de ir pelejar com os Mouros. E sendo meio quarto d'alva rendido, escolheo tres catúres os mais ligeiros de todos, e embarcando-se em hum, levou consigo os outros, dos quaes eram Capitães Manoel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo, e com a enchente foi entrando pelo rio, e notando o modo das estacadas: isto não pode ser em tanto silencio, que não fossem sentidos dos Mouros, que descarregaram nelles huma tempestade de bombardas, que lhes não fizeram damno, por irem os catúres cosidos com a terra. O Governador foi passando por todos os pelouros até chegar

a ver

## 14 ASIA DE DIOGO DE COUTO

a ver as tranqueiras, que esteve reconhecendo á sua vontade, sem as bombardadas que choviam sobre elle o divertirem. Depois de bem notado tudo, tornou a voltar pelo rio a baixo, e mandou por homens de confiança cortar os cabos, que atravessavam as estacadas, deixando o caminho desimpedido. Chegada a Armada, mandou chamar os Capitães, e lhes deo conta do que vio, facilitando-lhes a desembarcação, e vitoria; mas nem com isso deixáram de lhe dizer, que se esperasse pela gente de Goa, com o que o Governador sobreestive, porque não quiz commetter este feito contra vontade dos homens, porque o gosto, e o desgosto delles algumas, e muitas vezes dá, e tira a vitoria; mas todavia não tardáram os de Goa dous dias que não chegassem, trazendo Christovão de Sousa, e Antonio da Silveira nos seus galeões de ventagem de trezentos homens. O Governador fez novo ajuntamento, e tornou a tratar o negocio, dando de novo informação do que vira, para aquelles Capitães que eram chegados de novo saberem o que passava. E tornando a votar sobre aquillo, foram os mais dos primeiros de parecer, que se havia de dissimular com aquelle negocio, assi pelo feito ser temerario, como por não romper com o Rey de Bisnagá; cuja a terra era; mas Chris-

to-

tovão de Soufa, e Antonio da Silveira dif-  
 feram, que em nenhum modo deixassem de  
 commetter os inimigos de toda a maneira que  
 estivessem, ainda que se arriscasse tudo; por-  
 que se deixassem de o fazer, cobrariam õs  
 Mouros tanto brio, que os iriam commet-  
 ter dentro a Goa; que pera o Governador da  
 India dissimular, não havia de tomar aquel-  
 la barra; mas já que estava sobre ella, e ti-  
 nha mandado recado ao Capitão d'ElRey  
 de Bisnagá de cumprimentos, que não con-  
 vinha ao credito, e reputação dos Portugue-  
 zes, e do Estado deixar de commetter os inimi-  
 gos. Assentado nisto, em que quasi todos  
 tornáram a conformar, deo-lhes o Gover-  
 nador recado que se fizessem prestes pera o  
 outro dia, que eram vinte e cinco de Fe-  
 vereiro, ordenando alli com os Capitães o  
 modo que se havia de ter na desembarca-  
 ção, que havia de ser por esta maneira. As  
 quatro bareças na dianteira, pera investi-  
 rem as estacadas, e baterem as tranqueiras,  
 e nellas pöz Capitães de muita confiança,  
 e que não acho os nomes mais que a Ma-  
 noel de Brito, e Paio Rodrigues de Arau-  
 jo. Apõs os batéis havia de entrar o Capi-  
 tão mór do Malavar D. Jorge Tello com  
 todos os navios de remo, os Capitães dos  
 galeões em seus batéis, e em outros navios,  
 e detrás de todos o Governador com alguns  
 Ca-

## 16 ASIA DE DIOGO DE COUTO

Capitães velhos. E fazendo-se todos prestes no quarto d'alva, foram entrando o rio com grande estrondo de pifaros, tambores, trombetas, e outros instrumentos de guerra, passando as barcaças pelas estacadas, fazendo caminho aos catúres até pojarem de fronte das tranqueiras, indo rompendo por meio de nuvens de bombardadas, e espingardadas, e fréchadas; e pondo-se a tiro de espingarda, começaram a bater as estancias dos Mouros, em que fizeram grande danno até chegar toda a Armada. D. Jorge Tello, que levava a dianteira, endireitou com a terra por meio daquella infernalidade, indo já de mistura com elles Manoel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo, que se passaram a navios pequenos, deixando as barcaças á bateria, e pojando em terra saltaram dos dianteiros Manoel de Brito, e Paio Rodrigues com huma companhia de soldados, e apôs elles o Capitão mór com perto de quinhentos homens, e postos em terra, acháram os Mouros fóra das tranqueiras, que os esperavam com grande determinação; e travando com elles huma formosa batalha, em que houve damno de parte a parte, foram os nossos lançando os inimigos do campo, e mettendo-os pelas tranqueiras, onde se defendêram com muito valor muito grande espaço. Mas como os nos-  
fos

fos hiam com aquelle furor ; e determina-  
 ção , passandó por todos aquellés impedimen-  
 tos , e riscos , cavalgáram ás tranqueiras ,  
 onde fizeram nos inimigos grande estrago , e  
 vendo-se tão apertados , largáram tudo , e  
 acolhêram-se á Cidade , que estava hum pou-  
 co pelo sertão , na qual estava o Capitão  
 d'ElRey de Narsinga com toda a gente pos-  
 ta em armas pera a defender , se os nossos  
 a quizessem commetter. O Governador , que  
 vio nossas bandeiras arvoradas nas tranquei-  
 ras , chegou a ellas , e mandou tocar a re-  
 colher , e disse aos Fidalgos velhos que se  
 puzessem nas portas que hiam pera o sertão ,  
 pera que não deixassem sahir ninguém pera  
 fóra , porque receou que houvesse algum des-  
 arranjo , e que quizessem os soldados se-  
 guir os Mouros até á Cidade , onde estava  
 o Capitão d'ElRey de Narsinga , já que lhe  
 elle teve tanto respeito que não sahio della.  
 Depois de ter isto seguro , mandou dar fo-  
 go ás tranqueiras , e a todas as embarcações  
 dos Mouros , e a hum grande armazem de  
 todas as drogas que estavam pera carregar ,  
 mandando embarcar oitenta peças de artilhe-  
 ria que havia nas tranqueiras , e navios. Fei-  
 to este negocio , que foi hum dos grandes  
 da India , e de menos perda , porque não  
 morrêram mais de quatro Portuguezes , em-  
 barcou-se o Governador , e deo á véla pe-  
 -

ra Goa. Andava neste tempo de Armada nas Ilhas de Maldiva Jorge Cabral, que o Governador D. Henrique tinha despedido de Cochim a esperar as náos de Meca, como se vê na terceira Decada de João de Barros. Andando este Fidalgo entre aquellas Ilhas, chegáram-lhe novas de Cochim da successão de Pero Mascarenhas, e como era muito seu amigo, determinou de o avisar, e entregando a Armada, que era de sete navios de remo, a hum dos Capitães, elle na sua galeota deo á véla pera Malaca, e de sua jornada adiante daremos razão.

### C A P I T U L O III.

*Do que o Governador passou em Goa com Francisco de Sá, Capitão daquella Cidade, sobre o não querer receber nella: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de como o Governador partio pera Ormuz.*

**E** Stava por Capitão da Cidade de Goa hum Fidalgo velho de muitos serviços chamado Francisco de Sá Veador da fazenda da Cidade do Porto, filho do segundo João Rodrigues de Sá Alcaide mór daquella Cidade, e senhor de Matosinhos, e das terras de Sever, Baltar, e Paiva. O qual Francisco de Sá tinha ElRey D. João manda-



dado em companhia do Conde Almirante, quando veio por Viso-Rey, pera ir fazer huma fortaleza no porto da Sunda, por ser avisado que em Sevilha se tratava de mandar fazer alli outra por caso do trato da pimenta, por ser alli huma grande escala della. E porque o Conde Almirante não teve tempo de o aviar, quando succedeo o Governador D. Henrique, lhe deo a capitania de Goa. Este Fidalgo como era grande pessoa na India, sabendo o que se fizera em Cananor nas successões, e como o Veador da fazenda, sem consultar os Fidalgos, e Capitães da India abriu a terceira successão, estando declarado na primeira. Pero Mascarenhas, teve-o muito a mal, e houve que Affonso Mexia tomára mais do que era seu, e que fora contra o serviço d'ElRey; e consultando estas cousas com os Vereadores da Cidade, e com as pessoas principaes della, assentáram que o Veador da fazenda, no abrir da terceira successão, tinha desacertado, e que não estavam obrigados a obedecer por Governador da India, senão a Pero Mascarenhas. Concluidos nisto, sabendo que Lopo Vaz hia pera aquella Cidade, assentáram de o não recolherem, e de lhe fazerem seus protestos, porque não estavam obrigados por Governador, porque não estavam obrigados nem por juramento, nem por al-

guma outra cousa a isso, e assi fecháram as portas da Cidade, e puzeram nellas grandes guardas, e vigias, e mandáram pôr huma fusta na barra com hum Tabellião pera notificar a Lopo Vaz o que estava assentado. Não tardou muitos dias que elle chegasse, e entrando pelo rio, lhe sahio o navio, e o official lhe notificou hum protesto que levava, requerendo-lhe que não entrasse dentro, que o não haviam de recolher na Cidade, porque não conheciam por Governador senão a Pero Mascarenhas, que era feito pôr ElRey, e não a elle, que era feito pelo Veador da fazenda, sem ordem, nem instrucção d'ElRey. Lopo Vaz ficou enfadado, e sem responder cousa alguma, foi entrando pelo rio acima até surgir de frente da Cidade. Alli lhe tornáram a fazer o mesmo requerimento, e elle mandou outro á Cidade, no que se gastou grande espaço, resumindo-se os da Cidade em lhe não abrirem as portas. Os Fidalgos, e Capitães da companhia de Lopo Vaz vendo a cousa daquella feição, receando hum desastre, commettêram aquelle negocio a Christovão de Sousa por ser hum Fidalgo muito respeitado de todos, e desembarcando em terra, foi-se ver com a Cidade, e com o Capitão, que estavam postos em armas, e de tal maneira os persuadiu, que os abraçou,

dou, e consentiram na entrada de Lopo Vaz, que logo desembarcou, e se aposentou em terra, e começou a correr com as coufas do governo. E porque se receou que vindo Pero Mascarenhas fosse Francisco de Sá da sua parcialidade, determinou de o fastar de si, e tratou logo com elle de o mandar a Sunda a fazer a fortaleza que ElRey mandava; e porque achou tambem cartas daquelle Rey, em que pedia ao Governador da India, que mandasse fazer huma fortaleza naquelle seu porto, que lhe daria pera ella sitio, e todo o necessario, porque desejava muito de ter commercio, e amizade com os Portuguezes; Francisco de Sá folgou muito com a jornada, pois viera do Reyno afinado pera ella, e assi fez seus apontamentos, concedendo-lhe o Governador tudo o que lhe pedio, que foi hum galeão, huma não, duas caravelas, duas galeotas, cinco fustas, e quatrocentos homens. Com esta Armada começou a correr Francisco de Sá, e Lopo Vaz deo a capitania de Goa a Antonio da Silveira, que depois teve aquelle espantoso cerco de Dio, o qual antes de Lopo Vaz succeder no governo, o tinha desposado com huma filha sua por palavras de futuro. E porque D. Jorge de Menezes filho de D. Rodrigo de Menezes estava provido pelo Governador D. Henri-

que da capitania de Maluco, o despachou pera ir entrar nella, dando-lhe dous navios com cem homens, e muitos provimentos, e com elle pera Capitão mór daquelle Archipelago Simão de Souza Galvão filho de Duarte Galvão. E por ter já recado que Jorge Cabral era partido pera Malaca, e que ficavam aquelles canaes das Ilhas de Maldiva sem guarda, despachou com muita pressa Martim Affonso de Mello Jusarte, a quem deo huma Armada de cinco fustas, e huma caravela em que elle hia. Todos estes Capitães despedio em Março, indo D. Jorge de baixo da capitania de Francisco de Sá até Malaca. Partidas estas Armadas, vendo-se o Governador vago, determinou de ir a Ormuz a temperar as cousas de Diogo de Mello com o guazil Rax Xaraso, por lhe virem cartas que o tinha prezo, avexado, e tyrannizado sobre o que já o Governador D. Henrique lhe tinha escrito, sem lhe dar nada de suas cartas, nem se moderar em sua condição, por ser hum Fidalgo forte de natureza. Tinha prezo o guazil em huma asperissima prizão debaixo de huma escada, em tempo das calmas de Ormuz, (cuja queitura se ha cousa na terra que se possa comparar a huma semelhança do inferno, aquella só o he) não lhe dando de comer senão muito mal, e de beber peor. O que lhe não

não perdoáram os praguentos da India, em  
huns porquês que fizeram, fallandó humi coim  
Diogo de Mello, sobre o que Xaraso, e  
ElRey de Ormuz escrevêram muitas cartas  
ao Governador D. Henrique, que foram  
aquella moução ter ás mãos de Lopo Vaz.  
E parecendo-lhe que lhe convinha acudir  
aquellas cousas primeiro que viesse Pero Ma-  
carenhas, porque o conhecia por homeni  
muito inteiro na justiça, e que não havia  
de soffrer aquellas cousas a Diogo de Mel-  
lo, que era seu tio irmão de sua mãe, de-  
terminou de o ir fazer amigo com o gua-  
zil, e atalhar aquellas desordens. Esta ida  
poz em conselho dos Capitães, que lho es-  
tranháram, lembrando-lhe que o Malavar  
estava de guerra, e que se fallava em galés  
de Rumes, e que era necessario, se fossem  
as novas certas, tomarem-no em Goa, pe-  
ra se preparar contra ellas, e não fóra da  
India, e em parte que não podia vir senão  
com monções, no que se arriscava a mui-  
to; mas sem embargo destas razões se em-  
barcou, deixando nomeado por Capitão mór  
do mar a Antonio de Miranda de Azevedo,  
a quem deixou todos os navios de remo,  
e elle por fim de Março se fez á véla, le-  
vando a galé bastarda, de que era Capitão  
D. Vasco de Lima, em que elle hia embar-  
cado, e quatro galeões, de que eram Ca-

pitães D. Affonso de Menezes, Diogo da Silveira, Manoel de Macedo, e Manoel de Brito, despachando primeiro Christovão de Sousa pera ir entrar na capitania de Chaul, de que era provido.

## CAPITULO IV.

*Do que aconteceu a Eitor da Silveira no estreito de Méca: e de como foi ter a Maçuá, e mandou buscar D. Rodrigo de Lima ao Preste João: e do que lhe succedeo na viagem de Ormuz.*

**N**A terceira Decada de João de Barros se conta, como o Governador Dom Henrique de Menezes primeiro que falecesse, despedio pera o estreito de Méca Eitor da Silveira por Capitão mór de huma Armada grossa, levando por regimento, que fosse esperar as náos de Méca a monte de Felix, e que alli esperasse por elle até meado Março, (porque tinha elle determinado ir áquelle estreito por haver novas de galés.) E que tardando elle até então, se fosse a Maçuá esperar D. Rodrigo de Lima, que estava por Embaixador na Corte do Emperador da Abassia, ao qual tinha escrito que este Abril o mandaria buscar, e depois de o recolher se fosse invernar a Ormuz. Partio Eitor da Silveira, e sem achar contra-

te

te chegou ao cabo de Gardafui, onde se deixou andar até meado Março, sem lhe acontecer cousa digna de escriptura; e vendo que o Governador tardava, por cumprir com seu regimento se fez á véla, e entrando as portas do estreito, foi demandar a Ilha de Daleça, onde chegou o primeiro de Abril: dalli despedio hum correio com cartas a D. Rodrigo de Lima, em que lhe fazia a saber de sua chegada, e de como o esperava alli. Esta carta mandou ao Capitão de Arquico, pera que lha dêsse, ou mandasse. Estava D. Rodrigo de Lima em Barvã, onde havia pouco era chegado com hum Embaixador do Emperador de Ethiopia chamado Zagazabo, o que tinha despachado pera ir a Portugal com cartas, e presentes pera ElRey D. João, e pera dalli passar a Roma em companhia do P. Francisco Alvares, a quem vinha entregue pera o apresentar a Sua Santidade pera em seu nome lhe dar obediencia, como filho Catholico. Estavam D. Rodrigo, e os mais muito tristes receando houvesse algum estorvo ainda este anno pera não ir a Armada por elles, como o Governador lhe tinha promettido, e dalli despediram dous Portuguezes pera estarem no porto de Arquico esperando a Armada, que havia de vir da India, pera tanto que a vissem lhe manda-

rem recado. Estando estes vigiando o mar, chegaram áquelle porto humas náos dos Mouros com grandes festas, e tangeres, dando por novas que os Portuguezes eram todos mortos, e que tinham perdida a India. Com estas novas que pela terra se espalháram houve grandes alegrias, e alvoroços entre os Mouros. Os Portuguezes que alli estavam tanto que víram as festas, e ouviram as novas, com grande dor, e tristeza de seus corações, se partíram logo pera Barvã, e as deram a D. Rodrigo de Lima. Era este dia do sabbado Santo vespera de Pascoa, em que todos estavam mui alvoroçados pera festejarem a Resurreição do Senhor, e em ouvindo as novas alli ficáram cortados, que como homens pasmados não sabiam o que fizessem; mas como já não havia outro remedio, fizeram seus discursos, assentando de se tornarem pera a Corte do Preste João, e alli acabarem suas vidas, e buscarem recolhimento, e quietação conforme ao que lhes o tempo offerecesse; mas como Deos Nosso Senhor Pai de misericordia, e consolação via que seus servos andavam em seu serviço naquella Christandade tão escondida ao Mundo, não quiz que sua tristeza durasse muito, e ordenou que o dia de Pascoa á noite, dia todo de mercês suas, lhes viessem diferentes novas,

que



que foram ser chegada a nossa Armada a Maçuá, e logo apòs ellas chegarãam as cartas de Eitor da Silveira, com o que todos como doudos de alegria não sabiam o que fizessem. D. Rodrigo quizera logo partir, mas o P. Francisco Alvares lho impedio, dizendo, que pois Deos naquelle dia lhes fizera huma tão assinalada mercê, que esperassem até passarem aquelles dias de festa, em que era razão dessem muitas graças ao Altissimo Deos, pois em tempo de tanta mágoa, e dor (como tão pouco havia tiveram) lhes mandára novas tão alegres. Passada a Pascoa, em que todos se confessáram, e commungáram com grandes alegrias das almas, e dos corpos, logo se puzeram ao caminho hum dia que foi aos nove de Abril, indo o Viso-Rey de Barvá em sua companhia com mil homens de mullas, e alguns poucos de cavallo. Aquelle dia foram dormir a Darigil hum pouco duas leguas de Barvá, alli se costumavam: ás segundas, e terças feiras ajuntar as casilas, que haviam de ir pera Arquico, por amor dos alarves, que ha muitos por aquelle caminho; aqui se ajuntáram dous mil homens, e todos juntos foram caminhando pera Arquico, que era quatorze leguas de jornada. Neste caminho gastáram até o sabbado seguinte, e chegando a Arquico, aponsetá-

ram-se fóra por ser noite , porque quiz o Viso-Rey entrar com elles de dia , e entregallos ao Capitão mór. Ao outro dia chegaram á praia , onde Eitor da Silveira os recebeu com grandes festas , salvas de artilheria , e com todos os instrumentos de paz , e de guerra. O Viso-Rey lhe entregou Dom Rodrigo de Lima , e o Embaixador Zagalzabo , e todos os Portuguezes , e os presentes que levavam assi pera o Governador , e Rey de Portugal , como pera o Summo , e Santo Pontifice. Eitor da Silveira despedio-se logo do Viso-Rey , que mandou dar á Armada cincoenta vaccas , muitos carneiros , gallinhas , e outros mantimentos , e a oito de Abril deram á véla , e foram seguindo sua viagem , e ao primeiro de Maio chegaram á Ilha de Camarão pera fazerem aguada. Alli defenterrou o P. Francisco Alvares muito secretamente a ossada de Duarte Galvão , que elle mesmo tinha enterrada , como na terceira Decada se disse , e a embarcou no galeão em que hia , com tenção de a levar ao Reyno ; dalli se fizeram á véla para irem invernar a Ormuz , como levavam por regimento ; e deixallos-hemos em sua viagem , por continuarmos com a do Governador. Partido logo Lopo Vaz de Sampaio de Goa , como atrás dissemos , foi atravessando o golfo de Ormuz , em que achou

grandes calmarias, que foram causa de gastar muitos dias, e lhe morrer muita gente, e entrando-lhe o tempo, foi ferrar o porto de Calayate, cujo Xequé estava alevantado contra os Portuguezes, por mandado d'El-Rey de Ormuz, e de Rax Xarrafo, porque pelas avexações que padeceo, e recebiam de Diogo de Mello, escrevêram a toda aquella costa que se levantassem contra os Portuguezes, que foi quasi outra como a que o mesmo Xarrafo fez em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, (como na terceira Decada de João de Barros se conta.) Lopo Vaz tanto que soube do negocio, pezo-lhe em extremo das desordens de Diogo de Mello, e tratou de quietar o Xequé, o que fez com lhe affirmar que a nenhuma outra cousa lia a Ormuz, mais que a soltar Xarrafo, e a lhe fazer justiça, e pera castigar Diogo de Mello, se o merecesse. Com isto se compoz o Xequé, e se quietou, mandando refrescos ao Governador. Fazendo-se dalli á véla, chegando á aguada de Teive, achou o galeão de Francisco de Mendoça, hum dos Capitães da conserva de Eitor da Silveira, que com tempo se apartou da Armada: delle soube as novas de Dom Rodrigo de Lima, e do Embaixador, que o Emperador da Ethiopia mandava a Portugal, do que levou estranho contentamen-

tô , e tomando o galeão comfigo , foi ter a Mascate , que tambem estava alevantado , e trabalhou por quietar o Xequê como fez , e deixando tudo pacifico chegou a Ormuz , onde foi mui bem recebido do Capitão , e se agazalhou na fortaleza. A primeira coufa que fez foi mandar soltar Rax Xarrafo , e levalllo diante de si , e fazendo-lhe muitas honras , lhe disse , que elle era alli vindo a lhe fazer justiça , que a requereffe contra Diogo de Mello , que sem embargo de ser feutio , lha havia de fazer muito inteiramente. O Governador foi dahi a tres dias visitar ElRey de Ormuz , affirmando-lhe que não hia áquella fortaleza a mais que a fazer justiça ao Guazil , e a castigar Diogo de Mello. O Guazil tanto que soube que o Governador era sobrinho do Capitão , e que o punha á cabeceira da sua meza ; houve que lhe não faria justiça em nada , e fazendo da necessidade virtude , disse ao Governador a segunda vez que o visitou , que elle não queria coufa alguma de Diogo de Mello , que lhe pedia o fizesse amigo com elle : o Governador chamou Diogo de Mello , e o reconciliou com o Guazil , e elle lhe pediu muitos perdões , e teve com elle muitos comprimentos.

## CAPITULO V.

*Do que aconteceu a Eitor da Silveira na viagem até Ormuz: e de como o Governador recebeu o Embaixador do Preste João.*

**P**Artido Eitor da Silveira da Ilha de Camarão, foi navegando dez dias com vento em popa até sahirem do estreito pera fóra, e na paragem de Adem deo hum tempo tão rijo, e forte, que não puderam soffrer as vélas, e com sós os papafigos foram correndo á vontade dos ventos; e a segunda noite, que foi de grandissima sarração, se apartou toda a Armada, e foi cada hum correndo pera sua parte a Deos misericordia, e quasi alagados. Durou-lhe este trabalho quatro dias, nos quaes o galeão São Leão perdeu o batel com hum grumete Francez, não dormindo em todos elles pessoa alguma, porque não largáram os aldroles das bombas das mãos por irém alagados, e desapparelhados de feição, que quasi hiam desconfiados; mas Deos, que sempre acode nas mores necessidades, os encaminhou até embocarem o estreito da Persia, do cabo de Iasques pera dentro, e o primeiro que foi tomar a aguada de Teive foi Francisco de Mendocça, que alli tinha chegado poucos

cos dias antes do Governador , que alli o achou , como atrás dissemos. Os thais navios tirando o Capitão mór foram tomar Mascate a vinte e oito de Maio. O Capitão mór com quem hia embarcado D. Rodrigo de Lima , e o Embaixador Abexi , foi correndo tempo com o mesmo trabalho que os outros , governado-se tão mal , que não podendo tomar o estreito da Persia , foi correndo com os ponentes pera a costa da India com tenção de tomar terra aonde pudesse ; e quando cuidou que ferrasse a costa de Chaul , achou-se na enseada de Cambaya já com o inverno cerrado , pelo que lhe foi forçado tornar a voltar pera Ormuz , o que fez com muito trabalho de todos , bordeando de humia parte pera a outra , com os mantimentos já gastados , e a agua quasi de todo , porque com o trapear do galeão se lhe abríram as vasilhas ; e sendo já entrada de Junho sem esperança de poderem tomar porto , houveram-se todos por perdidos. Eitor da Silveira sem mostrar hum ponto de desconfiança , animava , e consolava a todos , sendo o que dormia menos , e comia peor , e o primeiro que ferrava do trabalho ; e todavia vendo-se tão apertado , tomou parecer com os officiaes sobre o que fariam , e assentáram que já se não podia ir demandar senão Ormuz , porque como o

in-

inverno era entrado , e os Suduestes cursavam , ainda que fosse com trabalho , que melhor era marear pera lá. Com isto mandou recolher todo o mantimento que havia na náó , e agua , ( que tudo era bem pouco , ) dentro na sua camara , e começou a repartir isto com grande tento , acudindo aos mais necessitados ; mas como tudo era pouco , e a gente muita , logo se lhe acabou , ficando sem nenhum remedio , nem esperanças d'elle , senão as de Deos , em que sempre foram muito seguros , e assi sem comer , nem beber navegaram tres dias , sendo Eitor da Silveira , e D. Rodrigo de Lima os que nestes trabalhos se mostráram sempre muito alegres a todos ; porque como todos traziam os olhos nelles , era-lhes assi necessario , porque com isso se animavam , e continuavam no trabalho , porque se fora doutra maneira , largáram tudo , e sem dúvida se perdêram. Mas Eitor da Silveira com hum animo muito grande ; e com hum primor nunca usado , procedeo nesta viagem de feição , que confundia a todos , porque desque recolheo na sua camara a agua , e o mantimento , nunca mais entrou nella , e se agachou na tolda por dar exemplo a todos , visitando duas vezes no dia os doentes , que eram muitos , dando-lhes em quanto houve que , alguma cousa pouca , não tomando

nunca mais pera si; e certo que era este Fidalgo de tanta bondade, que mais sentia ver aquelles enfermos, sem ter com que lhes soccorrer, que o risco, e perigo em que hia. Indo assi nesta desconsoiação, aos sete dias do mez de Junho á tarde houveram vista de Mascate, porque Deos os encaminhou pelo estreito dentro sem o elles saberem, e já a este tempo hiam tão fracos, e debilitados, que não podiam comsigo. E porque o vento era escasso, e não puderam ferrar o porto, começaram a bordear já com tanto alento, que os doentes que estavam para morrer, parecia que resuscitavam, e acudiam a ver a terra. Foi o galeão logo visto de duas fustas, que andavam alli de Armada, que acudiram a elle, e entrando dentro os que andavam nellas, foram festejados de todos, como homens que lhes traziam o remedio; e vendo o destroço, e miseria daquelle galeão, ficáram palmeados, e mandáram levar toda a agua que traziam, e algumas conservas, e bisconto, que repartíram por todos, e com muita pressa se tornáram a Mascate, e carregando de agua, e mantimentos, voltáram o mesmo dia pera o galeão, e tudo se repartio por todos. Aquella noite foi pera elles a melhor, e mais alegre da vida, porque os ais, as dores, os gemidos, e suspiros passados se convertêram

em



em folias, festas, e alegrias, em que passáram toda a noite. Ao outro dia acudíram de terra muitos batéis esquipados, e tomando o galeão á toa o mettêram em Mascate, onde acháram alguns navios de sua companhia, porque os mais eram passados a Ormuz. Aqui se deixou Eitor da Silveira ficar alguns dias, em quanto os doentes refrescáram, e convalecêram de todo; e como se puderam embarcar, deo á véla pera Ormuz, e foi surgir no pouso defronte da fortaleza. O Governador foi logo avisado de sua chegada, e mandou-os visitar, e pedir que se não desembarcasssem senão ao outro dia, mandando-lhes despejar em terra casas pera todos, e armar, e negociar as do Embaixador do Abexi, e prover de todas as cousas necessarias. Ao outro dia pela manhã desembarcáram todos, levando Eitor da Silveira, e D. Rodrigo de Lima o Embaixador Zagazabo no meio, cada hum por sua mão, desfazendo-se a fortaleza, e a Armada toda em bombardadas, e em estrondos de alegria. E entrados na fortaleza, foram á Igreja a dar graças a Deos Nosso Senhor: alli foi o Governador bufcallos, e os abraçou a todos com grandes mostras de prazer, e alegria, alli estiveram hum pouco até que os mandou recolher pera suas casas, e logo mandou a Eitor da

Silveira , e a D. Rodrigo de Lima , e ao Embaixador Abexi duzentos cruzados a cada hum , e ao P. Francisco Alvares cento. Ao outro dia foram todos á fortaleza , e o Governador os esperou na porta da Igreja , e estiveram a huma Missa , que se disse com muita solemnidade. Acabada ella , foram-se pera os aposentos do Governador , levando D. Rodrigo sempre pela mão ao Embaixador , que hia acompanhado de alguns Frades Abexis , e os presentes em mãos de seus criados , que o Embaixador apresentou ao Governador , e lhe deo as castias. O presente pera o Governador era huma roupa de seda , com cinco chapas de ouro diante , e outras cinco detrás , e em cada hombro huma , e todas seriam do tamanho da palma da mão , muito formosas , e lavradas , a carta era em resposta da que lhe escreveo o Governador Diogo Lopes de Siqueira , que nós temos em nosso poder , e por ser muito comprida deixamos de a relatar. Lopo Vaz estimou muito o presente , e teve com o Embaixador grandes cumprimentos , e mandou aos Officiaes d'ElRey que corressem dalli por diante com a despeza de sua casa , pera a qual assinou hum tanto cada dia ; e assi mesmo mandou pagar geralmente a toda a gente da Armada , e dar-lhes mezas. Aqui os deixaremos , porque he ne-

cel-

cessario continuarmos com as cousas que succedêram na India , depois do Governador partir pera Ormuz.

C A P I T U L O VI.

*De como Affonso Mexia mandou a Malacã chamar o Governador Pero Mascarenhas : e do que elle fez depois que soube as novas : e do que aconteceu na jornada a Martin Affonso Jusarte , e a Francisco de Sá.*

**P**artido Lopo Vaz de Sampaio de Cochim , tratou Affonso Mexia de mandar avisar a Pero Mascarenhas de sua successão , e mandou negociar o galeão de que Antonio da Silva de Menezes era Capitão , o qual Lopo Vaz deixou em companhia de D. Jorge Tello de Armada na costa do Malabar , e entregou a Antonio da Silva o traslado dos autos , papcis , e successões pera dar ao Governador Pero Mascarenhas , a quem escreveo que se fosse logo pera a India. Este galeão deo á véla meado Março , e foi seguindo sua viagem , a quem logo tornaremos , porque he necessario continuar com os Capitães que Lopo Vaz despedio pera fóra , e seja primeiro com Martin Affonso de Mello Jusarte. Partido este Capitão de Goa , foi seguindo sua viagem até

chegar as Ilhas de Maldiva, e elle se poz em hum daquelles canaes mais ordinario das náos, e mandou os navios de remo tomar outro; e em Março foi dar com elle huma náao de Rumes, que hia de Tanacari pera Méca, que levava trezentos homens brancos de peleja, e muito bem artilhada, e pertrechada de tudo, como aquella que hia mui rica, e prospera. Martin Affonso tanto que houve vista della, levou ancora, e deo o traquete, pondo-se em armas, e preparando sua artilheria mui bem. Tanto que chegou a tiro, descarregou nella sua munição, arrombando-a por algumas partes, e logo a foi investir, e lhe lançou seus arpéos. Levava Martin Affonso cincoenta bons soldados a fóra os Officiaes. Ferrada a náao, começou-se sobre a entrada della huma muito cruel batalha, em que pelejaram muito bem de ambas as partes; e ainda que dos Mouros cahiam muitos feridos dos golpes dos nossos, eram elles tantos, que onde derubavam dous, se punham logo quatro. Martin Affonso como era muito cavalleiro, com ver a desigualdade que havia, determinou ou de morrer, ou de render a náao, fazendo por seu braço mui grandes cavallerias. Os seus animados com o que lhe viam fazer, trabalhavam pelo initar, lançando entre os Mouros muitas panellas de polvora, com que

que os abrazavam, mas não largavam os lugares. E como a náó era grande, poderosa, e com tanta gente, por muito que os nossos trabalháram, a náó puderam entrar, ficando assi abordados todo aquelle dia, e noite, pelejando de ambas as partes sem tomarem descanço. Ao outro dia, posto que os nossos estavam cansados, e a mór parte feridos, tanto trabalháram, tão altas proezas fizeram, que com grande damno dos inimigos entráram a náó, e mettêram todos os della á espada, sem lhe ficar algum. Rendida a náó, ( não sem custo dos nossos, de que tambem morrêram alguns, ) lançáram ao mar os mortos, e surgíram com a náó que estava cheia de fazendas. Alli se deixáram estar até meado de Abril que deram á véla pera Goa, levando a náó consigo, e chegados áquella Cidade foi descarregada, e vendida a fazenda, e deram as partes aos soldados, ficando huma grande somma a ElRey. Agora continuaremos com Jorge Cabral, que (como dissemos) partio das Ilhas de Maldiva pera Malaca a dar as novas a Pero Mascarenhas de sua successão; e indo seguindo sua jornada com bom tempo, chegou áquella fortaleza, e foi muito bem recebido de Pero Mascarenhas, a quem deo as novas, que elle estimou muito, por ver a conta que ElRey tinha com seus mercedi-

mentos, e prometteo a Jorge Cabral aquella capitania de alviçaras. E porque não tinha papeis, nem cartas do Veador da fazenda, não tomou titulo de Governador, e foi correndo com o cargo de sua capitania, esperando que lhe viesse tudo na monção, o que não tardou; porque hum mez depois da chegada de Jorge Cabral surgio naquelle porto o galeão de Antonio da Silva, e desembarcando deo a Pero Mascarenhas as cartas, e papeis que levava, mandando-lhe notificar que fosse logo tomar entrega da governança da India. Com estes papeis se ajunraram todos os Fidalgos, Capitães, Cidadões, e Officiaes de justiça, e fazenda, e logo por todos foi havido por Governador da India, fazendo-se disso hum termo, em que todos se assinaram. O Governador Pero Mascarenhas começou a correr como Governador, e determinou de se ir a esperar os levantes aos ilheos de Pulopuarpera ver se em Outubro podia passar á India. E posto que teve contrariedades da parte dos Pilotos, todavia entrada de Agosto se embarcou no galeão em que foi Antonio da Silva, e metteo de posse daquella capitania a Jorge Cabral, ao que veio com embargos Aires da Cunha; porque, conforme ao Regimento que alli deixou Affonso d'Alboquerque, a elle pertencia aquella capitania

nia por Capitão mór daquelle mar, o que  
 ElRey depois confirmou por hum Alvará,  
 pelo qual Nuno Vaz Pereira por morte de  
 Jorge de Brito houve sentença contra An-  
 tonio Pacheco que era Alcaide mór. A tu-  
 do respondeo Pero Mascarenhas Governador,  
 que elle não quebrava Regimentos,  
 que aquella fortaleza não vagava por sua  
 morte, senão por succeder na governança  
 da India, e que o seu tempo que lhe faltava  
 por servir o podia dar a quem quizesse:  
 sobre isto protestou Aires da Cunha por  
 seus ordenados contra elle. Partido o Governador  
 de Malaca, foi tomar os ilheos de Pulopuar,  
 onde surgio pera esperar pelos levantes;  
 e estando aqui, lhe deo hum tempo tão  
 grosso que esteve perdido, e lhe foi forçado  
 fazer-se á véla pera Malaca, aonde chegou  
 com o masto quebrado por tres partes. Aqui  
 achou Francilco de Sá, e Dom Jorge de Menezes,  
 que por acharem tempos contrarios,  
 tardáram até então, os quaes o receberam  
 como a Governador da India, dando-lhe a  
 obediencia. E sabendo elle que D. Jorge  
 levava a capitania de Maluco, por lha ter  
 dada o Governador, D. Henrique lha  
 confirmou, e o despachou, dando-lhe  
 mais hum navio, e o despedio com Regimento  
 que se fosse por via de Borneo, por ser a  
 jornada mais curta, que pela Jaoa,

por

 N I M P R E N S A  
 N A C I O N A L

por onde era forçado invernar em Amboino. Simão de Sousa Galvão, que hia pera Capitão mór do mar de Maluco, deixou-se ficar em Malaca, assi por saber alli que o que levava era cousa pouca, como porque Pero Mascarenhas tratava de ir sobre Birtão, em quanto Francisco de Sá alli estava com sua Armada, por ser muito necessario pera a quietação daquella fortaleza tirarlalli aquelle inimigo: pelo que tinha mandado preparar muitas cousas pera aquella jornada, de que adiante daremos razão.

## C A P I T U L O VII.

*De como Eitor da Silveira partio de Ormuz a esperar as náos de Méca: e de como Melique Az Capitão de Dio tratou de dar aquella fortaleza aos Portuguezes. Do fundamento daquella Ilha, e do tempo em que os Mouros conquistáram aquelle Reyno, e do que passou Eitor da Silveira com Melique Az.*

**D**EIXámos o Governador Lopo Vaz de Sampaio invernando em Ormuz, onde proveo em muitas cousas daquelle Reyno; e tanto que se acabou o mez de Agosto, despedio Eitor da Silveira por Capitão mór de quatro galeões, e duas caravelas pera ir esperar as náos que haviam de ir de Mé-



Méca pera Cambaya, que sempre hiam demandar á ponta de Dio, onde lhe deo por Regimento que esperasse por ellas. Os Capitães de sua companhia eram Francisco de Mendoça, Manoel de Brito, e Manoel de Macedo, que hiam em galeões: os das caravelas não achámos os nomes. Partido Eitor da Silveira de Ormuz, logo o Governador deo á véla apôs elle pera Goa. Eitor da Silveira chegado á ponta de Dio, deixou-se alli andar esperando pelas náos, e huns, e outros deixaremos por hum pouco, porque he necessario darmos razão das cousas que neste tempo succedêram no Reyno de Cambaya, que fazem ao fio da nossa historia; e primeiro que tudo, diremos de sua origem, e fundamento, posto que João de Barros o tenha muito bem feito na sua terceira Decada. Mas porque algumas cousas lhe ficáram, as quaes nós alcançámos de mais perto, que não serão de pouco gosto pera os curiosos, as tornaremos a recitar, porque com o favor Divino havemos de ir continuando com todos os Reys, que foram succedendo nelle até vir a poder de Magores. Pelo que he de saber, que este Reyno, que chamamos de Cambaya, he o do Guzaratte, que os mais dos Geografos lançam erradamente do Indo pera fóra, como em outra parte mostraremos. Este Reyno foi sempre

pre povoado de dous generos de Gentios, Guzarates, e Baneanes, todos muito supersticiosos, como em seu lugar se verá, quando fallarmos de toda esta gentilidade da India. Os Guzarates todos são dados á mecnica, em que se estremáram de todos os do Oriente, cujas louçainhas já em tempo dos Romanos eram muito estimadas, as quaes hiam ter a elles por via do mar Roxo, como se vê em Arriano Authior Grego no tratado que fez sobre aquella navegação, no qual nomea muitas, e diversas sortes de roupas, como são, ganise, monoche, fagmatogene, milochini, que diz serem muito finas, e de algodão: pelo que quanto a nós parece, que eram os canequis, bofetás, beirames, sabagagis, e outras, que se acham escritas nos livros das leis dos Romanos, dos quaes costumavam a pagar grandes direitos, e ainda hoje entre nós, com aquelle Reyno estar destruido, pelas mudanças que nelle houve, a fineza de suas roupas de muitas sortes, a delicadeza de suas obras são tidas em mais perfeição que todas as da India. Os Baneanes são todos dados á mercancia, em que tambem precedêram a todos por sua grande habilidade, e agudeza, pela qual, e per outras partes que nelles se notam, presumem os Theologos Christãos da India, que descendem de algum dos tribus

buis de Israel, que são desaparecidos; e ainda mais o parecem no grande estudo, e cuidado que todos põem em enganar os Christãos, como cousa que tem por preceito. Ambas estas nações de gentes são tão fraquissimas, e affeminadas, que não fazem differença a mulheres, mais que nas barbas. Viêram estes homens muitas centenas de annos sem sentirem jugo alheio até quasi os de nossa Redempção de cento, que descêram desses desertos debaixo do Norte hum grande enxame de Gentios repartidos em tribus, huns Magores, outros Tartaros, outros Chacatais, e outros Resbutos, que vieram conquistando tudo o que jaz do Cauaso pera baixo até este Reyno de Cambaya; repartindo-se estes tribus por estas Provincias, ficando-as senhoreando, e aquellas do Agara, Mandou, e outras por derrêdor ficaram em poder de Magores, cujos Reys as senhoreáram muitos annos, e ainda hoje na Cidade do Mandou se vem tres, ou quatro sepulturas de Reys que alli reináram; cujos letreiros dizem serem Magores. E ainda se presume mais, que estes Magores foram senhores de toda a India até o maritimo della, onde ainda hoje se vem duas formosas Cidades fundadas por elles; huma na costa de Dio, e outra na do Canará, chamadas Mangalor, cujo verdadeiro nome he

Mongulor, porque alli se chamam estas gentes, e não Magores; e na da costa do Canará se vem tambem sepulturas antiquissimas, por cujos letreiros se vê que jazem alli Reys Magores, segundo nos affirmáram alguns Canarás doutos, e antigos. Depois foi este Reyno Guzarate senhoreado de Resbutos, homens muito dados ás armas, mas grandes ladrões, e tyrannos. Estes parece que tiráram este Reyno das mãos dos Magores, e repartíram todas aquellas Provincias entre si, tomando as cabeças o titulo de Raiáz, que he o mesmo que Governadores. Estes ficáram senhores de todo o Industão até muito perto dos annos mil e trezentos, que tornou a fortuna a desfandar esta roda, (como tem feito em todas as Monarquias, e não poderão deixar de o fazer em quanto durar o Mundo, por ser naturalmente variavel, e inconstante.) Vieram todos estes Raiáz a serem conquistados de hum Rey do Dely chamado Soltão Nofaradi, que se alevantou no Mundo quasi cem annos primeiro que o grão Tamurlang, e foi maior que elle, alli em forças, como em estados, por que veio a senhorear desde rio Indio até o Gange; e tem mais de quarenta grãos de latitud pera o Norte. Neste Reyno do Guzarate deixou hum Governador, e em todos os do Decan outro, de quem em seu

lugar fallaremos, e recolhido pera o Dely, faleceo em poucos tempos. Tanto que sua morte foi sabida, logo se lhe rebeláram todos os Estados, e levantáram-se com elles os Capitães tomando titulos de Reys: este do Guzarate se intitidou Soltão Maamed, que foi homem valeroso, e soube-se sustentar naquelle imperio, deixando-o a seu filho Daudarcan muito engrandecido. Este Daudarcan não foi de menos animo que seu pai, e engrandecio em seu Reyno tudo o que pode, e foi o que edificou a Cidade de Dio naquella Ilha, que antigamente era habitada de pescadores: tendo alli nisto, como em tudo o mais a que depois chegou a mesma fortuna que a Cidade de Veneza, tão pequena em seu principio; tamanha depois em grandeza, riqueza, e poder. Reinou este Rey muitos annos, e succedeo-lhe seu filho Soltão Mahamede, que havia já mais de quarenta annos que reinava, quando aquelle valeroso Capitão Vasco da Gama descubrio a India. Este foi o que deo aquella Ilha a Melique Az, (como se vê na terceira Decada de João de Barros.) Por sua morte herdou o Reyno seu filho Amodofar, que teve muitos filhos, e o primogenito se chamou Soltan Bador, e não Bador, como as historias da India lhe chamam. Este sendo ainda moço, ou por di-

zerem a seu pai: os Astrologos, que em poder do filho mais velho se perderia aquelle Reyno, ou (o que parece mais certo) que por desejar de o dar ao outro filho mais moço, a que estava afeiçoado, parece que mostrava má vontade ao Bador, que ou porque fosse avisado disto, ou porque entendesse no pai que lhe desejava a morte, furtou-lhe o corpo, e foi-se por esse Industão acima em trajos de peregrino, a que elles chamam Calandar, e assi andou muitos annos aprendendo differentes linguas, vendo, e notando novos ritos, e costumes, e cousas muito novas, e peregrinas. Em quanto elle assi andou faleceo o pai, e succedeo no Reyno o irmão a que o pai desejava de o dar, que durou pouco, e deixou o Reyno ao outro irmão mais moço, a que não soubemos os nomes. Correndo as novas por esse Industão da morte de Modofar, chegaram ao Bador, que logo voltou pera vir requerer o seu Reyno, e assi em trajos de Calandar, dizem, que entrou na Corte do Amadabá, onde estava ainda sua mãe viva, e o Rey seu filho, que era ainda mancebo; e sem se dar a conhecer a pessoa alguma, entrou com a mãe, e se lhe descubrio, pedindo-lhe que quizesse ordenar com que houvesse o seu Reyno. A Raynha (pode muito bem ser que não fosse sua mãe, senão sua madrastra, e que

e que os Guzarates que isto contão se embarassem) lhe disse, que se fosse, porque se seu irmão soubesse d'elle, que o mandaria matar, do que nós inferimos que ella seria mãe do Rey, e não do Bador. Elle vendo seu defengano, foi-se pera o Rey do Mandou, e se lhe descubrio, pedindo-lhe ajuda, e favor pera cobrar seu Reyno. E como os grandes do Mundo nenhuma cousa mais os move, que miserias de hum Principe desterrado, prometteo-lhe todo o favor até ir em pessoa ajudallo; e pera isso solicitou alguns Reys vizinhos, que se ajuntaram com elle com grande poder. Alguns Escritores nossos dizem, que o Bador que se fora ver com a Raynha de Chitor, que se chamava Crementi, que havia pouco viuvára, e lhe ficára hum filho menino, em cujo lugar ella governava aquelle Reyno, e que ella fora a authora da liga com o Rey do Mandou, e outros pera restituirem Bador no seu Reyno, no que se enganaram, antes o mór inimigo que esta senhora teve foi o Bador, porque depois de estar quieto no Reyno de Cambaya, lhe foi tomar o seu, como na quinta Decada diremos. Em fim juntos aquelles Reys com o Bador, que tambem solicitou por cartas alguns Senhores de Cambaya pera serem de sua parte, foi contra o irmão, e entrou conqui-

tando aquelle Reyno , e sahindo-lhe o irmão ao encontro em huma batalha campal , foi morto , e desbaratado , e o Bador se apoderou daquelle Reyno. Succedeo isto no anno de vinte e cinco atrás passado. O Bador, como era máo , cruel , e fraco , (coufas que andam sempre juntas fraqueza a crueldade ,) começou a matar todos os Capitães que favorecêram o irmão , e o quiz fazer a outro só que lhe ficava , que era o menor de todos , que por ser avisado , se acolheu em trajos mudados , e se foi por essa terra dentro , e dali a alguns annos por via do Cinde foi ter a Ormuz , sendo Capitão daquelle fortaleza Antonio da Silveira , que teve rebate delle , e o tomou , e embarcou pera Goa , e o mandou ao Governador Nuno da Cunha , como na quinta Decada diremos. Estava naquelle tempo por Capitão de Dio Melique Saca filho de Melique Az , a quem o Soltão Mamude tinha dado aquella Ilha. Este receando-se das muitas crueldades que o Bador usava com todos , não se havendo por seguro delle , determinou preparar-se com os Portuguezes , e dar-lhes aquella fortaleza pera segurar sua vida , e a de sua mulher , e filhos , e seus thesouros. Pelo que logo despedio recado a Christovão de Sousa Capitão de Chaul , pedindo-lhe lhe mandasse hum homem honrado pera



tratar com elle cousas que cumpriam ao serviço d'ElRey de Portugal. Chegou este homem a Chaul , e deo o recado a Christovão de Sousa , que o deteve , porque cada dia esperava pelo Governador. Poucos dias depois chegou áquella Cidade Eitor da Silveira com tres náos de Méca , que tomou na ponta de Dio , cujos quintos só pera ElRey montáram sessenta mil pardãos ; e logo a quinze de Setembro hum dia , ou dous depois , chegou o Governador , que foi bem recebido da Cidade , e aposentando-se na fortaleza , lhe apresentou Christovão de Sousa o Embaixador do Melique Saca , e elle lhe deo o seu recado. O Governador vendo que o negocio era de importancia , determinou de ir em pessoa a Dio , mas foi contrariado dos Capitães , dizendo-lhe , que não convinha abalar-se pera cousa que não sabiam se seria invenção , mas que mandasse huma pessoa de confiança , e que se detivesse naquella Cidade té ver o em que aquillo parava. Com isto despedio o Governador Eitor da Silveira com alguns navios ligeiros , e huma galé , em que elle hia , e surgio na bahia de Dio , mandando pelo Embaixador pedir a Melique Saca que se vissem sós , o que Melique Saca fez , e de noite foi Eitor da Silveira á porta da fortaleza , e á borda da agua veio

Melique Saca fallar-lhe: e nas praticas que teve com elle lhe disse, que elle desejava muito de entregar aquella fortaleza ao Governador da India, mas que havia de ser com condição, que o havia de mandar pôr em Jaquete com toda a artilheria della, que havia de levar, e que lhe haviam de dar ametade do rendimento da Alfandega daquela Ilha. Eitor da Silveira lhe louvou sua determinação, e se lhe offereceo ao pôr livremente na parte que quizesse, e que pella as condições, que lhe punha, elle trazia poderes do Governador, em cujo nome tudo lhe concedia. Concluidos nisto, tornou-se Eitor da Silveira pera a Armada, porque Melique Saca lhe pediu que se detivesse alguns dias em quanto negociava suas coisas.

## CAPITULO VIII.

*De como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Silveira, e elle se foi pera Chaul sem concluir em nada: e de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traição, e a entregou a ElRey de Cambaya.*

**E** Stava com Melique Saca hum Mouro seu parente chamado Hag Mamude, homem máo, perverso, e muito ambicioso.

este sabendo dos tratos que o parente trazia com Eitor da Silveira, porque se fiou delle, e entendendo nelle o grande medo que tinha d'EIREY, concebeo em seu animo desejo de se fazer senhor daquella Ilha, e nas praticas que tiveram sobre o negocio, sempre lhe gabou a determinação que tinha tomado na entrega da fortaleza; mas que hum só cousa receava, e era, que como Eitor da Silveira o tivesse em seu poder, com a cubiça do muito thesouro que tinha, lhe quebraſse a fé, e elle ficasse sem fortaleza, sem fazenda, e sem liberdade. Não soou isto mal ao Melique Saca; porque, como todos os Mouros são falsos, e fementidos, sempre imaginam nos outros o que elles fariam, e pediu ao Hag Mamude, que o aconselhasse naquelle negocio. O Hag Mamude como tinha já traçado na fantasia a malicia, e traição, que com elle depois usou, disse-lhe, que era de parecer, que respondesse a Eitor da Silveira, que pera maior dissimulação daquelle negocio, se fosse elle pera Chaul, e que entre tanto ficaria negociando suas cousas, e embarcando sua fazenda em algumas cotias que pera isso tinha, fazendo-lhe crer que já na Cidade havia sobre isso algum reboliço; e que depois de embarcar a artilheria, pera que havia mister vagar, entregaria a fortaleza a elle

Hag

N I M R E N S A  
N A C I O N A L

Hag Mamude, e que depois d'elle ido pera Jaquete elle o mandaria chamar, e lhe entregaria a fortaleza. O Melique Saca não entendendo o amargoz que hia debaixo d'elle te dourado, pareceo-lhe aquelle conselho bem, e pedio-lhe que fosse elle o portador daquelle recado. Hag Mamude foi-se huma noite á galé de Eitor da Silveira, e lhe pintou aquillo como lhe pareceo convinha á sua tenção. Eitor da Silveira parecendo-lhe que o Melique Saca estava já arrependido, lhe disse, que do alvorço da Cidade lhe não dêsse cousa alguma, porque como a fortaleza estava sobre o mar, facilmente se podia embarcar com tudo o que quizesse, e elle ficar logo de posse da fortaleza, sem lho ninguem poder estorvar. Hag Mamude lhe disse, que aquillo não podia ser, porque pera embarcar toda a artilheria, e fazenda, havia mister muitos dias, e muito vagar, e que se aquella Armada estivesse alli todo aquelle tempo, não faria mais que encher aos da Cidade de fufpeitas, porque já traziam algumas; que o bom seria desapparecer dalli, e que como Melique Saca tivesse tudo embarcado, logo o mandaria chamar a Chaul; e que tudo eram mais dez, ou doze dias. Eitor da Silveira vendo aquellas cautelas acabou de assentar, que o Melique Saca estava de to-

do arrependido, e que o mesmo Hag Mamude o aconselharia, e o divertiria de sua determinação. Hag Mamude se despedio de Eitor da Silveira, que logo despachou hum navio muito ligeiro com cartas ao Governador, em que lhe dava conta de tudo o que passava, pedindo que lhe mandasse dizer o que faria naquella materia. Esta carta a mostrou o Governador em conselho aos Capitães, pera lhe aconselharem o que responderia, e debatido entre elles aquelle negocio, ficou o conselho partido em diferentes pareceres; porque huns diziam, que ninguém melhor que o mesmo Eitor da Silveira, que lá estava com o negocio entre as mãos, se poderia determinar naquelle, que era de tanta importancia, e de que tanta honra poderia resultar ao Estado da India, que se lhe remetteste toda a resolução d'elle. Outros, em que a inveja parece tinha entrado, por ser aquelle o mór negocio, e mais honroso da India, disseram, que pois Eitor da Silveira estando lá onde via tudo, mandava pedir conselho, sem se saber determinar, que o bom seria mandar lá outro Capitão, que fosse homem, que não ficasse dependurado de parecer alheio, senão, que se pudesse resumir com o seu proprio, cuidando cada hum dos que nisto votáram; que poderia ser eleito pera aquillo, e fazer

naquelle negocio mais que Eitor da Silveira, que era hum dos Capitães de esforço, conselho, e experiencia, que em seu tempo houve. Isto foi sempre muito antigo na India entre os Fidalgos, vituperarem huns aos outros que estam em melhor lugar, e que são mais pera elle, só por verem se os podem abater pera se elles alevantarem: tendo muitas vezes no votar mais respeito aos seus particulares, que ao serviço de Deos, e d'ElRey, pelo que alguns foram causa de se perderem grandes occasiões, e de succederem muitos defastres, e grandes desaventuras. E tornando a nosso fio, vendo o Governador aquella confusão, foi com os que votáram que se remetteste o negocio a Eitor da Silveira, e logo lhe respondeo pelo mesmo navio, que fizesse elle o que lhe melhor pareceste, pois estava com o jogo na mão. Disto tambem houve entre elles algumas murmurações, dizendo, que tambem o Governador tivera naquillo respeito ao seu particular, e que queria grangear Eitor da Silveira pera o ter da sua parte, porque parece que já entendiam nelle aguas de não entregar o governo a Pero Malca-renhas. Dada esta carta a Eitor da Silveira, como o tomou já desconfiado, e enfadado das dilações do Mouro, parecendo-lhe que nunca entregaria a fortaleza, lar-

gou tudo , e deo á véla pera Chaul , sem  
 outras occasiões mais que as de suas suspei-  
 tas , em que se enganou , como depois se  
 verá. Chegado Eitor da Silveira a Chaul ,  
 pelas informações que deo ao Governador  
 desistio do negocio , e determinou de o man-  
 dar ao estreito de Méca , por haver algu-  
 mas novas de galés , de que tambem quiz  
 avisar ElRey , e mandou com muita brevi-  
 dade negociar hum daquelles galeões , de que  
 deo a capitania a Francisco de Mendoga ,  
 e o despedio pera o Reyno em fim de Ou-  
 tubro , escrevendo a ElRey tudo o que até  
 então tinha succedido , e certificando-lhe fa-  
 zerem-se em Suéz prestes muitas galés pera  
 passarem á India , pedindo gente , munições ,  
 e outras cousas , porque já de Ormuz tinha  
 escrito de sua successão , encommendando  
 muito a Francisco de Mendoga , que tra-  
 balhasse por tomar as náos antes que par-  
 tissent do Reyno. Despedio dalli tambem  
 o Governador o navio do trato de Çofala ,  
 de que era Capitão Nuno Vaz de Castello-  
 branco , dando-lhe por regimento dêsse as  
 novas das galés por toda a costa de Melin-  
 de , e Moçambique , porque estivessem so-  
 bre aviso , e o mesmo escreveu a Ormuz ,  
 e ás mais Cidades da India , pedindo-lhes  
 que o quizessem ajudar com alguns navios ,  
 porque determinava de ir buscar os Rumes ,

e pelear com elles , o que todas fizeram mui bem , porque a Cidade de Goa armou logo hum galeão , huma caravela , e huma galé no estaleiro , e as fizeram á custa dos moradores com muita brevidade. A Cidade de Chaul fez outra galé. O Governador despedio dalli gente , e munições pera Ormuz , e escreveu a Diogo de Mello , que mandasse ter na boca do estreito Persico navios ligeiros pera o avisarem se houvesse galés. Providas estas cousas , e outras , querendo o Governador embarcar-se pera Goa , tornou a tomar parecer sobre as cousas de Dio , e assentou-se que deixasse alli Eitor da Silveira com Armada , e que mandasse saber de Melique Saca sua determinação ; mas Eitor da Silveira , que se achou no mesmo conselho , affirmou que tudo o de Melique Saca eram invenções , e enganos , e que elle sabia muito certo que nunca entregaria a fortaleza ; e assi certificou isto , que desistio o Governador da empreza , e deo á véla pera Goa. E em quanto faz esta jornada , continuaremos com Melique Saca , que como fallava verdade , e sua tenção foi sempre entregar aquella fortaleza aos Portuguezes , por segurar sua vida , em Eitor da Silveira dando á véla pera Chaul , começou a embarcar a artilheria , e sua fazenda , e passalla a Jaquete pouco , e pouco.



Hag Mamude como trazia máos pensamentos, e era inimigo dos Portuguezes, como todos os Mouros o são por natureza, vendo a pressa que Melique Saca dava no despejar da fortaleza, começou em segredo a ajuntar gente, e sendo o Melique Saca a folgar a huma quinta sua que tinha da outra banda duas leguas pela terra dentro, (que inda hoje guarda seu nome, e se chama a quinta do Melique,) metteo-se Hag Mamude na Cidade com muita gente armada, e começou appellidalla por d'ElRey de Cambaya: e logo lhe despedio recados mui apressados do que tinha feito, e da determinação de Melique Saca. Dando-se este recado a ElRey, logo se partio pera Dio aforado com dez, ou doze mil cavallos. Melique Saca que estava na quinta soube logo a traição que lhe o parente ordenou, e então entendeo a malicia, e tenção com que o aconselhára naquellas cousas, e partindo-se apressado pera Dio, passou-se á Ilha, e foi desembarcar á porta da fortaleza, em que ainda estava sua mulher, filhos, e familia, e mettendo-se dentro sem ninguem lho poder estorvar, despedio logo recado mui apressado a Chaul a chamar Eitor da Silveira pera lhe entregar a fortaleza. Este recado foi dado a Christovão de Sousa, que por não ter navios não foi em pessoa, mas

des-

## 60 ASIA DE DIOGO DE COUTO

despedio huma almadia ligeira com recado ao Governador, e entre tanto foi entreterendo o Melique Saca cinco, ou seis dias, mandando-lhe affirmar que logo seria com elle. ElRey de Cambaya como hia pela posta, chegou á outra banda de Dio tres dias depois que o Melique Saca despedio o recado a Chaul, o qual sabendo da chegada d'ElRey, logo se embarcou com sua familia, e se passou a Jaquete, deixando a fortaleza despejada. ElRey de Cambaya passou-se á Ilha, e deo a capitania daquella fortaleza a Hag Mamude, reservando pera si as rendas da Alfandega. Este Mouro foi depois o mór inimigo que o estado teve, como pelo decurso da historia se verá, donde se vê claro quanto pôde hum descuido, e quanta força tem hum respeito particular, que muitas vezes foram causa de grandes damnos, e fizeram perder grandes occasiões, como vimos neste negocio, de que resultou perderem os Portuguezes desta vez esta fortaleza, e vir a poder do mór inimigo que a India teve, e custar depois tantas mortes de Fidalgos, e Cavalleiros, tantas despezas em Armadas primeiro que tornasse a vir a nosso poder, tendo-a desta vez na mão sem custo, e sem trabalho.

## CAPITULO IX.

*Da Armada que este anno de vinte e seis partio do Reyno: e das novas successões que ElRey mandou: e de como Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a primeira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio.*

**P**Elas cartas que o Governador D. Henrique de Menezes mandou per terra ao Reyno, em que dava conta a ElRey da morte do Conde Almirante, e de sua successão, e do estado em que a India ficava, que foram dadas a ElRey este Outubro passado de vinte e cinco, soube elle as novas que na India passava. E sem embargo de andar occupado em suas vodas, por casar com a Raynha D. Catharina Irmã do Emperador Carlos V. não se descuidou de prover nas cousas da India, mandando negociar cinco náos com muita pressa, que despedio este Março de vinte e seis, provendo em muitas cousas necessarias ao bom governo da India, principalmente nas successões da governança, em que fez mudança, como logo se verá. Esta Armada não levou Capitão mór: os Capitães eram Francisco de Anhaya, Tristão Vaz da Veiga, Antonio de Abreu, (que levava a capitania

nía mór do mar de Malaca,) e Vicente Gil filho de Duarte Tristão armador das náos; o outro foi Antonio Galvão filho de Duarte Galvão, que por se negociar mais tarde, quando quiz fahir pera fóra, faltou-lhe o tempo, e depois se fez á véla a dezefeis de Maio tão tarde, que já se desconfiava de poder passar á India. Esta náó indo seguindo sua viagem, entrando na costa de Guiné, lhe deram tamanhas calmarias, que o detiveram por ella quarenta dias, e quando lhe deo o tempo, que já foi em fim de Junho, houve grandes requerimentos dos Officiaes que se tornasse pera o Reyno, porque além de ser muito tarde, a náó era ruim, e soffria mal a véla; mas como Antonio Galvão era homem virtuoso, e de grande animo, e esforço, quietou a todos com lhes dizer, que esperava em Deos que lhe havia de dar muito boa viagem dalli por diante, e que os havia de levar á India juntamente com as outras náos; e quando cobro na agua, e mantimentos, foi seguindo sua viagem, ora com contrastes, ora com bonanças até dobrar o Cabo de Boa Esperança já no mez de Setembro. Dalli foi tomando sua derrota com determinação de ir por fóra; mas o Piloto lhe requereu que fosse tomar Moçambique, e que dalli iriam invernar á India em Abril, e que af-

si seguravam as vidas, e a não, porque indo por fóra podiam-lhe entrar os levantes que era já tempo, que os podiam tomar em paragem, que quando quizessem voltar para Moçambique não pudessem. Antonio Galvão lhes disse, que esperava na Virgem Nossa Senhora, que os havia de levar a Cochim. E assi era tão devoto da Senhora, que quebrando-lhe hum dia seu a verga grande, não quiz que trabalhasssem, e aquelle dia não fez viagem, assi ella teve particular cuidado de suas cousas. Antonio Galvão, porque o Piloto lhe encampou a não, a tomou á sua conta, mandando a via, tomando o Sol, e carteando, porque era nisto muito esperto, e deo-lhe Nosso Senhor tão bom tempo, que em fim de Outubro foran haver vista das Ilhas de Maldiva, onde lhe sahio huma embarcação da terra com hum Piloto que os encaminhou até os lançar fóra dellas; e em quinze de Novembro foram tomar Cochim, onde já estavam as náos de Tristão Vaz da Veiga, e Francisco de Anhaya, que tambem foram por fóra com tempos bem roins. As náos de Vicente Gil, e de Antonio de Abreu foram por dentro, e ficaram invernando em Moçambique. Chegadas as náos, deram ao Veador da fazenda os saccoes das vias, e dentro achou duas successões da governança da India, com

duas cartas dirigidas ao Veador da fazenda, que continham o seguinte: *Affonso Mexia. Eu El Rey vos envio muito saudar. Por duas Vias, que vam nesta Armada, vos mandou dous saccoes de cartas, e despachos das cousas dessas partes, que ouve por meu serviço que agora fossẽm. Hum delles, leva Tristão Vaz da Veiga, e outro Francisco de Anbaya: tomai as cartas que vam pera vós, e as do Capitão mór lhe dai, e assi a todas as outras pessoas pera quem vam, e não fique nenbuma por dar: aos que estiverem fóra donde vós estiverdes, mandai-lhas a muito bom recado, e nesta Armada me enviai hum rol do modo que tivestes em as dar, e em as enviar, e tomai disto bom cuidado, por que ei por muito meu serviço serem dadas todas as ditas cartas. As Provisões que aqui vam das successões da governança da India tende naquella boa guarda, e segredo, que cumpre a meu serviço, como de vós confio. Escrita em Almeirim a trinta de Março. Pero de Alcaçova Carneiro a fez abaixo, que dizia assi: E das outras Provisões que já lá tendes, não se ha de usar, e as tereis em boa guarda, e mas trareis quando cmbora vierdes. A outra Carta era escrita a quatro de Abril, cinco dias depois, e não tinha esta postilla, que falla no*

abrir das successões. Vistas estas Cartas pelo Veador da fazenda, e considerando esta addição derradeira da primeira Via, que dizia que se não usasse das successões que na India estavam, determinou logo de abrir aquellas que hiam de novo. E ajuntando-se na Sé de Cochim com o Capitão D. Vasco Deça, e Antonio Riquo, que naquellas náos tinha vindo com o cargo de Secretario, João de Osouro Ouvidor geral, João Rabello Feitor, e Alcaide mór, Duarte Teixeira Thesourero das mercadorias, os Capitães das náos do Reyno, os Vereadores, e Officiaes da Camera; e lendo-lhes a Carta d'El-Rey, lhes disse, que por ella se mostrava muito claro, que a tenção d'El-Rey era não se usar das successões que na India estavam, senão daquellas que naquellas náos mandava, pelo que elle as queria abrir. A isto atalhou D. Vasco Deça, dizendo, que se faria muito grande deserviço d'El-Rey se tal fizesse, porque sua tenção não era, nem podia ser, que tendo-se já usado das successões que estavam na India, se abrissem as outras, porque assi ficava El-Rey affrontando o Fidalgo que tivesse succedido, ficando em obrigação de lhe satisfazer sua honra, porque os Reys a que mais estimavam era a de seus vassallos, porque se fosse de outra maneira, não haveria quem arriscasse

Couto. Tom. I. P. I. E

as vidas por seu serviço, (como os Fidalgos cada dia faziam) com esperanças de elle os honrar, e lhes fazer mercês: Que se ElRey mandára por aquella particula, fora por cuidar não se ter ainda usado das successões; e que se sua intenção fora abrirem-se estas, e não se usar das que já lá estavam, forçado houvera de declarar, que posto que se tivesse usado das successões que na India estavam, havia por bem abrirem aquella, que de novo mandava; e que o homem que tivesse succedido nas outras, se embarcasse pera o Reyno, mandando não, e ordem pera isso: E que a tenção d'ElRey mandar ter em segredo as successões, que na India dantes estavam, era por não saberem os Capitães que nellas estavam, se fazia elle nellas alguma mudança, pelos não escandalizar: Que lhe requeria da parte d'ElRey não bolisse nas successões, porque Pero Mascarenhas era legitimo Governador, e não desse occasião a divisões, e alterações em meio de tantos inimigos, e mais em tempo que eram tão certas as novas das galés de Rumes, que pera as esperar era necessario estarem todos unidos, e conformes, e não em bandos, como estavam certos bolindose nas successões. Deste parecer foram a módo parte dos que alli estavam, e os outros do Veador da fazenda, que se resumio em



abrir a primeira successão, dizendo, que elle tomava sobre si aquelle negocio, e que elle daria conta a ElRey do que fizera. E abrindo a primeira successão, a deo a Fernão Nunes Escrivão da fazenda, que a leo alto, e achou-se nella dizer ElRey, que havia por bem que por morte do Governador D. Henrique succedesse em seu lugar Lopo Vaz de Sampaio com dez mil cruzados de ordenado, cinco mil em dinheiro, de que se pagaria na India, e outros cinco mil em pimenta comprado do seu dinheiro ao partido do meio. E que seria Capitão mór do mar Antonio de Miranda de Azevedo com dous mil cruzados de ordenado cada anno, mil em dinheiro, e mil em pimenta ao partido do Governador; e que falecendo elle Lopo Vaz, depois de entrar na governança, em tal caso havia por bem que succedesse Pero Mascarenhas com o mesmo ordenado. Esta successão foi feita em Almeirim por Jorge Rodrigues a quatro de Abril de 1526. O Veador da fazenda mandou alli fazer hum auto da publicação, em que se affinou com os que foram do seu parecer; mas todos os mais clamáram, e protestáram; dizendo ao Veador da fazenda, que elle roubava a honra a Pero Mascarenhas, que era hum Fidalgo muito honrado, e de grandes merecimentos, e que já se não es-

cufavam divisões, e bandos, de que elle ha-  
 via de dar conta a ElRey. Affonso Mexia  
 despedio logo hum catúr, em que foi Dom  
 Henrique Deça com recado a Lopo Vaz  
 do que tinha feito, mandando-lhe a nova  
 successão, e o auto da posse da governança  
 da India, que lhe dava, e escreveo á Cida-  
 de de Goa, requerendo-lhe, que conheces-  
 sem Lopo Vaz por verdadeiro Governador,  
 porque ElRey assi o mandára naquellas náos,  
 e que houvessem por bem o que estava fei-  
 to. Deixemos D. Henrique Deça, e tor-  
 nemos a continuar com o Governador Lo-  
 po Vaz, que deixámos partido pera Goa.  
 Aos dous dias que partio de Chaul foi sur-  
 gir sobre a barra de Dabul, onde já trazia  
 determinado de dar hum bom castigo, por-  
 que sahiam de seu porto algumas fustas a  
 roubar os mercadores que navegavam, e car-  
 regavam dentro algumas náos pera Méca,  
 que levavam muita pimenta. Alli ordenou  
 toda a sua gente, e deo ordem á desembar-  
 cação, dando a dianteira a Eitor da Silvei-  
 ra, e passou toda a gente aos navios ligei-  
 ros, e batéis dos galeões, e o Governador  
 na galé bastarda foi entrando pelo rio den-  
 tro com grandes estrondos de instrumentos,  
 e sendo a meio rio, chegou á galé do Go-  
 vernador huma embarcação, em que vinha  
 o Tanadar da Cidade, e entrando na galé  
 apre-

apresentou-se diante do Governador com muita humildade, e lhe pediu perdão de suas culpas, e que elle estava muito prestes pera as satisfazer, e de novo guardar as pazes com as condições que elle quizesse. O Governador o recebeu humanamente, e lhe disse, que lhe perdoava, porque os Governadores d'ElRey de Portugal tinham por obrigação recolherem, favorecerem, e perdoarem a todos os que se lhe humilhassem: que elle lhe perdoava com condição que logo mandasse entregar todos os navios de remo com sua artilheria que houvesse naquelle porto, e assi mesmo huma não que estava á carga pera Méca por ter em si muita pimenta. O Tanadar lhe disse que em tudo o satisfaria, que não passasse mais avante. O Governador mandou surgir no meio do rio: o Tanadar sem sahir da galé, mandou trazer tudo o que o Governador lhe pediu, e lhe entregou alguns navios, e a não com a carga que tinha. O Governador lhe concedeo novas pazes, e favores, com que elle ficou satisfeito. Aqui chegou hum Thomé Pires Capitão de hum catúr seu, muito apressado, e pediu alviçaras ao Governador de como succedêra na governança pelas vias que ElRey mandára nas náos, e que D. Henrique Deça ficava em Goa, e os papeis. O Governador lhe deo alviçaras,

sentindo-se nelle grande alvoroço , porque havia que já ficava seguro na governança. Estas novas se espalháram logo pela Armada, estranhando todos o que Affonso Mexia fizera ; e differam publicamente , que Pedro Mascarenhas era o verdadeiro Governador , e que a elle conheciam por effc. Logo Vaz deo logo á véla pera Goa , onde foi recebido como Governador , e D. Henrique Deça lhe mostrou o traslado da successão , e outra da posse , pelo que entregou logo a capitania mór do mar a Antonio de Miranda de Azevedo , e mandou preparar huma Armada de galeões pera irem ao estreito , e deo aquella jornada a Eitor da Silveira. E em quanto se ficou preparando, elle se embarcou pera Cochim pera ir fazer a carga ás náos do Reyno. Poucos dias depois do Governador partido se embarcou Eitor da Silveira , e dando á-véla , logo á sahida de Goa achou o recado de Christovão de Souza , em que o mandava chamar pera ir tomar posse da fortaleza de Dio. E apressando-se com estas novas , chegou a Chaul , onde já era chegado recado , que Melique Saca era fugido , e que ElRey de Cambaya ficava em Dio ; e assi por hum navio que chegou de Adem , veio nova certa , como de Suez era partida huma grossa Armada de Rumes , que o Turco mandava á

India contra os Portuguezes. Com estas novas requereo Christovão de Sousa a Eitor da Silveira que se tornasse pera o Governador, porque não era bem fosse ao estreito com aquella Armada, a risco de dar com as galés, e perder-se, no que se arriscava toda a India, porque não ficava ao Governador Armada com que poder pelejar com os Turcos. Este requerimento pareceo bem a Eitor da Silveira, e tornou a voltar pera Goa.

CAPITULO X.

*Do que fez o Governador em Cochim: e das naos que partiram pera o Reyno: e de como ElRey D. João recebeu o Embaixador Abexi.*

**P**Artido Lopo Vaz de Sampaio da Cidade de Goa, em poucos dias chegou a Cochim, onde foi muito bem recebido de Affonso Mexia. E como naquella Cidade estava a inór parte da nobreza da India, em que entravam muitos parentes, e amigos de Pero Mascarenhas, havia grandes murmurações sobre a successão de Lopo Vaz, e muitos ajuntamentos, e magotes públicos, com estrondos, e uniões, dizendo soltamente, que roubavam a honra a Pero Mascarenhas, e que elle era o verdadeiro

Governador da India; e como Lopo Vaz tambem tinha muitos do seu bando, hiam-se travando brigas, e inda alguns desafios particulares; e o que mais avivou isto, foi chegar hum Junco de Malaca pelas oitavas do Natal, em que dava novas de como Pero Mascarenhas ficava embarcado pera a India, e obedecido por Governador pela posse, e autos que lhe mandou o Veador da fazenda por Antonio da Silva de Menezes. Disto ficou Lopo Vaz de Sampaio muito enfadado, e determinou de atalhar algumas delordens, com mandar avisar Pero Mascarenhas do que era succedido, porque não cuidasse que vinha pera governar a India: e logo mandou o traslado da successão que veio do Reyno, e o auto da posse a Henrique Ferreira Alcaide mór de Coulaõ, pera que vindo alli Pero Mascarenhas, lho notificasse, mandando-lhe por huma Provisão, que se quizesse obedecer áquelles autos, que o agazalhasse muito bem, e quando não, que deixasse cumprimentos, e o não recolhesse na fortaleza. E porque as uniões cresciam cada vez mais, quiz o Governador justificar-se com os homens, principalmente com os Capitães das náos, porque em Portugal lhe não estranhasssem o que fizera. E mandou chamar Bastião de Sousa, a quem tinha dado a capitania da não de An-

Antonio de Abreu, e Antonio Galvão, Francisco de Anhaya, Tristão Vaz da Veiga, e Filippe de Crasto, que alli invernou do anno passado; e presente o Secretario Antonio Rico, lhes disse, que da união que em Cochim havia sobre sua successão, não queria tomar o castigo que o caso merecia nos perturbadores do povo, porque desejava de os moderar, e quietar por bem: que lhes pedia muito, como Fidalgos honrados, e Capitães d'ElRey, e que o não haviam mister, pois se hiam pera o Reyno, que lhes dissessem livremente o que lhes parecia daquelle negocio, e se entendiam que por virtude da successão, que se abrio, podia elle ser Governador da India, e sobre isto lhes deo juramento dos Santos Evangelhos. E como elle lhes perguntou isto simplesmente, com a mesma simplicidade lhe respondêram que não tinham dúvida a elle ser Governador, porque da successão se entendia claramente ser essa a tenção d'ElRey: senão quanto Tristão Vaz passou adiante, e disse, que por se evitarem cousas em deserviço de Deos, e d'ElRey, elle devia de ser Governador da India, pois já estava de posse; e que quanto ao direito de Pero Mascarenhas era necessario ver todas as Provisões passadas, porque sem isso elle não podia resolver-se em cousa alguma. De tudo aquillo mandou Lo-

po. Vaz fazer hum auto, em que todos se  
 assináram. A mesma pergunta fez a hum Fr.  
 João de Hayo, da Ordem dos Prégadores,  
 homem bom Letrado, que lhe affirmou que  
 era verdadeiro Governador; e que para ser  
 mais notorio a todos, elle o affirmaria o  
 dia seguinte, (que era da Circumcisão do  
 Senhor,) em que havia de prégar, e affi-  
 o fez; porque no cabo do Sermão tratou  
 das murmurações que na terra havia contra  
 Lopo Vaz de Sampaio por parte de Pero  
 Mascarenhas, estranhando-o muito, e affir-  
 mando, que Lopo Vaz de Sampaio estava  
 legitimamente de posse da governança por  
 alli ser a tenção d'ElRey, dando sobre il-  
 to muitas razões; e concluiu com dizer, que  
 o mesmo que alli dizia sustentaria em Sala-  
 manca, e París, e em Portugal, para on-  
 de aquelle anno hia, pelo que se devia de  
 crer que fallava verdade sem suspeita, pois  
 era Frade, que não tinha necessidade do  
 Governador, affirmando, que era mór ami-  
 go de Pero Mascarenhas, que seu. E re-  
 quero a Lopo Vaz da parte de Deos, e  
 d'ElRey, que lhe lembrasse que tinha en-  
 tre mãos hum negocio de muita importan-  
 cia, e de que se podia seguir hum grande  
 trabalho á India, e que era obrigado a cal-  
 tigar os perturbadores da quietação, e que  
 se degradassem de Cochim os homens; que fal-



fallassem contra o seu direito. Lopo Vaz com estas cousas cobrou mais alento, e logo procedeo contra alguns, que tinham mais culpa, que foram Vicente Pegado, que acabára de ser Secretario, e Simão Toscano da obrigação de Pero Mascarenhas, que degradou hum pera Chaul, e outro pera Cou-lão. E dando expediente á carga das náos, as fez á véla até dez de Janeiro, embarcando o Governador na de Tristão Vaz da Veiga a D. Rodrigo de Lima com o Embaixador Zagazabo, a quem deo todas as cousas necessarias muito abastadamente. Na náos de Antonio Galvão se embarcou a offada de seu pai, e o P. Francisco Alvares, que a trouxe de Camarão. Estas náos tiveram tão boa viagem, que chegaram a Lisboa vespéra de Sant-Iago, estando ElRey em Coimbra fugido de hum rebate de peste; e por ter já novas do Embaixador por huma caravela que das Ilhas terceiras lhe mandáram diante, tinha dado recado em Lisboa que logo o levassem a Santarem, e foram apontados, elle, e D. Rodrigo de Lima em Alfange, onde lhe ElRey mandou dar todas as cousas necessarias pera ornamento de sua casa, pessoa, e criados. Aqui estiveram alguns dias até ElRey os mandar levar a Coimbra, com grande companhia de criados, mulas, e azemalas, e antes de

chegarem á Cidade os foi esperar ao caminho Diogo Lopes de Siqueira Almotacémór, que foi Governador da India, que era o mesmo que aquella embaixada mandára D. Rodrigo de Lima, que estava acompanhado de muitos parentes, amigos, e criados, o recebeu com muitos gazalhados. A entrada da Cidade o mandou ElRey receber pelo Marquez de Villa Real, e por todos os Prelados, e Senhores que havia na Corte, que o leváram até o Paço. O Marquez entrou na casa onde ElRey estava, com o Embaixador Zagazabo por huma mão, e D. Rodrigo de Lima da outra parte por outra. Estava ElRey na sala ricamente armada, e tinha consigo o Cardeal, e Infante: e ao entrar da porta desceo-se ElRey do estrado, e o recebeu á borda delle com grandes gazalhados, perguntando-lhe pela saude do Emperador seu Senhor, de sua mulher, e filhos. O Embaixador lhe respondeu, que todos ficavam bem, e desejosos de saberem novas da de S. A. Depois destes primeiros cumprimentos lhe disse ElRey, que recebia muito grande consolação com aquella embaixada; e que esperava que della se seguiria algum grande, e assinalado serviço de Deos Nosso Senhor, e do Emperador da Ethiopia seu irmão, e a elle muita honra. Zagazabo deo a ElRey duas cartas, huma

pera ElRey D. Manoel, (porque inda era vivo quando o despachou,) e a outra pera elle; e assi lhe deo huma coroa de ouro, e prata, e lhe disse, que o Emperador seu Senhor mandava aquella coroa a ElRey Dom Manoel, porque de filho pera pai nunca vinha a coroa, senão de pai pera filho, e porque como o tinha por esse, tomára atrevimento pera lhe mandar aquella, pela qual era conhecido em seus Reynos, e assi queria que S. A. o fosse em todos os da Abassia; e que depois de o ter despachado pera ElRey D. Manoel, soubera de seu falecimento, e lhe mandára, que tudo o que trazia pera elle dêsse a S. A. pois era seu filho, e lhe ficava a elle em lugar de irmão. Juntamente com isto lhe entregou o P. Francisco Alvares duas cartas que levava a seu cargo pera o Summo Pontifice, pelas quaes lhe mandava dar aquelle Rey a obediencia como filho da Igreja Romana; e assi lhe entregou huma boceta pequena, em que hia huma cruz de ouro com o Santo Lenho, que se abrio, e ElRey de joelhos tomou a cruz, e a beijou, dando-a ao Secretario Antonio Carneiro com as cartas, pera se tornar tudo ao P. Francisco Alvares, quando o despedisse pera Roma; e disse ao Embaixador, que dava muitas graças a Deos, pois por seu meio chegava a ver sujeitar-

se o Imperio da Abassia á Igreja Romana. E despedindo o Embaixador, mandou-lhe dar casa muito honradamente, com tres mulhas, pera elle, e pera dous Frades, que levava comsigo, e assignou-lhe pera a sua meza dous cruzados cada dia, com hum toirão pera cada cavalgadura, e assi lhe mandou huma rica cama, e huma baixella de prata de todo serviço pera sua meza, e lhe deo pera ter cuidado de sua casa hum Francisco Peres cavalleiro honrado. O anno seguinte despedio ElRey o Embaixador, entregue ao P. Francisco Alvares, pera ir dar a obediencia ao Santo Padre; e porque esta jornada he da essencia da Chronica d'ElRey D. João, a deixaremos, e sómente diremos a substancia da embaixada. Mandava aquelle Rey pedir ao Santo Padre que lhe concedesse dalli por diante Patriarcas pera os instruirem nos Estatutos Romanos, porque os que até então tinham, eram da Igreja Grega; e o que ao presente vivia, que se chamava Marcos, era homem que passava de cem annos. Usavam os Abexins por morte de seus Patriarcas mandar pedir outros a Jerusalem, que se elegiam por todos os Frades que havia na Casa Santa, de sua nação, mas sempre era cleito daquelles que seguem a Regra de Santo Antonio primeiro Ermitão, e havia de ser natural de Alexandria.

dria. Estes Patriarcas não tinham poderes  
 pera mais que pera dar Ordens, e crismar,  
 que os Bispados, e Beneficios só o Preste  
 João os podia prover. O Summo Pontifice  
 recebeo esta embaixada com grande alegria,  
 dizendo por sua veneravel, e santa boca  
 muitas palavras em louvor do Emperador  
 da Abassia, e lhe concedeo tudo o que lhe  
 mandou pedir; consagrando em Patriarca  
 de Ethiopia hum Religioso douto nas le-  
 tras Divinas, e na lingua Chaldea, e Gre-  
 ga, homem estrangeiro, e nunca achámos  
 quem nos dissesse de que nação era, inas  
 quanto a nós, havemos que era Armenio,  
 de que adiante trataremos com o favor  
 Divino.



# DECADA QUARTA.

## LIVRO II.

### Da Historia da India.

---

#### CAPITULO I.

*Da origem, e principio do Reyno, e Reys de Malaca; e do tempo em que receberam a lei de Mafamede; e do fundamento, e descripção da Ilha de Bintão.*

**A** GORA continuaremos com Pero Mafacarenhas, que deixámos fazendo-se prestes pera ir sobre Bintão. E primeiro que tratemos desta jornada, nos pareceo bem darmos razão do fundamento deste Reyno Malayo, e principio de seus Reys, por guardarmos a ordem que levamos nesta nossa Historia, que he mostrar o tempo em que todos os Reys Mouros, com quem contendemos, recebêram a Lei de Mafamede. Pelo que se ha de saber, que estes Malayos sempre se tiveram por mais honrados, que

que todos os vizinhos, pela divindade que tem attribuido a sua genitura, e principio de que fabulam patranhas, que não tem fundamento algum. Dizem que hum Rey, que era senhor de todo o Mundo, desejando de saber os segredos do mar, mandára fazer hum caixão de ferro com algumas vidraças, em que se fizera lançar no pégo desse mar Oceano, e que o Rey das aguas o recebêra muito bem, e lhe dera uma filha em casamento, de que houvera dous filhos; e indo a visitar seus Reynos, nunca mais tornára: a mãe faudosa do marido, mandára os filhos em busca delle, e os cavalgára em golfinhos, em que aportáram ambos na Ilha de Camatra na praia de Pleamba, a que corruptamente chamamos Palibão. Sendo estes moços (que eram muito perto de dez annos) vistos da gente da terra, vendo-os tão formosos, e tão ricamente ataviados, os leváram ao seu Rey, que os reconheo, e creou como filhos, e hum delles casou depois com huma filha d'El Rey de Japara, na costa da Jaoa, e outro com huma filha de huma senhora de Sincapura viuva, chamada Milãotania. E deixando as fabulas que contam nesta creação, e casamentos, a verdade he que o Rey de Pleamba teve dous filhos, que casou com estas duas mulheres. Este que succedeo no Reyno de Sincapura

Couto. Tom. I. P. I.

F

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

viveo muitos annos, e por sua morte succedeo hum chamado Rajal Sabu, que o primeiro que povoou Malaca, como go diremos. E assi João de Barros nas Decadas, como Affonso d'Albuquerque seus Commentarios, e Damião de Gois na Chronica d'ElRey D. Manoel, lhe chamam Xaque Darxa, porém este nome não he conhecido entre os naturaes, nem este de Xá, que propriamente quer dizer Rey, nem se usou entre estes Gentios senão depois que recebêram a lei de Mafamede; mas porque homens tão graves não haviam de escrever sem fundamento, querendo-os salvar a elles, a nós nos parece que teria por estes nomes: e que ElRey de Sincapura se chamaria Rajal Sabu: e que depois de o ser de Malaca, se intitulasse do outro de Xá. E tambem se póde cuidar nascer esta confusão dos escritores Malayos; porque depois que aprendêram as letras Arabigas, em que renováram suas escrituras, tratando de todos os Reys, assi Gentios, como Mouros, os no meariam com este titulo de Xá, sem fazerem differença dos Gentios, que antes de Mouros se chamavam Rajas; mas ainda havia algumas escrituras antigas ainda nomeam este por Rajal Sambu. Este, sendo de Bintão, tomou huma filha a hum Veador da fazenda, e a teve por manceba



alguns annos: e parece que depois tomando della alguns riuimes, a envergonhou publicamente, e a deitou fóra. O pai affrontado daquillo, como era pessoa principal, e de muita posse, carteu-se com alguns senhores da Costa da Jaoa, que vieram em seu favor com poderosas Armadas, e desembarcando em Sincapúra, não ousando o Rey aos esperar, fugio, e passou-se á Costa de Malaca pera hum lugar chamado Sencuder, junto de Ujantana, ficando o Reyno de Sincapúra, e Bintão em poder do vassallo, em cujos herdeiros andou muitos annos. Alli em Sencuder esteve o Rey degradado alguns tempos, dando-se bem com os da terra, e ordenando Armadas com que saltava aquelles estreitos. E tendo a informação daquella parte onde depois se fundou Malaca, que então era huma pobre povoação de pescadores, passando-se a ella, assentou alli sua vivenda, e começou a fundar huma nova Cidade. E porque soube que a terra era d'ElRey de Sião, lhe mandou pedir que lha quizesse dar com o titulo de Rey, que elle se lhe obrigaria á vassallagem: o que elle fez affinando-lhe os limites, que na segunda Decada de João de Barros se verão. A esta Cidade, que logo se começou a engrandecer, poz este Rey por nome Malaca, que em lingua propria quer dizer de-

*gredo*, porque foi ter a ella degradado, e  
 deitado fóra de seu antigo Reyno, e assi foi  
 crescendo em poucos annos, que se fez maior  
 que todos os vizinhos, assi em poder, co-  
 mo em riqueza, por acarretar áquelle por-  
 to todas as embarcações de todas as partes  
 do Oriente, com o que veio a engrossar,  
 e a ter huma certa superioridade sobre os  
 mais Reys vizinhos, como Emperador de  
 todos. Teve este Rey dous filhos, o herdei-  
 ro chamado Manoar, o outro Cacemo: e  
 depois do pai viver muitos annos, succedeo-  
 lhe o filho mais velho, que reccando-se do  
 Irmão, o degradou pera huma daquellas  
 Ilhas do mar, onde viveo pobrement. Rey-  
 nou Manoar alguns annos, e faleceo sem  
 filhos, pelo que os do Reyno foram bus-  
 car o Irmão, e o juráram por Rey. Em tem-  
 po deste foram ter a Malaca algumas na-  
 dos portos de Arabia, e veio hum anno nel-  
 las hum Cassiz pera ir prégar a Ley de Maha-  
 mede por aquellas partes. Este ficando alli com  
 ElRey, assi se lhe affeioou, e elle lhe re-  
 presentou a largueza de sua seita, que o con-  
 verteo a ella, e lhe mandou o nome, e lhe  
 poz o de Mahamede por honra do seu Pro-  
 feta, e lhe deo o titulo de Xá, chama-  
 do-lhe Xá Mahamede. Este foi o primeiro  
 Rey Mouro, que Malaca teve, o que suc-  
 cedeo mui perto aos annos do Senhor de

1384. em que começaremos a origem dos Reys Mouros. Viveo este muitos annos, e succedeo-lhe seu filho Mansor Xá, e a elle seu filho Malafar Xá, a este seu filho Alevidim, e a elle tambem seu filho Mahamede Xá, (que foi a quem Affonso d'Albuquerque tomou a Cidade de Malaca,) que se passou pera Muár, até que Antonio Correa o lançou do Pago, como na segunda Decada de João de Barros se conta, e dali se passou á Ilha de Bintão sessenta leguas ao nascente de Malaca, fóra do estreito de Sincapúra pegada a terra firme, da que a deve hum estreito rio que se vai metter no mar, e a cêrca toda á roda: ao longo deste rio hum pedaço de sua foz está situada a Cidade, que tambem se chama Bintão, e córta pelo meio a Equinoccial. Na parte onde está a Cidade se faz huma bahia, por que entra hum braço do rio, com hum canal que vai em muitas voltas, por onde entram os seus juncos, e embarcações. Neste canal mandou ElRey fazer huma estacada de mastos mui grossos, que tambem hia em caracol, como o canal, deixando hum tão estreito, que não podia nelle virar huma galé, e a Cidade mandou-a cercar de huma tranqueira de duas faces mui larga, e grossa, entulhada, com seus baluartes grandes, e formosos; e pera a banda que vai pera

a terra firme sobre o rio armou huma ponte até a outra banda pera serventia da Ilha, em que mandou fabricar dous fortissimos baluartes, hum na entrada da ponte da banda da Ilha, e outro na da terra firme. Nestes baluartes, e na fortificação da Cidade havia trezentas peças de artilheria de bronzo, de camellos até meios berços. Derredor da Cidade no lugar da cava havia tres ordens de estrepes postos em revés, huns pera defenderem a entrada, e outros a saída, todos muito crucis, e perigosos, por serem hervados nas pontas. Esta parte, em que está a povoação, he toda muito apaúlada, e alagadiça: e esta he a razão por que todas suas casas são edificadas sobre grandes esteios de páo, levantadas no ar, e a serventia he por pontes, só as casas d'El-Rey são fundadas sobre hum tezo; de sorte, que com este modo de fortificação, e impedimento de canal, ficava a Cidade muito pera se recear, e El-Rey nella muito seguro. Daqui lançava suas Armadas fóra, com que fazia muito grande guerra a Malaca, defendendo a navegação daquelles estreitos aos navios que hiam da Jaoa, e de outras partes carregados de fazendas, e mantimentos pera Malaca, com o que poz aquella Cidade muitas vezes em grandes trabalhos, e necessidades, principalmente em tempo

po do mesmo Pero Mascarenhas, de que elle estava muito escandalizado. E vendo agora que forçado havia de esperar a moução, que era em Dezembro, e que tinha alli a Armada de Francisco de Sá, que hia pera a Sunda, determinou de ver se podia tirar aquelle inimigo daquella Ilha, e castigallo como merecia. Pelo que todo o tempo, depois que arribou de Pulopuar até então, gastou em apercebimentos pera a jornada. Disto foi logo ElRey de Bintão avisado, e mandou pedir soccorro a ElRey de Pão, que era seu genro, e elle se preparou pera esperar Pero Mascarenhas, que sabia que lhe havia de dar muito trabalho pela experiencia que tinha de seu saber, e esforço.

## C A P I T U L O II.

*De como Pero Mascarenhas partio pera Bintão, e de como desbaratou huma Armada d'ElRey de Pão: e do grande trabalho que os nossos tiveram na entrada do rio.*

**E** Stando Pero Mascarenhas prestes pera a jornada, mandou fazer alardo da gente Portugueza, e Malaya, que havia de levar, e achou Portuguezes quinhentos e cincoenta, em que entravam os quatrocentos da Armada de Francisco de Sá, (posto que

Castanheda diz, que não levou mais de trezentos; mas no protesto que Pero Mascarenhas mandou á Cidade de Goa contra Lopo Vaz de Sampaio, como adiante se verá, diz que quando fora a Bintão, levára quinhentos e sincoenta Portuguezes, e naturaes seiscentos.) E embarcando-se, entrou a fortaleza a Jorge Cabral, e se fez á vela com dezenove embarcações, dous galeões, huma galé, quatro fustas, dous batéis grandes com mantas para baterem a Cidade, quatro lancharas, sinco calaluzes, e dous bargantins. O Governador hia na galé, Francisco de Sá em hum galeão, Aires da Cunha em huma fusta, Fernão Serrão em huma caravela, Antonio da Cunha, Duarte Coelho, Simão de Sousa Galvão, João Pacheco, e outros pelas mais embarcações. Dos Malayos hiam por Capitães dous Bandarras principaes chamados Sina Raja, e Tuão Mafamede. Com esta frota foi surgir de frente da barra de Bintão, e vendo o canal, e as estacadas, bem entendeu que lhe haviam de dar trabalho, e logo mandou sondar o canal da bahia por Duarte Coelho, que andou por todo elle com o prumo na mão, e notando o modo das estacadas, pareceo-lhe difficuloso entrar por alli a Armada, ao menos sem se arrancarem todas as estacadas; e voltando a Pero Mascarenhas, lho dif-

disse assi, e lhe deo informação de tudo o que víra, e da fortificação da Cidade, que reconheceo com muito risco, affirmando-lhe que querendo desembarcar na face da Cidade, (porque não havia outra desembarcação,) custaria a vida á mór parte de sua gente, assi pela muita artilheria que tinha, como por causa da fortaleza da Cidade, e da altura de seus muros. O Governador Pero Mascarenhas ouviu tudo, presentes os Capitães, com cujo parecer assentou que se commettesse a Ilha pela ponte, por onde se servia pera a terra firme, que não havia de estar tão fortalecida, e que se arrancasse a estacada pera a Armada poder entrar dentro. Com esta resolução commetteo aquelle negocio a Fernão Serrão, por ser pera todo o feito arriscado, e prefez-lhe sincoenta homens pera o ajudarem naquelle trabalho. Fernão Serrão fortaleceo o seu navio com grandes, e fortes arrombadas pera defensão da artilheria dos inimigos; e estando prestes, tomáram alguns navios de remo a caravela á toa, e a embocáram por meio do canal, e chegando á estacada lhe lançáram aos páos grossos viradores, e guardando-os aos cabrestantes, pondo todos nelles suas forças, foram arrancando huma, e huma com tanto trabalho, que lhes rebentou o sangue pelas bocas das forças que

nos peitos punham. Nisto gastou oito dias por serem as estacadas muitas, e se deterem em cada huma grande espaço, e chegou a caravela a surgir defronte da Cidade, donde o começaram a varejar com a artilheria soberbissimamente, e elle tambem lhe deo sua bateria, mas senão foram as arrombadas, sempre fora mettido no fundo. O dia que isto succedeo chegou á vista da Armada huma de trinta e tres lancharas, que era o soccorro d'ElRey de Pão, que mandava a seu sogro, em que hiam embarcados perto de dous mil homens. O Governador Pero Mascarenhas receando-se, que se elle entrasse os canaes, sahisse a Armada de Bintão de dentro, e estoutra pela banda de fóra, e que o tomassem no meio, por caso daquellas estreituras, e que lhe dessem muito trabalho; pelo que determinou de mandar commetter esta Armada em mar largo, e clegeo pera isso Duarte Coelho, a quem deo quatro lancharas, e sinco calaluzes, e elle na sua fusta. Duarte Coelho que era muito cavalleiro, tomando o remo em punho, foi demandar os inimigos, e chegando a tiro de berço, lhe deo sua salva de bombardadas, de que lhe desapparelliou algumas. Vendo os inimigos a determinação dos nossos, (posto que elles estavam muito de vantagem em número de embarcações,



e gente,) não ousando a esperar, voltáram voga arrancada. Duarte Coelho vendo-os ir em disbarato os foi seguindo ás bombardadas, de que lhe matou muita gente, e tanto apertáram com elles, que fizeram varar vinte e tres das lancharas em huma daquellas Ilhas, lançando-se logo a gente a terra, deixando as embarcações anhotas, que os nossos tomáram com todo o seu recheio, sem lhe custar golpe de espada; as outras dez lancharas, por ficarem mais a balravento foram seu caminho, que Duarte Coelho foi seguindo com a sua galeota, e porque era pejada do reino, mudou-se a hum balanco com sinco, ou seis companheiros, e apertando o remo as foi seguindo. Chegando a tiro de espingarda, vendo os inimigos aquella embarcação só, e tão alongada das outras, voltáram a ella. Duarte Coelho bem entendeu que tinha feito grande erro em seguir os inimigos só, podendo-se contentar com a vitoria que tinha havido, mas não deixou de ir por diante com tenção de pelejar com todos, porque antes queria morrer que voltar. Os Mouros vendo que todavia aquella embarcação hia por diante sem voltar, paráram. Duarte Coelho vendo que não remavam, tambem levou o remo, os inimigos tornáram apertar o seu, e elle fez o mesmo sempre com a proa nel-

les, elles todavia receando tornáram a parar, e Duarte Coelho fez o mesmo, fizeram esta querena por tres vezes, e como to era já perto da noite, foi-se ella serrando, e cubrindo o ar, com o que os inimigos se fizeram em outra volta, e Duarte Coelho se tornou pera a Armada, e ajuntando as embarcações dos Mouros se foi com ellas por poppa, e entrou em Bintão, onde foi muito festejado Pero Mascarenhas, e houve aquella vitoria por bom prognostico. E assi disse a todos, que pois Ihe Nosso Senhor começára a fazer mercês, que tivessem confiança, que tambem Ihe daria Bintão.

### CAPITULO III.

*De como os inimigos commettêram o navio de Fernão Serrão, e do risco em que se vio: e de como o Governador o soccorreo, e commetteo a Cidade de Bintão, e a tomou.*

**S**Urto Fernão Serrão no porto de Bintão: depois que (como dissemos) arrancou as estacas com hum trabalho, que só Portuguezes puderam aturar, vio-se em muito grande perigo, por ficar todo descuberto a bateria dos inimigos que de todas as partes o perseguiam, desparando no costado do

do seu navio aquella infernal multidão de pilouros de ferro coado, e de pedra, com que o esburacáram por muitas partes, começando por ellas a fazer tanta agua, que se hia ao fundo, e sem dúvida se perdêra senão fora o grande esforço, e diligencia com que Fernão Serrão acudio a tudo, repartindo os homens pelo trabalho, com que venciam todos aquelles riscos. E como tinha recado de Pero Mascarenhas que se fosse abarbar com a ponte, foi passando por todos estes perigos, em que gastou os mais medonhos, e espantosos quinze dias que se podem imaginar, porque em todos elles foi ás toas, e não andavam em cada hum mais, que a compridão de hum virador; e todo o tempo que se gastára em escrever os muitos, e grandes trabalhos, e perigos, que este Capitão passou, fora mui bem empregado; mas não temos palavras com que o encarecer, batta que elle fez tudo quanto hum valeroso, e esforçado Capitão pudera fazer até que abarbou a ponte com huma grande grita, e alvoroço dos seus, dando no baluarte que alli estava huma formosa salva de bombardadas, e espingardadas. El-Rey de Bintão ficou muito agastado daquelle negocio, affrontando, e deshonorando seus Capitães, que de corridos, e envergonhados não ousavam apparecer diante delle.

E ajuntando-se todos, tratáram de fazer dar o navio á costa: e pera isso buscáram muitos ardiz até lhe irem cortar as amarras de noite, e de margulho; mas foram sentidos pela grande vigia que os nossos tinham, e logo surgíram com outra amarra, mandando-a guarnecer, e forrar com cadeias de ferro. Ao outro dia que isto passou, mandou ElRey Alacximena seu Capitão mór do mar, que negociasse todos os navios que pudessem se, e fosse commetter a caravela: o que elle fez com perto de vinte lancharas, em que levava quinhentos homens, que elle pera isso escolheo; e remetteo com a caravela muito determinadamente, e a investio pela proa, e pela poppa, lançando-se logo dentro nella mais de duzentos Mouros. Fernão Serrão, que já estava preparado, os recebeu com grande animo, travando-se entre todos huma muito aspera batalha, e deixando a proa encomendada a homens de confiança, acudio á poppa por onde hiam entrando os inimigos, e com seu muito valor os deteve. As lancharas de fóra se puzeram ás bombardadas com a caravela, descarregando sobre ella effeas nuves de fréchas, de que o navio por todas as partes ficou empenado, e muitos dos nossos encravados. Os Mouros que entráram pela proa apertáram tanto com os nossos, que os leváram até o convés, onde se

se travou huma muito cruel batalha. Fernão Serrão que andava de poppa, tanto que vio alli o negocio tão arriscado, deixando naquelle lugar os companheiros, voltou só pera o convés, e como hum leão bravo se metteo entre os Mouros, fazendo nelles hum grande estrago, e com sua chegada se deriveram, porque hiam encurralando os nossos. O Governador Pero Mascarenhas, que vio o trabalho em que a caravela estava, não querendo arriscar as embarcações grandes pela muita artilheria que da fortaleza jugava em roda viva, pera defender que lhe não fosse soccorro, chamou Duarte Coelho, e disse-lhe que ambos haviam de ir soccorrer aquella caravela; e mettendo-se cada hum em seu balanco, com dez, ou doze homens cada hum, tomáram o remo em punho, e foram passando por aquella furia infernal das bombardadas até chegarem ao navio; e pondo as proas nas lancharas que estavam a bordo, as axoráram com muitas panellas de polvora, fazendo lançar ao mar os que nelas estavam, e subindo á caravela acháram Fernão Serrão cahido daquella hora no chão com mais de vinte feridas, e derredor del-le hum monte de mortos, e os Mouros mui accezos, e determinados, e remettendo a elles com aquelle impeto, e furor que a honra, e paixão lhes fazia levar, mettendo-se no

meio, fizeram nelles tal estrago, que em pou-  
 co espaço mettêram a mór parte delles á ci-  
 pada, e os outros, cortados tambem dellas,  
 e do medo, se lançáram ao mar; e o mes-  
 mo fizeram os da poppa, ficando a carave-  
 la despejada, e todos os nossos muito mal-  
 feridos. Pero Mascarenhas fez alevantar Fern-  
 ão Serrão, e recolhello pera a camara, e  
 o mandou curar perante si, e o mesmo fez  
 a todos os soldados, e querendo prover a  
 caravela, e deixar nella Duarte Coelho, e  
 levar Fernão Serrão pera a Armada, o não  
 consentio elle, dizendo a Pero Mascarenhas,  
 que em quanto elle fosse vivo defenderia a  
 sua caravela a todo o poder d'ElRey de  
 Bintão, ainda que fosse assi lançado naquella  
 cana, que as feridas logo farariam, e  
 que sobre ellas estava muito prestes pera re-  
 ceber outras de novo pelo serviço d'ElRey.  
 O Governador Pero Mascarenhas lhe agraa-  
 deceo muito aquillo, mandando embarcar  
 nos balancos os soldados mais perigosos,  
 porque os mais não quizeram largar o seu  
 navio, nem o seu Capitão; e deixando na  
 caravela alguns dos companheiros que levá-  
 ram, tornáram-se pera a Armada. Passada  
 esta vitoria, determinou o Governador Pero  
 Mascarenhas de commetter a Cidade pela  
 banda da terra firme, por onde estava assen-  
 tado em conselho; e pera fazer isto mais a  
 seu

seu salvo, fez mostras de querer commetter a Cidade pela face della, pera embaraçar os inimigos, pera o que mandou preparar alguns cestões, e pipas, que já levava feitos de Malaca, e encommendou a Sina Raja, que com os seus Malayos, e quarenta Portuguezes, que lhe daria, desembarcasse os cestões, e pipas na praia, e que logo as enchesse de terra, e assentassem alguns falcões, e começasse a bater a Cidade, porque pela manhã a queria commetter por alli com todo o poder; deitando esta fama, porque se pela ventura os Malayos tivessem algumas intelligencias com os de dentro, e avisassem a ElRey da parte por onde elle determinava de commetter, se descuidasse das outras. Sina Raja fez o que o Governador lhe mandou, e pojou em terra de noite pe- lo escuro, e logo armou as pipas, e cestões, e encheo tudo de terra, e assentou os falcões, tudo com muita pressa, e brevidade. Lac Ximena, que estava por Capitão naquella tranqueira, sentio a obra, e mandou avisar ElRey, e pedir-lhe mais gente, porque o queriam commetter por alli. Com este recado mandou ElRey tirar todos os Mouros que estavam repartidos pelas outras estancias, e os mandou passar pera aquella, pela confiança que nelles tinha. Foi na Cidade grande o alvoroço quando lhe disse-

Couto. Tom. I. P. I.

G N I R A N S A  
N A C I O N A L

ram que os Portuguezes queriam commetter por aquella parte, porque houveram que os tinham nas mãos, e que nenhum lhes escaparia. Pero Mascarenhas deo recado a Sina Raja, que tanto que no quarto d'alva visse fogo em alguma parte, fizesse que commettia a tranqueira com grandes estrondos, e alaridos, e deixando os navios em seu lugar (porque os da Cidade os não sentissem) embarcou-se com toda a gente em balancos, e batéis, e em muito silencio foi de embarcar na terra firme em parte que ficava huma legua da ponte, e dalli começou a marchar entrada do quarto d'alva, mettendo-se por huns caminhos apaulados, e todos de vasa, em que os nossos atolavam até as cintas, e além disso todos cheios de arvores bravas, em que liam marrar por ser muito escuro, e foi de feição, que estiveram perdidos, e se Deos os não favorecera, não era possivel corpos humanos poderiam soffrer aquelles trabalhos, porque liam todos taes, e tão envasados, e quebrantados, que não podiam consigo, e passando por todos estes perigos chegaram á ponte huma hora ante manhã com tamanho alvoroço como se fossem descançar, e não tivessem por passar outros maiores riscos, e trabalhos. E como a ponte da banda da terra firme não tinha guarnição, por senão te-



merem daquella parte , foram logo entrando por ella , dando o Governador a dianteira a Francisco de Sá , para quem se passaram alguns Fidalgos , e Cavalleiros desejos de honra , e chegaram aonde estava Ferrão Serrão , que já os esperava por estar avifado do negocio. E como estava abarbadado com a ponte , saltou em terra com todos os seus soldados , ainda que não são das feridas , e de envolta com os da dianteira foram commetter o baluarte da entrada da ponte , que era de madeira como difemos. Os que alli estavam de guarnição , como senão receavam daquella parte , dormiam descançadamente , e nuca sentiram cousa alguma. Os nossos commettêram o baluarte com muitas panellas de polvora , com que os inimigos despertáram em meiodas labaredas , e ardendo nellas largáram o baluarte , e acudíram a baixo ao postigo por onde a ponte se servia , onde já estavam Aires da Cunha , João Pacheco , e outros , que com fogo , e vaivens arrombáram as portas por onde entráram. E posto que acháram nos inimigos grande resistencia , todavia escandalizados do fogo , e do ferro , largáram tudo , e foram fugindo pera a Cidade , ficando o baluarte despejado , a que logo puzeram fogo , que ardeu com muita braveza. Sina Raja o nosso Capitão Malayo ,

que estava na praia, em vendo o fogo, começou a bater a Cidade, e com grandes gritas, e estrondos fez que commettia a entrada. Lac Ximena que estava sobre aviso, poz-se a esperar os nossos com grande alvoroço, porque havia que se satisfaria nella da quebra passada, de quando commetteo Fernão Serrão, de que sahio escalavrado, e corrido; e estando neste fervor, foram dar com elle os que fogiam da ponte, e lhe deram novas do que por lá hia, com o que elle ficou sobrefalteado, e o mesmo fez El-Rey tanto que o soube. Os nossos foram entrando a Cidade, indo-lhe pondo fogo em todas as casas, que eram de madeira, de que se elle apossou com sua braveza acostumada. Vendo El-Rey, que cuidava que tudo era mentira, ser tamanha verdade o que lhe disseram, não teve mais tempo que pensar se pôr em hum elefante, e fugir, sem levar mais que sua pessoa. Já neste tempo hia amanhecendo, e os nossos viam tudo muito bem, e hiam mais á sua vontade fazendo pela Cidade grandes estragos. Pero Mascarenhas que hia por huma parte, encontrou-se com hum Capitão chamado Laxa Raja, com perto de mil e quinhentos homens, e pondo o Governador o guião de Christo no meio, elle se poz diante dos seus com grande valor, e esforço pelejando, e animando-os, e tal

e tal estrago fez nos inimigos, que foi espanto. Aqui se assinaláram muito Alvaro de Brito, e Antonio de Brito, Simão de Sousa Galvão, Aires da Cunha, Francisco de Mello Pereira, João Pacheco, Francisco de Sá, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que todos este dia deram grandes provas de suas pessoas matando cada hum delles muitos Mouros. O Laxa Raja, que era grande Cavalleiro, teve sempre o rosto aos nossos, fazendo tambem grandes cavallerias, e quiz Deos que lhe dessem duas espingardadas com que se foi logo recolhendo, e os seus se puzeram em disbarato. Pero Mascarenhas lhe foi seguindo o alcance, em que os nossos soldados fizeram grandes cruezas: Francisco de Sá, Fernão Serrão, Duarte Coelho, e os mais que os seguiam, foram demandando os passos d'ElRey, e deram com Lac Ximena, que já sabia da fogida d'ElRey, e tambem hia recolhendo-se com huma grande companhia de Mouros, e remetendo os nossos a elles, traváram huma muito cruel batalha, em que houve grandes danos; mas como Lac Ximena pelejava com desconfiança; vendo o estrago que os nossos faziam, largou tudo, e foi-se recolhendo, ficando desta feita a Cidade em mãos dos nossos. Seria, já quando se acabou de arrematar a vitoria, meio dia, e foi huma



das maiores que na India se alcançou, porque na Cidade havia sete mil homens escollidos, e muitos Mouros, de que morreram quatrocentos a fóra muitos feridos, e dos nossos não morreram mais que dous, ou tres, e nenhum de nome. Havida a victoria, mandou o Governador saquear a Cidade, em que se acháram muitos, e ricos despojos, porque estava com todo seu recheio. Pelo muro, e baluarte se acháram trezentas peças de artilheria, que o Governador mandou recolher. Esta noite se agazalhou o Governador nas casas d'ElRey, mandando pôr Capitães nas portas que liam para o Sertão, e ao outro dia, e sinco, ou seis mais, que durou o sacco sempre se achou que recolher: e nelles chegou ElRey de Lirga, grande amigo dos Portuguezes, que vinha em seu soccorro, com dezoito lancharas, o que foi recebido muito bem do Governador, e mandou que com toda a sua gente, e alguns Portuguezes fosse correr a Ilha, e trabalhassem por haver aquelle Rey ás mãos, o que elle não aguardou, porque já se tinha passado a Viantava, onde fundou nova Cidade, e em que viveo pouco, porque logo faleceo, e lhe succedeo seu filho Alaudim, que he o que Castanheda, e Pedro Mapheo dizem ser este, que Pero Mascarenhas lançou fóra de Bintão, sendo na

na verdade seu pai, como nós o averiguámos com os Embaixadores de Jor, que á India vieram: Pela Ilha foram mortos muitos Malayos, e cativas duas mil almas; e não tendo alli mais que fazer, mandou o Governador pôr fogo a toda a Cidade, que ardeu tres dias. Aqui veio ter com Pero Mascarenhas o Senhor, que foi de Bintão, a quem aquelle Rey tomou aquella Ilha, e lhe pediu o restituísse nella, que elle queria ser vassallo de Portugal: O Governador lhe concedeo, e lhe passou carta de vassallagem, e de como lhe concedia aquella Ilha, com condição, que nunca mais elle, nem seus herdeiros fizessem alli fortaleza alguma, nem trariam Armadas no mar. Nestas cousas gastou o Governador perto de hum mez, e despedio dalli Francisco de Sá pera a Sunda, e elle se tornou pera Malaca a esperar a moução pera se ir pera a India.

## CAPITULO IV.

*Do alvoroço que havia na gente da India sobre o governo de Lopo Vaz de Sampaio: e de como se elle fez prestes pera ir buscar as galés dos Rumes.*

**T**Ornando a continuar com o Governador Lopo Vaz de Sampaio, que deixamos em Cochim, dando expediente a muitas cou-

fas, deram-lhe cartas de Goa, e de Chaul, em que lhe certificavam estarem em Camará as galés de Rumes com determinação de passarem a invernar a Dio, e dalli fazerem guerra a toda a India, e irem sobre Goa, e não se recolherem até deitarem fóra todos os Portuguezes. Com estas novas se malenconizou o Governador, e ajuntando os Capitães, e Fidalgos a conselho, foram os mais delles de parecer, que fosse elle pelear as galés á ponta de Dio, e que alli vitoria, porque as tomaria com a artilheria abatida, e destrocadas, e desbaratadas da viagem; e que se lhes dessem tempo para se reformarem, e ajuntarem com a Armada de Cambaya, sem dúvida nenhuma se fariam senhores da India. Com esta resolução se começou a fazer prestes, e despedio hum catúr muito ligeiro a Choromandel, dirigido a Ambrosio do Rego, que alli estava Feitor, a quem escreveo, e mandou grandes provisões, para mandar pregoar por toda aquella costa, em que mandava a todos os Portuguezes que por ella andavam, que tanto que aquella vissem se fossem logo para Cochim onde os esperava, para o acompanharem naquella jornada, sob pena de serem havidos por traidores, e alevantados, e se proceder contra elles, e contra suas famílias.

zendas, onde quer que fossem achadas, como elles; e que a todos os que pera elle viessem perdoava quaesquer culpas que tivessem, e aos sentenciados já, todos os degredos, e penas crimes, em que estavam condemnados. Desta Provisão zombáram todos, porque por aquella costa não estava havido por verdadeiro Governador. Os apparatus da Armada hiam crescendo a mór pressa, e o Governador Lopo Vaz andava todos os dias na ribeira dando ordem, e aviamento a tudo, e como não cessavam as murmurações de seu governo, e da successão que se abrio, havia muitos que publicamente diziam, que fingiam aquellas novas das galés, pera ter aquella occasião de as ir buscar por se affastar de Pero Mascarenhas, e não se encontrarem, por senão pôr com elle a direito, e que pera lhe ficar a elle melhor partido, queria levar toda a Armada que havia na India, em que consistia todo o poder della, porque não ficava algum outro a Pero Mascarenhas, e com isto diziam tambem publicamente que o não haviam de acompanhar, porque cada dia se esperava por Pero Mascarenhas. Tudo isto foi ás orelhas de Lopo Vaz, do que ficou muito enfadado, e de feito não queria a mór parte da gente receber soldo, nem embarcar-se, estando elle já de todo pera o fazer; e que-

rendo atalhar estas desordens, estando hum Domingo á Missa, em se levantando o Santissimo Sacramento, disse em alta voz: *Juro naquella Hostia consagrada, em que está o verdadeiro Corpo de nosso Senhor Jesus Christo, que nesta jornada não tive, nem tenho outra tenção, senão de ir buscar a Armada do Turco, e pelejar com ella, porque se assi o não fizer, far-se-hão elles senhores de toda a India; e por esta ser minha tenção, mando a todo o homem Portuguez, tirando os da obrigação desta fortaleza, que logo se embarquem comigo, e não o fazendo, saibam certo todos os que ficarem que os hei de castigar gravissimamente.* Feita esta diligencia, começou-se a embarcar, e o mesino fizeram todos, por haverem que era verdadeira a ida em busca dos Rumes, com quem todos desejavam de se verem ás mãos. Posto no mar deixou por regimento ao Veador da fazenda Affonso Mexia, que quando Pero Mascarenhas chegasse de Malaca áquelle porto, lhe mandasse notificar sua successão, pera que soubesse a mudança que El-Rey tinha feito, pera que não cuidasse que havia de desembarcar como Governador: e que se o quizesse fazer como Fidalgo particular, o deixasse, e quando não, que lhe defendesse a desembarcação ás lançadas. Com este regimento deixou huma carta pera Pero



Mascarenhas pera lha mandar á barra quando alli chegasse, em que o consolava da mudança que ElRey tinha feito nas succesões da governança, fazendo a elle segundo nas proximas, sendo primeiro nas passadas, fazendo-lhe cumprimentos largamente pera ver se com elles lhe podia tapar a boca. E dada á véla antes que Janeiro se acabasse, chegou a Cananor, aonde se vio com Dom Simão de Menezes, que alli estava por Capitão, e lhe deo o mesmo regimento sobre as cousas de Pero Mascarenhas, e deixou naquella costa por Capitão mór Jorge de Sousa com dez, ou doze navios de remo, dalli se fez á véla pera Goa, e em Baticulá achou Eitor da Silveira, que (como atrás dissemos) deixára de passar o estreito por conselho de Christovão de Sousa, pela certeza que havia das galés, e d'elle soube todas as novas, com que despedio hum catúr ligeiro a Chaul com cartas a Christovão de Sousa, em que o avisava de como hia esperar os Rumes, e lhe pedia, que lhe tivesse prestes todos os navios, e gente, que pudesse pera o acompanhar, porque senão detivesse alli. E indo na derrota de Goa, achou no caminho Fernão de Moraes em hum navio que vinha de Ormuz com cartas de Diogo de Mello, e d'ElRey, em que lhe faziam queixas muito grandes de Rax

Xarrafo, e lhe requeriam que o mandasse levar daquella fortaleza, porque em quanto nella estivesse, não deixaria de tentar alguma novidade, como já fizera em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira. Com isto ficou o Governador muito enfadado, porque eram cousas, que podiam dar muito trabalho ao Estado. Chegando a Goa aposemtou-se em S. Francisco, onde chamou a conselho todos os Capitães, Cidadões, Melhores, e Pilotos, e lhes propoz como os Rumes estavam na Ilha de Camarão, e que por alguns avisos que tivera sabia de certeza que haviam de invernar nella pera em Agosto passarem á India: e que sem embargo de estar assentado que os fosse esperar na ponta de Dio, a elle lhe parecia melhor illos buscar a Camarão, porque os tomaria em terra, e com as galés desemasteadas, e desguarnecidas, e que por nenhum caso poderiam escapar: que vissem todos o que lhes parecia daquelle negocio. Debatido entre todos, tornáram a concordar em os ir esperar á ponta de Dio, aonde forçado haviam de ir demandar, e que inda pera o fazer, era necessario esperar pelas náos do Reyno, que haviam de vir na entrada de Setembro, porque não havia na India Armada, nem gente bastante pera os ir alli esperar, quanto mais illos buscar a Camarão,

aonde forçado havia de chegar com a Armada dividida, e destrojada, e mais tendo exemplos de casa, dos defastres, e perdições que passáram Affonso d'Albuquerque, e Diogo Lopes de Sequeira quando entráram aquelle estreito, que quando elles estavam tão certos na paragem de Dio, pera que era cansar em os ir buscar tão longe? De tudo isto mandou o Governador fazer hum auto assinado por todos, e desistio da ida, mandando recolher a Armada pera dentro. Tanto que se isto vio, começaram a resuscitar as murmurações passadas, affirmando que sempre fora entendido serem aquellas cousas do Governador cumprimentos, e ficções pera se sahir de Cochim, por se não encontrar alli com Pero Mascarenhas, e tornáram a haver novos bandos, e ajuntamentos. O Governador despedio Manoel de Macedo em huma caravela pera ir a Ormuz com Provisões, e papeis pera prender Rax Xarrafo, e levallo pera Goa, dando-lhe por regimento que tornasse a invernar. E despedio Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar com sua Armada pera Cochim, dando-lhe por regimento que levasse grandes vigias em Pero Mascarenhas, e que encontrando-o lhe se fosse da parte d'ElRey, e da sua, que se fosse invernar a Cananor, ou em Cochim,

## 110 ASIA DE DIOGO DE COUTO

e que quando não quizesse senão passar a Goa, voltasse com elle até a barra, donde o não deixaria passar até lho fazer a saber, e deo-lhe huma carta pera lha dar, em que o consolava, e lhe dizia, que quizesse tornar por Capitão de Malaca, que lhe accrescentaria os ordenados, e faria muitas mercês. Isto tratava o Governador, porque lhe não vinha bem entrar Pero Mascarenhas em Goa, porque sabia mui bem a justiça que contra elle tinha, e como toda a gente era amiga de novidades, causaria hum grande alvoroço, e o fariam pôr com elle a direito, cousa que lhe não vinha bem.

### CAPITULO V.

*Do que aconteceu a Pero Mascarenhas até chegar a Cochim: e de como Affonso Mexia lhe defendeo a desembarcação: e do que passou em Cananor, e de como se partio em hum catiúr pera Goa.*

**C**Hegado Pero Mascarenhas a Malaca, proveo em muitas cousas daquella fortaleza, e como entrou o mez de Dezembro, negociou os navios que havia de levar pera Goa, e mandou embarcar a fazenda que havia d'ElRey, e de vinte do mez por diante se fez á véla pera Goa com tres galeões carregados de drogas; e fazendo sua viagem,

DECADA IV. LIV. II. CAP. V. III

gem, prosperamente chegou a Coullão, onde foi recebido do Feitor, e Alcaide mór como seu Governador: posto que tinha regimento de Lopo Vaz de Sampaio em contrario, e d'elle soube todas as cousas que eram passadas sobre as successões, do que ficou affás apaixonado; e tomando alli conselho sobre o que faria, lhe disse hum Simão Caeiro, que elle fizera Ouvidor geral, que se fosse logo a Cochim, e castigasse rijamente o Veador da fazenda, porque abriu a successão; e que posto que já estava aberta, elle não prejudicava a seu direito, porque a primeira era o verdadeiro Governador da India. Com isto partio Pero Mascarenhas, e surgio na barra de Cochim o derradeiro de Fevereiro, hum sabbado á tarde. O Veador da fazenda, que trazia suas vigias, sabendo de sua chegada, mandou logo dous Juizes, e em sua companhia Duarte Teixeira Thesoureiro das mercadorias d'ElRey, e Manoel Lobato seu Escrivão, pera que fossem á não de Pero Mascarenhas a lhe notificar a nova successão de Lopo Vaz de Sampaio, e o traslado do regimento que lhe deixára, e que lhe requeressem da parte d'ElRey, que obedecesse ao dito Lopo Vaz de Sampaio, pois era Governador da India. Entrados estes homens no galção, fizeram suas notificações a Pero Masc-

renhas, do que se elle apaixonou, e disse, que a successão que se abríra era falsa, e que não estava affinada por ElRey D. João, e que elle estava de posse da governança, como se via por hum auto que elle mesmo Affonso Mexia lhe mandára a Malaca; e porque o seu Ouvidor geral lhe disse que não dissimulasse com aquellas cousas, que eram caso de traição, mandou logo Pero Mascarenhas fazer hum auto, em que orde os Juizes por suspensos, e presos os mandou pera suas casas, e a Duarte Teixeira, e Manoel Lobato mandou logo lançar grilhões, e os deixou ficar presos no galeão. Sabido isto pelo Veador da fazenda, mandou-lhe requerer, que lhe soltasse o Thesoureiro, e Escrivão das mercadorias, porque se poderia perder a fazenda d'ElRey, que estava em seu poder; mandando-lhe requerer de novo, que obedecesse a Lopo Vaz de Sampaio como a Governador, e que se fosse pera Goa onde o acharia, e requereria sua justiça. A isto respondeo Pero Mascarenhas; que ao outro dia lhe daria a resposta em terra. O Veador da fazenda temendo-se que elle desembarcasse de noite, e que se mettesse na Cidade, repicando o sino ajuntou todos os casados, e armando-se foram vigiar a praia, como se nella houvessem desembarcar os Rumes, que estavam em Ca-

marão, mandando o Veador da fazenda por vezes requerimentos a Pero Mascarenhas, que não desembarcasse, affirmando-lhe no derradeiro, que lhe havia de defender por armas a desembarcação, porque assi lho mandava o Governador da India. O Governador Pero Mascarenhas esteve pera passar a Goa, mas os seus lhe aconselháram que em nenhum modo deixasse de desembarcar, com côr de dizer que hia ouvir Missa a terra por fer Domingo; porque tanto que puzesse os pés em terra, como era legitimo Governador, forçado lhe haviam de acudir todos os do povo, e que então poderia prender Affonso Mexia, e castigallo conforme a suas culpas. Com isto desembarcou ao outro dia pela manhã nos batéis das suas náos, não consentindo que algum dos seus levasse armas, levando Ouvidor geral, e Meirinho com suas varas. Chegando á praia, onde o Veador da fazenda andava em hum formoso cavallo acubertado, armado em coura de laminas, de lança, e adarga, e vendo chegar os batéis, mandou que ferissem a todos os que nelles vinham, e que os matassem, se quizessem desembarcar, e assi arremettêram todos as embarcações, sem darem pelos braços que lhes Pero Mascarenhas dava, requerendo-lhes da parte de Deos, e d'ElRey

Couto. Tom. I. P. I.

H N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

que estivessem quedos, porque elles vinham pacificamente como Christãos a ouvir Missa. Affonso Mexia dando-lhe pouco de tudo, mandava que os lanceassem, como começaram a fazer, sem os da parte de Pero Mascarenhas terem com que se defender. Todos os naturaes da terra acudiram á praia, e vendo fazer aquillo a hum homem, que havia com nome de Governador, estavam pasmados de cousa tão feia. Pero Mascarenhas primeiro que se pudesse recolher foi mui bem espancado, e ferido em hum braço, aquelle a que tanto número de inimigos em Birtão não pudera fazer nojo, virem os amigos em sua propria Cidade desembarcando pacificamente ao affrontarem, e maltratarem; cousa foi nunca imaginada de Portuguezes; e menos castigada de todas as que vimos, sendo ella dina de hum exemplar castigo; porque quando nesta nossa historia se lesse hum caso tão abominavel, se achasse logo junto d'elle a justiça, pera que visse o Mundo quão inteiramente os Reys de Portugal a guardam com todos, e que assi como farão bem remunerar serviços, assi tem por obrigação castigar culpas, e delictos. Em fim os da companhia de Pero Mascarenhas se afastáram pera fóra, e se tornáram pera nós bem moidos, e escalavrados, sahindo ferido de huma chuffada roim Jorge Mascarenha.



carenhas sobrinho de Pero Mascarenhas. E  
 sendo nas náos, mandou o Governador Pe-  
 ro Mascarenhas fazer hum auto pelo Ouvi-  
 dor geral daquella resistencia, mandando  
 apregoar pela Armada ao Veador da fazen-  
 da, e moradores de Cochim por traidores,  
 e alevantados contra a Coroa Real. Affonso  
 Mexia despedio logo hum catúr ligeiro pe-  
 ra Goa com cartas pera o Governador Lo-  
 po Vaz de tudo o succedido, em que foi  
 Aires da Cunha, que tambem levou cartas  
 de Pero Mascarenhas pera elle, e pera to-  
 dos os Fidalgos, em que lhes dava conta  
 do que lhe Affonso Mexia fizera, pedindo  
 aos Fidalgos todos, que determinassem qual  
 era o verdadeiro Governador, porque elle  
 não queria senão justiça. Affonso Mexia man-  
 dou requerer ao Governador Pero Mascare-  
 nhas, que lhe mandasse entregar os galeões  
 d'ElRey com toda sua fazenda pera se ven-  
 der, e se quizesse ir pera Goa, lhe daria  
 huma caravela: disto foi contente Pero Mas-  
 carenhas, porque depois que se lhe passou  
 aquelle grande accidente de paixão, deter-  
 minou de levar o negocio por termos de  
 paciencia, por imitar Affonso d'Alboquer-  
 que nas cousas que lhe succedêram com o  
 Viso-Rey D. Francisco de Almeida. O Ve-  
 ador da fazenda mandou a caravela a Pero  
 Mascarenhas, á que se passou, e recolheo

comfigo os que quizeram, os mais se foram  
 pera terra, e entre elles foi Jorge Mascaren-  
 has, porque estava mal, a quem o Veador  
 da fazenda mandou logo levar prezo a Coe-  
 lão, e assi prendeo em ferros todos os mais  
 que se desembarcáram. Pero Mascarenhas le  
 fez á véla, com determinação de ir a Co-  
 nanor esperar resposta de suas cartas; e por-  
 que D. Simão de Menezes era seu amigo, e por  
 onde podia ser achasse melhor gazalhado  
 que em Cochim, e surgindo naquella bar-  
 ra, mandou recado a D. Simão de sua che-  
 gada, que lhe mandou dizer, que lhe pe-  
 zava muito de sua vinda ser em tempo, em  
 que lhe não podia fazer serviço algum, co-  
 mo seu servidor que era, porque tinha or-  
 dem do Governador Lopo Vaz de Sampaio,  
 em que lhe mandava, que se fosse ter áque-  
 la fortaleza, e nella quizesse desembarcar  
 como Fidalgo particular, tão honrado, e  
 de tanto merecimento, que o recebesse con-  
 forme a sua pessoa; mas que se o quizesse  
 fazer com nome de Governador, que lhe  
 não consentisse, e elle pela que devia a sua  
 lealdade, não podia fazer outra cousa, por  
 que Lopo Vaz estava havido por Governador  
 da India, e estava em lugar d'El Rey.  
 Pero Mascarenhas lhe mandou dizer que fa-  
 zia naquillo muito bem, que não queria del-  
 le mais que hum catúr pera ir nelle para  
 Goa,

Goa, por ir ainda mais razo, e com menos suspeitas de querer alguma cousa por força, senão por justiça, o que lhe D. Simão louvou muito, e lhe mandou hum catúr muito bem negociado, em que não levou mais que Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas, e dous pagens que o servissem, e assi se partio pera Goa, parecendo-lhe, que os Fidalgos, e Capitães da India, quando Lopo Vaz se não quizesse pôr em justiça com elle, lho fariam fazer, porque havia que tanto que Lopo Vaz se puzesse com elle a direito, pelo muito que tinha, não podia deixar de haver sentença contra elle.

## CAPITULO VI.

*Do que fez Lopo Vaz de Sampaio tanto que teve novas de Pero Mascarenhas: e de como o mandou esperar na barra, e o prendêram em ferros, e o leváram a Cananor.*

**A** Ires da Cunha, que atrás dissemos, que partio de Cochim com as cartas pera Lopo Vaz de Sampaio, deo-se tanta pressa, que chegou a Goa a quatro dias de Março, e desembarcando, deo ao Governador as cartas, e papeis que Affonso Mexia lhe mandava, em que lhe dava conta de tudo o que era passado com Pero Mas-

carenhas, com o que se houve por seguro  
 na governança. E dando conta do caso a  
 Eitor da Silveira, a Pero de Faria, e a ou-  
 tros Fidalgos seus amigos, lhe aconselha-  
 ram que em nenhum caso consentisse vir Pe-  
 ro Mascarenhas a Goa; porque segundo a  
 gente andava alterada das cousas passadas,  
 e haviam que Pero Mascarenhas era o ver-  
 dadeiro Governador, lhe acudiriam todos,  
 e se levantariam contra elle. Pareceo-lhe ao  
 Governador Lopo Vaz de Sampaio muito  
 bem isto, e logo escreveu a Antonio de  
 Miranda, Capitão mór do mar, que pelos  
 grandes inconvenientes que havia ao servi-  
 ço d'ElRey vir Pero Mascarenhas a Goa,  
 que o esperasse no caminho, e o fizesse tor-  
 nar pera Cananor, donde não sahiria sem  
 seu mandado; e não lhe querendo obede-  
 cer, o prenderia, e levaria em ferros, e o  
 entregaria a D. Simão, de quem cobraria  
 conhecimento de sua entrega; e que se elle  
 se quizesse defender, o mettesse no fundo,  
 fazendo-lhe primeiro todos os protestos, e  
 requerimentos necessarios, com o que tor-  
 nou a mandar o mesmo Aires da Cunha,  
 por quem respondeo a Pero Mascarenhas por  
 huma carta, cujo theor he o seguinte: *Se-  
 nhor, pela carta do Veador da fazenda,  
 e pela vossa soube o que vos aconteceu em  
 Cochim, de que vós, Senhor, tendes toda  
 a cul-*

a culpa, pois não quizestes obedecer aos meus regimentos, que vos Affonso Mexia mandou notificar, pelo que não tenho razão de o castigar, do que me muito peza; e quanto, Senhor, a vos virdes ver comigo, todos os Fidalgos que estão nesta Cidade são de parecer o não consinta, por me haverem por verdadeiro Governador, e não terdes justiça pera sobre esta materia serdes ouvido; pelo que não servia vossa vinda de mais, que de dar torvação a se fazer o que he necessario pera o recebimento dos Rumes que esperamos, de que ha novas muito certas: pelo que vos requeiro da parte d'El-Rey Nosso Senhor, e da minha vos peço muito vos queirais quietar, e recolher pera a fortaleza de Cananor, como o Capitão mór do mar vos dirá, e dahi podeis mandar requerer o que quizerdes. De Goa hoje vinte e sete. E a Aires da Cunha, que levou estas cartas, deo a Feitoria, e Alcaidaria mór de Coulão, mandando prender Henrique Figueira, que nella estava por El-Rey, porque contra fórmula de seu regimento agazalhou Pero Mascarenhas. Aires da Cunha deo estas cartas ao Capitão mór, que se defencontrou com Pero Mascarenhas. Tanto que em Goa soou a sua vinda, começou-se a alvoroçar toda a Cidade, e diziam que elle era o verdadeiro Governador, e que co-

mo a esse lhe haviam todos de obedecer, sobre o que houve uniões, e desconcertos; e por se recear Lopo Vaz que com sua chegada a Goa houvesse grandes desaventuras, e que fosse elle deposto da governança, que quiz atalhar com mandar Simão de Mello seu sobrinho, e Antonio da Silveira, que havia de ser seu genro, com grande Armada de fustas pera tomarem ambas as barras de Goa, e chegando Pero Mascarenhas, o prendessem, e o levasse Simão de Mello a Cananor, e isto fez por lho aconselharem os Fidalgos de sua parcialidade, de que o principal era Eitor da Silveira, a quem elle quiz encommendar esta execução, de que se elle escusou, porque lhe seria mui tachado. Esta diligencia escandalizou mais a todos, que tudo o passado; e diziam publicamente, que Lopo Vaz trabalhava por Pero Mascarenhas não vir a Goa pela muita justiça que tinha, e que o mandava esperar com tamanha Armada, como se foram buscar os Rumes. Isto, e outras cousas lhe haviam de noite em magotes dizer de baixo da sua janella, onde o elle ouvisse. Hum Domingo estando o Governador em S. Francisco á Missa com os mais dos Capitães, Fidalgos, Cavalleiros, e Povo, prégou o Guardião, que era homem letrado, e no cabo da prégação leo em alta voz a successão, por-

onde Lopo Vaz de Sampaio era Governador, e logo provou com muitas razões, que estava legitimamente no cargo, e que toda a pessoa que dizia que elle tomava por força a governança a Pero Mascarenhas, não só lhe alevantava falso testemunho, mas commettia traição contra ElRey, eoufa muito estranhada entre os Portuguezes, que na fidelidade eram estremados sobre todas as outras nações do Mundo: o que elle se não envergonhava de dizer, sendo Castelhana, porque era fallar verdade; e que haviam de cuidar os que duvidavam da justiça de Lopo Vaz de Sampaio, que havia elle de fallar naquella materia desinteressado, pois nem com hum, nem com outro tinha razão alguma. E que se naquelle negocio não fallava toda a verdade que entendia, que alli aonde elle estava o confundisse Nosso Senhor. Que requeria da parte do Santo Padre ao Vigairo Geral, que alli estava presente, que logo passasse carta de excommu-nhão contra todos os que dissessem que o Governador Lopo Vaz de Sampaio não era legitimamente Governador; e que cada pessoa que fosse comprehendida, pagasse dez marcos de prata pera a Sé, e que não pudessem ser absolutos senão pelo Bispo do Funchal, de baixo de cuja jurdição estava toda a India. E que tambem requeria ao Ouvia-

dor geral, e a todos os Fidalgos, que o lhassem por huma cousa tão importante ao serviço de Deos, e d'ElRey, e que fossem todos, que as guardas que estavam nas barras não era por se o Governador temer de Pero Mascarenhas, senão por evitar alvoroços, e com isto acabou sua arenga. Logo Pero de Faria Capitão da Cidade, pediu a successão ao Padre Prêgador, e a beijou, e poz na cabeça, dizendo que elle a obedecia; e perguntando a todos os Fidalgos que presentes estavam, se faziam outro tanto, disseram que sim, do que logo mandou o Governador fazer hum auto, em que se todos assináram para se aproveitar d'elle quando fosse necessario. Só D. Vasco de Lima, e Jorge de Lima não quizeram assinar nelle, pelo que os mandou o Governador prender em suas casas. E este auto mandou o Governador assinar pelos Capitães que estavam nas barras, que eram Antonio da Silveira, Simão de Mello, Jorge de Noronha, Jorge de Mello, Dom João Lobo, D. Henrique Deça, João Pereira, Francisco Correa, Antonio Caldeira, Gomes do Souto-maior, Lopo Correa, Francisco de Brito, Paio Rodrigues de Araujo, Garcia de Mello, Antonio Mendes de Vasconcellos, Nuno Pereira, Francisco Ferreira, Gaspar da Silva, Fernão de Moraes, Fer-



Fernão Rodrigues Barbas, e o mesmo assignou Antonio de Miranda Capitão mór do mar, que a este tempo chegou á barra. Pedro Mascarenhas vindo seu caminho topou com Gonçalo Gomes de Azevedo, homem Fidalgo, de que soube a Armada que o esperava pera o prenderem; e como elle hia posto a soffrer tudo o que lhe fizessem, e não tratar mais que de requerer sua justiça, não lhe deo cousa alguma, antes passou adiante seu caminho. Chegando á barra de Goa aos dezeseis de Março, lhe sahiram os navios postos em armas, como se foram esperar Rax Soleimão Capitão mór das galés dos Turcos, e chegado Antonio da Silveira a elle, o fez amainar, e lhe notificou o mandado do Governador, pedindo-lhe lhe dêsse a menagem, e que de baixo della se fosse metter prezo em Cananor, donde não sahiria sem mandado do Governador Lopo Vaz de Sampaio; ao que elle respondeo, que elle era Governador por Provisão d'El-Rey, e que Lopo Vaz lhe fazia força, e estava alevantado com o estado da India, que elle vinha pacificamente naquelle carúr com sós dous pagens a requerer sua justiça, se ativesse, e quando não, que não tinha que fallar; e que vir pedir justiça não era culpa pera prizão, nem se podia recear de hum homem que tão só hia. Antonio da Sil-

veira vendo que não queria dar a menagem, o prendeo, e lhe mandou logo lançar huns grillhões como malfeitor. (Cousa vergonhosa certo tratarem tão mal hum tão bom valfallo d'ElRey de Portugal, e de tantos serviços, e merecimentos, vindo a pedir justiça em cousa que tão claramente a tinha; e se Lopo Vaz de Sampaio logo se puzera a direito com elle, como depois fez, não chegariam as cousas a tantas affrontas, nem a tantos riscos, como adiante se verá; porque Pero Mascarenhas não queria mais se não que se julgasse seu caso, e não tendo justiça ir-se pera Portugal a pedir satisfação de seus serviços; mas não o queriam ouvir nesta materia, porque não quiz Lopo Vaz de Sampaio fazer duvidoso o que tinha nas mãos.) Prezo Pero Mascarenhas, foi logo entregue a Simão de Mello pera o levar a Cananor. Simão Caciros, e Lançarote de Seixas, que com elle vinham, foram levados ao tronco de Goa, e carregados de ferros. Simão de Mello chegou a Cananor, e entregou Pero Mascarenhas a D. Simão de Menezes, de cuja entrega se fez hum auto, em que se assináram todos, e tornou a voltar pera Goa, onde deo conta ao Governador do que passava. Com isto se houve por quieto, e por seguro, e os homens se aslocegaráram com o medo do castigo.

## CAPITULO VII.

*Do que Christovão de Sousa Capitão de Chaul escreveu a Lopo Vaz de Sampaio sobre as cousas de Pero Mascarenhas: e de como chegou a Goa prezo Rax Xarrafo Guazil de Ormuz: e dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampaio.*

**C**Hristovão de Sousa Capitão de Chaul soube o modo de como Lopo Vaz de Sampaio queria proceder com Pero Mascarenhas, e de como o mandava esperar na barra pera o prenderem, e das uniões que em Goa havia entre os Fidalgos sobre esta materia, o que tudo estranhou muito, e o praticou com os Vereadores de Chaul, que lhe differam, que elle, como era pessoa tão principal na India, estava obrigado acudir áquellas cousas pelo perigo que corriam em tempo que havia novas de Rumes, pelo que escreveu logo huma carta ao Governador Lopo Vaz de Sampaio, e a mandou a Francisco de Sousa Tavares seu sobrinho pera que lha dèsse, que chegou poucos dias depois da prizão de Pero Mascarenhas, e Francisco de Sousa Tavares a deo ao Governador, que a abriu, e vio que dizia assi: *Senhor. Muito espantado estou esperando-se ca-*

da dia por Rumés, que ficam em Camarão com huma grossa Armada, e tamanho poder, e o nosso tão pouco, querello V. S. ainda diminuir com o dividir em duas partes, e dar occasião a bandos, que em todas as partes do Mundo he a mais abominavel cousa que pôde ser, quanto mais na India, e neste tempo. E se lbe parece que a governança he sua, porque se não porá em justiça com Pero Mascarenhas, e não tratar de por armas se sustentar no lugar, e posses em que está: pelo que deve V. S. de querer que se dê o seu a seu dono, e que quem tiver direito fique por Governador. De mim lbe affirmo, que tanto me dá que o seja hum, como outro, só pretendo ver na India quietação, e paz entre os Fidalgos: pelo que lbe requeiro da parte d'ElRey que se ponha em direito com Pero Mascarenhas, porque lbe certifico que não hei de obedecer senão a quem se puzer em direito. De Chaul a dez de Março de mil quinhentos e vinte sete. O Governador com esta carta achou-se muito falteado pela qualidade, e partes de Christovão de Sousa, por ser a principal pezoa da India, a quem haviam de acudir os mais dos Fidalgos, e gente della, se se largasse á parte de Pero Mascarenhas, o que estava certo fazer, como se declarava na carta, quando visse que elle usava de força, e não

não de justiça. Esta carta encubrio, e não  
 mostrou senão a alguns Fidalgos muito ami-  
 gos, que ficáram com ella abalados; e ha-  
 vendo sobre isso conselho, assentou-se, que  
 escrevesse o Governador a Christovão de Sou-  
 sa, e lhe notificasse a prizão de Pero Mascarenhas, e como se fizera por consentimen-  
 to de todos os Fidalgos, sem estrondo, nem  
 divisão alguma. E assi lho escreveo por hu-  
 ma carta, dando-lhe conta do que passava,  
 pedindo, que pois o negocio estava quieto,  
 e elle de todos era havido por Governador,  
 que o quizesse elle conhecer por esse, e que  
 escrevesse huma carta a Pero Mascarenhas,  
 em que lhe fizesse a saber como havia sua  
 prizão por boa, e lhe aconselhasse, que de-  
 sistisse de pretender a governança, pois nel-  
 la não tinha justiça. Esta carta se deo a Chri-  
 stovão de Sousa, que como não pretendia  
 neste caso mais que a quietação, e socego  
 entre os Fidalgos, folgou da cousa se fazer  
 tão pacificamente, não deixando de lhe pa-  
 recer em si mal a prizão de Pero Mascare-  
 nhas; mas callou-se pelo que convinha ao  
 estado da India: que posto que a Pero Mas-  
 carenhas lhe tomassem o que era seu, con-  
 vinha fazerem-lhe entender outra cousa, pe-  
 ra que se quietasse, e ElRey lhe satisfaria  
 depois sua honra. E logo despedio o mes-  
 mo mensageiro ao Governador, que era hum

Parseo, com huma carta pera elle, e outra  
 pera Pero Mascarenhas aberta. O Parseo tor-  
 mou o caminho apressado, e em poucos dias  
 chegou a Goa, e deo as cartas ao Gover-  
 nador, que abrindo a sua vio que dizia:  
*Senhor. Por este Parseo tive huma carta*  
*de V. S. em que largamente me dá conta*  
*do negocio dantre elle, e Pero Mascarenhas:*  
*muito folgára de o saber primeiro, porque*  
*dera antes meu parecer sem affeição, como*  
*V. S. deve crer, e esperar. E quanto ao*  
*que diz, que todos obedeciam á sua Provi-*  
*são, eu tambem lhe obedeco; e sei certo que*  
*he Governador da India por Provisão d'El-*  
*Rey Nosso Senhor por morte do Governador*  
*D. Henrique de Menezes, que Deos*  
*perdoe. E quanto ao que he passado sobre*  
*este caso, me pareceo escusado meu parecer:*  
*por ter esse negocio já fim (seja Deos lou-*  
*vado!) tanto sem alvoroço, e divisão, o*  
*que sempre pedi a Nosso Senhor, e estava*  
*assás confiado se faria bem pelo V. S. ter*  
*entre mãos; e pois está feito tanto em con-*  
*cordia, e paz, não fallo nisso. A carta pe-*  
*ra Pero Mascarenhas vai aberta pera, si*  
*lhe parecer bem, mandar-lha, e senão já*  
*ça o que quizer. Beijo as mãos de V. S.*  
*De Chaulhoje vinte e cinco de Março. Li-*  
*da a carta, o fez tambem á de Pero Mas-*  
*carenhas, cujo theor he o seguinte: Senhor.*  
*Fui*

Fui informado do senhor Lopo Vaz de Sampaio de todo o caso dantre vós, e elle, e assi vi suas Provisões, e os pareceres desses senhores, que se acháram em Cochim, e certo que tudo foi feito por seu estilo: e como estas cousas estem em pontos de Direito, que muito bem sabem alguns dos que estavam presentes, não vos deve de parecer, senão que se fez justiça, e que os Frades, nem esses senhores vo-la haviam de querer tomar, por quanto huns por seu habito, e outros por sua fidalguia tinham obrigação haver tudo sem suspeita como viram. E certo a meu ver, a vontade de S. A. era sello elle por falecimento de D. Henrique. Eu não fui informado senão a tempo que tudo estava feito, por isso foi escusado meu parecer: e pois tudo está pacifico, havei vossa prizão em paciencia, porque foi necessaria: assi pelo que vos cumpre, como por evitar algumas suspeitas de homens que desejam divisões, o que pera o tempo em que estamos fora danoso, que muito melhor fora serdes ambos mortos. Quiz-vos, Senhor, escrever esta, posto que de vós não tenha recebido nenhuma depois de vossa vinda, pera nella vos pedir por mercê, (como acima digo,) hajais paciencia com vossas cousas, e queirais fazer este serviço a S. A. de vos não lembrades agora de

vossa honra por não vingardes vossa prizão, cousa tão contraria a seu serviço, e certo que reccbais delle por isso assinalada mercê: e não demovam vossò conselho algumas cartas de Fidalgos da India, porque quem o contrario aconselhar, não he vossò amigo, e não deseja de vossas cousas serem feitas conforme a vossa honra como eu. Veja, Senhor, o que de mim manda nesta terra, sallo-hei, não tocando nestes negocios, (por já terem fim) como seu servidor, e amigo que sou de muitos dias. Beijo, Senhor, vossas mãos. De Chaul, &c. E assi escreveo a D. Simão de Menezes, e a outros Fidalgos, e cousa que o Governador estimou muito, e ficou desaliviado, parecendo-lhe que tinha Christovão de Sousa da sua parte. Esta carta despedio logo o Governador a Pero Mascarenhas, que tanto que a vio ficou satisfeito, porque entendeo della, que não havia Christovão de Sousa sua prizão por boa senão por pacificação da India, e não por que não tivesse justiça, e ficáram-lhe grandes esperanças de elle ainda obrigar a Lopez Vaz, a se pôr com elle a direito, e de D. Simão que o soltaria, porque tinha entendido delle, que como entrasse o inverno lhe tiraria os ferros. Tudo isto lhe deo ordem para mandar a Goa hum Diniz Camelo Tabellião público de Cananot com hum



requerimento a Lopo Vaz, que se embarcou no mesmo navio que levou a carta. E chegando a Goa, citando o Governador ouvindo partes, lhe deo o Diniz Camelo o protesto, e abrindo-o, o foi lendo, e vio que dizia assi: *Protesto, que vós Diniz Camelo haveis de fazer ao senhor Lopo Vaz de Sampaio, em que lhe requerereis da parte d'ElRey Nosso Senhor, que neste negocio se ponha comigo em justiça, e não queira levar ao cabo a força que faz em me tomar a governança da India, que me ElRey deo por meus merecimentos; e não o querendo fazer, protesto por todas as perdas, e damnos, que disse receber. E lhe requerereis que solte Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas pera requererem minha justiça, porque estão prezos sem culpa, e me passareis deste protesto huma certidão com sua resposta, ou sem ella, pera poder requerer por ella minha justiça no Reino.* O Governador em lendo o protesto, o rompeo logo, e Diniz Camelo ou por palavras que lhe alli disse o Governador, ou porque o avisáram, desappareceo de Goa, e se tornou pera Cananor, sem esperar resposta. O que sabido por Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas, passando poucos dias logo o Governador por defronte da porta do tronco, de cima a grandes brados lhe requereram

da parte d'ElRey que fizesse justiça a Pero Mascarenhas, e que os mandasse soltar para a requererem por elle. Disto ficou o Governador tão agastado, que os mandou de novo carregar de ferros, e defendeo com graves penas, que nenhuma pessoa mais sobre este caso de Pero Mascarenhas lhe fizesse nenhum requerimento, senão o Secretario, porque elle lhe responderia. E mandou lançar pregão, que sob pena de morte nenhuma pessoa nomeasse Pero Mascarenhas por Governador. O Diniz Camelo foi ter a Cananor mui amedrontado, e delle soube Pero Mascarenhas o que passára, e como o Governador rompeo o seu protesto, e que lhe não déra resposta, do que lhe Pero Mascarenhas pedio hum instrumento em pública fórma. D. Simão de Menezes soube lhe aquelle negocio mal, e bem entendo que Lopo Vaz de Sampaio queria nelle usar de força, e não de justiça, cousa que muito o abalou, e determinou, se quizesse levar sua teima adiante, de lhe não obedecer; mas dissimulou por então com isto. Neste tempo chegou Manoel de Macedo, que o Governador mandou a Ormuz prender Rax Xarrafo, como atrás contámos, que chegando áquella fortaleza, por evitar alterações; dissimulando com o negocio, que do hum dia com o Capitão, mandáram chamar

mar o Guazil pera certas cousas , e como o tiveram na fortaleza , o recolhêram na torre da menagem , e o guazilado mandou o Governador dar a Rax Hamed , hum Mourro muito principal. Rax Xarrafo se fez preſtes de tudo , e o embarcáram na náó de Manoel de Macedo , que voltou logo pera Goa , onde chegou neste proprio tempo em que andamos. O Governador o mandou prender na torre da menagem , e depois lhe deo a Cidade por prizão , e mandou que se livrasse.

## C A P I T U L O VIII.

*Das revoltas , que em Goa houve sobre as cousas dos dous Governadores : e de como Eitor da Silveira , e Diogo da Silveira se lançáram da parte de Pero Mascarenhas.*

**E** Stando as cousas neste estado , sendo entrada de Abril , pedio Eitor da Silveira ao Governador que mandasse Pero de Faria , ( que era Capitão de Goa , ) a servir a capitania de Malaca , de que estava provido por ElRey , e que lhe dêsse a elle a de Goa , do que o Governador se escusou , porque Pero de Faria tinha tambem aquella capitania de Goa por ElRey , e estava em sua escolha servilla , ou largalla , e que

sobre tudo elle saberia delle se havia de ir a Malaca, e que querendo-o elle fazer, então lhe daria o que lhe pedia, e dizem que fallára a Pero de Faria, e que elle lhe dissera, que não havia de ir a Malaca. E allí o disse o Governador a Eitor da Silveira, o que elle não creo, porque lhe pareceo que aquillo do Governador eram cumprimentos, e que queria ter consigo Pero de Faria, porque era do seu bando, e fora de parecer que elle era o Governador, sobre elle ter com elle muitos cumprimentos, sobre os quaes lhe respondeo Eitor da Silveira, que bem sabia delle a verdade, mas que não lhe pediria mais cousa alguma, nem lhe entraria em casa, e se foi: o que tudo o Governador soffreo pelo tempo em que estava. Eitor da Silveira deo conta daquelle negocio a alguns muito amigos, principalmente a Diogo da Silveira, como seu parente, a quem aconselhou pedisse ao Governador a capitania de Malaca, pois Pero de Faria não queria ir entrar nella. Diogo da Silveira o fez assi, e o Governador lhe respondeo, que muito folgára de lha dar, mas que era cousa que não podia ser por estar nella Jorge Cabral da mão de Pero Mascarenhas, a quem jurou por Governador, que não a havia de entregar a pessoa alguma, senão por Provisão do mesmo Pero

Mascarenhas, como tinha por obrigação, conforme a menagem que della lhe dera. Disto ficou tambem Diogo da Silveira tomado, e não querendo acceitar nenhuns cumprimentos do Governador, se foi escandalizado. E como todos haviam que elle Lopo Vaz não era o legitimo Governador, e que os havia mister a todos, todos se lhe queriam vender bem caros. E logo estes dous Silveiras começaram a publicar Pero Mascarenhas por verdadeiro Governador, e que Lopo Vaz pelo saber mui bem, se não queria pôr com elle em justiça, induzindo muitos Fidalgos a serem de sua opinião, e a tomarem a voz de Pero Mascarenhas, de que os principaes foram D. Antonio da Silveira, D. Tristão de Noronha, D. Jorge de Castro, Vasco da Cunha, Dom Henrique Deça, D. Francisco de Castro, João Fernandes Freire, Jorge da Silveira, Francisco de Taide, Jorge de Mello, Diogo de Miranda, Aires Cabral, Simão Sogado, Martim Vaz Pacheco, e Simão Delgado Quadrilheiro mór, e despediram por terra cartas a Pero Mascarenhas, em que o certificavam de suas tenções, por isso que trabalhasse por acabar com D. Simão que o soltasse, e que na entrada do verão se fosse pera Goa, porque elles fariam com Lopo Vaz que se puzesse com elle a direito.

Foi dada esta carta, em que todos estes af-  
 sináram, a Pero Mascarenhas, que a amei-  
 trou a D. Simão, pedindo-lhe que pois aquel-  
 les Fidalgos estavam de sua parte, e apoi-  
 tados a lhe fazerem fazer justiça, que tam-  
 bem o devia de favorecer, e soltallo pera  
 a requerer; e que julgando-se-lhe a gover-  
 nança da India, elle lhe daria a capitania  
 mór do mar, porque então o não poderia  
 ser Antonio de Miranda; porque a succel-  
 são que se abriu, em que Lopo Vaz se achou,  
 e que elle estava declarado por Capitão mór,  
 não podia haver effeito. D. Simão lhe pro-  
 metteo de o soltar, se aquelles Fidalgos se  
 não mudassem de suas tenções; e que escre-  
 vesse elle aos amigos que tinha em Cochim  
 pera saber se tinham ainda sua voz; e que  
 requeresse a Antonio de Miranda, e ao Ve-  
 dor da fazenda, que pois eram na India  
 pessoas tão principaes, fizessem com Lopo  
 Vaz, que se puzesse com elle em justiça: e  
 elle o fez assi, e lhes mandou sobre isso gran-  
 des requerimentos com cartas a seus amigos  
 que lhos apresentassem. E como o Veador  
 da fazenda era muito recatado, temia de  
 Pero Mascarenhas ter algumas intelligencias  
 em Cochim, e por isso tinha suas espias pe-  
 ra lhe tomarem todas as cartas, e papeis,  
 que lá mandasse. E acertáram de tomar hu-  
 ma carta, que tinha o sobrescrito tão risca-  
 do,

do, que se não podia ler, e por isso não se soube pera quem era, que dizia: Senhor, agora novamente tórno a fazer certos requerimentos sobre a governança da India por me ser requerido que os faça, e lá, Senhor, vos ha de ser mostrado hum delles: sei de certo que vos ha de parecer bem favellos, pois a todos estes senhores (digo pegos mais delles) parece mal o que se comigo usa, e desejam todos vir-lhe á mão, poderem alevantar o serviço d'ElRey Nosso Senhor, e não consentirem em cousas que passam contra seu Real estado, de que tem que se lhes póde dar muita culpa polas consentirem passar. E porém como em Goa não fui até qui visto, nem ouvido, e não passou o tempo de fazer o que agora faço, beijarvos-bei as mãos, porque todos vejais, e ponhais ante vós, que Antonio de Miranda, nem Affonso Mexia lhes ha nunca de parecer bem governar eu a India, porque governando-a, não pertence a hum a capitania mór do mar, nem ao outro a capitania de Cochim, o que lhes pertence governando Lopo Vaz, e por isso o querem sustentar: e com tudo vejo que quer Deos tornar sobre isto como cumpre a seu serviço, e ao estado Real d'ElRey Nosso Senhor. De Cananor a vinte e tres de Abril de mil quinientos e vinte e sete. A esta carta

lhe respondeo Affonso Mexia, que aquelle  
 requerimento fizesse ao Governador, e não  
 a elle, porque não lhe podia requerer que  
 se puzesse em justiça sobre a governança da  
 India, que era sua por Provisão d'ElRey;  
 e o mesmo respondeo Antonio de Miran-  
 da. Esta carta de Pero Mascarenhas man-  
 dáram logo ao Governador, pera que sou-  
 besse que Pero Mascarenhas não estava ain-  
 da fóra de sua opinião, porque cuidava que  
 o tinha seguro na prizão, e que com ella  
 não ousaria mais a fallar naquellas cousas.  
 Pero Mascarenhas como tinha cobrado mais  
 algum alento com as esperanças que aquelles  
 Fidalgos lhe deram, começou a miudar os  
 requerimentos com o Governador sobre se  
 pôr com elle em justiça, e algumas pessoas  
 que lhos deram mandou prender. Eitor da  
 Silveira, e mais Fidalgos estavam tão de-  
 terminados de obrigarem ao Governador a  
 se pôr em direito com Pero Mascarenhas,  
 que deixáram de o acompanhar, e favore-  
 ciam as cousas, e requerimentos de Pero  
 Mascarenhas, a quem o Governador defen-  
 gou por huma carta que lhos não fizesse  
 mais, porque era cançar-se, porque elle não  
 havia de fazer duvidoso o que tinha por  
 certo por Provisão d'ElRey, do que Pero  
 Mascarenhas avisou a Eitor da Silveira, e  
 aos da sua parcialidade, escrevendo-lhes, e  
 que



que o obrigassem a lhe fazer justiça, senão que lhe desobedecessem, como a homem que estava alevantado com a India; porque se antes de entrar o verão não concluíam aquelle negocio, estava certo mandallo Lopo Vaz embarcar pera o Reyno assi prezo. Sobre isto consultáram todos, e assentáram que se não fizesse mais cousa alguma senão depois de Pero Mascarenhas estar presente, porque então com elle o obrigariam a tudo, e assi lhe escrevêram que como entrasse o verão se fosse pera Goa.

## CAPITULO IX.

*Do protesto, que Pero Mascarenhas mandou aos Vereadores, e Fidalgos de Goa: e de como os apresentáram a Lopo Vaz de Sampaio.*

Vendo Pero Mascarenhas, que o Governador lhe rompêra os seus requerimentos, fez outros de novo, com que despedio logo por terra hum Mem Vaz por quem mandou dous protestos, e requerimentos: hum delles pera a Cidade, e Camera de Goa, e outro pera todos os Fidalgos, e Capitães, com os traslados das successões que se abríram; assi a em que elle succedeo, como a de Lopo Vaz de Sampaio, com os autos que Affonso Mexia fez ao tempo que

se abríram, em que todos, ou os mais dos Capitães (a que mandava o tal protesto) tinham feito juramento de fazer com Lopo Vaz que lhe entregasse a India, tanto que chegasse de Malaca, e que não consentiriam mais a Lopo Vaz de Sampaio que fosse Governador. Este Mem Vaz deo-se tanta pressa, que chegou a Goa aos sete dias do mez de Agosto; e estando os Vereadores, e Officiaes em Camara, lhes apresentou os papeis que trazia pera elles, e o requerimento que vinha dirigido ao Escrivão da Camara, pera que lho notificasse, como logo o fez; e dalli se foi correr as casas dos Fidalgos, e Capitães com hum Tabellião, que pera isso tomou, e lhes notificou a todos os requerimentos, e protestos de Pero Mascarenhas, e lhes deo cópia, e vista de todos os papeis, e apontamentos que levava pera se mostrarem a Lopo Vaz de Sampaio. Nos protestos, e requerimentos, que a huns, e a outros mandava fazer, dizia:

» Como por morte do Governador D. Henrique de Menezes, que em Cananor falecêra, se abríra a segunda successão, e que elle Pero Mascarenhas succedêra: e que por estar em Malaca, o Veador da fazenda da com parecer de muitos abríra a terceira successão, em que se achou Lopo Vaz de Sampaio, a quem o mesmo Veador da

» da fazenda não quizera entregar a India  
 » até não jurar, que a governaria em quan-  
 » to elle dito Pero Mascarenhas não viesse  
 » de Malaca, o que Lopo Vaz jurou, com  
 » o que ficára governando em sua ausencia,  
 » como já duas vezes o fizera D. Aleixo de  
 » Menezes, em quanto os Governadores  
 » Lopo Soares, e Diogo Lopes de Siquei-  
 » ra foram ao estreito: que agora o dito  
 » Lopo Vaz de Sampaio estava alevantado  
 » com a dita governança, e lha não queria  
 » entregar, como tinha jurado, mas antes  
 » mandára que o não consentissem entrar em  
 » Cochim, onde o Veador da fazenda lhe  
 » defendêra a desembarcação, espancando-o  
 » a elle, e a seus parentes, e criados. E  
 » querendo-se elle dito Pero Mascarenhas  
 » vir a esta Cidade de Goa requerer sua jus-  
 » tiça, o mandára Lopo Vaz esperar com  
 » huma Armada grossa, como amigo, e An-  
 » tonio da Silveira o prendêra, e lhe lan-  
 » çára ferros nos pés, como a malfeitor,  
 » e o mandára pera Cananor onde estava:  
 » e que mandando requerer Lopo Vaz que  
 » o ouvisse, e se puzesse com elle em direi-  
 » to, nunca o quizera fazer, antes lhe pren-  
 » dêra Lançarote de Seixas, e Simão Caci-  
 » ro por requererem sua justiça. Pelo que  
 » requeria a todos da parte d'ElRey Nosso  
 » Senhor requeressem ao dito Lopo Vaz de

» Sampaio, que se puzesse com elle em ju-  
 » tiça; e não o querendo fazer, que lhe def-  
 » obedecessem, e o conhecessem a elle Pe-  
 » ro Mascarenhas por Governador, segun-  
 » do a fórma de sua successão; e não o fá-  
 » zendo, que elle protestava contra elles to-  
 » dos, por todas as perdas, e damnos que  
 » nisto recebesse, e de darem conta a El-  
 » Rey daquelle negocio, e eile os castigar  
 » como fosse seu serviço: e porque em ne-  
 » nhum tempo allegassem ignorancia, e que  
 » lhe não obedeciam por nunca lho requere-  
 » rer, lho fazia agora, e lhes pedia notari-  
 » sem bem as razões que alli lhes manda-  
 » va, que eram as seguintes. Por esse auto,  
 » que vos mando da successão que se abriu  
 » em Cananor, vereis como sou legitimo Go-  
 » vernador da India, o que me querem usur-  
 » par por cartas missivas, que não tem for-  
 » ça contra o meu Alvará: quanto mais for-  
 » ainda essas cartas são em meu favor, por-  
 » que em huma dellas (que he feita a trini-  
 » ta de Março) diz ElRey a Affonso Me-  
 » xia, que lhe mandava aquellas successões,  
 » que se abririam falecendo D. Henrique, e  
 » que das outras se não usaria, e as guar-  
 » daria: do que se via muito claro que pois  
 » já eram abertas, que se não podiam guar-  
 » dar, nem abrir as outras, que ElRey man-  
 » dava. E ainda mais claramente se via ser  
 » el-

» esta a vontade d'ElRey na outra carta mis-  
 » siva de quatro de Abril, cinco dias de-  
 » pois da primeira, em que não diz mais  
 » se não, que lhe mandava duas successões,  
 » e que falecendo D. Henrique se abrisse,  
 » e quando não, que a tivesse em segredo:  
 » e não tornou a dizer que se usasse destas,  
 » e das outras não: no que se via bem, que  
 » lembrando-se ElRey nesta carta derradci-  
 » ra, que as successões que cá estavam po-  
 » deriam ser abertas, não disse mais que  
 » aquillo que com justiça podia dizer. O  
 » que entendo muito mal Affonso Mexia,  
 » porque das cartas missivas se cumprem as  
 » derradeiras palavras, e das successões as  
 » primeiras: que pois havia quasi hum anno  
 » que elle tinha succedido na governança,  
 » já se não podia abrir successão que dis-  
 » fesse, por morte de D. Henrique, senão  
 » de Pero Mascarenhas, e que tudo fizera  
 » Affonso Mexia por lhe querer mal, o que  
 » estava bem provado, porque o auto que  
 » fez ao pé das cartas d'ElRey diz, visto  
 » como he sua vontade que se use destas, e  
 » das outras não, ElRey tal não disse, prin-  
 » cipalmente na de Abril, que he a derra-  
 » deira, por onde está claro ter-me ElRey  
 » feito Governador da India por morte de  
 » D. Henrique, e tomei posse da governan-  
 » ça, e fui jurado por Governador, assi del-

» le Lopo Vaz , como de todos os Fidal-  
 » gos , e Capitães , e não vejo cousa por  
 » onde haja de entregar a India a Lopo Vaz.  
 » Porque se ElRey soubera que eu estava  
 » de posse da governança , não mandára tal  
 » e ainda no mesmo Alvará de Lopo Vaz  
 » me nomea ElRey por Governador da In-  
 » dia , por me haver por pessoa pera isso :  
 » e o que alguns dizem , por se quererem  
 » escusar , que posto que me tivesse nomeado  
 » primeiro ElRey , me tornava agora a re-  
 » vogar , tal não foi , porque ElRey ainda  
 » que tudo possa , e he seu , nunca faz te-  
 » não o que he justiça , como se vê de hu-  
 » ma Ordenação do primeiro livro , capítu-  
 » lo setenta e seis ; onde diz , que sendo ca-  
 » so , que faça mercê de qualquer cargo da  
 » administração da justiça , fazenda , ou go-  
 » vernança de seus Reynos , e Senhorios ,  
 » que os possa tirar sem nenhuma satisfação ,  
 » fazendo nelles o que não devem a seu ser-  
 » viço. Do que se vê claro não me poder  
 » ElRey tirar o que me tinha dado , pois  
 » tem de mim tão boa informação , que ain-  
 » da nestas succensões de Lopo Vaz me no-  
 » mea por Governador , o que não houve-  
 » ra de fazer se se houvera por deservido  
 » de mim. E no segundo livro aos quarenta  
 » e nove capítulos está outra Ordenação ,  
 » porque manda , que nenhum Alvará , nem

» Cartas , e patentes se guarde huma em  
 » contrario da outra , sendo da mesma sub-  
 » stancia , posto que diga sem embargo da  
 » outra , salvo se ella declaradamente differ ,  
 » que sem embargo de ter passado outro a  
 » foão de tal theor. Pelo que vos requieiro  
 » da parte d'ElRey Nosso Senhor , que pois  
 » elle me tem feito seu Governador , e estou  
 » jurado por esse , por hum termo feito em  
 » Cochim , em que todos estais affinados ,  
 » me queirais obedecer , e desobedecer a el-  
 » le. E pera que vejais quanto serviço d'El-  
 » Rey , e quietação deste estado pretendo ,  
 » eu me quero pôr em justiça , e em direi-  
 » to com Lopo Vaz , e determine-se por  
 » vós mesmos qual de nós he o verdadei-  
 » ro Governador. Mas tambem vos lemb-  
 » ro , que quando se abrio a terceira suc-  
 » cessão em minha ausencia , ( em que sahio  
 » Lopo Vaz , que jurou de me entregar a  
 » India como eu viesse ; ) logo elle , e  
 » Affonso Mexia determináram de me não  
 » obedecerem , e de se alevantarem com a  
 » governança ; e alli logo fez mercê da ca-  
 » pitanía de Cochim a D. Vasco Deça seu  
 » cunhado , com estar homiziado por mor-  
 » te de hum homem , tendo-a promettido  
 » a Diogo Pereira , hum Fidalgo de muitos  
 » serviços , e negando-a a Antonio de Mi-  
 » randa de Azevedo , e a Philippe de Castro ,

Couto. Tom. I. P. I.

K

N I x e R E N S A  
 N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

» e a Jeronymo de Souza. E sem temor d'El  
 » Rey se foi a Ormuz, deixando a India  
 » toda de guerra, e lá fez muitos deservi-  
 » ços a ElRey, e muitas mercês a muitos  
 » homens pera os ter de seu bando, o que  
 » não podia fazer por governar em meu lu-  
 » gar; e mercês não as pôde fazer senão  
 » hum só Governador, especialmente de di-  
 » nheiro. Portanto protesto de nada ser fei-  
 » to senão aquillo que for com justiça; e  
 » sobre tudo isto me mandou fazer as af-  
 » frontas que vistes, e me tem nesta prisão  
 » em que estou. Pelo que vos torno de ne-  
 » vo a requerer, que façais com Lopo Vaz  
 » que se ponha comigo em direito; e quan-  
 » do o não quizer fazer, o hajais por ale-  
 » vantado, e me conheçais por Governador  
 » da India. » Visto este protesto, e re-  
 » querimento pelos Fidalgos todos, o man-  
 » daram tambem notificar á Camara de Goa,  
 » e visto pelos Vereadores, mandaram recar-  
 » do a Lopo Vaz, que elles tinham hum pro-  
 » testo pera lhe notificar, por ser cousa do ser-  
 » viço d'ElRey, que houvesse por bem que  
 » lho levassem; ao que Lopo Vaz disse, que  
 » lho fizessem, que elle lhes responderia.



## CAPITULO X.

*Do que Lopo Vaz respondeo aos protestos de Pero Mascarenhas.*

COM a resposta de Lopo Vaz lhe mandáram os Vereadores notificar pelo Escrivão da Camara o protesto de Pero Mascarenhas, e os apontamentos que assima difemos, mandando-lhe requerer da parte d'El-Rey, que pois Pero Mascarenhas se compunha tanto, que queria pôr suas cousas em justiça, o quizesse elle tambem consentir, e não dêsse materia a se dizer, que usava de força, e poder, o que El-Rey lhe havia de estranhar muito, porque até contra si proprio havia por bem requererem seus vassallos sua justiça. Lopo Vaz tomou os apontamentos de Pero Mascarenhas, e os foi lendo todos; e porque da resposta de Lopo Vaz se entenderá a substancia delles, os deixaremos por abbreviar. E vistos por Lopo Vaz, foi respondendo a todos por sua ordem na maneira seguinte.

» Quanto ao que diz Pero Mascarenhas,  
 » que quando os Governadores passados hiam  
 » fóra da India, deixavam em seu lugar  
 » quem a regesse, he verdade; mas não tinham nome de Governadores, e o meu cargo he bem desviado: porque depois de

» aberta a successão em que elle se achou,  
 » pareceo ao Veador da fazenda, e ao Ca-  
 » pitão de Cananor com todos os Officiaes  
 » que presentes estavam, que pois elle esta-  
 » va em Malaca, donde não podia vir tão  
 » cedo, que se elegesse Governador pera as  
 » necessidades da guerra, e da India: e pe-  
 » ra isto fer mais á vontade d'ElRey, acor-  
 » daram de abrir a derradeira successão, o  
 » que logo se fez, em que eu succedi, e  
 » me entregáram a governança com tal en-  
 » tendimento, que vindo Pero Mascarenhas  
 » lhe entregaria a India, como Governador  
 » por successão, e não como commissario  
 » de outro, como se verá pelos autos.

» E quanto a dizer, que achou em Co-  
 » chin o Veador da fazenda alevantado con-  
 » tra elle, digo que o fez porque elle que-  
 » ria que lhe obedecesse como a Governador,  
 » não o querendo elle fazer ás mi-  
 » nhas novas Provisões d'ElRey, mandan-  
 » do prender os Officiaes que lhas foram  
 » notificar.

» E quanto ao que diz, que vinha a es-  
 » ta Cidade requerer sua justiça, a isso di-  
 » go, que vinha mais pera fazer uniões,  
 » que pera isso, segundo constou por car-  
 » tas que escreveo a alguns Fidalgos, e por  
 » respostas suas que eu tenho, que mostra-  
 » rei quando for tempo, e sobre sua vir-  
 » da,

» da, e prizão se fizeram autos, porque se  
 » mostra claramente ser serviço d'ElRey não  
 » entrar em Goa.

» E quanto á prizão de Lançarote de Sei-  
 » xas, e Simão Caeiro, foi por culpas que  
 » me delles mandáram de Cochim, e não  
 » por requererem sua justiça, mas antes lhe  
 » mandei requerer por Fernão de Aguiar, e  
 » Diniz Camelo Tabe!liães, que requéressen  
 » tudo o que cumprisse a elle Pero Mascarenhas : e lles mandei dessem todos os  
 » instrumentos que pedissem com minhas re-  
 » spostas, como se verá pelos autos que dif-  
 » to se fizeram.

» E quanto a dizer Pero Mascarenhas,  
 » que as cartas d'ElRey eram missivas, di-  
 » go, que eu não governo senão por verda-  
 » deira successão, que aqui dou tambem em  
 » resposta ; e as successões não são outra  
 » cousa, que cartas missivas, pois todas fal-  
 » lam por nós ElRey, e são assinadas por  
 » final raso ; pois logo as declarações del-  
 » las como hão de ser senão assinadas pelo  
 » mesmo final raso ? Estas cartas vieram a  
 » Affonso Mexia com declaração, que se  
 » abrissem as successões que com ellas vi-  
 » nham, e que se não usasse mais das que  
 » estavam, e isto por quanto no regimento  
 » do Veador da fazenda está declarada esta  
 » derradeira vontade d'ElRey, em que hou-

» ve por bem governar eu a India, e que  
 » precedesse a Pero Mascarenhas, e que por  
 » meu falecimento succedesse elle Pero Mas-  
 » carenhas, e as mesmas cartas dou por re-  
 » sposta.

» E quanto ao que diz, que por ser aber-  
 » ta a sua successão se não havia de abrir  
 » a minha, nem usar della, e que ElRey  
 » diz que se guardassem, e levassem, o que  
 » se não podia fazer sendo já abertas; re-  
 » spondo, que queria ElRey que se não abris-  
 » sem aquellas successões por evitar escan-  
 » dalos, e escusar alterações. E se ElRey  
 » houvera por bem, que sendo abertas as  
 » successões de Pero Mascarenhas, que das  
 » minhas se não usasse, forçado o havia de  
 » declarar nas mesmas cartas, por onde se  
 » mostra claro querer ElRey que se abris-  
 » sem as minhas successões, posto que as  
 » de Pero Mascarenhas fossem já abertas. E  
 » quanto o que diz na carta derradeira não  
 » dizer ElRey que se abrisse a minha suc-  
 » césão, basta dizello na primeira, pois  
 » todas vieram em hum anno, e em huma  
 » Armada.

» E quanto ao que diz, que ElRey ha-  
 » via de declarar que elle Pero Mascarenhas  
 » lhe entregasse a India, a isso digo, que  
 » como ma havia de entregar, se eu era  
 » Governador por successão, e estava em

» posse , e as Provisões d'ElRey vieram a  
 » mim , a quem havia eu de entregar a In-  
 » dia senão a mim , pois della estava de pos-  
 » se , e desta maneira cumpri o juramento  
 » que fiz , quando me entregou o Veador  
 » da fazenda a India , em que me obriguei  
 » a entregalla a Pero Mascarenhas , ou a  
 » qualquer outro Governador que ElRey  
 » mandasse. E quanto a dizer , que está de  
 » posse , a sua foi mental , e civil , e a mi-  
 » nha real , actual , pessoal , e corporal ; e  
 » em quanto de mim a não teve , a sua pos-  
 » se era nenhuma , porque de mim a hou-  
 » vera de haver.

» E quanto a dizer , que se ElRey sou-  
 » bera a sua Provisão era aberta , mandára  
 » que a minha senão abrisse , a isso digo que  
 » he entendimento de adivinhar tão repro-  
 » vado em Direito , especialmente nos man-  
 » dados d'ElRey , cuja vontade he lei ; se  
 » elle quer adivinhar isso , tambem eu adi-  
 » vinho , que ainda que ElRey soubera que  
 » suas Provisões eram abertas , me mandá-  
 » ra as minhas dobradas , pelo que fallou  
 » por palavra nova , dizendo que das ou-  
 » tras se não usasse ; mostrando claramente ,  
 » que ainda que dellas se tivesse usado , des-  
 » tas minhas queria que se usasse , ainda que  
 » elle governasse a India , que esta he a mór  
 » derogatoria , que dizer , sem embargo ,

» porque he de sua certa vontade. E quan-  
 » to á Ordenação que allega tenho-lho em  
 » mercê, porque faz por ElRey, por quan-  
 » to póde tomar os cargos, e officios a  
 » quem os tiver, sem satisfação, nem en-  
 » cargo de consciencia, e assi o tirou a Pe-  
 » ro Mascarenhas por ser alli sua vontade.  
 » E quanto á outra Ordenação do segundo  
 » livro, digo, que por isso fallou ElRey  
 » por palavra nova, dizendo, que das de  
 » Pero Mascarenhas se não usaria, senão  
 » das minhas; e mais nas successões não ha  
 » tempo atempado, e tudo he d'ElRey, e  
 » pode-o dar, e tirar a quem quizer, por-  
 » que todas as successões vem até sua mercê.  
 » E quanto a dizer que estou alevantado  
 » com a India, a isso respondo que lho ne-  
 » go, e que falla muito descortezmente, que  
 » eu tenho a India de bom titulo por Pro-  
 » visões d'ElRey mui claras, e mui boas,  
 » e approvadas por todas as pessoas de que  
 » ElRey confia sua fazenda, justiça, e for-  
 » talezas, e por todos estou obedecido por  
 » Governador natural, e verdadeiro. E en-  
 » tão o era tambem, e por ElRey gover-  
 » nava em sua ausencia, (até elle vir, ou  
 » outro de Portugal.) E não era muito pa-  
 » recer a Affonso Mexia, que não muito pa-  
 » Pero Mascarenhas de Malaca, porque sa-  
 » bia as necessidades que de sua pessoa ha-  
 » via

» via nessas partes de Malaca, Sunda, Ma-  
 » luco, pera prover áquellas fortalezas, on-  
 » de elle melhor parecêra, e mais tendo no-  
 » vas certas dos Castelhanos que na sua coin-  
 » panhia vieram, e não vir-lê á India com  
 » muitos navios, e gente (que lá era ne-  
 » cessaria) a fazer uniões, e desobedecer ás  
 » Provisões d'ElRey, e inquietar a terra que  
 » estava muito quieta, e muito em justiça,  
 » e prestes pera o serviço d'ElRey; e se ho-  
 » je ha alguns desassoçegos, ou escandalos;  
 » elle os causou com seus requerimentos.  
 » Pelo que bein se vê, que o faz mais por  
 » teima, que por cuidar que tem justiça,  
 » pois estamos em dez de Agosto, e cada  
 » dia esperamos por Governador do Reyno:  
 » E quanto a taixar minha ida a Ormuz,  
 » eu o fiz por cartas que tive daquella for-  
 » taleza, em que me requerêram que fosse  
 » lá em pessoa, por quanto o Guazil esta-  
 » va alevantado contra ElRey, e com tudo  
 » não quiz ir lá, sem despachar primeiro a  
 » Armada do estreito, e da Sunda, de Fran-  
 » cisco de Sá, que ElRey mandava fazer;  
 » e depois com parecer dos Fidalgos, e Ca-  
 » pitães me embarquei, por haverem que era  
 » necessario pera segurança daquella forta-  
 » leza, fazendo naquella jornada muito ser-  
 » viço a ElRey, deixando a terra mui se-  
 » gura, e quieta, não fazendo minha au-  
 » sen-

» fencia falta na India, porque fui por fim  
 » de Março, e tornei em fim de Setembro,  
 » deixando Antonio de Miranda Capitão  
 » mór do mar com muito boa Armada, e  
 » gente, e as fortalezas mui bem providas,  
 » em Goa mil e duzentos homens, em Chaul  
 » trezentos e fincoenta, em Cananor passar-  
 » te de duzentos, em Cochim mais de seis-  
 » centos, e não levei comigo algum navio,  
 » senão os que por força haviam de ir in-  
 » verner fóra. Os serviços que tenho na In-  
 » dia feito, depois que sou Governador, to-  
 » dos os sabem. Este inverno concertei to-  
 » da a Armada que tenho prestes, e muito  
 » bem provida pera ir buscar os Rumes,  
 » que tenho por novas estarem em Cama-  
 » rão, e tenho pera isso muitas munições,  
 » porque só nesta Cidade estão cento e tan-  
 » tas pipas de polvora, e cada mez se fa-  
 » zem dez, doze mil pelouros de falcão, e  
 » quatro mil desperas de ferro coado, com  
 » muitos outros artificios: e tenho toda a  
 » gente que ganha soldo na India, sem ne-  
 » nhuma ir a chatinar, e tenho pagos du-  
 » zentos mil pardãos de soldos, sem cousa  
 » alguma sahir do cofre, nem do dinheiro  
 » da carga. Pelo que vos mando, e requei-  
 » ro da parte d'ElRey, que mais não falleis  
 » nas cousas de Pero Mascarenhas, nem con-  
 » sintais fallar, nem recebais mais requeri-  
 » men-



» mentos , nem me façais mais alguns , por-  
 » que não serve isso de mais que de fazer  
 » união no povo , perturbar o serviço d'El-  
 » Rey , e dar causa aos vizinhos tentarem  
 » contra nós alguma maldade ; e desta mi-  
 » nha resposta mandareis o traslado a Pero  
 » Mascarenhas , e me dareis a mim outro  
 » pera o ter pera minha guarda. » E os  
 » mandou á Cidade , onde ainda hoje estam  
 os proprios affinados por elle , e Pero Mas-  
 carenhas , que nós vimos , e donde tirámos  
 as forças substanciaes , por estarem em estilo  
 judicial , que he mui prolixo , e comprido:

## CAPITULO XI.

*De como os do bando de Pero Mascarenhas  
 trataram de prender Lopo Vaz : e das  
 uniões que sobre isso houve : e de como  
 Lopo Vaz os foi prender a todos.*

**E**sta resposta de Lopo Vaz foi dada á  
 Cidade , que a amostrou aos Fidalgos  
 da India , por lho assi requererem , que lida  
 por todos , vendo que Lopo Vaz de Sampaio  
 em nenhuma maneira queria consentir faze-  
 rem-lhe nenhum requerimento por parte de  
 Pero Mascarenhas , (no que claramente mos-  
 trava que usava de força , e que elle era o  
 que não tinha justiça ,) ajuntando-se todos os  
 da conjuração sobre este negocio em casa de

Ei-

Eitor da Silveira, assentáram que era caso pera lhes ElRey pedir conta disso, e que lho estranharia muito, porque pera não consentirem tamanhas sem-razões tinha elle na India tantos, e tão honrados Fidalgos. Pelo que lhes pareceo que deviam de prender Lopo Vaz como alevantado. Assentado em ser assi necessario, o consultáram com os Vereadores, que lho louváram, e ordenáram o dia pera isso, em que todos haviam de acudir com suas armias pera este negocio, e começou-se logo hum grande rumor, e união por toda a Cidade. De todas estas cousas não faltou quem avisasse ao Governador, pelo que determinou de prender Eitor da Silveira, e os mais, e o communicou com Pero de Faria, assentando o modo como havia de ser, e deste negocio deo conta a Antonio da Silveira, que tinha casado de futuro com huma filha sua, e a Simão de Mello, e a outros de sua valia, a que avisou, que ao outro dia se achassem armados na rua direita em favor de Pero de Faria, que havia de fazer a prizão. E assim ajuntando estes Fidalgos muita gente de sua valia mui bem armada, tomáram as ruas direita, e a de S. Jorge, onde pousava Eitor da Silveira: era isto aos nove de Agosto. O Governador cavalgou, e se foi pôr na rua direita, estando todos prestes, e

armados , e dalli foi o Capitão da Cidade com o Ouvidor geral , e Meirinho a casa de Eitor da Silveira , que pousava na rua de S. Jorge , que he nas costas da rua direita ; e entrando pela rua achou muita gente que acudio a Eitor da Silveira , porque suspeitavam que o Governador o mandava prender : e por a cousa ser tão supita , foram sós com as espadas que traziam nas cintas. Sabendo Eitor da Silveira que Pero de Faria estava á sua porta , assomou-se a hum balcão que fazia a escada pera a banda de fóra , e perguntou-lhe que queria : elle lhe disse , o Governador o mandava prender , e que lhe requeria da parte d'ElRey que lhe desse a menagem : ao que lhe elle respondeu , que subisse assima a lha tomar , que elle lhe faria o que elle merecia , pois era tão roim Fidalgo que aceitava illo prender. Pero de Faria mandou logo chamar o Governador , que acudio mui apressado com muitos que o seguiam ; e chegando á rua de S. Jorge , vio mui grande revolta de gente , que acudia a Eitor da Silveira com muitas lanças , e alabardas , e já com Eitor da Silveira estavam todos os Fidalgos da liga. Vendo o Governador o risco em que aquelle negocio estava , como era homem de grande animo , foi rompendo por toda a gente até chegar defronte das casas. Diogo da Sil-

vci-

veira chegou ao balcão, e disse aos da sua parcialidade que estavam na rua: *Não vedes, Senhores, isto, que quer Lopo Vaz que abí está, tomar por força a governança da India a cuja he, não he bem que lho consintam*, (isto disse pera que os da rua começassem a travar a briga, por não serem elles os primeiros, pera lhes não ficar em culpa o mal que disso se seguisse.) Lopo Vaz ouvindo dizer a Diogo da Silveira, que elle governava a India por força, disse alto com ira: *Por força a governo, e por força a hei de governar*. E descendo-se do cavallo, embraçou huma adarga, e tomando huma lança nas mãos, foi commettendo a escada, bradando-lhes que se dessem á prizão, sem os da rua oufarem a bolir comsigo. (O que parece que permittio Deos, porque huma só espada que se arrancára, tudo se acabava, porque os mais dos que estavam na rua houveram de morrer na briga, de que Lopo Vaz não podia escapar, porque da outra parte eram todos os Fidalgos principaes que havia na India.) Lopo Vaz foi commettendo a escada, onde se lhe atravessou Antonio Rico Secretario do Estado, como homem mui acordado, e mui cavalleiro, e liando-se com o Governador, lhe disse: *Tende-vos, Senhor, e não subais, que não he serviço d'ElRey, de cuja parte vos requi-*

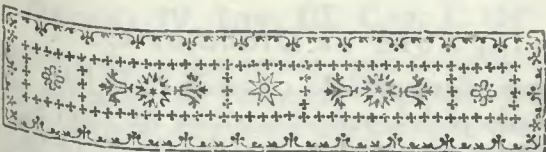
ro, que não queirais pôr hoje a India a risco de se perder, porque esses Fidalgos que em cima estão são muitos, e muito aparentados, e muito honrados, e eu por taes os tenho, que só pelo que cumpre ao serviço d'ElRey cortarão por si, e se darão por prezos. Bradando alto aos de cima: Senhores, vede o que fazeis, não queirais deservir a ElRey, de cuja parte vos requeiro vos deis á prizão, porque se não perca hoje a India. Eitor da Silveira ouvindo aquillo, cahindo na razão, pelo Deos mover, chegando ao peitoril da escada, disse ao Governador que se quietasse, e se recolhesse, que elle, e os outros Fidalgos se davam por prezos, por cumprir assi ao serviço d'ElRey, que elle lhe daria conta da força que fazia. O Capitão Pero de Faria, que estava pegado com o Governador, ouvindo aquillo, lhe pediu que se recolhesse, que elle levaria a todos prezos á fortaleza: fello o Governador assi, e Pero de Faria subio assima, e disse áquelles Fidalgos o muito grande serviço que naquelle negocio tinham feito a ElRey, que lhe fizessem mercê de se irem com elle pera a fortaleza, onde elle pousava, até se quietarem aquellas cousas: o que elles fizeram, e se foram com elle todos os que na casa estavam, que eram os seguintes: Eitor da Silveira, D. Antonio da

Silveira, Diogo da Silveira, D. Tristão de Noronha, D. Jorge de Castro, Vasco da Cunha, Martim Vaz Pacheco, Jorge da Silveira, D. Henrique Deça, Diogo de Miranda, Francisco de Taide, Simão Delgado Quadrilheiro mór, Nuno Fernandes Freire, D. Francisco de Castro, Simão Sodré, Jorge de Mello, Aires Cabral. E mettidos na tortaleza, lhes tomou o Capitão as menagens, de que se fizeram autos assinados por elles, com o que Lopo Vaz lhe pareceo ficava seguro, indo-se reconciliar com elle os Officiaes da Camara, a quem mandou que respondessem ao protesto de Pero Mascarenhas, e lhe mandassem a resposta sua, e delles, e que despedissem Mem Vaz, o que logo fizeram, respondendo a Pero Mascarenhas por boca do Governador, que elles o não podiam obrigar, nem requerer que se puzesse em direito com elle sobre a governança, por saberem que estava de posse, e obedecido por Governador por Provisão d'ElRey, e que requerendo-lhe o que elle queria, parecia pôr em dúvida a Provisão d'ElRey, que elle só era o que podia julgar estas cousas, e que lhe pediam não quizesse vir a Goa, porque não serviria de mais, que de fazer alvoroço na gente que era necessario estivesse quieta, e conforme pera pelejarem com os Rumes que esperavam.

vam. Com esta resposta, e com a de Lopo Vaz, que lhe deram autentica, se partio Mem Vaz outra vez por terra, levando tambem cartas dos Fidalgos prezos pera Pero Mascarenhas, em que se remetiam a Mem Vaz nas cousas passadas, pedindo-lhe de novo, que em todo caso viesse a Goa, porque tudo se faria bem. Lopo Vaz por não querer ter todos os Fidalgos contra si, mandou soltar dos que estavam prezos os que tinham menos culpa, que eram, Vasco da Cunha, D. Tristão de Noronha, Martim Vaz Pacheco, Jorge da Silveira, D. Henrique Deça, Diogo de Miranda, Francisco de Taíde, Simão Delgado, Nuno Fernandes Freire, D. Francisco de Castro, Simão Sodré; deixando ficar prezos, Eitor da Silveira, Diogo Silveira, D. Antonio da Silveira, e D. Jorge de Castro, por serem cabeças da conjuração; e a Aires Cabral, e Jorge de Mello mandou levar prezos pera a fortaleza de Banestarin, por alvoroçadores do povo, mandando-lhes lançar ferros. E no fim do mez de Agosto, por se recear ainda dos Silveiras, tratou de os mandar prezos a Cochim em hum catur muito pequeno, de que elles foram avisados, entendendo muito bem que aquillo tratava o Governador mais pera ver se se podiam perder no mar, porque o tempo era muito verde, que por lhes

estrear a prizão, e lhe mandáram sobre if-  
 so fazer proteftos, e requerimentos, dizen-  
 do nelles, que eram os principaes Fidalgos,  
 que ElRey tinha na India, e que não era  
 razão que os arriscasse em tempo tão perigo-  
 so: e que acontecendo-lhes algum defastre,  
 daria conta a ElRey de suas vidas: com o  
 que Lopo Vaz desistio de os mandar, ten-  
 do sobre elles grandes vigias: e elles mui  
 grande resguardo em si, porque se temiam  
 de peçonha, e segundo a cousa estava da-  
 mnada de parte a parte, tudo se podia re-  
 cear.





# DECADA QUARTA.

## LIVRO III.

### Da Historia da India.

---

#### CAPITULO I.

*Do que aconteceu na jornada de Francisco de Sá, e da descripção da Ilha de Faõa, e de qual he a maior, e menor de Marco Polo: e de como Francisco de Mello rendeo huma não de Turcos na barra de Achem.*

**D**EIXAREMOS por hum pouco as cousas d'antre Lopo Vaz, e Pero Mascarenhas, por darmos conta das que neste tempo atrás todo do verão aconteceram em Maluco: e primeiro trataremos da jornada de Francisco de Sá de Menezes, que como dissemos partio de Bintão a fazer huma fortaleza na Sunda, de que temos dado conta. E fazendo sua jornada, deo-lhe hum tamanho temporal, que foi correndo com hum bolso de véla á vontade dos ventos, e foi de forte, que se apartou a Armada,

que esteve perdido correndo cada hum por onde pode, porque o tempo foi rijo, e lhe durou muitos dias, em que Duarte Coelho, que hia em huma não grande, e huma galé, de cujo Capitão não achámos o nome, e huma fusta, foram depois de muito trabalho tomar o porto da Sunda, e com tal temporal que a fusta deo á costa, e trinta Portuguezes, que nella hiam, sahíram a terra a nado, onde logo foram mortos pelos Mouros da terra, que eram inimigos; porque o Rey que queria dar fortaleza era morto, e o inimigo com quem tivera a guerra lhe tinha tomado o Reyno, e estava a este tempo na Cidade de Banta, principal do Reyno, com muita gente pera acabar de o sujeitar. O que tanto que vio a nossa Armada, como sabia que o Rey passado mandára offerecer aos Portuguezes fortaleza naquelle porto, quiz-se vingar nos nossos. A não, e a galé estiveram tambem dadas á costa, se Deos milagrosamente os não salvara. Duarte Coelho soube logo o que fizera á gente da fusta, e como a terra estava em divisões, e houve que era tempo perdido esperar alli mais, porque não sabia que se-ria feito do Capitão mór: e assi abonangando o tempo se fez á vela pera Malaca. Francisco de Sá foi correndo o temporal com que ferrou a costa da Jaoa, por onde foi en-

encontrando os seus navios, que todos ajuntou no porto de Paneruca. E porque será razão darmos a conhecer esta terra, faremos della huma breve descripção, e mostraremos quaes são as Jaoas maior, e menor de Marco Polo, por tirarmos a confusão que disso houve antre os Geografos modernos. Pelo que se ha de saber, que esta Ilha da Jaoa quasi que quer imitar a figura de hum porco deitado sobre as mãos, por cujo focinho passa aquelle canal que chamam de Balabuão, e por de baixo dos pés o outro a que chamam o boqueirão da Sunda, que he mui continuado das nossas náos. Esta Ilha está lançada directamente ao Rumo, a que os mareantes chamão Leste Oeste: terá de comprimento cento e sessenta leguas, e de largura no mais largo setenta. Aquella parte das costas, que lhe ficam da banda do Sul, não he tratada de nós, nem se lhe sabem portos, nem bahias; mas da outra parte da barriga, que he a da banda do Norte, he mui tratada, e communicada de nossos navios, e tem muitos, e bons portos; e ainda que toda a costa he mui suja, e cheia de baixias, todavia, pela continuacão são seus canaes, e sorgidouros mui sabidos, e raramente acontece defastre a navio algum. Tem muitos Reynos por esta banda do maritimo, huns sujeitos aos outros; e começando da cabe-

ça , ou da banda do Levante , iremos nomeando os de que temos conhecimento. O Valle , Paneruca , Agafai , Sodayo , Panião , ( cujo Rey reside pelo sertão trinta leguas , e he como Emperador destes , e de outros adiante , ) Tubão , Berodão , Cajoão , Japarará , ( cuja Cidade principal se chama Cerinhamá , tres leguas pela terra dentro , e a Cidade de Japará está á borda da agua , ) Damo , Margão , Banta , Sunda , Andreguir , onde ha muita pimenta. Este Reyno tem hum rio por onde ella sahe chamado Jande , pelo sertão tem muitos Reys que se chamam Gunos , que vivem em serras asperissimas , são brutos , e salvagens , e muitos delles comem carne humana. Estas serras como dissemos são altissimas , e algumas dellas lançam fogo pelos cumes , como a Ilha de Ternate : cada Rey destes que nomeamos tem lingua sobre si , mas quasi todos se entendem por ellas , como nós com os Gallegos , e Castelhanos. Este Reyno da Sunda , de que fallamos , he muito prospero , e abastado , e fica lançado entre as terras de Jaoa , e Çamatra , porque por antre ambas se faz aquelle boqueirão que chamam da Sunda. Tem este Reyno muitas Illias adjacentes , que correm do longo delle para dentro do boqueirão , mui perto de quarenta leguas , e fica a Cidade de Banta no meio deste estreito ,

to, que no mais largo terá vinte e cinco leguas, e em partes doze, e no mais estreito seis: todas as suas Ilhas tem muito pouca agua, mas muita, e boa madeira, algumas são povoadas; e huma pequena, que está na entrada do boqueirão da banda do Levante, que se chama Macar, affirmam que tem muito ouro. Os portos principaes do Reyno da Sunda são Banta, Aché, Xacatara, por outro nome Caravão, aos quaes vam todos os annos mui perto de vinte lomas, que são embarcações do Chincheo, huma das Provincias maritimas da China, a carregar de pimenta, porque dá este Reyno todos os annos oito mil bares della, que são trinta mil quintaes. A Cidade de Banta está em altura de seis grãos do Sul, situada em huma enxada tão larga, e formosa, que de ponta a ponta terá tres leguas, fica a Cidade em meio, que feria de comprimento oitocentas e sincoenta braças, e de longo por huma das bandas, que he a do mar, quatrocentas, mas pelo sertão he mais comprida. Passa por meio da Cidade hum formoso rio, por que podem entrar juncos, e galés, que deita hum braço por huma illharga da Cidade menos capaz, porque não entram por elle senão embarcações pequenas até catures. Tem a Cidade a huma parte huma fortaleza, cujo muro (que he de adobes)

bes) será de largura de sete palmos, e os baluartes de madeira de dous sobrados, com boa artilheria: esta enxada he limpa, em partes tem lama, e em outras arêa: haverá por toda ella de seis até duas braças de fundo. E por entender ElRey D. João, que tendo alli huma fortaleza seria senhor de todo aquelle boqueirão, e de toda a pimenta daquelles Reynos, encommendou muito ao Conde Almirante a mandasse alli fazer por Francisco de Sá, e ainda hoje se entende que será mais importante, alli pera defender a entrada aos Inglezes, e Turcos, como pera segurança do trato, e commercio daquellas partes, que he o substancial da India. E assi se pratica antre os homens velhos, e antigos, que tendo ElRey de Portugal tres fortalezas, huma nesta parte, outra na ponta do Achem, e outra na costa de Pegú, ficariam fechadas com tres chaves as partes do Levante, e seria senhor de todas suas riquezas: e pera isso dam muitas razões, que nós deixamos por não ser cumprido. Tornando á Ilha da Jaoa, he toda ella muito abastada de todas as cousas necessarias á vida humana, e tanto, que della se provè Malaca, Achem, e todos os mais vizinhos. São os naturaes daqui, a que chamam Jaos, homens tão soberbos, que chamam que nenhuns outros lhes precedem, antes

tes que elles o fazem a todos ; em tanto , que passando hum Jao por huma rua , se acertar alguma pessoa de outra nação estar sobre algum poial , ou algum lugar mais alto , que aquelle por onde elle passar , se se logo não descer abaixo , até que elle passe ; o matará , porque não consente cuidar alguém que póde ficar mais alto que elle : e assi não porá hum Jao sobre sua cabeça hum pezo , ou carga , ainda que por isso o matem. São homens cavalleiros , e tão determinados , que por qualquer offensa que se lhes faz , se fazem amoucos , pera se satisfazerem della ; e posto que lhe ponhão huma lança nas barrigas , vam-se mettendo por ella sem receio algum até chegarem ao contrario. E porque destes amoucos em outra parte damos melhor razão , o deixamos agora. São todos homens mui exercitados na arte da navegação , em tanto , que se tem por mais antigos nella que todos , ainda que muitos dam esta honra aos Chins , e affirmam procederem delles os Jaos ; mas he certo navegarem estes já até o Cabo de Boa Esperança , e terem communicação na Ilha de S. Lourenço da banda de fóra , aonde ha muitos naturaes Bassos , e Ajavados , que dizem procederem delles. E querendo nós inquirir de alguns Jaos praticos daquella arvore de que falla Nicoláo de Conti Vene-

zeano achar-se na Ilha da Jaoa , em cujo amago diz nascer huma verga de ferro mui subtil , e de tanta virtude , que quem a trazia apar da carne não podia ser ferido com alguma arma , e que muitos Jaos faziam feridas em partes de seus corpos , e que mettiam pedacinhos deste ferro , e tornando-as a cozer , ficando dentro perpetuamente , nunca já eram feridos , do que estes Jaos a quem o perguntámos zombáram bem. E considerando em Marco Polo , o que falla de Jaoa maior , e menor , nos parece que esta de que tratamos he a menor , e que a Ilha de Çamatra he a que elle tem pela Jaoa maior ; porque diz que a maior tem duas mil milhas em roda , e que não se vê nella a estrella do Norte , e que tem oito Reynos , Faleh , Basma , Camara , Dragojão , Lambri , Faõfur , do que se vê muito claro fallar da Ilha de Çamatra , porque quasi tem a mesma grandeza , que lhe elle dá , e nella senão vê o Polo Arctico , por ficar de baixo da Equinocial , o que não tem em nenhuma outra Ilha daquellas da banda do Norte , porque de todas ellas se vê aquella estrella. E ainda isto se vê mais claro nos Reynos que nomea , porque o de Camara , não ha dúvida senão que quiz dizer Çamatra , Dragojão , que he Andreguir , Lambri , ainda hoje conserva o nome naquella Ilha ,



e todos os mais que nomea, que a corrupção, que nelles fez o tempo, os faz já desconhecer. E deixando isto pera outro lugar, (se nos calir mais a proposito,) tornando a continuar com Francisco de Sá, depois de ajuntar os seus navios, foi seguindo sua derrota até tomar o porto de Bata, onde furgio, mandando á terra recado de amizades, e offercimentos áquelle Rey, pedindo-lhe houvesse por bem deixar-lhe fazer huma fortaleza naquelle seu porto, como ElRey seu antecessor o mandára pedir, pera ficar o commercio entre elle, e os Portuguezes mais seguro, com o que seus Reynos enriqueceriam, como fizeram todos os do Oriente, que acceitáram a amizade d'ElRey de Portugal. O Rey, que era máo homem, parecendo-lhe que antes se o consentisse perderia o Reyno, (que isso tem os tyrannos, andarem sempre timidos, e receosos de lhes tomarem o que elles usurpáram,) mandou-se escusar, com o que Francisco de Sá se refugio em desembarcar em terra, e fazer por força, o que não queria consentir por vontade. E commettendo a desembarcação achou tal resistencia, que com morte de quatro homens, e outros bem escalavrados, se tornou a recolher, e não querendo-a guardar alli mais, deo á véla pera Malaca, onde chegou pouco depois de Pero

Mascarenhas embarcado, e deixando-se ficar alli, despedio logo Francisco de Mello por Capitão de huma caravéla chamada a Pereirinha, pera levar cartas ao Governador, a quem mandava pedir mais gente, e Armada pera tornar a commetter aquelle negocio. Francisco de Mello foi seguindo sua jornada, correndo a costa do Achem, e sobre sua barra vio estar surta huma náó á carga pera Méca, e tomando conselho com os companheiros sobre o que faria, assentáram que se commettesse, porque não ficasse aquella jornada sem haver hum papo quente. E postos em arinas foram commetter a náó assi á véla, que estava já preparada pera se defender, porque logo conhecêram a nossa caravéla: Estavam os de dentro tão soberbos, que em nada estimáram os nossos, porque eram trezentos homens d'armas Achiens, e quarenta Rumes, e Turcos. Francisco de Mello chegando perto della a começou a esbombardear, matando-lhe daquella primeira salva muita gente; e porque a víram tão crespa, e cheia de gente, determináram de a baterem até a render, porque senão atreveram a abordalla, e assi se puzeram á trinca batendo-a rijamente, e quiz a fortuna, que lhe acertáram com hum camelo ao lume d'agua que a varou dentro, por onde se encheo della, e os Mouros se lançáram ao

mar pera se salvarem: os nossos fizeram nelles tal matança que escapáram bem poucos, ficando todos desconsolados de se não cevarem naquella náó, que estava cheia de fazendas, e seguindo seu caminho foram tomar Cochim tão tarde que não pudéram passar a Goa.

## CAPITULO II.

*De como D. Garcia Henriques fez pazes com El Rey de Tidore, e a razão porque logo as quebrou, e de como faleceo aquelle Rey: e das suspeitas que houve ser ajudado a isso com peçonha que se lhe deo.*

**E**Ntregue D. Garcia Henriques da capitania de Maluco, na vagante de Antonio de Brito, (que logo se partio pera Banda esperar a monção da India,) achando a fortaleza falta de todas as cousas, despedio logo Martim Correa em hum junco pera Banda, pera ver se achava naquellas Ilhas algumas embarcações de Portuguezes; em que se proveesse do necessario, e fazendo sua jornada, teve hum tão grande temporal que esteve perdido, e chegou a Banda destrozado de todo, onde ainda achou Antonio de Brito, que o ajudou a reformar, e concertar. Poucos dias depois delle surgíram naquelle porto huma soma de juncos que hiam de

Malaca, de que era Capitão mór hum Fidalgo chamado Manoel Falcão, que Pero Mascarenhas depois do negocio de Bintão despedio pera Maluco com provimentos que levava Fernão Baldaia, que hia por Escrivão da feitoria de Ternate. Estes provimentos recolheu Martim Correa no seu navio com o Baldaia pera se logo ir pera Ternate, pela necessidade em que ficava. E antes que partisse foi avisado da gente da terra de verem andar per antre aquellas Ilhas duas náos grandes da feição das nossas, e não cuidando quaes podiam ser, porque Manoel Falcão vinha de Malaca, (onde não havia cousa alguma pera poder partir pera aquellas Ilhas,) assentáram ser de Castelhanos, e que não deviam de ser sós, antes podia ser da companhia de alguma grande Armada, o que os sobrefaltou muito, porque se tal era, não hiam pera outra parte se não pera Ternate, com o que correria risco aquella fortaleza pela pouca gente que tinha. Pelo que Martim Correa requereo a Antonio de Brito, e a Manoel Falcão da parte d'ElRey fossem soccorrer aquella fortaleza, que estava arriscada, se aquellas náos fossem de Castelhanos, mandando fazer hum auto do tal requerimento. Antonio de Brito não quiz tornar-se, mas deo da gente, e munições, que levava a Martim Correa, que

que se fez á vèla com Manoel Falcão , e ambos surgiram em Talangame , e vendo-se com D. Garcia lhe deram conta do que passava , que com o provimento , e gente que lhe veio , disse , que lhe dava muito pouco que viessem dez náos de Castellianos. Andava D. Garcia neste tempo em contrato de pazes com ElRey Almanzor de Tidore , o que encontrava muito Cachil Daroez tutor , e tio de Bohat filho mais velho do Bo-leife , que havia de herdar o Reyno como tivesse idade , porque depois da morte do Pai ficou governando o Daroez , que desejava de estorvar as pazes com Tidore , porque receava passar-se lá o commercio do cravo , e ficar Ternate com isso muito abatido , e elle homiziado com aquelle Rey pelo favor que sempre deo aos Portuguezes contra elle. E por muito que nisso trabalhou , as pazes se assentáram com condição , que tornaria o Rey de Tidore a fusta que nas guerras passadas tinha tomada com sua artilheria , e que entregaria todos os Portuguezes que lá andavam fogidos , e com outros pontos que não são substanciaes. E porque o Rey de Tidore soube o desgosto que tivera destas pazes Cachil Daroez , desejando de o conservar em amizade , (pera ficar mais seguro com a dos Portuguezes , pelo proveito que disso tinha ,) tratou de o casar com

humã filha sua, por se liar com elle, porque tambem como estivessem liados, e conformes, teriam os nossos enfreados, e não receberiam dos Capitães tantas offensas. Dom Garcia foi logo avisado destes tratos, de que lhe não vinha bem, porque depois de juntos com qualquer achaque se alterariam, e dariam trabalho á fortaleza, e trabalhou de estorvar aquellas lianças, o que não pode já ser por estarem ambos satisfeitos: pelo que determinou de com alguma invenção quebrar as pazes (como logo fez) mandando pedir ao Rey de Tidore a artilheria da fusta, que não era ainda entregue, nem o tempo era passado. A isto se escusou o Rey com dizer que a tinha emprestada a El Rey de Bachão, que como a arrecadasse a entregaria. Estava neste tempo este Rey de Tidore muito enfermo, e mandou pedir a Dom Garcia hum Medico pera o curar, elle lhe mandou hum boticario, mas aproveitou pouco; porque o Rey morreo daquella doença, e suspeitou-se que o ajudáram a isso. O que sabido por D. Garcia, e que estava toda a Cidade occupada em seu enterramento, embarcou-se com muita pressa em algumas corocoras, e foi sobre aquella Ilha, mandando diante recado aos Regedores que lhe mandassem a artilheria, senão que havia por quebrada a paz, e que alli lho noti-

tificasse. Este recado lhes deram, estando ainda o corpo d'ElRey por enterrar, ao que lhe respondêram que logo lha entregariam. E fazendo-lhes a notificação Fernão Baldaia, que a isso foi, tornou-se a D. Garcia que hia por caminho, e chegou a Tidore de madrugada. Como todos estavam descuidados de tal, desembarcou D. Garcia com todos os que levava, e foi entrando á Cidade, e pondo-lhe fogo por algumas partes, que ateou bravissimamente. Ao estrondo, e terremoto acordáram todos, não tendo o tento em mais que em salvar suas pessoas, acolhendo-se pera os matos, ficando os nossos senhores da Cidade, que saqueáram á sua vontade, achando sete peças de artillieira, que D. Garcia mandou recolher; e deixando a Cidade posta a ferro, e a fogo, tornou-se a embarcar. Ficáram os nossos deste negocio com o credito perdido entre todos aquelles Reis daquelle Arquipelago, dizendo-se publicamente que não guardavamos a fé. Pelo que defendêram logo pela mór parte daquellas Ilhas nosso commercio, não consentindo os nossos nellas. Os Tidores, tanto que se embarcou D. Garcia, tornáram-se pera a sua Cidade, que acháram feita em cinza, e alevantáram logo por Rey Cachil Raxamira, filho d'ElRey Almanfor o morto, que por ser muito moço se lhe deo por

tutor a Rade Cachil, ficando a guerra declarada com a nossa fortaleza, que lhe deo bem de trabalho, como pelo decurso da historia se verá.

### C A P I T U L O III.

*Do que aconteceu a D. Jorge de Menezes na jornada de Maluco, e de como descobrio as Ilhas dos Papuas: e da Armada que partio de Castella pera aquellas Ilhas de Maluco, e da derrota que levou até chegar a ellas.*

**P**Artido Dom Jorge de Menezes de Malaca pera as Ilhas de Maluco, como atrás temos dito, (que foi a primeira cousa, em que proveo Pero Mascarenhas, depois de ter recado que era Governador,) foi seguindo sua viagem pela via de Borneo, como levava por regimento. Chegando ás Ilhas do Moro setenta leguas de Ternate, indo mandar á terra pera surgir, não achou fundido por ser tudo á roda daquellas Ilhas mui alcantilado, e não se poder surgir senão com os proizes em terra; e como D. Jorge não queria vizinhar-se tanto a ella, foi-se na volta do mar. Da Ilha foram logo vistos, e sahíram duas almadias ás náos; e porque não se determináram serem Portuguezes, ou Castelhanos, não se ousáram a chegar. Dom Jor-



Jorge lhes mandou capear, com o que huma das almadias se arriscou, e chegou a bordo. D. Jorge lhes mandou perguntar pelo Capitão de Maluco, e pelo estado em que a nossa fortaleza estava, de que lhe não fouberam dar razão, e por anoitecer se affastaram com alguns pannos, que lhes mandou dar D. Jorge por irem contentes. De noite acalmou o vento, ficando os nossos navios anhotos; porque como não havia fundo pera surgir, nem vento pera governar, e as aguas por antre aquellas Ilhas corriam pera o Levante, como a pedra da mão, foram levados até os lançarem fóra de todas as Ilhas em hum goífo de mar mui grande, onde lhes deo hum temporal mui grosso, com que foram correndo quasi perdidos alguns dias, até haverem vista de huma terra que lhes pareceo Ilha, que estava em altura de ... grãos do Norte, e indo-a demandar foram surgir perto, e em muito bom fundo. Logo vieram algumas embarcações a elles, em que vinham alguns homens muito pretos, e de cabellos revoltos, como os Cafres de Jalofo, ou como os do Cabo de Boa Esperança pera Moçambique, e entrados nas náos lhes fizeram os nossos grandes gazalhados, mas não houve quem os entendesse; mandando com elles algumas peíscas a terra a fallar com o seu Rey, e haver o que

ella tinha , e acháram ElRey que tambem era preto , como os outros , que os recebeo bem , fallando-lhe por acenos , e víram a terra abastada de mantimentos , gados , e galinhas , que os nossos mandáram resgatar por pannos , e por calaim. Vendo D. Jorge que não havia monção pera tornar pera Maluco , senão dalli a alguns mezes , deixou-se alli ficar commutando com os da terra tudo o de que tinham necessidade , achando aquellos moradores dalli domesticos , posto que diziam que pela terra dentro havia nações que comiam gentes. Aqui víram os nossos alguns dos naturaes , assi homens , como mulheres , tão alvos , e louros como Alemães , e perguntando como se chamavam aquellas gentes , disseram que Papuas : e pelo pouco conhecimento que então tinhamos daquella terra , cuidáram os nossos serem Ilhas ; mas quanto a nós pelo que depois se veio a alcançar , esta terra he aquella a que Marco Polo Veneto chama Lochac , que diz ser riquissima de ouro , que diz que estava setecentas milhas ( que são mui perto de duzentas leguas nossas ) da Jaoa , e a põe da outra banda do Tropico , e diz que ao derredor estavam as Ilhas de Sodor , Pentan , Malayur , e outras , e do que dellas depois se soube , e descubrio , em outro lugar o diremos. E deixando a D. Jorge em quanto

to lhe tarda a monção , tornemos ás náos dos Castelhanos , de que em Ternate andava fama , e diremos que Armada era , e o que lhe aconteceu na jornada. Depois de chegar a Hespanha aquella formosa náó Victoria , da companhia de Fernão de Magalhães , dando razão ao Emperador Carlos V. Maximo ( que já governava ) do descobrimento que fizera das Ilhas de Maluco , fazendo-lhe crer ficarem na sua demarcação , encarecendo-lhe as riquezas dellas , mandou logo ordenar no porto da Corunha outra Armada de sete vélas , de que deo a capitania a Frei Garcia de Loaiza Fidalgo Biscainho , Commendador de S. João. Esta Armada deo á véla vespera de Sant-Iago de mil e quinhentos e vinte e cinco annos : hia nella por sota-Capitão o mesmo João Sebastião del Cano. A Armada era de quatro náos , dous galeões , e hum pataxo. Os Capitães eram Frei Garcia , João Sebastião del Cano , D. Rodrigo da Cunha , e Diogo de Vera : estes hiam nas náos , os das caravelas não soubemos. Partidos da Corunha , foram tomar a Gomeira , e correndo a costa de Guiné , faltando-lhes o tempo pera dobrar o Cabo de Santo Agostinho , por conselho de todos determinou o General de fazer sua derrota pelo Cabo de Boa Esperança : e indo-o demandar , encontráram hum

navio de Portuguezes , que entre algumas coufas que delles souberam , foi , que acháram huma Ilha chamada S. Mattheus , em que fizeram aguada , e acháram sinaes de já ser povoadá em algum tempo , porque havia alli muitas lorangeiras , e arvores de espinho , gallinhas , rasto de porcos , e em alguns troncos de arvores grandes acháram letras Portuguezas , em que se mostrava que havia oitenta e sete annos , que já alli estiveram gentes nossas , do que em nenhuma outra eicritura achámos feito memoria. Em fim largando o navio , foram seguindo sua derrota até passarem o Cabo de Santo Agostinho : tornáram a demandar o estreito de Magalhães , porque lhes entrou bom vento ; e indo correndo a costa , lhe deo hum tempo que apartou o General dos outros navios , que foram tomar hum rio formoso , e grande , a que mandáram o pataxo que arvorasse sobre a sua barra huma cruz , e alli lhe deram o nome do *rio de Santa Cruz* : ao pé della deixáram huma panella com cartas , em que contavam a jornada que fizeram até li , pera o seu General se alli fosse ter , dizendo-lhe que o liam esperar ao estreito de Magalhães. Partidos dalli acháram outro rio , a que puzeram nome de *Santo Elefonso* , que era tamanho que cuidáram ser o estreito ; e mandando João Sebastião del Ca-

no, ou indo elle mesmo a vello, deo na boca delle em secco, indo em hum batel, e hum parente seu em outro, e fez final ás náos que hiam commettendo a entrada que tornáram a voltar, e Sebastião del Cano; e o outro passáram grandes trabalhos até tornarem ás náos. E correndo outra vez á costa adiante deram com o estreito, onde surgiram ao pôr do Sol, pera ao outro dia commetterem a entrada, e buscarem nelle porto pera esperarem o seu General. A mesma noite lhes deo hum tempo mui rijo com que o paraxo se metteo em hum esteiro, e João Sebastião del Cano indo cassando muito, cortou a amarra, e deo o traquete; mas foi varar tão perto de terra, que da cevideira saltáram cinco homens nella, e morreram dezenove affogados. A outra náó de Diogo de Vera teve-se sobre a amarra até passar o tempo, e como pode, deo á véla, e nunca mais appareceo. D. Rodrigo da Cunha, Capitão da outra náó, passado o tempo, deo á véla, e foi-se na volta de Castella, mas logo encontrou o General, e com pouca ventade voltou com elle, e embocando o estreito, víram a náó de Sebastião del Cano perdida, e a gente em terra que lhe fez final, e mandou o batel a buscar o Capitão; e a todos os companheiros mandou dizer que esperassem, que logo os mandaria bus-

buscar, porque lia demandar algum porto  
 em que pudesse furgir: e entrando o estre-  
 to, furgio da banda de dentro no primeiro  
 pouso que achou bom; e dalli tornou a  
 mandar huma caravéla (que o acompanhou  
 sempre) a buscar a gente da não perdida.  
 Esta caravéla tornou a sahir fóra do estre-  
 to, e recolheo a gente toda, e voltando  
 com ella, antes de entrar o estreito, lhe deo  
 hum tempo, com que desgarrou á outra  
 costa. A capitânia cassou com todas as an-  
 coras passante de hum legua, tocando mui-  
 tas vezes em baixo com o arfar, pelo que  
 abrio, e fez tanta agua, que lhe foi força-  
 do alijarem muitas cousas ao mar. Frei Gar-  
 cia de Loaíza, vendo que o tempo crescia,  
 receando que a não se perdesse, foi-se no  
 batel pera terra, porque era perto, e o mes-  
 mo fez toda a mais companhia, ficando só  
 os marinheiros. Passada a tormenta tornou-  
 se a embarcar, e sahio-se fóra do estreito,  
 e foi tomar o rio de Santa Cruz, que esta-  
 va d'elle cincoenta leguas, pera concertar  
 as náos que estavam destroçadas, nas marés  
 que alli cresciam, e vasavam sete braças. Dal-  
 li mandou D. Rodrigo da Cunha a buscar  
 o pataxo, que achou junto da não perdida,  
 e tomando-lhe á gente que quiz, não que-  
 rendo mais profeguir naquella jornada, tor-  
 nou-se pera Castella, e o pataxo se foi pera

o General, e llic deo aquellas novas, porque sabiam sua determinação. Concertadas as náos, tornou o General com os galeões, e pataxo a entrar o estreito com determinação de invernar no meio d'elle, e acudindo-lhe bom tempo, sahio fóra d'elle, e sendo quatrocentas leguas da costa lhe deo hum temporal com que se perdêram os galeões, e o pataxo foi tomar a nova Hespanha. O General foi só seguindo sua derrota, e por consellho de João Sebastião del Cano passou a Equinocial, por lhe elle dizer, que em doze grãos estavam humas Ilhas mui ricas de ouro, e prata: e indo-as demandar adocêram muitos, e falecêram em poucos dias o General, e o João Sebastião del Cano, e o Piloto, e Thesoureiro, e todos morrêram de humas nodoas pretas que lhes sahíram pelas pernas. Os que ficáram vivos elegêram por Capitão Toribio Alonso Salazar, que se tornou a metter de baixo da linha, e faleceo chegando ás Ilhas das Vêlas, que agora chamam dos Ladrões. Por sua morte houve grande alvoroço sobre a capitania entre Martim Inhegues de Carquicios Alguazil maior da Armada, e Fernão de Bustamente Thesoureiro da náos Santo Espirito, a perdida, de que foi Capitão João Sebastião, que tinha já ido a Maluco na náos Victoria, e por evitarem contendias, concertá-

ram-se que ficassem ambos Capitães, e mandassem igualmente, até chegarem a alguma das Ilhas de Maluco, onde se determinaria quem ficaria só: e seguindo sua derrota, foram haver vista de Mandanáó, onde foi Martim Inhegues julgado de todos por Capitão, que tambem era Fidalgo Biscainho. Martim Inhegues foi logo demandar Maluco, e chegando a Cope lugar do Morotay no Moro, tomou refresco, e agua, dalli se passou a outro lugar chamado Camafo, que he na Morotoja, cujo Sangage era vassallo de Tidore. Foi isto no proprio tempo que Dom Jorge de Menezes se affastou dellas, e se foi desgarrado com as correntes, e todavia foi visto dos Castelhanos, e conhecêram ser a náó Portugueza: pelo que se foram os Castelhanos mettendo bem dentro no golfo de Camafo, que he da outra banda do Levante da Ilha do Moro, onde surgiram. A gente da terra foi á náó a visitar o Capitão, e o leváram com todos os seus pera terra, e os agazalháram bem, pela amizade que sabiam tinham com o seu Rey. Alli souberam como os Portuguezes tinham fortaleza em Ternate, e todas as mais cousas que eram succedidas até então, e da guerra que Dom Garcia fizera ao seu Rey. Os Castelhanos usando de sua natureza, se lhes offerecêram pera ajudar o seu Rey contra os Portuguezes,



zes, lançando seus despechos, promettendo-lhes de os comerem todos assados. Com isto lhes deram os da terra tudo o que haviam mister, e não lhes queriam tomar dinheiro, porque esse seria o intento de suas promessas, que bem sabiam elles que os Portuguezes eram mãos de assar, e peiores de tragar. Estas novas desta não são as que deram a D. Garcia Henriques, (como atrás temos dito,) e certificando-se serem Castelhanos, despedio logo Martim Correa, e com elle Diogo da Guerra em huma corocora mui ligeira, pera irem ver o que aquillo era, e pera tomarem lingua da terra. Estes homens foram ter a hum lugar de Camafo, onde foram certificados da verdade, e de como ficava naquella Cidade aquella não, e que partíram de Hespanha sete juntas, porque se esperava, e assi o affirmavam os Castelhanos, e souberam que os da terra estavam com elles mui soberbos, e ufanos: com isto se tornáram, e deram as novas a D. Garcia, que com muita pressa armou dous navios de remo, em que mandou embarcar setenta Portuguezes, e pedio a Cachil Darocz, que se embarcasse em suas corocoras, como logo fez em dez, ou doze, e desta Armada fez Capitão mór Manoel Falcão, dando-lhe por regimento, que chegassem á vista da não, e mandassem a ella o Ouvia-

dor que com elles mandou embarcar, pera  
 ir fazer ao Capitão hum requerimento que  
 lhe deo por escrito, e com isso huma bre-  
 ve carta pera o Capitão, e que não queren-  
 do defirir a cousa alguma, pelejassem con-  
 ella, e lhe levassem todos os Castelhanos  
 prezos. Manoel Falcão foi seguindo sua jor-  
 nada, e ao sahir do golfo de Camafo en-  
 controu a náó, e mandou a ella o Ouvidor  
 em huma corocora pera ir fazer a diligen-  
 cia. Chegado o Ouvidor a bordo da náó  
 entrou dentro, e foi recebido mui honrada-  
 mente de Martim Inhegues, a quem deo a  
 carta que levava, em que D. Garcia lhe re-  
 queria da parte do Emperador Carlos Quin-  
 to, que se fosse pera aquella fortaleza de  
 Ternate, onde o agazalhariam como a vaf-  
 fallo de hum Senhor tão parente, e amigo  
 d'ElRey de Portugal, e que dalli se torna-  
 ria pera Hespanha, e que não quizesse an-  
 dar por aquellas Ilhas, que eram da Coroa  
 de Portugal, inquietando a paz que havia  
 entre aquelles Reys, e com isso lhe fez o  
 Ouvidor o protesto, mandando fazer delle  
 hum auto pelo seu Escrivão. Martim Inhe-  
 gues lhe respondeo, que aquellas Ilhas eram  
 do Emperador seu Senhor, por caberem em  
 sua demarcação, e que tinha sobre isso ha-  
 vido sentença contra ElRey de Portugal,  
 pelo que requeria a elle D. Garcia, que não

fosse elle o quebrantador da paz. Feitos os protestos de parte a parte, teve Martin Inhegues muitos cumprimentos com o Ouvidor, que notou muito devagar a não, e a gente que levava, e despedindo-se d'elle se tornou pera Manoel Falcão, a quem deo conta do que passára com Martin Inhegues, e lhe affirmou que a não estava muito forte, e que tinha em si trezentos homens, e muita artilheria; e vendo que era em vão commettella, tornáram-se pera Ternate, e informáram a D. Garcia do que era passado. A não foi seu caminho, e surgio no porto de Tidore dia de Janeiro deste anno em que andamos de vinte e sete, havendo dous mezes que tinha chegado a Camafo, onde esteve até ElRey de Tidore o mandar chamar. Logo aquella noite poz a gente, e artilheria em terra, a que o ajudou ElRey, que o festejou muito. D. Garcia teve logo vista da não, e mandou a mesma Armada, pera que lhe fosse dar huma salva, como fez, porque chegando-se de noite perto della a começaram a bater fortemente, matando-lhe dentro dous homens: e ao outro dia tambem continuáram a bateria, e quatro arreio mais, sem a poderem metter no fundo, por ser forte, pelo que se tornáram. Martin Inhegues mandou metter a não dentro do arrecife, como se elles foram, e desem-

barcou tudo em terra, e ordenou com muita pressa dous baluartes de pedra ençossa na fronteira da Cidade, e a náó posta em meio com sua artilheria, como outro baluarte, pera defensão do porto, com o que ficou bem seguro. D. Garcia não deixou de continuar com seus protestos, e requerimentos, sobre que corrêram recados de parte a parte sobre o direito daquellas Ilhas, que cada hum allegava pelo seu Rey. Martin Inhegues dizia, que Fernão de Magalhães vasallo d'ElRey D. Fernando de Castella descubríra aquellas Ilhas, D. Garcia allegava, que muito antes daquillo foram descobertas por Antonio de Brito, e que o Magalhães fora alevantado, e que os Reys daquellas Ilhas recebêram primeiro nellas os Portuguezes, e mandáram requerer a ElRey de Portugal, que mandasse fazer fortaleza em suas Ilhas, e assentar commercio em suas terras: mandando ElRey de Ternate, e indo em pessoa o de Tidore a Amboino buscar Francisco Serrão, que alli estava perdido da companhia de Lourenço de Brito, e sobre quem o agazalhariá, e daria em terra lugar pera fortaleza aos Portuguezes, e tiveram muitos desgostos hum com o outro, requerendo-lhe sempre D. Garcia, que se fosse pera aquella fortaleza, e que lhe daria hum lugar apartado, em que estivessem to-

dos á sua vontade até ser tempo de se tornarem ; e que não comprasse nenhum cravo , nem danassem o preço que nelle estava posto pelos Officiaes d'ElRey de Portugal ; e que não o querendo fazer , protestava por todas as perdas , e damnos que disso resultassem. Martim Inhegues tambem fez seus protestos , ficando assi o negocio travado em guerra , e deitáram suas corocoras ao mar com que andavam fazendo seus saltos. Poucos dias depois destes derradeiros protestos tomáram duas corocoras de Geilolo , e huma chamma de Ternate , que hia carregada de cravo , e matáram hum Portuguez que nella hia , e alguns Ternatezes. Vendo-se os Tidores favorecidos dos Castelhanos , ( que lhes faziam castellos de vento , e que lhes fahira aquella preza bem , ) armáram suas corocoras , e foram dar em hum lugar d'ElRey de Ternate chamado Gacça , e o roubáram , e queimáram : disto teve logo D. Garcia rebate , e armou algumas corocoras , em que mandou Martim Correa , e indo buscar os Tidores , deo com elles , vindo-se recolhendo com a preza , e investindo-os os axorou , e abalroou , e lhes tomou a mór parte das corocoras , e da preza que levavam. Aqui fizeram os Ternates , que foram com Martim Correa , grandes cavallerias , e cruzas.

## CAPITULO IV.

*De como D. Jorge de Menezes chegou a Maluco, e de como fez tregoas com os Castelhanos, que se quebraram logo: e de como faleceo ElRey Bayano, e succedeo seu Irmão Ayalo. E de como ElRey de Lobu matou os Portuguezes que estavam em seu porto, e tomou huma galé por engano.*

**O**S Castelhanos dando-lhes pouco dos requerimentos de D. Garcia, que lhes mandou fazer por muitas vezes, começaram a resgatar cravo por essas Ilhas, danando o antigo preço, e fazendo-o subir em quatro vezes o dobro, com o que lhe acudio todo o daquellas Ilhas. Disto foi logo Dom Garcia avisado, o que sentio muito: e por que se lhe não acudisse seria destruição da fazenda d'ElRey, e do seu commercio daquellas Ilhas, mandou negociar algumas embarcações, e pediu a Cachil Darocz que o acompanhasse nas suas corocoras, do que se elle não escusou, e D. Garcia se embarcou com cem Portuguezes, e a gente de Darocz, e foi de noite demandar o porto de Tidore, e surgio a tiro de bateria da náó, que logo começou a bater com tres cameletes, que levava em humas embarcações, que or-

denou á maneira de barcaffas com suas mantas, e arrombadas. Alli estiveram tres dias sem fazerem mais que dar na náó, desfazendo-a por cima toda, e fazendo-lhe por baixo alguns rombos. E porque se lhe acabáram as munições, recolhêram-se pera huma encçada da mesma Ilha, em quanto fossem buscar outras, porque D. Garcia logo mandou com muita pressa. Estando nesta encçada, mandou D. Garcia a Martim Correa, e a Cachil Daroez, que fossem queimar hum lugar de Mouros, que estava sobre hum teço, aonde Martim Inhegues mandou por alguns Castelhanos a rogo d'ElRey, porque se receou daquillo. Partidos elles pera o lugar, deram nelle huma madrugada, e o queimáram, e assoláram. Os Castelhanos em sentindo os nossos sahiram-se fóra do lugar, e embrenhiáram-se em hum mato perto, donde ao sahir dos nossos do lugar lhes atiráram muitos tiros, de que hum quadrello deo a Martim Correa abaixo da orelha, de que cahio como morto, e foi recolhido: D. Garcia desgostoso recolheo-se. Os Castelhanos ficáram tão ufanos, e soberbos, que diziam aos da terra, que os Portuguezes fugíram delles, e que não estariam naquella fortaleza mais que em quanto elles quizessem: e todavia a Villa em que elles estavam ficou assolada, e a náó da bateria

Couto. Tom. I. P. I.

N

RENSEA  
NACIONAL

tão aberta, e destroçada que se foi ao fundo: o que elles sentíram muito, por lhe não ficar outro navio, e perdéram o orgulho com que estavam, e ficáram esperando por recado de Hespanha. D. Garcia Henriques negociou hum junco, em que mandou Martim Correa, e Manoel Lobo a Malacca a pedirem socorro contra os Castelhanos, que partíram em Janeiro do anno de vinte e sete, e logo o Maio seguinte chegou áquella fortaleza D. Jorge de Menezes dos Papúas onde o deixámos, que trazia muito pouca gente, por lhe morrer a mór parte por aquellas Ilhas por onde invernou. D. Garcia lhe entregou a fortaleza. Tanto que Martim Inhegues soube de sua chegada o mandou visitar, e a voltas disso lhe mandou fazer queixume de D. Garcia, que nunca quizera com elle senão guerra, e que lhe mettêra a sua náó no fundo: pedindo-lhe quizesse correr com elle em amizade, pois eram Christãos, e quasi naturacs, e vassallos de dous Reis tão amigos, e parentes. D. Jorge lhe mandou dizer que folgava muito de ter chegado a tal tempo, e porque esperava de o servir, que lhe pedidia, que pois estava sem náó: que se fosse pera aquella fortaleza, onde o agasalharia, e serviria, e lhe daria embarcação pera se irem pera a nova Hespanha, ou pera



Castella. A isto não defirio elle nada: o que visto por D. Jorge, mandou-lhe fazer protestos, e requerimentos pelo Alcaide mór, na fórma dos que lhe D. Garcia tinha feitos: e depois de passar em muitos recados de parte a parte, vieram a concluir em treguas, que se assentáram até lhe vir recado de Portugal, e de Hespanha: e sempre os Castelhanos se passáram pera a fortaleza, se ElRey de Tidore lho não estorvára. Duráram estas treguas pouco, porque logo se quebráram. Neste tempo falleceo ElRey Bayano, que estava reteudo na nossa fortaleza, e estando já pera morrer, lhe deo o Capitão licença pera se ir pera sua casa, onde logo falleceo, e o povo alevantou por Rey Cachil Dayalo seu Irmão, que D. Jorge tambem recolheo na fortaleza; e como nestas exequias funebres fazem estes grandes excessos, e duram muitos dias, ajuntando-se a ellas muita gente, faltáram pera isto mantimentos, e Cachil Daroez Regedor do Reyno mandou ao Moro algumas embarcações a buscallos. Vindo estes navios de lá, lhes sahio Cachil Rade Regedor de Tidore, e as tomou, e cativou todas as pessoas que nellas vinham. Tanto que isto se soube, determinou Cachil Daroez de se desafrontar, e pedio ao Capitão D. Jorge alguma gente que lhe deo: e partindo huma

noite com huma boa Armada, chegaram a Tidore de madrugada, e desembarcaram em huma parte fóra dos fortes dos Castellhanos, e deram na Cidade, a que puzeram fogo, em que ardeo a mór parte, sem os Castellhanos lhe poderem valer, e os nossos se recolhêram muito a seu salvo: com isto ficaram quebradas as tregoas, e não por culpa dos nossos, (como dizem alguns Escriitores Hespanhoes,) e deixallos-hemos aqui, e daremos conta das cousas que neste tempo succedêram em Malaca. ElRey de Lobu na costa de Camatra era hum Mouro, que corria em grande amizade com os Capitães de Malaca, e de sua terra hiam áquella fortaleza comprar, e vender; e o mesmo faziam os mercadores Portuguezes a Lobu, sem nunca nelle, nem nos seus acharem engano, nem falsidade. Succedeo neste mesmo tempo, depois de Pero Mascarenhas embarcado pera Goa, ir áquelle porto hum navio de Portuguezes a fazer seu resgaste, os da terra, ou fosse por cubiça, ou pelo que quer que fosse, mataram todos os que hiam nelle. Disto foi Jorge Cabral Capitão de Malaca logo avisado, e querendo tomar satisfação daquelle negocio, mandou Alvaro de Brito por Capitão de huma galé, com setenta homens, pera se ir pôr sobre aquelle porto, e tomar todas as cousas que sahif-

sem, e entrassem nelle. Esta galé foi a Lobu, onde os da terra matáram todos os Portuguezes della, e a tomáram, sem se saber o como. Estas novas foram a Malaca, que Jorge Cabral sentio muito, assi pela perda, como pela affronta; mas dissimulou por não ter navios, nem gente pera se ir satisfazer. Estando com esta mágoa, chegou poucos dias depois ao porto de Malaca Antonio de Brito, que vinha de Banda, como atrás dissemos, (posto que Castanheda diz que era Martin Correa, o que foi erro, porque isto succedeo no tempo em que elle estava ferido em Maluco do quadrolo, e Antonio de Brito deixamo-lo partido de Banda.) Este Fidalgo foi bem recebido de Jorge Cabral, que estava com a mágoa fresca, e lhe pediu quizesse satisfazer aquella affronta, o que elle acceitou de boa vontade, e armando algumas lancharas, mandou embarcar d'essa pouca gente que havia, e com a que Antonio de Brito trazia prefez cento e vinte soldados, e fazendo-se á véla atravessou a outra costa de noite, e foi demandar o porto de Lobu, sem delle terem vista da terra. E sendo passado o quarto da Modorra, embarcou-se nos navios ligeiros, porque hia na sua náó, e entrou pelo rio, e sem ser sentido desembarcou na Cidade, mandando-lhe primeiro que tudo pôr o fo-

go por algumas partes; e como era de madeira, e palha, ateou-se em toda com tão grande estrondo, e terremoto, que foi couisa espantosa. Como isto tomou todos repoufando, e descuidados, não fizeram mais que saltar fóra das camas, e fugir pera as ruas, onde acháram os nossos, que não faziam mais que matar, e andar, não perdoando a couisa alguma, fazendo tamanha destruição, e tomando tão cruel vingança da affronta passada, que ficou perpetuamente por memoria naquella Cidade. Depois de deixarem tudo posto a ferro, e a fogo, embarcáram-se muito á sua vontade, e tomáram a galé, que estava no rio com toda sua artilheria, e outras muitas embarcações, e pondo o fogo a outra cópia dellas, que estavam em estaleiro, se foram pera Malaca, onde foram recebidos com triumpho. Jorge Cabral sabendo de Antonio de Brito do estado em que Maluco estava, despedio logo duas navetas, e hum junco cheios de mantimentos, e munições, e dous mil cruzados em roupas, e cem homens Portuguezes pera irem de soccorro. A capitania destas vélas deo a hum Fidalgo chamado Gonçalo Gomes de Azevedo. Este soccorro partio na entrada de Janeiro de vinte e sete, quasi no mesmo tempo que de Maluco partio Martim Correa a pedir soc-

foccorro, e da jornada de ambos adiante daremos razão.

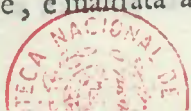
## CAPITULO V.

*De como D. Simão de Menezes soltou Pedro Mascarenhas: e dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz: e da Armada que este anno de vinte e sete partio de Portugal: e de como duas ndos della se perdêram na Ilha de S. Lourenço.*

**T**ornando a continuar com as cousas dos dous Governadores, que deixámos com a resposta que Lopo Vaz deo aos requerimentos de Pero Mascarenhas, com que chegou Mem Vaz a Cananor, e tanto que foi vista por Pero Mascarenhas, e que leo as cartas dos Fidalgos que ficavam prezos, bem vio que Lopo Vaz queria levar aquelle negocio por força, e ajuntando-se com Dom Simão, mandou chamar o Feitor, Escrivães, e mais Officiaes, e os casados, e perante todos fez Pero Mascarenhas hum protesto a D. Simão, mandando-lhe ler os que mandára fazer a Lopo Vaz, e a resposta que deo a elles, e mandou a Mem Vaz que recitasse alli tudo o que passára, e o modo de como fora a prizão daquelles Fidalgos. Depois de tudo isto notificado, lhe requereo da parte d'ElRey, que pois Lopo Vaz

se não queria pôr com elle a direito, antes mostrava usar de força, que o reconhecessem a elle Pero Mascarenhas por Governador da India, conforme áquella successão d'ElRey, e auto da posse, que fora dada naquella fortaleza, mandando-lhe ler tudo novamente; e que pois Lopo Vaz não queria justiça, que pera isso tinha ElRey os Fidalgos como elle na India, pera não consentirem cousas tanto contra seu serviço. D. Simão ficou de todo escandalizado do modo de Lopo Vaz, e logo mandou tirar os ferros a Pero Mascarenhas, e o levou á Igreja, e presente o povo todo mandou ler sua successão, em que elle succedeo por morte de D. Henrique de Menezes, e o auto da entrega da governança, que foi feita a Lopo Vaz até sua vinda de Malaca, e todos os mais que foram feitos, e das resistencias que lhe Affonso Mexia fez em Cochim, e todas as mais cousas passadas até aquelle dia. Depois de tudo lido, disse Pero Mascarenhas alto, que todos ouviram; » Tudo aquillo, Senhores, vos foi » notificado, pera que saibais quão injusta- » mente fui injuriado, prezo, e maltrata- » do, como se eu fora algum malfeitor, e » que quizera entregar a India aos Mouros, e » sobre a mercê que me fez ElRey da go- » vernança da India, pelos muitos, e mui- » gran-

» grandes serviços que nella , e em outras  
 » partes lhe tenho feitos ; e agora por re-  
 » mate de todos , com lhes segurar Mala-  
 » ca com toda a tomada de Bintão , cui-  
 » dando que vinha receber o galardão del-  
 » les , fui espancado de Affonso Mexia ,  
 » prezo em ferros de Lopo Vaz , cousa tão  
 » fea , que até os Mouros , e Gentios de  
 » todo o Oriente se escandalizam disso. Af-  
 » fonso Mexia , que por razão de seu offi-  
 » cio era obrigado a favorecer o serviço  
 » d'ElRey , e não consentir a Lopo Vaz  
 » fazer-me tamanha força , o fez tanto ao  
 » contrario , que como meu inimigo capi-  
 » tal ordio todas estas dissensões , com que-  
 » rer dar entendimento á carta d'ElRey ,  
 » differente do que era sua tenção , e tem  
 » com isso posta a India em bandos , e di-  
 » visões , e em perigo de se perder ; e Lo-  
 » po Vaz o ajuda por sua parte em se não  
 » querer pôr comigo a direito , e por não  
 » ir a requerer minha justiça (por saber que  
 » a tenho) me impedio a entrada de Goa ,  
 » mandando-me prezo em ferros , como  
 » vistes , pera esta fortaleza , como se eu  
 » pretendêra entregar o estado da India ao  
 » Turco , e publicamente diz que por ar-  
 » mas se ha de sustentar naquelle lugar , e  
 » assi parece que quer nellas pôr sua justi-  
 » ça , pois prende , e maltrata a todos , que



» por minha parte lha requerem : e agora  
 » com a prizão daquelles Fidalgos , que  
 » são os principaes que ElRey tem na In-  
 » dia , ficou tão ufano , que segundo tenho  
 » por cartas , está apostado a vir cercar es-  
 » ta fortaleza , e prender o senhor D. Si-  
 » mão , que a mim já o tem feito em tem-  
 » po que ha tão certas novas de galés de  
 » Rumes. Todas estas cousas são mui cla-  
 » ros finaes de homem alevantado , e que  
 » lhe dá pouco , assi da Provisão d'ElRey ,  
 » como de tão honrados vassallos , como  
 » tem neste Estado ; e a todos os que não  
 » são seus parentes , e criados , parece mal  
 » o modo de como procede neste negocio.  
 » Pelo que , Senhores , vos requeiro a to-  
 » dos os que presentes estais , e de novo o  
 » torno a fazer ao Senhor Capitão , e Of-  
 » ficiaes da justiça , e fazenda d'ElRey , que  
 » vista a contumacia de Lopo Vaz , e co-  
 » mo quer usar de força , e não de justiça ,  
 » (pois trabalha tanto por eu não chegar  
 » com elle a direito sobre a governança  
 » da India , que ElRey me tem dado pri-  
 » meiro que a elle , ) que todos me hajais  
 » por vosso Governador , e me entregueis  
 » a India por vossa parte , pois todos já  
 » me obedestes , pera que com este fa-  
 » vor , e com outros que espero possa conf-  
 » tranger a Lopo Vaz a se pôr comigo a



» direito , pera que fique a governança a  
 » cuja for , porque não pretendo outra cou-  
 » sa mais , que paz , e quietação da India ,  
 » porque se não perca vindo a ella a Ar-  
 » mada dos Turcos. E torno de novo a  
 » requerer , e a vos notificar , que confin-  
 » tais no que vos peço ; e quando não ,  
 » protesto d'ElRey vo-lo estranhar , e de  
 » lhe dardes conta dos males que succede-  
 » rem , e de haver por vossas fazendas to-  
 » das as perdas , e damnos que disso rece-  
 » ber. De tudo isto que tenho dito vós Ta-  
 » bellião me dareis hum estromento com  
 » suas respostas , ou sem ellas , e calou-se. »  
 Todos os que presentes estavam a huma  
 voz disseram , que não tinha necessidade de  
 cousa alguma , que elles o conheciam por  
 seu Governador , e que como a tal estavam  
 prestes pera lhe obedecerem ; e logo se fez  
 hum auto disso , em que todos se assináram ,  
 e D. Simão de Menezes o assentou na ca-  
 deira , e lhe deo a menagem da fortaleza  
 em suas mãos , como a Governador da In-  
 dia , em nome de ElRey de Portugal , de  
 que tudo se fizeram papeis , e o Governador  
 se agazalhou na fortaleza com D. Si-  
 mão , correndo com as cousas como Go-  
 vernador. E posto que o Castanheda não  
 declara se ElRey de Cananor o houve por  
 Governador , e o tratou , e visitou como

esse, quanto a nós D. Simão lho fez primeiro a saber, como o fazia a todas as cousas que succediam, pela pontualidade com que corriam com elle em amizade. As novas disto chegáram logo a Cochim, que causáram em todos grande alvoroço, e Affonso Mexia ficou sobrefaltado, porque já lhe não vinha bem governar Pero Mascarenhas pelas affrontas que lhe tinha feito, de que receava que se vingasse. O verão entrou logo, e de Cochim, e Coullão se vieram pera Pero Mascarenhas alguns Capitães de navios, e outras muitas pessoas, e lhe deram a obediencia, com o que elle ficou com mais confiança de Lopo Vaz se pôr com elle a direito; e quando por aqui não pudesse levar este negocio ao cabo, haveria que não era Deos servido disso, e tratou de não lhe ficar cousa alguma por fazer. E porque da carta de Christovão de Sousa (que atrás dissemos) entendeu que havia sua prizão por injusta, quiz dar-lhe conta do estado em que ficava, pera ver se o podia grangear pera o ter de sua parte; porque como era hum dos principaes Fidalgos da India, muito aparentado, e rico, e estava certo penderem todos á sua parte d'elle, com o que ficaria sendo sua justiça mais certa, logo despedio hum navio ligeiro pera Chaul, em que foi Francis-

Francisco Mendes de Vasconcellos com cartas pera elle , e procurações bastantes pera o que fosse necessario , e os traslados dos autos de como ficava obedecido por Governador , pedindo-lhe que requeresse a Lopo Vaz , que se puzesse com elle a direito , e quando o recusasse , que lhe obedecesse a elle como tinha feito D. Simão , pois elle era o que queria justiça pera paz , e fozgo de toda a India : e mandou outro requerimento a Lopo Vaz , alli por sua parte , como pela de D. Simão , em que lhe requeriam soltasse os Fidalgos que tinha prezos , escrevendo a todos cartas de offerecimentos , e esperanças de cedo serem soltos. Francisco Mendes chegou a Goa , e deo os requerimentos que levava na mão do Secretario , e as cartas aos Fidalgos. O Secretario levou os papeis a Lopo Vaz , e por elles soube como Pero Mascarenhas ficava solto , e obedecido por Governador , e bravejando sobre isso , cahindo no erro que fizera em o confiar de ninguem , receando que lhe entrasse hum dia de supito em Goa , o que seria sua perdição , porque lhe havia de acudir todos os Fidalgos. Pelo que despedio Simão de Mello em hum galeota , e hum bargantim pera se ir pôr em Goa a velha , porque não entrasse

por aquella barra. Era isto ainda entrada de Agosto, e poucos dias logo depois chegaram á barra as duas náos da invernada do anno passado, de que eram Capitães Vicente Gil, e Antonio de Abreu, que surgiram aos dezeseis daquelle mez, e desembarcando foram ao Governador, que lhes deo conta das cousas dantre elle, e Pero Mascarenhas, e lhes mostrou as successões, assi humas como outras, e todos os mais papeis, sobre o que lhes pedio seus pareceres, rogando-lhes, que livremente lhes dissessem se era por virtude daquellas Provisões verdadeiro Governador da India; e não se contentando com aquillo, lhes deo juramento dos Santos Evangelhos. Os outros como não tinham mais informação, que a que lhe elle mesmo deo, e os tomou depressa, pera que logo lhes respondessem, disseram, que pelo que lhes tinha dito, e por aquelles papeis, estava de muito boa posse. Disto mandou fazer hum termo, em que ambos se assinaram. Passado isto, aos seis de Setembro chegaram á barra duas náos do Reyno, de cinco que tinham partido, de que era Capitão que tinha Manoel de Lacerda, que por culpa do seu Piloto varou na Ilha de S. Lourenço, e o mesmo fez outra náo que o seguia, de que era Capitão Aleixo de Abreu, que ambas jun-

juntas varáram na Bahia de Sant-Iago, que jaz da banda do Ponente em vinte grãos e meio, e foi em parte que se salváram todos em terra; e por se segurarem da gente della, ordenáram humas tranqueiras, em que se recolhêram com algumas armas que salváram, e com as cousas que tiráram das náos, e que depois o mar trouxe a terra, com o que se ficáram sustentando miseravelmente, commutando com os da terra (que era muito falta de mantimentos naquella parte) algumas cousas poucas, deixando-se ficar alli esperando que passasse alguma náoa que fizessem final pera os tomar. Deixallos-hemos aqui até tornarmos a elles. Das outras duas náos, que chegáram á barra, eram Capitães Balthazar da Silva, e Gaspar de Paiva, em que vinham embarcados D. João Deça, cunhado de Lopo Vaz de Sampaio, que vinha com a capitania de Cananor após D. Simão, e Francisco Pereira de Berredo com a de Chaul. Estes Fidalgos foram mui bem recebidos de Lopo Vaz, e lhes mostrou os autos, e papéis, e deo conta de suas cousas, como fez aos Capitães da invernada; e perguntando-lhes o que lhes parecia, disseram que estava de boa posse, dando-lhe pera isso suas razões, de que elle mandou fazer hum termo affinado por elles. Depois disto já no

fim do mez chegou a Goa outra não que faltava, de que era Capitão Christovão de Mendoça irmão de Dona Joanna Duqueza de Bragança, filho de Diogo de Mendoça, que vinha provido da fortaleza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello. Este anno de vinte e sete foi mui trabalhoso de grandes terremotos, e tremores de terra em Lisboa, de que cahio a mór parte daquella Cidade, e houve grandes damnos, mortes, ruinas, destruições, e andava a gente toda tão affombrada, que viviam pelos campos, e desertos, e foi tambem o sacco de Roma pelo Duque de Borbon.

## CAPITULO VI.

*Da Armada, que o Turco Soleimão mandava contra os Portuguezes: e das differenças que houve entre os Capitães: e de como matáram o General, e a Armada se desfez.*

O Turco Soleimão, filho de Cely, que succedeo no Imperio Othomano os annos do Senhor de 1510, o mesmo dia que o invencivel Emperador Carlos Quinto foi coroado em Aquisgrana, o que parece ordenou Deos Nosso Senhor pera enfrear a soberba daquelle barbaro, que tanto que tomou posse do governo, e começou a sentir

tir o pezo do Imperio, entre as cargas que lhe carregáram muito, foi a de nossas Armadas, que todos os annos lhe entravam pelo estreito do mar Roxo, fazendo por elle grandes damnos, destruindo-lhe seus vassallos, e impedindo-lhe a navegação, e romagem da sua casa da abominação de Mafamede, com o que o commercio, e rendas daquelle estreito estavam totalmente perdidas, sendo sempre as mais importantes que os Imperios Romano, e Egepcio tiveram pela grossidão de suas entradas, e continuação de muitas náos, que de todas as partes do Oriente hiam áquelles portos, carregadas de muitas, e ricas fazendas; querendo acudir a estas cousas, tinha os annos atrás passado mandado pera isso ordenar huma grossa Armada no porto de Sués pera mandar á India contra os Portuguezes, pera o que se levou huma grande somma de madeira dos Montes negros, e dessas partes de Satalia, muito ferro, cordoalha, carpinteiros, ferreiros, mestres de galés, e todos os mais officiaes dellas, o que tudo foi levado em muitas náos por vezes ao porto de Alexandria; ali se desembarcáram, e em barcas foram levados pelo Nilo affima até o Cairo, onde se carregáram em Camelos, e por espaço de vinte e quatro leguas de terra deserta, e sem

agua , foi tudo passado a Sués com despezas mui excessivas , onde se começaram armar as vazilhas , e galés , em que gastáram finço , ou seis annos pela incommodidade do porto , porque até a agua que haviam de beber os Officiaes , se levava em Camelos de muito longe , e pela mesma maneira todas as mais cousas que eram necessarias , que tudo alli chegava á custa de grande somma de ouro ; porque como o Turco entrava neste negocio com o zelo de sua religião , pera desimpedir aquella romagem da casa de Méca , tinha mandado se gastassem todos seus thesouros , e assi a poder delles se armáram setenta e seis vélas de todas as fortes , que se acabáram este anno , nomeando pera General desta empreza a Soleimão Baxá Governador do Cairo , homem de grande conselho , e esforço , dando-lhe gente , dinheiro , munições , e artilheria , tirando tamanho cabedal de si , sem embargo de andar occupado contra El-Rey Luiz de Ungria , que com demaziado esforço , mas pouco conselho , lhe apresentou aquella batalha entre Buda , e Belgrado , em que foi morto , e desbaratado. Deo o Turco por regimento ao Baxá que fizesse primeiro que tudo huma fortaleza na Ilha de Camarão , porque não tentasse El-Rey de Portugal , como já fizera , mandar



fazella alli, e que depois se passasse á India, e lançasse della os Portuguezes. E querendo-o honrar por este negocio em que o occupava, lhe deo o cargo de Baxá de sua camara, que he o mais a que se póde chegar, mandando com elle Escander Can por seu lugar Tenente, e mil Janizaros da sua guarda, homens escolhidos, em que entravam Mostafá Beran, sobrinho do mesmo Baxá, filho de sua irmã, Coge Çofar natural de Otranto, que já na Armada de Mir Ccem, (que o Viso-Rey D. Francisco de Almeida desbaratou, e em Dio fora por Capitão de huma galé,) homem de ardiz, e invenções, porque veio a valer muito, e a este tempo era thesoureiro do Cairo, este trazia sua mulher, e hum filho já homem, chamado Maarran, (que depois se chamou Rume Can, como em seu lugar diremos,) e duas filhas mais, huma casada com Asete Can, homem tão façanhoso de corpo, e forças, que por ellas foi depois chamado Tigre do Mundo, de que algumas vezes havemos de fallar. Vinha mais nesta envolta Mostafá Carmany Elaracen, que depois foi senhor de Baroche, e Acem Lancasta Cherquez, que depois teve no Reyno de Cambaya o titulo de Mãdre Maluco, com quem pelo decurso da historia

havemos de continuar muitas vezes. E na entrada deste Verão, em que andamos, partio o Baxá de Sués com esta potente Armada, cuja fama atroou o Mundo, com que os Mouros da India andavam alvoroçados, cuidando que nossas cousas eram acabadas de todo. O Baxá foi tomar a Ilha de Camarão, onde com muita pressa poz as mãos á obra da fortaleza, que acabou por todo mez de Agosto, e provendo-a de gente, e monições, se embarcou pera passar á India; mas quiz Deos Nosso Senhor que na boca do estreito lhe dessem os levantados de rosto tão rijos, que tornáram a voltar pera dentro; e tomando conselho sobre o que fariam, assentou-se que fossem esperar os ponentes de Abril em Cobit Sarif, porto do Reyno de Zabit, na terra de Arabia da outra banda da Ilha de Camarão, aonde desembarcáram em terra, e armáram suas tendas; e porque ficavam ociosos todo aquelle tempo, determinou o Baxá de conquistar aquelle Reyno, marchando contra a Cidade de Zebit, dez leguas pelo sertão. Sendo aquelle Rey, que se chamava Soltão Hamede, avisado da potencia pera o sertão, ficando a Cidade, fugio bem seus moradores tambem se quizeram seguir. O Baxá entrou nella, e mandou lan-

car pregões pelas aldeas vizinhas, pera que todos os da Cidade se tornassem livremente pera suas casas, promettendo-lhes honras, e favores, com o que acudiram logo. O Baxá proveo aquella Cidade de guarnição, pondo nella por Governador a Mir Escander, ficando alli esperando a moução pera passarem á India. Mas como Deos Nosso Senhor tinha os olhos nella, e a queria guardar, e defender, pera que por toda ella fosse dilatada sua Santa Fé, ordenou aquellas cousas de feição, que se desfez a Armada; porque se passára á India naquelle tempo de tantas divisões, sem dúvida se perdêra de todo. E foi a cousa desta maneira. Antre o Baxá, e Mir Escander começaram a haver alguns arrufos no principio, ainda que pequenos, que crescêram, e se vieram a accender por esta maneira. Tiveram os Janiçaros queixas do Baxá, ou sobre as prezas de Zebit, ou sobre a paga, de que elle fez pouco caso, e como sabiam o desgosto que Mir Mostafá tinha do Baxá, trataram com elle em segredo de o matarem, o que fizeram, dando hum dia de supito nas suas tendas, que roubáram, e escaláram. Mostafá sobrinho do Baxá vendo o tio morto recollieo-se ás suas galés com os Janiçaros de sua valia, em que entravam os

que assim nomeámos, que eram Capitães das galés, e se apoderou do thesouro, e tratou de se fazer cabeça da Armada, solicitando a gente pera o seguirem na jornada da India, a que o tio hia enviado, promettendo-lhes grandes prezas, e riquezas, de que todos zombáram, porque hiam muito desgostosos naquella jornada por ser contra Portuguezes, cuja fama das vitorias que cada dia tinham na India, os trazia assombrados; o que visto por Mostafá com os Capitães de sua valia, que eram cinco, se foram em suas galés pera outro porto, levando nellas quatrocentos Turcos, a mór parte delles escravos, que foram do Baxá, e como tiveram tempo, e em Abril, se passáram a Xael, de que adiante fallaremos. Os mais Capitães das galés vendo-se sem cabeça embarcados nellas, se tornáram pera Sués, onde as varáram, levando nova ao Turco do successo, que em extremo sentio, porque lhe custou aquella jornada huma grande somma de ouro, ficando Mir Escander em Zebit com muitos Turcos que com elle quizeram ficar, e logo se appellidou Rey. Fernão Lopes de Castanheda, e Petro Mapheo dizem que Mostafá, e Coge Çofar matáram o Baxá, e que se foram pera Cambaya, no que foram mal informados, porque esta verdade nós a ave-

riguámos com Caracen, hum destes Jani-  
 garos, estando por Capitão de Baroche,  
 com quem conversámos naquella Cidade por  
 ser homem muito amigo dos Portuguezes;  
 e depois que nos foi encommendada esta  
 historia, o tornámos a ratificar com hum  
 Mouro Arabio chamado Benaoder, que  
 neste tempo estava em Adem, e nos con-  
 tou nesta Cidade de Goa todas as parti-  
 cularidades desta jornada, de que não fa-  
 zemos menção, mais que das cousas sub-  
 stanciaes, que servem pera a nossa historia.  
 As novas deste successo chegaram a Chaul  
 entrada de Setembro por algumas náos de  
 Méca, que áquelle porto foram, com que  
 Christovão de Sousa ficou desalivado, e  
 logo as enviou a Lopo Vaz. Pouco de-  
 pois chegou áquella fortaleza Francisco  
 Mendes de Vasconcellos com as cartas de  
 Pero Mascarenhas, D. Simão, autos, e  
 mais papeis que levava, porque soube fi-  
 car Pero Mascarenhas obedecido por Go-  
 vernador em Cananor, apresentando-lhe,  
 e notificando-lhe com hum Tabellião o  
 mesmo Francisco Mendes hum protesto, e  
 requerimento por parte de Pero Mascare-  
 nhas, em que requeria a elle Christovão  
 de Sousa que lhe obedecesse, e conheces-  
 se por Governador da India, conforme a  
 successão d'ElRey, que se abriu por mor-

te de D. Henrique, já que Lopo Vaz queria usar de poder, e não se queria pôr com elle a direito, protestando de haver por elle Christovão de Soufa (não lhe querendo obedecer) todas as perdas, e danos que disso recebesse, e de dar conta a ElRey daquelle negocio, e elle lho estranhar, e castigar, por consentir a Lopo Vaz usar de força. Christovão de Soufa vendo aquillo, chamou a conselho o Feitor, Alcaide mór, Fidalgos, e Cavalleiros, que alli se acháram invernando com elle, que eram muitos, e lhes deo conta daquelle negocio, e da prizão dos Fidalgos, e do escandalo que antre todos havia della, e de Lopo Vaz querer usar de força, e poder, e não se querer pôr a direito com Pero Mascarenhas, mostrando-lhe todos os requerimentos, e protestos, e todos os mais papeis, pedindo-lhes, que lhes dissessem o que mais lhes parecesse cumprir ao serviço d'ElRey. Visto por todos muito bem, assentáram que obedecesse a Pero Mascarenhas por Governador da India, com declaração, que a todo tempo que Lopo Vaz se quizesse pôr a direito com elle, tornasse a cousa a ficar devoluta até se averiguar por justiça a qual delles pertencia a governança, e que logo se havia de acudir áquillo, antes que Lopo Vaz adquirisse maiores

res forças , com que se quizesse sustentar naquelle lugar por armas , dando pera isso muitas razões , com que Christovão de Sousa determinou obedecer a Pero Mascarenhas , mandando fazer hum auto de tudo o que se alli assentou , com que se assináram todos os que se acháram naquelle parecer ; com declaração , que se notificasse a Lopo Vaz , que se puzesse a direito com Pero Mascarenhas , e que então se julgasse qual era o legitimo Governador : e assi logo começaram a nomear Pero Mascarenhas por esse , escrevendo-lhe Christovão de Sousa pelo mesmo Francisco Mendes de Vasconcellos de como ficava obedecido por Governador , mandando-lhe o traslado do auto que se fez. O mesmo escreveo a Lopo Vaz , de que elle se tomou muito , despedindo logo Antonio da Silveira com hum Armada a Chaul , dando-lhe por regimento , que requeresse a Christovão de Sousa , que lhe entregasse a Armada que tinha em Chaul , mandando embarcar com elle Francisco Pereira de Berredo pera o metter de posse daquella capitania , de que era provido por ElRey. Antonio da Silveira chegou a Chaul , e á barra lhe mandou Christovão de Sousa requerer que não entrasse dentro , porque não havia de obedecer a nenhum mandado de Lopo Vaz ,

porque só a Pero Mascarenhas conhecia por Governador da India; que se se quizesse ver com elle, que elle iria em hum catúr, e que viesse elle em outro ao meio do rio, onde se ajuntariam, e ahi fallariam, e assi se fez. Antonio da Silveira lhe notificou o regimento de Lopo Vaz, a que Christovão de Sousa respondeo, que lhe não havia de obedecer, porque tinha mandado em contrario do Governador Pedro Mascarenhas, e que não havia de entregar aquella fortaleza a ninguem, senão por Provisão sua, sobre o que hum, e outro fizeram seus protestos, e requerimentos, e Francisco Pereira outros contra Christovão de Sousa pelos ordenados da capitania, e de tudo tiráram seus instrumentos, e papeis.

## C A P I T U L O VII.

*De hum assinado, que Antonio de Miranda de Azevedo deo a Pero Mascarenhas de lhe obedecer: e do que assentáram o mesmo Antonio de Miranda, e Christovão de Sousa sobre as cousas dantre os Governadores.*

**A**ntonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar, que invernou em Cochim, tanto que foram quinze de Setembro



tempo , que o tempo lhe deó lugar negociando sua Armada , deo á véla pera Goa , tomando Cananor pera prover aquella fortaleza do que tivesse necessidade ; e surgindo ná Bahia , lhe mandou o Governador Pero Mascarenhas fazer hum requerimento , a que foi D. Simão em pessoa com hum Tabellião , em que lhe requeria da parte d'ElRey , que pois o mesmo Dom Simão , e Christovão de Sousa , com a maior parte dos Fidalgos da India , o tinham havido , conhecido , e obedecido por Governador , por virtude de sua successão , fazendo elle primeiro tantos protestos , e requerimentos a Lopo Vaz , ( que indevidamente se appellidava Governador , não o sendo elle senão em sua ausencia , porque a successão em que elle succedeo não podia ser aberta , tendo-se já usado da sua , ) e que Pero Mascarenhas por paz , e socego da India queria pôr suas cousas em justiça , o que Lopo Vaz não queria consentir , senão usar de força , que pois elle requeria justiça , devia elle Antonio de Miranda , como Capitão mór do mar , obedecer-lhe , e entregar-lhe aquella Armada pera a tornar a receber de sua mão , porque assi podia ser que se movesse Lopo Vaz a se pôr com elle a direito quando se visse sem Armada , que elle não

queria mais, senão que se julgasse qual delles havia de ser Governador da India; porque se o era Lopo Vaz, elle Pero Mascarenhas se queria ir pera o Reyno a dar razão de si a ElRey, porque de outra maneira daria má conta de si: e quando elle Antonio de Miranda lhe não quizesse obedecer, que elle protestava de haver por elle seus ordenados, e de ElRey o castigar como lhe parecesse justiça, e o caso requeria. Antonio de Miranda vendo as justificações de Pero Mascarenhas, e que tudo o que requeria era justiça, de que Lopo Vaz fugia tanto, respondeo ao requerimento, que por ora elle não podia fazer mudança de si até se não ver com Lopo Vaz, e saber delle se se queria pôr a direito com elle; e que não o querendo fazer, então lhe obedeceria a elle Pero Mascarenhas, e o haveria por Governador. Com esta resposta tornou D. Simão a Pero Mascarenhas, que não ficou satisfeito della, e todavia tornou a mandar pedir por D. Simão, que lhe dêsse hum assinado daquillo que promettia, sobre o que debateo com D. Simão, e por fim houve de o conceder, que continha o seguinte: » Digo eu Antonio de » Miranda de Azevedo Capitão mór do mar » da India, que eu me obrigo ao Senhor » Pero Mascarenhas de fazer com o Senhor

» Lopo Vaz de Sampaio, que ora he Go-  
 » vernador da India, que se ponha a di-  
 » reito com elle, (que tambem pretende sel-  
 » lo,) sobre qual delles deve de ficar com  
 » o governo; e não querendo elle pôr-se a  
 » juizo, por este dou minha fé, e faço  
 » preitomenagem ao dito senhor Pero Mas-  
 » carenhas de me ir pera elle, e lhe obe-  
 » decer como a verdadeiro Governador.  
 » Feito, e assinado por mim aos dezefete  
 » de Setembro de 1527.» Dado este assina-  
 do, soltou a véla pera Goa, onde chegou  
 em breves dias, e vendo-se com o Gover-  
 nador lhe deo conta de tudo o que passou  
 com Pero Mascarenhas, e do assinado que  
 lhe deo, dizendo-lhe que pois Pero Mas-  
 carenhas não queria mais senão que se pu-  
 zesse com elle a direito sobre qual delles  
 havia de ser Governador, que parecia que-  
 rer usar de força não o querer elle con-  
 sentir; que se lhe parecia que tinha justiça,  
 devia de o satisfazer, por se quietar, e se  
 acabarem tantas divisões antre todos os Fi-  
 dalgos. Lopo Vaz lhe estranhou muito o  
 que tinha feito, affirmando-lhe que se não  
 havia de pôr em direito com Pero Mas-  
 carenhas sobre a mercê que lhe ElRey fi-  
 zera, e que bem se podia tornar pera elle  
 como se lhe obrigára, porque não faltaria  
 a quem dar a capitania mór do mar da

India. Antonio de Miranda se desculpou, certificando-lhe que não déra aquelle assignado com tenção de o cumprir, senão por se livrar de Pero Mascarenhas pelo ver tão damnado, que receou algum desmancho. Lopo Vaz esbravejou, e disse a Antonio de Miranda, que logo se partisse pera Chaul, dando-lhe por regimento, que tomasse a Armada que lá estava, e fizesse metter de posse daquella fortaleza a Francisco Pereira de Berredo. Não faltáram homens amigos de novidades, que aconselhassem a Lopo Vaz, que prendesse Antonio de Miranda, e que lhe tirasse a Armada, o que pela ventura sería mais por cada hum delles a pertender, que por verem que havia pera isso razão. Lopo Vaz dissimulou aquelles conselhos por não fazer com isso mór união nos homens, porque não lhe vinha bem escandalizar tantos. Antonio de Miranda chegou a Chaul, aonde ainda achou Antonio da Silveira, que lhe deo conta do que tinha passado com Christovão de Sousa, elle lhe pediu se detivesse até se ver com elle, porque já se levava pera dar á véla. E logo mandou recado a Christovão de Sousa, que importava ao serviço d'ElRey verem-se; ao que lhe respondeo, que se era pera lhe entregar a Armada, e capitania da fortaleza, que já tinha respon-

dido sobre isso a Antonio da Silveira , e com isso lhe mandou fazer hum requerimento pelos Officiaes em companhia de todos os Fidalgos , que alli havia , em que dizia , que vissem bem a força que Lopo Vaz , e Affonso Mexia faziam a Pero Mascarenhas em lhe tomarem a governança da India , sem se querer Lopo Vaz pôr com elle em direito sobre a qual delles pertencia : que lhe requeria da parte d'ElRey , como a pessoa tão principal na India , e Capitão mór do mar , fizesse com Lopo Vaz , que não usasse naquelle negocio de poder absoluto , e que consentisse ficar em direito , e justiça , pera se fazer a quem a tivesse , e que em sua mão estava determinar-se este caso , e acabarem-se todas as dissensões que havia na India. De tudo que lhe notificáram se fez hum termo assinado por todos aquelles Fidalgos. Antonio de Miranda respondeo , que elle se iria ver com elle á fortaleza , como logo fez , indo só , e ambos em segredo praticáram sobre aquellas cousas , e por fim vieram a concluir fizessem com Lopo Vaz , que se puzesse a direito com Pero Mascarenhas , fazendo ambos huns apontamentos sobre o modo que se nisso teria , que era o seguinte : » Que se julgassem aquellas diferenças » de antre ambos os Governadores por se-

» te Juizes, que elles elegêram logo, e fi-  
 » zeram delles hum rol assinado por ambos  
 » pera ficar em suas mãos em segredo, sem  
 » pessoa alguma saber quaes eram, e que  
 » se não descobriam senão á hora que os  
 » chamassem pera a sentença, os quaes lo-  
 » go nomeáram, que eram Antonio de Mi-  
 » randa, D. João Deça, Francisco Pereira de  
 » Berredo, Balthazar da Silva, Gaspar de  
 » Paiva, Fr. João Dalvi da Ordem dos Me-  
 » nores, Fr. Luiz da Vitoria da Ordem  
 » dos Prégadores ambos Letrados. Nesta elei-  
 ção se começou logo a tomar a justiça a  
 Pero Mascarenhas, porque todos aquelles  
 Juizes, tirando aquelles Frades, tinham da-  
 do assinados a Lopo Vaz de como elle era  
 verdadeiro Governador, e bem o entendê-  
 ram elles, mas tratáram de quietar por alli  
 a Lopo Vaz, porque ainda que se désse  
 por elle a sentença, já estava de posse da  
 governança; e Pero Mascarenhas ainda que  
 por então lhe tomassem o direito, depois  
 lhe ficaria resguardado pera ElRey o satis-  
 fazer, porque só tratáram estes Fidalgos de  
 apaziguar a India. Christovão de Sousa não  
 quiz que elle, nem Fidalgo algum seu pa-  
 rente éntresse na conta dos Juizes, porque  
 não ficasse Lopo Vaz tendo pejo nelles,  
 porque tudo aqui se tratava a seu gosto.  
 Os apontamentos que se haviam de publi-  
 car

car eram estes. » Que Antonio de Miranda  
 » daria hum assinado a Christovão de Sousa  
 » tal como o que dera a Pero Mascarenhas,  
 » e outro em que se obrigasse a elle Chris-  
 » tovão de Sousa pera poder ir a Goa em  
 » sua companhia, e fallar seguramente com  
 » Lopo Vaz, sem prejuizo de sua fazenda,  
 » parentes, e amigos, pera que livremente  
 » lhe pudesse requerer o que lhe parecesse  
 » serviço d'ElRey, sem entrevirem palavras  
 » fóra da materia; e que chegando todos a  
 » Goa, ficaria a Armada fóra da barra, e  
 » Antonio da Silveira genro de Lopo Vaz  
 » dentro nella em refens, em poder de pes-  
 » soas de confiança, e a Armada entregue a  
 » hum Fidalgo, que daria a menagem a el-  
 » le Capitão mór; e que declarasse, que sen-  
 » do caso que Lopo Vaz prendesse a elle  
 » Christovão de Sousa, que em tal caso o  
 » que ficasse na Armada se fosse com toda  
 » ella pera Pero Mascarenhas, e que lhe obe-  
 » decesse como a Governador; e que Chri-  
 » stovão de Sousa daria hum assinado assi  
 » por elle, como por todos os Fidalgos,  
 » que estavam com elle, em que se obrigas-  
 » sem a obedecer a elle Antonio de Miran-  
 » da com toda a Armada, que em seu po-  
 » der tinha, até chegarem a Goa; e que não  
 » querendo Pero Mascarenhas consentir no  
 » que elles tinham ordenado, se fossem to-

» dos pera Lopo Vaz, e lhe obedecessem,  
 » sem mais ser ouvido Pero Mascarenhas;  
 » e que o Alcaide mór que ficasse em Chaul,  
 » prometteria tambem de entregar aquella  
 » fortaleza a Lopo Vaz pela mesma manci-  
 » ra; e que consentindo ambos os preten-  
 » sores, que se puzesse sua causa em direito:  
 » que antes dos Juizes pronunciarem nella  
 » cousa alguma, prometteriam ambos com  
 » juramento, que o que delles ficasse no go-  
 » verno não entenderia na pessoa, fazen-  
 » da, parentes, amigos, e criados do ou-  
 » tro, nem desfaria o que outro tivesse já  
 » feito até então, e a qualquer delles, que  
 » nisto não consentisse, lhe desobedecessem.  
 » E que tanto que ambos chegassem a Goa,  
 » seriam logo soltos Eitor da Silveira, e os  
 » mais Fidalgos que estavam prezos, que  
 » tambem prometteriam de guardar o que  
 » alli determinavam; e que este negocio se  
 » determinaria em Cochim, onde se ajunta-  
 » riam ambos os pretendores, e que em par-  
 » tido Lopo Vaz de Goa desistiria da go-  
 » vernança, e iria como pessoa privada em  
 » poder de Antonio de Miranda, e que che-  
 » gando a Cananor se entregaria tambem de  
 » Pero Mascarenhas, e que Lopo Vaz fica-  
 » ria entregue a Christovão de Sousa, ou a  
 » D. Simão de Menezes, pera que o levas-  
 » se nos navios em que fossem: que além



» do seguro que Antonio de Miranda havia  
 » de haver pera Christovão de Sousa do Go-  
 » vernador, lhe haveria outro do Capitão,  
 » e Vereadores da Cidade de Goa, que ju-  
 » rariam que não guardando Lopo Vaz o  
 » seguro, obedeceriam a Pero Mascarenhas.»  
 Esta pauta se leo a todos os que estavam na  
 fortaleza, e Christovão de Sousa lhes disse  
 a causa porque a fizera, requerendo que lha  
 ajudassem a pôr em effeito, e de tudo se  
 fez termo, em que todos se affinaram, fei-  
 to por Gaspar Affonso Tabellião em quatro  
 de Outubro de mil quinhentos e vinte e se-  
 te annos.

## C A P I T U L O VIII.

*De como se mostrou a pauta a Lopo Vaz,  
 e de como jurou de a cumprir, e se par-  
 tio pera Cochim, aonde se havia de  
 julgar a contenda: e do que passou  
 em Cananor. com Pero Mas-  
 carenhas.*

C Oncluido isto, que foi o melhor mo-  
 do que pode ser pera a quietação da In-  
 dia, partíram todos aquelles Fidalgos pera  
 Goa, ficando a fortaleza de Chaul entregue  
 a Alvaro Pinto Alcaide mór della. Chega-  
 dos a Goa, foi-se Antonio de Miranda ver  
 com o Governador, e perante o Licencia-  
 do

do João de Souro Ouvidor geral, e o Secretario Antonio Rico, lhe mostrou a pauta, dizendo-lhe que fizera aquillo por cumprir assi ao serviço de Deos, e d'ElRey, e se evitarem grandes males, que estavam ordenados; e que pelos muitos protestos que em Chaul lhe fizeram consentira naquillo muito contra sua vontade, porque bem sabia que elle era o verdadeiro Governador, e que pera sua justiça trabalharia que os Juizes fossem sem suspeita, e sete sómente, pera terem menos que apurar. O Governador ficou sobrefaltado com aquillo, dizendo-lhe que elle tinha a culpa, pois se fiára mais delte depois que dera o assinado a Pero Mascarenhas, e que se cuidára que fizera aquillo por evitar males, que agora ficavam elles mais prenhes; e querendo-lhe Antonio de Miranda dar mais razões, lhas não quiz ouvir, dizendo-lhe, que já que assi era, entendesse que os Juizes não haviam de ser mais de sete, como lhe tinha dito, o que lhe elle certificou que não seriam mais. E porque vio Lopo Vaz tão accezo, e cheio de paixão, sem embargo do juramento que tinha feito, lhe descobrio os Juizes que estavam declarados, com o que Lopo Vaz se desapaixonou, ficando mui defalviado, e lhe pediu lhe desse hum assinado seu de serem Juizes aquelles que lhe tinha dito, que lhe el-

elle deo , em que se affináram o Ouvidor geral , e o Secretario. Lopo Vaz mostrou a pauta a Pero de Faria , e a seus amigos , que lhe aconselháram consentisse nella , porque não o fazendo se alevantariam todos contra elle , e perderia o direito que tinha na governança , e o mesmo lhe disseram os Vereadores , a quem deo conta daquelle negocio ; e por fim de tudo disse a Antonio de Miranda que consentia na pauta , mas que havia de ir como Governador até Cananor , e que a honra de Affonso Mexia fosse guardada , e que julgando-se o negocio por Pero Mascarenhas , não o tiraria dos officios que tinha , do que Antonio de Miranda foi contente , e lhe passou disto seu assinado. Pelo que logo se soltáram os presos , e passou seguro a Christovão de Sousa pera poder entrar em Goa , porque até então estava na barra , ( onde foi avisado que Lopo Vaz tratava de o prender , e o mesmo a Antonio de Miranda , ) e deixou-se ficar fóra sem querer entrar dentro. Pelo que assentou com Antonio de Miranda , que dissessem na aguada huma Missa , e que nella tornassem a ratificar o juramento que tinham feito , e de novo se obrigavam a Lopo Vaz ir até Cananor por Governador , e assi a segurança de Affonso Mexia , o que juráram de novo alevantando-se a Hostia ,

estando presentes por parte de Lopo Vaz D. João Deça, e o Secretario, que de tudo fez hum assento, em que se declarou, que tanto que Lopo Vaz chegasse a Cananor se desembarcaria do galeão S. Diniz, (por ser tão poderoso que só com elle poderia pelejar com toda a Armada da India,) e que como retcudo se entregaria a Antonio de Miranda na sua galé, do que Lopo Vaz foi contente, e o jurou estando em S. Francisco ao levantar do Santo Sacramento, fazendo algumas declarações, e protestos que lhe convinham. Aos vinte e dous dias de Outubro se embarcaram todos, e chiegaram a Cananor aos seis de Novembro; e desembarcando Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda, foram dar conta a Pero Mascarenhas de tudo o que era passado, dizendo-lhe elle, que tudo consentiria por pacificação da India, posto que tinha entendido que todos tratavam de lhe tomarem seu direito, porque já Antonio de Miranda tinha descoberto o segredo dos Juizes a Lopo Vaz, como vira por huma carta sua que houvera ás mãos por suas intelligencias, escrita ao Veador da Fazenda, em que lhos nomeava, e entre elles a Fr. João Dalvi, que lhe tinha promettido de votar por elle, mostrando-lhe logo a mesma carta, do que Antonio de Miranda ficou atalhado. Pero

Mascarenhas lhe requereo , que se lançasse fóra Fr. João Dalvi , pois era suspeito , e declarára sua tenção , e que em seu lugar entrasse Christovão de Sousa , e que bem podia ser hum dos Juizes , pois o era elle Antonio de Miranda tambem ; mas Christovão de Sousa se escusou com dizer , que Lopo Vaz o tinha por mais suspeito que a todos , pelo que em lugar de Fr. João Dalvi nomeáram aquelles Fidalgos em segredo entre si sinco Juizes mais , que foram Lopo de Azevedo , Antonio de Brito , que fora Capitão de Maluco , Nuno Vaz de Castel-branco , Tristão Dega , e Bastião Pires Vigairo geral da India , o que se fez sem embargo de Antonio de Miranda ter dado o assinado que dissemos a Lopo Vaz de não serem mais de sete. Assentado isto , ao outro dia estando todos á Missa , virando-se Bastião Pires Vigairo geral com o Santo Sacramento nas mãos pera o povo , jurou Pero Mascarenhas de cumprir a pauta , em que havia por bem , que ficando Lopo Vaz por Governador o pudesse mandar prezo pera o Reyno , e o mesmo juráram todos os do seu bando , de que se fez termo assinado por elles. Acabado isto , mandou Pero Mascarenhas chamar o Secretario , e fez hum termo , em que declarava que os Juizes deputados não haviam de pronunciar mais na

causa, senão qual delles ambos havia de ficar por Governador, porque cuja era a governança por direito só ElRey com os seus Desembargadores o haviam de determinar, no que claramente deo a entender pela suspeição dos Juizes, que havia de ter sentença contra si; mas não podia al fazer, senão consentir no que estava ordenado, e queria que lhe ficasse acção pera requerer a ElRey sua justiça. Acabado isto, embarcou-se Pero Mascarenhas no galeão de Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda se passou ao galeão S. Diniz pera tomar entrega de Lopo Vaz, sendo obrigado o mesmo Lopo Vaz passar-se pera a sua galé, como estava assentado na pauta, e jurado por todos, do que se Pero Mascarenhas aggravou, dizendo a Christovão de Sousa, que já se quebravam os contratos que estavam feitos, pois Lopo Vaz se não queria sahir do galeão S. Diniz, nem desistir do mando, e governo, e levava ainda bandeira na gavea, como Governador. Sobre isto mandou Christovão de Sousa outro recado a Antonio de Miranda, que requereo a Lopo Vaz se mudasse á sua galé, como estava assentado, o que elle não quiz fazer, do que se todos escandalizáram, e começou a haver união de novo; o que visto por Lopo Vaz, mandou dizer a Pero Mascarenhas por D. João De-

ca,

ça, que pois a causa se havia de averiguar em Cochim sem elles estarem presentes, que o bom seria ficarem naquella costa com a Armada repartida, fazendo guerra ao Camorim, e defendendo que não mandasse suas náos a Méca, por não levarem a pimenta que fazia abater na d'ElRey, e que só os Juizes fossem a Cochim, e que depois de dada a sentença lha mandariam notificar. Isto commetteo Lopo Vaz, porque houve, que se o negocio ficava em Affonso Mexia, que era cabeça em Cochim, que elle ordenaria com que se dêsse a sentença por elle, o que Pero Mascarenhas entendeu mui bem, e respondeo que não vinha bem a nenhum delles, porque o que tivesse sentença contra si se havia logo de embarcar pera o Reyno, pera o que era necessario estar em Cochim pera se negociar, mandando-lhe requerer que se sahisse do galeão S. Diniz, sobre o que se passáram alguns dias sem Lopo Vaz querer desirir a seus protestos: a que acudio Christovão de Sousa, e pedio por mercê a Pero Mascarenhas, que deixasse ir Lopo Vaz aonde quizesse, porque nisso lha pouco, pois os Juizes haviam de julgar a causa, e não os galeões, com o que houve de o consentir; e dando ambos os pretendores á véla, desparáram cada hum seu tiro, a cujo sinal os homens, que pera isso tinham

nas

nas gaveas, tiráram as bandeiras juntamente, pera que se entendesse, que por aquelle final desistiam ambos do mando, e governo, e que até se julgar a causa ficariam como pessoas privadas, e ao tirar das bandeiras protestáram ambos, que não desistiam da posse que tinham. Feito isto, Antonio de Miranda entregou Pero Mascarenhas a Christovão de Sousa pera no galeão S. Raphael, em que hia, o levar a Cochim, e lá lho entregar, e elle tomou entrega de Lopo Vaz, ficando então como Capitão mór que era da India, a primeira pessoa della, e ambos os Governadores de baixo de seu poder. E sendo eu moço, servindo a ElRey D. João na guarda-roupa, ouvi dizer áquelles Fidalgos velhos daquelle tempo, fallando nestas cousas, que dissera ElRey, que Antonio de Miranda não soubera ser Governador da India. E em huma falla que o mesmo Antonio de Miranda lhe fez sobre seus serviços, dizem, que lhe respondêra ElRey, que de huma só cousa se não houvera por bem servido d'elle, que fora não lhe mandar prezos Lopo Vaz, e Pero Mascarenhas depois de os ter em seu poder, o que elle bem pudera fazer, ficando governando a India com titulo de Capitão mór até ElRey a prover, como logo fez.



## CAPITULO IX.

*De algumas desavenças, que houve em Cochim entre os Governadores: e de como se accrescentáram mais dous Juizes por parte de Lopo Vaz, e do que mais passou.*

**S**URTOS todos no porto de Cochim, foi Antonio de Miranda a terra, e deo conta a Affonso Mexia do que era passado, mostrando-lhe a pauta, e todos os mais papéis, que estavam feitos antre os Governadores, de que Affonso Mexia tomado disse, que tal não havia de consentir, pois se tratára tudo aquillo sem sua authoridade, sendo a segunda pessoa do Estado em cargo, que a elle havia ElRey de estranhar mais aquellas cousas que a todos elles. E com quantas razões Antonio de Miranda lhe deo, não o pode mover a cousa alguma, porque era homem mui afferrado a seu parecer. O que sabido por Pero Mascarenhas, e pelos de sua valia, requereram a Antonio de Miranda, e a Christovão de Sousa, que pois Affonso Mexia não queria jurar a pauta, nem consentir naquellas cousas, que eram pera paz, e soccego do Estado, (no que se queria mostrar parte, e claramente suspeito a suas cousas,)

que se não determinasse aquelle negocio em Cochim senão em Coulaõ , que era dalli hum dia de caminho. E entendendo elles que Lopo Vaz o não havia de querer , por terem sabido que toda sua esperança estava no Afonso Mexia , porque quanto ao direito estava delle bem duvidoso , como na verdade estava , se o não tomáram tão claramente a Pero Mascarenhas todos quantos ordíram aquella tea ; e como elles estavam apostados a fazerem em tudo a vontade a Lopo Vaz , e acabar-se já aquella contenda , fizeram com Pero Mascarenhas que deixasse sentenciar aquelle negocio , posto que Afonso Mexia não assinasse a pauta : o que elle consentio , porque não viesse aquelle negocio ás armas pera mais justificação sua pera com ElRey. Com isto se foram a terra Antonio de Miranda , e Christovão de Sousa , e se recolhêram no Mosteiro de Santo Antonio pera nomearem os Juizes , insistindo Christovão de Sousa em se lançar fóra Fr. João Dalvi , e que em seu lugar se mettessem os que já estavam declarados , no que não quiz consentir Antonio de Miranda até o fazer a saber a Lopo Vaz , que tomou muito mal a mudança que se queria fazer nos Juizes , e disse bradando alto , que já não podia soffrer mais , e que bem escusado fora enganarem-no , e trazerem-no alli de

de Goa, que elle tinha disso a culpa, e que a elle Antonio de Miranda, e a todos os mais espetaria em hum páo: e que se fossem logo pera Pero Mascarenhas, porque se não quizesse consentir no que estava assentado, nem elle consentia em algum dos Juizes, nem se queria pôr a direito com pessoa alguma, que elle naquelle galeão pelearia contra todos, e que a ventura diria quem era o Governador; e que elle Antonio de Miranda daria conta a Deos, e a El Rey de todas as desaventuras que succedessem, pois elle só fora a causa dellas. Antonio de Miranda affrontado daquellas palavras, lhe respondeo, que elle não enganava a ninguém; antes tinha feito o que devia ao serviço de Deos, e d'El Rey, e bem, e quietação naquelle Estado: que elle se queixaria a seu Rey das injúrias que lhe alli dizia, e que elle era o que não queria razão, nem justiça, desentoando-se em palavras, que se não ouviram bem com a grande revolta dos que se mettêram em meio: e assi apaixonado, e blazonando se sahio do galeão, e se passou ao de Pero Mascarenhas. Sabendo elle o que passava, lhe requereo que por virtude da pauta, e juramentos feitos, (pois Lopo Vaz quebrava as condições della, e não consentia nos Juizes,) que o houvesse por Governador, conforme aos assentos que

estavam feitos , sem mais ser ouvido Lopo Vaz , e o mesmo requerimento lhe fizeram os Fidalgos que alli estavam. Antonio de Miranda disse que lhe obedecia , mandando fazer hum auto , que pois Lopo Vaz quebrava os contratos , e juramentos feitos , que havia Pero Mascarenhas por legitimo Governador da India ; e logo lhe entregou toda a Armada que tinha a seu cargo , que era a galé bastarda , em que estava Eitor da Silveira , e a náó de Nuno Vaz de Castelbranco , duas caravelas , de que eram Capitães Vicente Pegado , e João de Sá , hum galeão de que era Capitão Simão de Mello , que naquelle tempo não estava nelle , e alguns navios de remo , e o galeão S. Rafael , em que estava o mesmo Pero Mascarenhas. Com Lopo Vaz ficaram os galeões S. Diniz , e S. Luiz , de que era Capitão Martim Affonso de Mello Juzarte , e o Camorim em que estava João de Mendouça , e ás galés de Ruy Pereira , e Antonio da Silveira , a caravela de Fernão de Moraes , e muita fustalha , que estava no porto de Cochim ; e assi se apartou Pero Mascarenhas com a sua Armada a huma parte , pondo-se em ordem de peleja , o mesmo fez Lopo Vaz pera averiguarem aquelle negocio por armas , como já aconteceu antre Augusto , e Marco Antonio sobre o Imperio de

Roma, levando todos sua artilheria, e assalando suas armas, como se cada hum destes Governadores houvera de pelejar com Rax Soleimão se passára á India. A gente ordinaria de Pero Mascarenhas bradava por batalha, dizendo que já não era razão soffrer tanto a Lopo Vaz, de sorte que tudo era hum confusão, e barbarice que metia medo, e espanto, porque, segundo o poder de ambos estava igual, não pudera deixar de haver a mór desaventura do Mundo, porque estava certo não se apartarem sem a vitoria de alguma das partes, e assi o que ficasse com o Imperio do Oriente, sobre que contendiam, havia de ser em estado que muito facilmente o poderia logo perder, porque o Çamorim com todos os Reys do Malavar estavam á mira com grande Armada, pera mandarem dar no que ficasse, e solicitáram os Reys de Cananor, e Coulaõ, pera se alevantarem logo contra aquellas fortalezas, e tudo se perdêra, se Deos o não atalhara. Os protestos corriam apressados de parte a parte, descarregando hum sobre outro toda a culpa dos damnos que succedeffem. Antonio de Miranda sentio-se muito culpado em ter descuberto a Lopo Vaz os Juizes, porque dahi nasceo todo o mal, e foi contra o juramento, e obrigação que tinha; porque se os tivera em segredo, nem

Lopo Vaz soubera quem havia de julgar a causa, nem houvera mais que esperar sentença, porque á hora que se nomeassem, sem se bulirem dalli, se havia de determinar o negocio; e por evitar tantos danos, e desaventuras, dizem, que mandára dizer em segredo a Lopo Vaz, que lhe dava sua palavra de votar por elle, por isso que se quietasse, como fez por conselho de Affonso Mexia; e mandando chamar Antonio de Miranda, pediu-lhe perdão das palavras que lhe dissera, e depois de reconciliados fez hum termo em que consentia nos Juizes, e a requerimento de Pêro Mascarenhas se mudou do galeão S. Diniz á não S. Roque, e foi entregue a Antonio da Silveira, e Pêro Mascarenhas se mudou á não Flor de lamar entregue a Diogo da Silveira, e ambos juráram de os entregar a Antonio de Miranda quando lhos pedisse. Com isto se foram a terra Antonio de Miranda, e Christovão de Souza com todos os Fidalgos para nomearem os Juizes.



# DECADA QUARTA.

## LIVRO IV.

Da Historia da India.

---

---

### CAPITULO I.

*Dos Juizes que se accrescentáram de novo: e de como se deo a sentença por Lopo Vaz de Sampaio: e de como Pedro Mascarenhas se embarcou pera o Reyno.*

**R**ECOLHIDOS Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda em Santo Antonio, hum dia pela manhã nomeáram os Juizes, que temos dito, estando na Capella da Igreja, onde logo se disse huma Missa, e alevantando o Santissimo Sacramento, juráram os Juizes de bem, e verdadeiramente julgarem aquella contenda; e o Secretario, que havia de tomar os votos, tambem jurou de ter em segredo os taes votos, que os Juizes lhe haviam de dar por seus assinados, e que os não mostraria senão a ElRey em Portugal. Estando já a cousa des-

*Conto. Tom. I. P. I.*

Q

ta  
N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

ta maneira , apartou Antonio de Miranda a Christovão de Sousa , e lhe disse , que elle queria accrescentar mais dous Juizes , que eram Fr. João Dalvi , e Braz da Silva de Azevedo , o que lhe Christovão de Sousa estranhou , debatendo com elle muito , até que lhe prometteo , se o consentisse , de dar seu voto por Pero Mascarenhas , e que o mesmo entendia que havia de fazer D. João Deça , porque a justiça estava muito clara por elle , e que não fazia aquillo senão por pacificar , e satisfazer a Lopo Vaz , e por quietação da India ; e tantas cousas lhe disse sobre isso , que o consentio , sem dar conta a Pero Mascarenhas , que todos andavam a lhe tomar o que era seu : E certo que pareceo cousa escandalosa a deste Religioso Fr. João Dalvi querer-se quasi por força metter neste negocio , tanto , que a primeira vez que Pero Mascarenhas teve pejo nelle , logo se houvera de lançar de fóra , e segundo a instancia com que Lopo Vaz insistia em o metter por Juiz , parecia que lhe tinha promettido sentença , ou o seu voto , em que se mostrava ser bem suspeito , pois se affirmava que descobrira sua tenção contra a obrigação de sua profissão , de que se os Religiosos haviam muito de affastar , porque seu officio he rogar a Deos pela conservação dos Reynos , e das Républicas , e



deixar o governo dellas a quem os Reys as encomendam, que são Capitães, e Cavalheiros, que com as armas defendem os Estados, e os dilatam, ganhando fama perpétua, e gloria eterna, pelejando pela Fé de Christo, que os bons Religiosos ganham com orações, e lagrimas. E deixando esta materia, tornando ás cousas dantre os dous Governadores Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda, deram juramento a Affonso Mexia, e a D. Vasco Deça, que entregariam aquella fortaleza de Cochim a qualquer dos dous por quem se julgasse a Governança, o que elles fizeram com condição, que jurassem todos os que alli estavam, que dando-se sentença por Pero Mascarenhas, tomavam sobre si a elles, e Aires da Cunha Capitão de Coulaão, a Pero Vaz Travassos, e a Diogo Sancho, e aos moradores de Cochim, assi suas pessoas, como fazendas, e lhe fizessem dar a elle Affonso Mexia embarcação pera o Reyno, e que o não obrigassem a ficar na India, o que elles juraram juntos; e apartados os Juizes, deixou-se ficar dentro com elles Christovão de Sousa, sem embargo de não querer ser hum delles, o que lhe Antonio de Miranda estranhou, pedindo-lhe se sahisse pera fóra, tendo elles assentado ambos que estariam ao despacho, o que Christovão de

Sousa não quiz fazer, sobre o que altercaram razões, e se atearam em palavras, a que os Juizes acudiram mettendo-se em meio; e em fim Christovão de Sousa se fahio pera fóra, entendendo mui bem que se queria roubar a justiça a Pero Mascarenhas, e ficou mui triste, e arrependido dos dous Juizes, que deixou accrescentar de novo; e vendo que a cousa toda ficava á vontade de Lopo Vaz, foi-se embarcar, e entrando no galeão de Pero Mascarenhas, chegando a elle mui agastado, disse: *Sus, façamos alforges, e partamos, que tudo he por demais*, e calou-se pelo juramento que tinha. Bem entendeu Pero Mascarenhas, que tudo ficava sobornado por parte de Lopo Vaz; mas como não queria mais que paz, e quietação, deixou julgar o negocio como quizessem, porque bem sabia que ElRey lhe faria justiça. E querendo os Juizes entrar na materia que levavam já bem estudada por parte de Lopo Vaz, chegaram D. Vasco Deça, e Simão Caciro procuradores de ambos os pretendores, e offerecêram suas razões, e após elles entrou o Procurador da Cidade com hum requerimento dos Vereadores, em que lhes pediam da parte de Deos, e d'ElRey que não julgassem a Governança por Pero Mascarenhas, porque se o faziam, juravam de despoisar a Cidade, e pas-

e passarem-se a terra dos Mouros , offerecendo pera isso humas razões mui compridas , que por taes as deixamos , em que apon-tavam muitas cousas contra Pero Mascarenhas , porque diziam não poder ser Governador. Fechados os Juizes , começaram a debater a materia , em que gastáram parte do dia , e da noite , em que os casados todos de Cochim andáram pelas ruas em procif-sões descalços , com suas mulheres , e filhos , pedindo a Nosso Senhor os livrasse de Pe-ro Mascarenhas governar , porque receavam , que sendo Governador se vingasse de todos pela resistencia que lhe fizeram. Vistas pelos Juizes as successões ambas , os autos das pos-ses , e juramentos , e as razões de parte a parte , e depois apartados de dous em dous , discutiram a materia , e puzeram suas ten-ções em escrito , e assinando-se nelles , os deram ao Secretario , que depois de os ter to-dos , os apurou , e tomando os votos , achou-se mais hum por Lopo Vaz de Sampaio , que segundo ouvimos dizer a hum Fidalgo honrado , e muito velho na India , foi o do P. Fr. João Dalvi. Sendo vencidos os vo-tos por parte de Lopo Vaz , pronunciáram os Juizes a Sentença nesta fórma : *Vistos es-tes autos , e o que por elles se mostra , jul-gamos por nossa definitiva Sentença , que Lopo Vaz de Sampaio seja Governador nes-*

tas partes da India, e que Pero Mascarenhas se embarque pera o Reyno, dando-se-lhe embarcação conforme a sua pessoa; e quanto aos ordenados fique pera ElRey os julgar como lhe bem parecer, e assi todo o mais que cada hum quizer requerer. E assignados todos os Juizes, publicou-se logo a Sentença, que foi dada aos vinte e hum de Dezembro. Tanto que se publicou, embarcaram-se em hum bargantim Antonio de Miranda, D. João Deça, Braz da Silva, Trifão Dega, e foram á não de Pero Mascarenhas, que estava com Christovão de Sousa, e D. Simão de Menezes, e presentes todos lhe notificou o Secretario a Sentença que Pero Mascarenhas ouvio com hum rosto muito seguro, sem fazer mudança em cousa alguma; e depois de a ouvir não disse mais senão que ElRey lhe faria justiça. Dalli se foram á não de Lopo Vaz, e lha publicaram tambem, que a ouvio com bem diferentes exteriores de Pero Mascarenhas, porque logo nelle, e nos seus se enxergou mui sobreja alegria, dando publicamente os agradecimentos aos Juizes, e pedindo perdão a Antonio de Miranda; e porque aquillo era já de noite, a passáram toda no seu galeão em bailos, e tangeres; e pela manhã embarcando-se o Governador em hum bargantim, foi correndo todos os navios da

Armada pera segurar os Fidalgos, que foram do bando de Pero Mascarenhas, porque receou que se quizessem ir pera o Reyno, e com todos se reconciliou, apazigou, e quietou. Dalli se foi a terra, onde foi recebido da Cidade com pallio, e grandes festas, dando logo ordem á carga das náos. Pero Mascarenhas não se desembarcou, antes ficou sempre no mar, mandando fazer prestes as cousas necessarias pera sua embarcação; e sendo quinze de Janeiro se embarcou, entregue por mandado do Governador a Antonio de Brito, que hia rico de Maluco, e era hum Fidalgo muito honrado, que depois de ser em Portugal casou com huma irmã de Martim Affonso de Sousa, que depois foi Governador da India, de quem teve huma filha, que casou com D. João da Silva Conde de Portalegre, de quem elle não houve filhos. Primeiro que Pero Mascarenhas se embarcasse, mandou citar Lopo Vaz pera em Portugal requerer contra elle a Governança da India, assi pelos ordenados, como por todos os prois, e percalços. Castanheda diz, que depois houvera sentença contra elle pelos ordenados, e o mesmo diz Pero Mapheo, que o segue; e accrescenta mais, que fora condemnado o mesmo Lopo Vaz em vinte mil cruzados, que era o ordenado de dous annos, que gover-

nou depois de abertas as successões que vieram do Reyno. João de Barros, se nos não lembra mal, diz, que foi aleive que Castañeda alevantou a Lopo Vaz; e parece-me que diz mais, que buscára os cartorios pera ver esta sentença, e que em nenhum a achára. Pero Mascarenhas foi bem recebido d'ElRey, que teve sempre muita conta com suas cousas, e lhe deo a capitania de Azamor, e depois de estar alli alguns annos vindo pera o Reyno perdeu-se em humas caravelas. Foi este Fidalgo filho segundo de João Mascarenhas, e neto de Nuno Mascarenhas irmão do Capitão dos Gineetes Fernão Martins Mascarenhas: foi casado com D. Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que houve duas filhas, Dona Catharina Pereira Barreta mulher de D. João de Castel-branco filho do Conde D. Martinho, e D. Elena Mascarenhas, que casou com D. Pedro Mascarenhas, que foi por Embaixador a Roma, e depois por Viso-Rey da India. Teve mais dous filhos bastardos, João Mascarenhas, e Jeronymo Mascarenhas, foi natural da Villa de Loulé no Algarve. Depois destas differenças (porque não houvesse outras na India) mandou El-Rey D. João hum regimento, em que diz, que abrindo-se as successões da Governança da India, se o que nellas succedesse não es-

tivesse desde o Cabo de Camorim até a ponta de Dio, não se esperasse pela tal pessoa, e se abrisse a outra successão, (o que já aconteceu quando succedeo D. Diogo de Menezes, como em seu lugar diremos.) Lopo Vaz, depois de despedir as náos pera o Reyno, tendo já sabido que a Armada dos Turcos se tornára a recolher a Suez, tratou de a ir buscar, e queimar naquelle porto, o que poz em conselho, e foi contrariado de todos por causa da Armada que o Camorim tinha feita, assentando-se, que se mandasse o Capitão mór áquelle estreito a saber a certeza dellas, e que não vindo pera o anno Governador do Reyno, então as poderia ir buscar com mais poder, e cabedal. Assentado isto, despedio logo Antonio de Miranda com seis galeões, e huma caravela, huma galé, dez navios de remo, em que hiam os Capitães seguintes. No galeão S. Diniz, elle: Fernão Rodrigues Barbas no galeão S. Rafael, Antonio da Silva no Reys Magos, Ruy Vaz Pereira no galeão S. Luiz, Henrique de Macedo no Camorim grande, Lopo de Mesquita no pequeno, Ruy Gonçalves na caravela bicha, Ruy Pereira na galé bastarda. Nos navios de remo Francisco de Vasconcellos, Pero Celas, Francisco Alvares, e outros. Iriam nesta Armada mil homens d'armas, e

deo esta Armada á véla quasi juntamente com as náos do Reyno. Logo poucos dias depois mandou o Governador seu sobrinho Simão de Mello ás Ilhas de Maldiva esperar as náos de Méca, e levou hum galeão, huma caravela, e dous, ou tres navios de remo, e de sua jornada adiante diremos. Em quanto o Governador fica em Cochim, entendendo em algumas cousas necessarias, tornaremos ás de Maluco que nos chamam.

## C A P I T U L O II.

*Do que passou D. Jorge Capitão de Maluco com D. Garcia Henrique sobre certos apontamentos que levava: e de como mandou a Malaca pedir soccorro, e prendeo D. Garcia em ferros.*

**A** Trás temos dado conta das cousas que em Maluco succedêram com a chegada de D. Jorge, e de como ficou correndo em treguas com os Castellhanos. Vindo a moução em que D. Garcia se quiz embarcar pera a India, lhe mandou D. Jorge notificar, que se fosse pela via de Borneo, conforme a hum regimento que levava de Pero Mascarenhas, porque desejava de se fazer sempre aquella derrota por ser mais apressada, que a que se fazia por via de



Banda : que por ser mais apressada , mandou Antonio de Miranda de Brito , sendo Capitão de Maluco , descobrir o anno de vinte e tres por Antonio de Abreu seu parente , que foi o primeiro que por ella navegou , o que Pero Mascarenhas desejava se continuasse , assi por ser mais breve a jornada , como por grangear o commercio , e amizade daquelles Reys , e senhores das Ilhas de Borneo , porque tinha por noticia que havia nellas muito ouro ; e a principal razão era , porque queria tolher aquella navegação aos Castellianos. D. Garcia tomou mal a notificação , porque recebia mui grande perda não indo por via de Banda , porque esperava de achar alli hum junco que o anno passado mandára a Malaca , e mandou dizer a D. Jorge , que de muito boa vontade fora pela via de Borneo , mas que era jornada duvidosa , porque já a cometera em tempo de Antonio de Brito , levando muito bons Pilotos , e que , depois de andar muitos dias perdido por antre aquellas Ilhas , tornára arribar a Maluco. D. Jorge o escusou , ordenando de mandar outrem descobrir aquelle caminho. D. Garcia tratou de o estorvar , porque indo alguém que não fosse elle , ficava culpado com o Governador , e disse a D. Jorge , que lhe parecia escusado mandar navio a Malaca , por-

que se era a pedir soccorro, que elle tinha já mandado a isso Manoel Lobo, que devia de ser já lá, e que a resposta não poderia tardar, porque como se soubesse dos Castelhanos, forçado se haviam de apressar: e que vendo lá outro navio com gente, haveriam que a necessidade não era grande, pois a podia escusar, e ainda o faria mais vagaroso se lhe levasse recado, que ficavam em treguas com os Castelhanos: que elle tinha por novas que Martim Inhegues ordenava hum navio pera mandar com recado á nova Hespanha a pedir náos, e gente: que elle queria ir esperar este navio, que havia de levar o recado, e tomallo, que lhe mandasse armar pera isso o seu navio, e outros alguns. D. Jorge não lhe accitou os cumprimentos, sobre o que D. Garcia lhe fez grandes protestos, com o que Dom Jorge desistio do navio, que queria mandar a Malaca, e D. Garcia se começou a negociar pera se partir; e porque receou não lhe deixar D. Jorge embarcar vinte homens de sua obrigação, pela necessidade que havia delles, lhe deo cem bares de cravo, e passou-lhe huma escritura, que em Malaca os daria a seus procuradores, por estarem já embarcados, com tanto que lhe deixasse embarcar a gente de sua obrigação, o que lhe elle prometteo, (coufa mui ordinaria

na India em alguns Governadores, e Capitães, dar-lhes pouco de a deixarem em trabalhos, e perigos, porque não tratam mais que de si, e de levarem com que comprar rendas no Reyno, e depois em suas quintas aos soalheiros, quando vam as novas da India, perguntam se ainda vive, e se está ainda em pé: no que tem muita razão, porque os mais delles a deixáram, e suas fortalezas pera espirar.) E tornando a Dom Jorge, depois de ter feito aquelle partido tão affrontoso, cahio que fazia erro em não obrigar a D. Garcia a ir pela via de Borneo, como lhe mandára Pero Mascarenhas, pelo que lhe tornou a mandar fazer novo requerimento sobre isso. E porque de todo lhe pareceo ser obrigação avisar o Capitão de Malaca das cousas dos Castelhanos, mandou huma corocora mui ligeira, e nella tres Cavalleiros mui honrados, chamados Vasco Lourenço, Diogo Cão, e Gonçalo Velloso, e hum Piloto Castelhana, a que não achámos o nome, dando por regimento a estes homens que fossem por Borneo, e se vissem com aquelle Rey, e assentassem com elle pazes, e amizades, mandando-lhe por elles hum presente de brincos, e cousas curiosas, em que entrava hum panno de raz de figuras antigas, e grandes muito rico;

escrevendo ao Capitão de Malaca, e ao Governador muito largamente todas as cousas succedidas em seu tempo naquellas Ilhas: nesta volta foram tambem cartas de Dom Garcia, e de Cachil Daroez pera o Governador, em que lhe diziam muitos males de D. Jorge, e desta jornada adiante daremos razão. D. Garcia ficou negociando hum junco seu pera se ir pera a India, e succedeo no mesmo tempo falecer Martin Inhegues Capitão dos Castelhanos, e ser eleito hum Fernão de la Torre, que D. Jorge mandou visitar, e saber delle se queria guardar as treguas que estavam feitas, o que elle não quiz, porque era homem alterado, e de não muito governo, com o que se tornou a atear a guerra, mandando o de la Torre armar huma galeota pera fazer guerra aos nossos. Sabido por D. Jorge, por não ter nenhum navio de remo possante pera contra aquella galeota, mandou logo armar outra, a que fez dar muita pressa, tomando pera isso quantos carpinteiros havia na terra, em que entravam alguns que trabalhavam no junco de D. Garcia, sobre o que tiveram muito ruins palavras, em que chegou D. Garcia a punhar da espada, e mettendo-se muitos no meio, se recolheu D. Garcia pera sua casa. D. Jorge induzido de homens mal inclinados, (que sempre

neste negocio affopram bem o fogo,) mandou pelo Ouvidor tomar a menagem a Dom Garcia, e que se viesse metter na fortaleza. D. Garcia zombou do Ouvidor, ao que acudio D. Jorge a repique de sino, negociando-se pera o ir prender, mandando diante o Alcaide mór a lhe requerer que se fosse pera a fortaleza. D. Garcia estava com quarenta homens postos em armas: dando-lhe o Alcaide mór o recado, dizendo-lhe que D. Jorge hia por caminho, que havia de escusar pendenças, respondeo, que se elle lá fosse, que elle o sahiria esperar fóra. Sabido por D. Jorge, mandou aplestar algumas peças de artilheria nas casas de D. Garcia pera lhas derribar, mandando-lhe fazer primeiro notificação pelo Alcaide mór, e por Tristão Vieira, que era amigo de Dom Garcia, que lhe disse tantas cousas, que se sahio só de casa, e chegando á fortaleza, disse a D. Jorge: *Eis-me aqui, que me que-reis?* D. Jorge lhe tomou a menagem, e mandou fazer de tudo hum auto pelo Ouvidor, ficando na fortaleza alguns dias prezo, em que o Rey de Geilolo por parte dos Castelhanos começou a fazer guerra aos nossos com Armadas pelo mar, dando nos lugares d'ElRey de Ternate. D. Jorge acudio com algumas corocoras que mandou em busca dos inimigos. Visto por to-

dos os da fortaleza a guerra travada, pediram a D. Jorge soltasse D. Garcia, que era hum Fidalgo tão honrado, e que acabára de ser Capitão daquella fortaleza, e que os Mouros andavam escandalizados de ver entre elles aquellas dissensões; mas como Dom Jorge estava teimoso, disse que assi prezo o havia de mandar á India: com o que Dom Garcia lhe mandou requerer que o soltasse, e quando não, que o prendesse em ferros, senão que se havia de ir pera sua casa; (isto lhe mandou dizer, porque sempre cuidou que D. Jorge não quizesse chegar com elle ao cabo: ) Mas D. Jorge, que estava com sua paixão, lhe mandou lançar hum bom grilhão, com o que os amigos, e criados, que seriam perto de sincoenta, se amotinaram, tratando de o ir tirar da fortaleza, mas não pudéram: pelo que se determinaram de se irem pera hum lugar forte do Sertão, do que deram conta a Cachil Daroez, pera de lá mandarem requerer a D. Jorge soltasse D. Garcia, senão que se passariam pera os Castelhanos. Estes tratos descobriu hum delles a hum Fernão Baldaya, por saber que o havia de dizer logo a D. Jorge, como fez: pelo que determinou de prender os principaes da conjuração, a que acudio Simão de Vera, e outro, dizendo-lhe que melhor sería soltar D. Garcia,

cia, e dissimular-se tudo, como logo fez, fazendo-se amigos, e rompendo as devassas ficáram correndo em amizade.

C A P I T U L O III.

*De como os de D. Garcia o induziram que prendesse D. Jorge, e de como o fez, e se metteo na fortaleza.*

**O**S amigos de D. Garcia, e todos os que pretendiam ir com elle pera a India, não ficáram satisfeitos destas amizades, receando que se durassem até se embarcar, não levasse todos, nem era razão, porque ficaria a fortaleza só. Pelo que começáram a semear novas zizanias, persuadindo a Dom Garcia se não fiasse de D. Jorge, que por derradeiro era amigo reconciliado. Tanto lhe disseram disto, que fizeram com elle andasse com o olho sobre o hombro, começando a andar acompanhado dos induzidores. Por outra parte, alguns que se mostravam familiares de D. Jorge, o avisavam, que não se fiasse de homem a quem tinha escandalizado, porque a todo o tempo que pudesse se havia de satisfazer; e que sabiam que D. Garcia dava muitos avisos aos Castelhanos, e trabalhava tudo o que podia por Cachil Daroez se alevantar contra a fortaleza, e que provocava os Ternatezes ao

*Couto. Tom. I. P. I.*

R N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

odiarem. E não parando aqui o negocio, succedeo vir ElRey de Bachão á nossa fortaleza a negocio, e tendo suas estancias fóra, huma noite deram huns poucos nellas, e matando-lhe quatro, ou sinco homens, e ferindo-lhe muitos, tudo a fim de o omiziam com D. Jorge. Ao outro dia indo ElRey á fortaleza a fazer queixas daquillo, lhe sahíram Tristão Vieira, Affonso Gentil, e Luiz Dias, (que diziam foram os da alhada;) e como sabiam ao que hia, o tiráram disso, affirmando-lhe que D. Jorge lhes mandára fazer aquillo em vingança da morte de certos Portuguezes, que em Bachão matáram a seu irmão D. Tristão de Menezes, e dos juncos, e cravo que lhes tomáram, como na terceira Decada se conta, o que tudo foi facil a ElRey de crer, e deixou dalli por diante de ir á fortaleza, e esteve de todo pera se conjurar com Cachil Daroez, e darem de sobrefalto na fortaleza, e tomarem-na; mas ordenou Deos que fosse D. Jorge avisado deste negocio, e de todas as mais cousas, em que o culpavam, de que logo mandou tirar huma devassa, em que se acháram culpadas as peffoas que assima nomeámos, e outros que foram avisados, e se acolhêram pera o matto: pelo que D. Jorge se vio com ElRey de Bachão, e lhe contou as cousas como pas-



passáram , com o que ficou desalivado , e quieto , e tornou a correr em amizade com elle. Não cessáram por aqui as maldades dos da parte de D. Garcia , pelo que determinou D. Jorge de o mandar pera Talangame , que era outro porto da Ilha onde as náos surgem : e disto deo conta ao Alcaide mór , e ao Baldaya , que ou por serem amigos de D. Garcia , ou por quere-rem ver paz , e quietação , lhe aconselháram , que devia de dissimular com aquillo por não renovar chagas passadas , o que elle fez , porque tambem desejava quietação. Mas os máos homens que não descansavam em quanto não vissem aquelles dous Fidalgos baralhados , lançáram pela povoação huma fama surda d'amigo em amigo , que D. Jorge mandava matar D. Garcia. Depois de se isto divulgar , succedeo que hum negro , que D. Jorge levou da India chamado Miguel Nunes , induzido parece por estes tecedores , em muito segredo foi dizer ao Feitor , que D. Jorge lhe mandava matar D. Garcia , e que por lhe não parecer aquillo bem , se queria ir pera os Castelhanos. O Feitor parecendo-lhe aquillo muito grave , aconselhou ao negro que avisasse Dom Garcia , o que elle disse que não havia de fazer , mas que tambem não havia de commetter hum tão grande crime. O Feitor lhe

disse que dissimulasse, e não se passasse aos Castelhanos, por não saberem lá aquellas defavengas, ficando suspenso naquella materia, sobre que deo mil voltas, cuidando se seria verdade, ou não; e porque tudo podia ser, determinou de o descubrir a Dom Garcia, debaixo de graves juramentos, pe-  
 ra andar recatado, porque queria atalhar tamanha defaventura, se era verdade que D. Jorge atentava: e assi lho disse, duvidando porém poder conceber D. Jorge em seu peito cousa tão fea; mas como as cousas que tocam á vida de hum homem não he bem ficarem em dúvida, quiz-se segurar D. Garcia. E dando conta daquelle negocio a Manoel Falcão, a Diogo da Rocha, e a Manoel Botelho, (de quem era mui grande amigo,) e como parecia que o demonio andava nas cousas desta Ilha, entre os nossos semeando zizanias, e discordias, aconselháram-lhe estes, que cumpria a sua vida matar D. Jorge, tirando Manoel Falcão, que lhe disse, que muito melhor era prendello: e que tirasse devassa de suas culpas, e o mandasse á India, e que ficasse elle por Capitão até o Governador prover aquella fortaleza. Isto souo melhor a D. Garcia, e dando conta de tudo a Cachil Daroez, e a ElRey de Bachão, pedindo-lhes favor pe-  
 ra isso, que lhe elles promettêram (ficando

contentes, e alegres de verem antre aquelles dous Fidalgos tamanhas discordias, porque por derradeiro eram Mouros, e folgavam com o nosso damno. ) Succedeo neste tempo, em que estas meadas se ordíram, mandar D. Jorge a Cachil Daroez que fosse de Armada á Ilha de Maquuse, com quem se embarcáram a mór parte dos criados, e amigos de D. Jorge. O que vendo D. Garcia, pareceo-lhe que o tempo lhe dava todas as occasiões pera sua pretensão; pelo que não quiz descuidar-se nellas, traçando com os amigos o modo de como prenderia D. Jorge; e porque tinha mui grande inconveniente no Alcaide mór, ordenou com hum Francisco de Castro, que o convidasse o dia que elle tinha aprazado, como fez, e o levou a huma quinta no lugar que chamam Odoloco, huma legua da fortaleza, e na sua envolta foram a mór parte dos moradores, e criados de D. Jorge, que ficava só na fortaleza. Sabendo D. Garcia que D. Jorge acabára de jantar, mandou Manoel Falcão que se fosse pera elle, e armassem jogo de tavolas, (como muitas vezes faziam.) Estando D. Jorge embebido no jogo, bem descuidado do que se lhe ordenava, entráram pela fortaleza Pero Botelho, Tristão Vieira, e Affonso Gentil (que já eram perdoados do caso d'ElRey de Bacháo) levand

dò ordem do que haviam de fazer, hum que tomasse a porta da fortaleza, e outro a eicada, porque não subisse alguém, e outro que fechasse as portas por fóra a alguns criados que estavam em suas casas dormindo, porque não pudessem acudir ao reboliço. Feito isto, entrou D. Garcia com outros armados; e logo os que tinham cuidado das portas as fecharam, e subindo affima, chegando-se a D. Jorge, liou-se com elle, dizendo: *Estai preso*, e Manoel Falcão, e os mais o ajudáram liando-se com elle, e os outros com alguns criados que alli estavam. D. Jorge começou a bradar: *Traição, traição*. Hum pagém escapulindo dalli teve tal acordo que foi repicar o sino. D. Garcia, e os outros, que estavam ferrados em D. Jorge, tiveram muito trabalho em o derribar, porque era homem de grandes forças, e de grande animo, e com a paixão de se ver assi tratado, bracejava, perneava, e mordia de maneira, que quasi o não podiam ter, e sempre bradou, dizendo: *Traidores, matai-me, não me affronteis*; mas em fim como os outros eram muitos, depois de grande espaço deram com D. Jorge no chão, e lhe deitáram o proprio adobe, que elle mandou lançar a D. Garcia, e tomamdo-o nos ares deram com elle em huma masmorra debaixo do chão, onde o amarráram

ram a humas camaras de falcão pera estar mais seguro.

## CAPITULO IV.

*Do que fizeram os amigos de D. Forge sabendo sua prizão: e das cousas que succedêram até o soltarem: e do que aconteceu aos que D. Forge tinha mandado a Borneo.*

**A**O repique do sino, que o moço fez acudio o Feitor, que pousava fóra, e outros Portuguezes com armas, sem saberm o que aquillo era, e achando as portas fechadas, cuidando ser traição, começaram a lhe dar vaivens, e outros trazerem escadas para subirem por ellas, fazendo hum grande matinada. Aqui acudio D. Garcia ao muro, vendo aquelle alvoroço, e lhes disse: *Senhores, assocegai, que a fortaleza está por ElRey de Portugal, e todos somos seus vassallos, e por desejar a paz, e socego della, fiz este negocio, contando-lhes tudo o que passava, com outras cousas que mais accrescentou: Por isso vos peço que hajais por bem o que tenho feito, e desta fortaleza eu tómo entrega, e della darei conta a ElRey, e ao seu Governador da India.* O Feitor por se achar culpado naquelle negocio em lhe descubrir a velhacaria

do negro , com muita paixão interrompeo a falla a D. Garcia , queixando-se delle a grandes brados , e destemperando-se bem em palavras. D. Garcia lhe pedio se recolhesse , e que corresse com seu officio , que da prizão de D. Jorge elle daria conta a ElRey , com o que todos se recolhêram , por não haver alli que fazer. Não tardou muito o Alcaide mór , e os mais amigos de D. Jorge , que eram idos ao banquete , e sabendo o que passava , foi a sua paixão tão grande que tratáram de entrar a fortaleza , e soltar D. Jorge , e assi se armáram , e foram demandar a fortaleza com escadas , machados , e outros petrechos para quebrarem as portas , começando de subir ao muro. A isto acudio D. Garcia com os da sua valia , e entre todos se começou huma grande briga. ElRey de Bachão com muita gente acudio logo por parte de Dom Garcia , com dissimulação , mostrando que vinha apaziguar , e trazia huma adarga e umbraçada , e huma lança nas mãos , requerendo ao Alcaide mór , e aos mais , que se recolhessem , que aquelle negocio não se havia de fazer por armas : e que pois todos eram naturaes , e vassallos d'ElRey de Portugal , entendessem que não era serviço aventurarem-se tantos homens por hum só , podendo-se pacificar tudo sem tanto damno ,

como se ordenava, que o tempo curava tudo; que não se cansassem, que aquillo se acabaria em bem de D. Jorge. Com isto se recolhêram todos muito tristes. Estas novas corrêram logo por aquellas Ilhas até chegarem a Cachil Daroez, que andava de Armada. Os amigos, e criados de D. Jorge, que com elle andavam, que eram quasi todos os que tinha em as sabendo, logo lhe requerêram que se fosse pera Ternate pera acudir em áquellas cousas, o que Cachil Daroez fez. O Alcaide mór em chegando a Armada ajuntou todos os amigos da obrigação de D. Jorge, que com elle andavam, que seriam quarenta, determinou de o ir soltar, e quando o não pudesse fazer, passarem-se todos pera os Castelhanos, que se gloriavam deste successo. Nisto os favorecia hum irmão d'ElRey, chamado Cachil Viaco, (hum dos sete bastardos que Bolufe teve,) que era grande amigo de D. Jorge, e inimigo de Daroez, por lhe entender suas velhacarias. A primeira cousa, que o Alcaide mór fez, foi impedir hum devassa que D. Garcia tirava de D. Jorge, em que testemunhavam todos os da conjuração de Dom Garcia, vindo com embargos a ella, protestando por parte de D. Jorge de lhe não prejudicar. Os da parte de D. Garcia tambem se ajuntáram contra aquelle bando, de

que era cabeça o Alcaide mór, tratando de o matarem, porque os outros todos sem elle não fariam coufa alguma. Aos da parte contraria favorecia ElRey de Bachão, e ficava o partido muito de ventagem, pelo que o Alcaide mór tratou com Cachil Viaco de se irem todos os de seu bando pera a Serra, e de lá requererem a justiça de D. Jorge, e quando lha não quizessem fazer, passarem-se aos Castelhanos. O Viaco se foi com elles pera os agazalhar lá, posto que nisso houve algumas differenças com os da terra, por não levarem licença de Cachil Daroez, que era Regedor do Reyno. Da Serra começáram a fazer seus requerimentos, assi a D. Garcia que soltasse Dom Jorge, como a Pero Botelho Capitão do navio, em que D. Jorge foi de Malaca a Maluco, pera que se ajuntasse com elles, pera soltarem D. Jorge, ao que lhes não defiriam; e vendo que seus protestos não aproveitavam, mandáram hum Embaixador a ElRey de Tidore, e a Fernão de la Torre, que lhes deo conta de tudo o que era passado: pedindo-lhe da parte do Alcaide mór, e dos mais, mandasse requerer a Dom Garcia soltasse logo D. Jorge, e que quando o não quizesse fazer lhes dessem licença pera se passarem pera elles. ElRey, e o Castelhana tomáram muito mal as coufas que



D. Garcia tinha feito : e logo lhe mandáram fazer hum grande requerimento sobre aquillo , protestando de dar conta a ElRey de Portugal de todas as perdas , e daninos , que da prizão de D. Jorge succedessem. Com este requerimento ficou D. Garcia atalhado , porque bem vio que se elles insistiam em favorecer D. Jorge , que lhe dariam trabalho , e lhe fariam guerra , e receou muito aquella carga ; e respondeo ao requerimento , dando-lhe muitas razões sobre a prizão de D. Jorge , e rogou a Cachil Daroez que logo se fosse com o Alcaide mór , e com os outros á Serra , e dissimuladamente soubesse dos que lá estavam sua determinação , e se visse que todavia insistiam a se passarem a Tidore , os segurasse. Cachil Daroez o fez assi ; vendo-se com elles lhes estranhou o que fizeram , porque D. Garcia era seu amigo , e não havia de bulir com elles ; ao que lhes respondêram que não queriam couza alguma d'elle até não soltar D. Jorge , e que soubesse certo se o não fazia , que se haviam de passar aos Castelhanos , e que D. Garcia daria conta a Deos , e a ElRey dos males que disso succedessem. Estando nestas praticas chegáram as corocoras de Tidore , que Fernão de la Torre mandava em favor do Alcaide mór com alguns Castelhanos , e Tidores , e da praia lhes mandáram

dizer que esperavam por elles. Este recado lhes deram presente Cachil Daroez, com o que se alvoroçaram fazendo-se prestes pera se irem embarcar. Vista por Daroez sua determinação, lhes pedio, que se não aballassem até elle ir fallar com D. Garcia, e que faria com elle que soltasse D. Jorge: elles lhe disseram, que esperariam aquelle dia, mas que se logo o não soltava, se haviam de embarcar. Daroez se foi mui apressado a D. Garcia, a quem deo conta do negocio, accrescentando, que se passavam a Tidore lhe fariam todos guerra, a que elle não poderia acudir, alli pela pouca gente que tinha, como pela falta de mantimentos, e que sobre tudo se não poderia ir daquella fortaleza, (porque sua determinação era embarcar-se, e levar consigo D. Jorge,) e desistindo de sua teima tratou de sua soltura, mettendo-se em meio Cachil Daroez, que foi fallar com D. Jorge, com quem depois de gastar com elle alguns dias em razões sobre o compôr com D. Garcia, o veio a render, assentando com elle, que o soltasse, e o tornasse á sua posse, e que elle lhe dêsse o navio de Pero Botelho pera se ir pera a India, e lhe deixaria levar os da sua valia com suas fazendas, e que se rompessem todos os papeis que de parte a parte estivessem feitos, o que tudo se havia de

jurar por ambos, e que depois de D. Garcia ido pera Talangame com todos os seus, Simão de Vera Alcaide mór soltaria D. Jorge. Assentado isto com D. Garcia, mandou embarcar sua fazenda, e assi todos os mais. Primeiro que se sahisse da fortaleza, mandou encravar a artilheria, porque lhe não atirassem com ella, e partio-se pera Talangame, deixando a fortaleza entregue a alguns cafados. Logo se vieram os da serra, e soltaram D. Jorge com grande prazer de todos, mas nenhum seu, pelas affrontas que lhe tinham feito. E logo mandou de novo fazer autos de tudo pelo Ouvidor, e tirou hum instrumento de como no tempo de sua prisão se apoderáram os Castelhanos da Ilha de Maquuse, por não haver quem lha defendesse, no que ElRey de Portugal recebeu notavel perda, mandando fazer requerimentos a Pero Botelho, que se fosse pera a fortaleza, porque tinha muita necessidade do seu navio por causa da guerra dos Castelhanos, a que não podemos negar o primor com que corrêram com estas cousas, porque bem pudéram elles atigallas de feição, que lhes ficára aquella fortaleza nas mãos. Sobre estes requerimentos de D. Jorge tornou a haver novas revoltas, e por fim de tudo D. Garcia se embarcou no navio de Pero Botelho, e de tudo tirou Dom

Jorge instrumentos, e fez suas reclamações, dizendo, que consentira em tudo por remir sua vexação, fazendo hum auto contra Dom Garcia, em que o havia por alevantado a elle, e a todos os que com elle hiam: e tudo mandou a Malaca por hum Vicente da Fonseca, pera que chegasse juntamente com D. Garcia, e de suas viagens adiante daremos razão, e concluiremos agora as cousas de Maluco com a jornada de Vasco Lourenço, e dos outros, que D. Jorge despedio pera Borneo, como atrás temos contado: que tomando sua derrota, em que passãram muitos trabalhos, e perigos, e cançados, e enfadados da viagem, foram tomar a Cidade de Borneo, onde achãram hum junco, de que era Capitão hum Afonso Pires, que hia pera Maluco, que era muito conhecido daquelle Rey, e como vio os Portuguezes lhos levou, e elle lhes fez gazalhado, dizendo-lhe elles, que não vinham a mais, que a visitallo da parte do Capitão de Maluco, que lhe mandava pedir quizesse ter com elle paz, e amizade, e que corresse entre ambos trato, e commercio, do que El Rey folgou muito, dando os agradecimentos a D. Jorge daquella vontade. Vasco Lourenço lhe apresentou as peças que levava, e abrindo-se o panno de raz, em que estava afigurado o casamento

d'ElRey de Inglaterra com a tia do Emperador , ( estava ElRey muito pelo natural com suas vestiduras Reaes , Sceptro , e Coroa , e outras figuras á roda : ) vendo ElRey cousa tão defacostumada , perguntou o que era aquillo , e dizendo-lho , suspeitou ser engano , e que os nossos eram feiticeiros , e que aquillo eram figuras encantadas , que lhe queriam metter em sua casa , pera de noite o matarem , e lhe tomarem o Reyno , e muito torvado disse , que lhe tirassem logo aquillo dalli , e que se fossem os nossos do seu porto , que não queria em sua terra outro Rey senão elle , e que se alli estivessem mais , que os castigaria. Os nossos se viram assombrados. Affonso Pires , e alguns Mouros quizeram tirar a ElRey aquella imaginação , mas não pudéram , e Affonso Pires se tornou pera Malaca , indo com elle Vasco Lourenço , e os mais se tornáram na corocora pera Maluco , aonde chegáram a salvamento. Este anno indo hum Gomes de Siqueira por mandado de D. Jorge buscar mantimentos pelas Ilhas de Mindanao , desgarrando com o tempo , descobriu muitas Ilhas juntas em nove pera dez grãos do Norte , que delle se chamáram as Ilhas de Gomes de Siqueira.

## CAPITULO V.

*Das cousas em que o Governador provêo, em quanto esteve em Cochim: e das Armadas, que despachou pera fóra: e da grande vitoria, que D. João Deça houve de huma Armada de Calecut: e de como Christovão de Mendoça foi entrar na fortaleza de Ormuz, e da morte do Guazil Rax Hamede.*

**D**Eixámos o Governador em Cochim, depois de despedir as náos pera o Reyno, com quem he necessario continuemos. A primeira cousa que fez foi despedir Dom João Deça pera Capitão mór do Malavar com huma galé, e dezeseis navios, com regimento, que como se acabasse o Verão, fosse tomar posse da capitania de Cananor, por cumprir seu tempo D. Simão de Menezes. E por ser já chegado Francisco de Mello com o recado do successo da Sunda, (que ElRey encommendava tanto, que hum dos principaes pontos do Regimento do Conde Almirante, quando veio por Viso-Rey, era, que logo mandasse fazer aquella fortaleza,) sabendo o modo de como Francisco de Sá ficava em Malaca com a mór parte da gente morta, commetteo a Martim Afonso de Mello Juzarte, irmão de Garcia Ju-

Juzarte de Evora , Fidalgo de muitas partes , pera ir a Malaca ajuntar-se com Francisco de Sá pera irem fazer aquella fortaleza. E o que diz Castanheda , que o Governador mandava a Martim Affonso ir fazer esta jornada , e que elle que se escusára por ser aquella empreza de Francisco de Sá dada por ElRey , e mais estando o outro lá em caminho , havemo-lo por duvidoso , porque nem o Governador havia de tirar a hum Fidalgo tão honrado a empreza , que tinha nas mãos , pois não deixou de a acabar , senão por falta de gente ; nem Martim Affonso havia de aceitar tal jornada , porque nem havia de ir debaixo da bandeira do outro , nem o outro havia de consentir igual com elle. Mas o que disto podemos alcançar he , que andando o Governador ordenando mandar gente a Francisco de Sá , chegou hum Embaixador d'ElRey da Cota , vassallo d'ElRey de Portugal , a pedir ao Governador da parte d'ElRey lhe soccorresse , porque o Madune seu irmão lhe queria tomar o Reyno com o favor , e ajuda do Çamorim , que lhe tinha mandado huma grossa Armada , com que o tinha em muito aperto. O Governador pondo aquellas cousas em conselho , assentou-se que se devia soccorrer áquelle Rey com muita presteza : ao que o Governador despedio o mesmo Martim Affonso.

fo de Mello com onze vélas , em que entrava huma galé real , e huma galeota , e os mais navios de remo , de cujos Capitães não achámos os nomes mais que a tres , Thomé Pires , Duarte Mendes de Vasconcellos , e João Coelho : dando-lhe o Governador por regimento , que passasse a Ceilão soccorrer aquelle Rey , e que dalli se fosse invernar á costa de Choramandel ; e em Agosto fosse a Malaca , e entregasse a Armada a Francisco de Sá , lançando fama que havia de ir no verão ás prezas á costa de Pegú , porque estava a viagem da Sunda tão desacreditada ; que não havia soldado , que quizesse receber soldo pera lá ; e desta maneira , pela fama que se lançou , se embarcaram quatrocentos homens. Partido Martim Affonso , despedio o Governador Pero de Faria pera ir entrar na capitania de Malaca , porque desejava o Governador de tirar Jorge Cabral , que estava provido por Pero Mascarenhas , e foi em hum galeão , e em sua companhia mandou o Governador Simão de Sousa Galvão , filho de Duarte Galvão , pera ir entrar na fortaleza de Maluco , e tirar D. Jorge de Menezes , que era do bando de Pero Mascarenhas , e lhe deo huma galé em que foi com setenta homens , e com elle D. Antonio de Castro , que hia provido da capitania mór daquelle



Archipelago, e da Alcaidaria mór da fortaleza. E assi mandou o Governador outro galeão entregue a Pero de Faria com cento e sincoenta homens, pera lá o dar a Francisco de Sá pera a jornada da Sunda, pera que com a gente, e Armada, que Martim Affonso havia de levar, fosse fazer aquella fortaleza. Assi despachou o Governador a Christovão de Mendoça pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, a quem deo hum galeão, huma caravela, e dous bargantis, em que mandou muitos provimentos pera aquella fortaleza, muita fazenda d'ElRey pera se lá vender, (porque neste tempo não tratavam os Governadores, nem tinham o dinheiro d'ElRey debaixo de suas camas, antes o meneavam em proveito da fazenda d'ElRey, e não no seu.) Esta caravela, e bargantins hiam deputados pera guardarem aquelle estreito. Com Christovão de Mendoça foi embarcado Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, que Manoel de Macedo trouxe prezo, como atrás dissemos, que hia livre de todas as culpas que lhe puzeram; e porque era mortalissimo inimigo de Rax Hamede, que ficou em seu lugar, chegando a Mascate ordenou, por recado que diante mandou, com que o matassem, no que dizem que foi culpado ElRey, pelo grande medo que tinha do Xarrafo. Partidos todos estes Ca-

pitães , de cujas jornadas adiante daremos razão , o Governador se foi pera Goa , ficando D. João Deça na costa do Malavar continuando na guerra contra os Mouros ; e tendo aviso que em Mangalor estava humma Armada do Çamorim , foi áquelle porto , e não a achando deo naquella Cidade , e a queimou , e abrazou ; e voltando pera o Malavar , encontrou sessenta paraos , que era a Armada de Calecut , de que era Capitão hum valente Mouro chamado Chinacotiale , que vinha de proposito buscar a nossa Armada pera pelejar com ella. D. João tanto que os vio chegou os navios á galé , tantos de huma parte como da outra , e encadeando-se , e preparando-se pera pelejar com os inimigos , que a foram commetter com muito grande determinação. D. João tinha a artilheria dos seus navios mui bem carregada , e deixando chegar perto os inimigos deram-lhe aquella primeira furriada , de que lhe mettêram alguns no fundo , e baralhando-se todos , começou-se humma afpera batalha , que foi da nossa parte mui bem pelejada , e muito arriscada por serem os inimigos tão differentes em número de navios , e gente , que havia dez para hum. Hum Capitão de hum navio , a quem não achámos o nome , ferrou com Chinacotiale , e abor dados ambos pelejaram com muito valor ,

matando-lhe muitos dos inimigos ; e quiz Deos que dessem no Mouro duas espingardadas, de que cahio, trazendo já duas cutiladas mui grandes. Os do seu navio em o vendo cahir logo se lançaram ao mar. D. João Deça fez nesta jornada o officio de muito bom Capitão, e de valente soldado, pelejando, e governando com muito valor, e prudencia. O Capitão que rendeo Chinacotiale, logo lhe tirou a sua bandeira da quadra, e a abateo. Correndo a nova pela Armada que era morto, logo se poz em disbarato, e fugida, ficando todavia em poder dos nossos quarenta navios. Foram mortos dos Mouros mil e quinhentos, e quasi outros tantos cativos. Chinacotiale, que ainda estava vivo, foi levado a Dom João Deça, que o estimou muito, e se recolheo a Cananor, com perda de vinte homens, e muitos feridos, que mandou curar mui bem ; e em Chinacotiale mandou ter grande resguardo, por ser Mouro muito principal. E porque já era o verão gastado, desfarmou os navios, mandando a galé pera Cochim, em que foi D. Simão, que lhe entregou a fortaleza. Com esta perda ficaram os Mouros mui quebrantados, porque além della, lhe custáram outros vinte paraos, que se lhe tomáram por vezes, em que lhe matáram tambem mais de mil ho-

mens. Chinacotiale sarou de suas feridas, e tratou de seu resgate, que se veio a concluir em dar doze Portuguezes, dos que estavam cativos em poder do Camorim, e quinhentos cruzados em dinheiro, de que logo fez entrega, e com isso jurou em sua lei, e deo fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portuguezes, e com isto se cerrou este Inverno.

## C A P I T U L O VI.

*Do que aconteceu a Antonio de Miranda no estreito do mar Roxo, e das prezas que fez.*

**P**ORQUE ha muito que deixámos Antonio de Miranda de Azevedo partido do mar Roxo, será razão que continuemos com elle. Partido de Goa (como dissemos) foi seguindo sua derrota até o Cabo de Guardafú, tendo huma grande tormenta no caminho, e chegando a monte de Felix, repartio a Armada em tres partes, mandando tomar as paragens, que as náos costumavam ir demandar pera buscarem o estreito. Alli se deixáram andar ao pairò, por não poderem surgir, por ser aquelle mar de muito fundo. E andando em huma das paragens Henrique de Macedo com outros dous navios, hum dia pela manhã houve vista de hum

hum galeão mui formoso, que vinha mui prospero de gente, e artilheria, e o navio em si muito grande, e possante. Os Mouros que liam confiados na força do navio, e na muita gente, vendo os nossos, os foram demandar. Henrique de Macedo deo hum bolso de véla, e preparou-se, pondo-se em armas pera o esperar, o galeão o foi investir. A este tempo estava só Henrique de Macedo, porque os outros navios tinham-se apartado. Investidos os galeões deitaram logo dentro seus arpeos começando-se a travar huma muito cruel batalha, porque os Mouros eram mais de trezentos brancos, e a mór parte delles Rumes. Os nossos trabalhavam de entrar no galeão dos inimigos, e elles o mesmo por se baldearem no nosso, sobre o que fizeram grandes cavallerias, lançando-se de parte a parte muitas panellas de polvora, lanças de fogo, e outros arremessos mortaes. O vento acalinou, ficando as vélas aos pés dos mastos; e como de quando em quando dava humas lufadas, com que se sacudiam as vélas, acertou de dar huma lança de fogo na do nosso galeão, ateando-se nella o fogo, e dando a lufada de vento, quiz Deos que ao levantar da véla fosse com tanta força que sacudisse a lança de fogo no galeão dos inimigos, (que ainda estava ardendo,) e dando na véla grande tomou fogo, que

ateou tão bravamente, que foi forçado aos nossos, por se não queimarem, cortar a balroa, e acudirem ao fogo, que andava nas suas vélas, que apagaram com muito trabalho. Na náó dos Mouros foi o seu crescendo de feição, que se apoderou de toda ella, com tanta braveza, que por não terem outro remedio se lançáram ao mar. Neste tempo chegáram os dous navios da companhia de Henrique de Macedo, que ao tom das bombardadas acudíram, e vendo o negocio daquella maneira, lançando-se aos batéis foram a pescaria dos Mouros, que andavam no mar, matando nelles á sua vontade, e cativando alguns que lhes melhor parecêram. Os mais galeões que andavam pelas outras paragens vieram-lhe cahir nas mãos per vezes vinte vélas, em que entravam oito náos grossas carregadas de fazendas, e posto que houve alguma defensão, foram logo rendidas. E como foi tempo de se recolherem, foi-se o Capitão mór a Caixem esperar por toda a Armada por lhe ter dado regimento que alli se ajuntassem com elle, como fizeram todos. Estando alli o Capitão mór, teve aviso que ainda se esperava por algumas náos do Achem. Pelo que deixando alli parte da Armada, e Ruy Pereira Quadrilheiro mór pera vender as fazendas das náos, elle com alguns

navios se foi a monte de Felix a esperar estas náos , que por tardarem muito se tornou pera a Armada , e foi tomar Adem , onde achou Ruy Pereira , que alli viera chamado dos Regedores : que sabendo estar a nossa Armada em Caixem , como corriam connosco em amizade , mandáram-lhe pedir soccorro contra os Turcos , que andavam pela terra dentro destruindo-lhe o Reyno , e ElRey não estava então na Cidade. Chegando Antonio de Miranda ao porto , mandou fazer aos Governadores seus offerecimentos , que estava prestes pera favorecer , e ajudar ElRey contra seus inimigos , o que elles estimáram muito , mandando-lhe agradecimentos , e alguns refrescos. E porque os Turcos souberam logo ser alli chegada a nossa Armada , recolhêram-se , e desapressáram a terra. Estes eram os da companhia de Mostafá , sobrinho do Soltão Suleimão , que ( como dissemos ) se alevantou com as cinco galés : que depois que soube ser a Armada recolhida pera Sués , se foi pera Camarão , ou pera huma enxada , que está na boca do estreito da banda de Arabia , donde com o favor d'ElRey de Xaél pertendeo Mostafá conquistar aquelle Reyno. Antonio de Miranda soube das galés , que estavam na boca do estreito , mas não de serem cinco , e cuidou que era toda a

Ar-

Armada; e não tendo alli mais que fazer, deo á vèla, e foi tomar Zeyla com tenção de destruir aquella Cidade, que achou despejada, e lhe mandou pôr o fogo, em que toda se consumio. E por ser tempo de se recolher a invernar, o fez, e foi tomar Mascate, onde deixou os navios grossos, e por Capitão mór Antonio da Silva, e elle com os de remo se foi invernar a Ormuz.

## C A P I T U L O VII.

*De como Simão de Sousa Galvão, que hia pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem: e da grande, e espantosa batalha que teve com hum Armada sua, em que foi morto, e a galé tomada.*

**P**Artido Pero de Faria de Coehim com toda a mais companhia, de que atrás démos razão, apartou-se no golfo de Nicubar a galé de Simão de Sousa com hum tempo que lhe deo muito grosso, com que foi correndo com vélas pequenas, abatendo toda artilheria, porque o comiam os mares, vendo-se muitas vezes perdidos, e alagados; mas como Deos os tinha guardados pera outra morte mais gloriosa, largou o tempo, estando já sobre a barra do Achem, onde elle os levou já tão cansados todos



do trabalho passado, que não podiam con-  
 sigo. E sabendo onde estavam, trabalhá-  
 ram por se affastarem daquella costa, por  
 saberem que aquelles Mouros eram os inó-  
 res inimigos que na India tinhamos; mas  
 o tempo lho não deixou fazer por ser o  
 vento travessia. Os da terra tanto que ví-  
 ram a galé, mandou ElRey visitar o Ca-  
 pitão della com muito refresco; e dizer-lhe  
 que folgava muito de o ver naquelle seu  
 porto, porque desejava de tratar amizades  
 com os Portuguezes: que lhe pedia quizesse  
 entrar pera dentro, onde estaria mais  
 seguro, e sería melhor provido, porque  
 desejava de se ver com elle, e que se qui-  
 zesse que o mandaria pelas suas lancharas  
 metter pera dentro. Simão de Sousa, que  
 era homem precatado, e sabia a malicia  
 daquella gente, mandou-lhe agradecer aquel-  
 la mercê, escusando-se de não acceitar seus  
 offerecimentos, porque hia muito apressa-  
 do, e que logo havia de navegar. ElRey  
 como sua tenção era damnada, quando vio  
 que por cumprimentos o não podia levar,  
 mandou de noite embarcar mil homens em  
 vinte lancharas, e a hum seu Capitão, que  
 lhe trouxesse aquella galé pera dentro, (o  
 que teve por facil, porque já sabia o mo-  
 do de como estava destrojada, porque o  
 presente, e recado foi mais pera espiar, que

por

N I M E R E N S A  
 N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

por cuidar que acceitassem os nossos seus cumprimentos.) Prestes as lancharas, mandou ElRey diante hum calaluz, e ellas apôs elle, que chegou á galé, e disse a Simão de Soufa que todavia lhe tornava ElRey a pedir quizesse recolher-se dentro, porque o tempo não cassava, e que pera o revocarem lhe mandava aquellas lancharas (o que fez ElRey por se os nossos descuidarem.) Simão de Soufa tornou-se a escusar, e vindo-se as lancharas chegando, vendo nellas tanta gente, tomáram depressa armas. Os Achens, tanto que foram perto, arremettêram á galé com grandes gritas, e alaridos, e a cercáram á roda. Hum Fidalgo que alli hia, chamado Manoel de Soufa, foi tão acordado, que remetteo a hum falcão, que hia em ssuma já cevado, e o apontou nas lancharas pondo-lhe fogo, e foi tão bem encaminhado o pelouro, e huma roca de pedras que levava, que dando em meio dellas matou muita gente, desaparelhando algumas, as mais começaram de longe a combater os nossos, dando-lhes formosas salvas de espingardaria; algumas dellas, em que vinha o seu Capitão mór, ferráram a galé por popa, por onde se lançou dentro hum mui grande número delles, a pezar de quantos golpes lhes deram os nossos com que lhes derrubáram muitos. Dentro na ga-

lé se ateou bravissimamente a briga com os daquella parte; porque como todos os mais estavam repartidos por partes, nenhum largou a sua, porque por todos estavam bem apertados dos inimigos. Simão de Sousa, que com poucos ficou de fóra pera soccorrer aonde houvesse necessidade, acudio á popa, e remetteo com os inimigos com tamanha furia, que matando alguns os levou de arrancada até o toldo, aonde apertou com elles de feição, que os fez lançar ao mar com grande damno feu. A batalha por todas as partes estava muito arriscada, porque os inimigos eram muitos, e muito determinadamente commettiam a entrada da galé com muitos, e amiudados tiros. Os nossos vendo que a salvação estava só em Deos, e no esforço de seus braços, fizeram todos tamanhas maravilhas, que passaram os inimigos, de que já eram mortos mais de trezentos. Os mais desconfiados de entrarem a galé, e admirados da valentia daquelles homens, que pareciam leões famintos, affastáram-se pera fóra, e recolhêram-se destrojados, e desbaratados, ficando dos nossos dous mortos, e mais de vinte e cinco feridos, sendo por todos os que hiam na galé setenta. Simão de Sousa mandou curar os feridos mui depressa, porque bem entendeo que havia de ter maior

trabalho , porque o tempo pera nenhuma parte o deixava caminhar , e sobre a amarra estava soffrendo sua importunação , receoso tambem de dar á costa. As lancharas entradas dentro , indo o Capitão a ElRey , lhe perguntou pela galé , e elle lhe contou o que vio. ElRey apaixonado cavalgou em hum elefante , e mandou chamar o seu Capitão mór , e lhe jurou por Mafamede que se lhe não trazia aquella galé , que o havia de despedaçar com aquelle elefante , mandando lançar mais lancharas ao mar , com que prefez sincoenta , em que embarcou dous mil homens , e todos foram demandar a galé. O Capitão da Armada despedio diante huma lanchara com huma bandeira de paz pera segurar os nossos , que chegando á borda da galé , fallou hum homem em Portuguez , e perguntou pelo Capitão , dizendo que ElRey estava mui agastado , sendo tão amigo de Portuguezes , e desejando de lhes fazer honras , e gazalhados , não os quererem acceitar delle : que lhe fazia a saber , que aquelle Capitão que com elle pelejou estava prezo , porque o agravaou , e offendeo em lugar de o servir , como lhe elle tinha mandado ; e pera que visse o castigo que por isso lhe queria dar , lhe pedia entrasse pera dentro , pois não havia tempo pera fazer sua viagem. Alguns

foram de parecer, que deviam acceitar aquelles cumprimentos, que pola ventura seriam verdadeiros, porque elles já não estavam pera mais, e que não podia haver tamanha maldade em hum homem, que tinha nome d'ElRey, que tratasse mal os homens, que o buscavam de paz, e confiados em sua palavra entravam em seu porto. Simão de Sousa lhes disse que se não fiassem daquillo que diziam, porque aquelle barbaro era o mais cruel, falso, e fementido Mouro, que havia em toda a India, e que entendessem que se os acolhia, os havia de martyrizar: que muito melhor lhes era, pois haviam de morrer, ser antes com as armas nas mãos, vingando bem suas mortes; e que quando não pudessem salvar as vidas, o fariam as almas, que Deos por sua misericordia lhes receberia, pois acabavam pelejando por sua Santa Fé. Animados todos com estas palavras, disseram que o seguiriam em tudo, e logo se puzeram em armas. O Capitão mór da Armada fez aquella diligencia, tanto por recear acontecer-lhe outro desbarate, qual o passado, quanto por lhe encommendar ElRey muito que lhe levasse todos aquelles Portuguezes vivos, do que elle hia desconfiado, porque bem sabia que elles não se entregavam a ninguem senão despedaçados. E vendo que os não podia

levar por cumprimentos, investio a galé por todas as partes com tamanho estrondo, que puderam espantar muitos homens, e muitos navios, dando muitas, e mui apressadas falvas de artilheria, e de arcabuzaria; mas os nossos como estavam determinados a morrerem, postos em seus lugares rebatêram os inimigos, que queriam entrar a galé, dando com huma somma delles ao mar bem escandalizados; mas como as lancharas eram muitas, e os inimigos tantos, que no lugar donde cahiam dez se punham trinta, a pezar dos golpes dos nossos entráram huns poucos na galé, que logo foram atassalhados, porque não achavam homens, senão leões, que remettiam com elles aos dentes pera os comerem, fazendo aquelles poucos, e cansados homens tamanhas cavallerias, que de cada hum delles se puderam encher muitos capitulos, quanto mais de tantos, que nós abbreviamos neste pequeno, por nos faltarem palavras pera os engrandecer, como merecem. Os que estavam feridos do dia dantes, como homens escandalizados, não davam golpes, que não cortassem pernas, braços, cabeças pelo meio, não lhes dando cousa alguma de se lhes renovarem as feridas com outras de novo, que o furor lhes não deixava sentir. E posto que (como dissemos) todos fizeram tan-

to, Simão de Sousa, e Manoel de Sousa andavam taes, e tão encarniçados dos inimigos, fazendo tão espantosas façanhas, que deixavam muitos Mouros de pelejar pelos olhos, porque não podiam crer, com o verem que em braços humanos havia tantas forças, nem em homens mortaes tão pouco receio da morte; porque onde elles viam mór perigo, alli se arremeçavam, cortando, ferindo, e destruindo tudo a que chegavam. Durou isto tempo de quasi tres horas, em que os nossos alli os escandalizaram, que se começaram a alargar da galé, ficando todos taes, que se não podiam mear, sendo já alguns mortos, e todos os mais feridos em muitas partes. Indo-se já os Mouros affastando, pasmados do que viam, permittio Deos que se desferrolhasse hum Mouro, que andava a banco na galé; que se lançou ao mar, e foi ferrar huma lanchara, indo já affastada, e disse aos Achens que porque deixavam aquella galé, que os mais dos Portuguezes eram mortos, e todos os outros tão feridos, que não escapariam. ElRey, que estava da terra vendo a briga, não fazia senão cevar os seus com mais gente; e vendo affastar as lancharas, lhes mandou outras de refresco, com o que tornaram a voltar, e investiram a galé, não achando os nossos no estado em que o Mou-

*Couto. Tom. I. P. I.*

T

IMPRENSA  
NACIONAL

ro lhes pintou, senão tão vivos, e espertos, como da primeira vez; e postos em defensão da galé, pelejando como desesperados, faziam novas façanhas: mas como o partido era tão desigual, e muitos dos inimigos que vinham de refresco, apertáram tanto que entráram á galé, não sendo mais os que pudessem pelejar que Simão de Sousa, Manoel de Sousa, D. Antonio de Castro, Antonio Caldeira, e Jorge de Abreu, todos homens Fidalgos (que tinham feito obras memoraveis, e dignas de se recitarem por espanto) que todos tinham mortalissimas feridas. E como estes que entráram de tropel eram mais de trezentos, foram levando estes Fidalgos até o pé do masto, fazendo todos coufas façanhosas. Aqui pregáram as mãos com huma frécha a D. Antonio de Castro na haste de huma chuffa com que pelejava, que tinha enlopada nas barrigas de mais de quarenta daquella feita: e com as mãos encravadas pelejou hum pouco como hum leão, mas com as forças das pancadas se lhe foi tanto sangue, que cahio morto. Os outros ficáram tendo o impeto aos inimigos, matando nelles como se foram mosquitos: e tão grande medo lhes tinham todos, que não ousando chegar a elles, de longe os combatiam com lanças, e dardos darremesso, de que hum deo pelos peitos a



Simão de Sousa, que rompendo-lhe as armas o passou de parte a parte, cahindo logo morto. Aqui acabáram de morrer em serviço de Deos, e d'ElRey quatro filhos de Duarte Galvão, Jorge Galvão, Manoel Galvão, Ruy Galvão, e este esforçado Cavalleiro Simão de Sousa Galvão, que veio ter o fim tão peculiar a elle. Os tres que ficaram estavam já em estado, que de não poderem menear as armas se rendêram, ficando os inimigos senhores da galé, em que acháram ainda vinte e cinco dos nossos vivos, estirados, e cheios todos de muitas feridas. Esta foi a maior, e mais bem pelejada briga no mar (com tão grande desigualdade) que lemos, nem ouvimos, e certo que se pudera este successo contar entre os casos famosos do Mundo, e muito mais para louvar, e engrandecer, que o daquelles Heroes que acompanháram a Jasão, que as fabulas tanto louvâram, e alevantáram. Os Mouros magoados de verem alli tantos parentes, e amigos seus mortos das mãos dos nossos, quizeram vingar-se nos que ainda estavam palpitando; mas acudio a isso o seu Capitão, que lhos tirou das mãos, porque desejou muito de os levar assi vivos. ElRey esteve vendo como entrava a galé, desembarcando o Capitão, mandando levar os nossos ás costas dos seus (porque se não po-

diam bolir) lhos apresentou. ElRey por dis-  
simular sua maldade mostrou pezar-lhe de  
os ver tão maltratados, e sentio a morte de  
Simão de Soufa : e mandando recolher os  
feridos, pera que os curassem, lhes disse,  
que como sarassem, elegessem entre si hum,  
pera que fosse a Malaca dizer ao Capitão,  
que mandasse buscar a galé, e aos mais com-  
panheiros, porque desejava muito de ter  
paz, e amizade com os Portuguezes, man-  
dando ter delles muito bom cuidado, por-  
que queria ver se com aquelles podia caçar  
outros.

## C A P I T U L O VIII.

*De como Gonçalo Gomes de Azevedo, que  
hia pera Maluco, chegou a Banda, e do  
que alli passou com D. Garcia Henriques:  
e de como chegou a Tidore Alvaro de Sa-  
yavedra Ceron, que partio da nova Hes-  
panha, e do que aconteceu a D. Jorge  
com elle.*

**P**Artido de Malaca Gonçalo Gomes de  
Azevedo com o soccorro pera Maluco,  
como atrás contámos, foi com bom tempo  
tomar a Ilha de Banda, onde achou ainda  
D. Garcia Henriques, que estava com tran-  
queira, e em terra, que o recebeu bem, e  
se agazallhou em outra tranqueira, que man-  
dou

dou fazer, pera onde se passou Manoel Falcão, porque desejava de se tornar pera Maluco, e soldar-se com D. Jorge, dando-lhe conta de tudo o que era passado antre aquelles dous Fidalgos, de que elle ficou mui escandalizado de D. Garcia. Poucos dias depois chegou Vicente da Fonseca, que hia pera Malaca com as cartas de D. Jorge, com os autos, e papeis contra D. Garcia, e foi agazalhar-se com Gonçalo Gomes, a que tambem contou ao que hia pera Malaca, requerendo-lhe que prendesse D. Garcia, do que se elle escusou; mas disse que lhe tomaria o navio por ser da obrigação da fortaleza. Isto se começou logo a romper, o que D. Garcia não pode crer. Tanto que foi tempo de ir pera Maluco, foi-se Gonçalo Gomes despedir de D. Garcia, que foi com elle até a praia, e embarcado nos batéis chegou ás náos, e prepassando pela de D. Garcia, lhe metteo dentro Ruy Figueira com alguns Portuguezes, que fez logo levar a amarra, e deo á véla juntamente com Gonçalo Gomes. D. Garcia, que andava sobre aviso, e tinha já ensaiado o mestre do que havia de fazer, e estava prestes com alguns batéis, em que logo se embarcou, foi demandar a náos, que ficava detrás por artificio do mestre, que deo com ella por davante. Vendo Ruy Figueira vir

os batéis, entendeu o negocio, e capeou a Gonçalo Gomes que hia diante, que voltou, e vendo ir os batéis, lhes atirou com hum camelo, que foi dar em hum delles, em que hia Manoel Lobo, e lhe matou alguns remeiros. Ruy Figueira acudio ás véllas, e as fez preparar, e tornou a náó a seu caminho, com o que D. Garcia se tornou muito triste, e magoado, havendo aquillo além de perda, por affronta mui grande. As nács foram sua derrota, em que os deixaremos, por continuar com D. Jorge. Depois de D. Garcia embarcado, ficou continuando na guerra contra os Castelhanos, a quem os Reys de Tidore, e Geilolo favoreciam, e ajudavam, lançando suas Armadas no mar, com que defendiam os mantimentos, que hiam pera a nossa fortaleza, com o que a puzeram em muito grande aperto. E pera pôr os nossos em mór cuidado, chegou a Tidore hum navio de Castelhanos, de que era Capitão Alvaro de Sayavedra, que tinha partido da Nova Hespanha por mandado de Fernão Cortés, cujo parente era, porque se lhe offerceo a descobrir dalli Maluco. Partio dia de Todos os Santos do anno de mil quinhentos e vinte sete com tres navios, de que desappareceram dous, sem se saber onde, nem como. Este chegou a salvamento pera dar tantos

trabalhos áquella fortaleza, e foi o primeiro navio, que da nova Hespanha navegou pera Maluco, e poz no caminho tres mezes pelas grandes correntes d'aguas, que achou per antre aquellas Ilhas em seu favor. Foi este soccorro muito festejado dos seus, e ainda mais o estimáram, por saberem a navegação daquellas Ilhas pera a nova Hespanha, porque assi podiam brevemente ser soccorridos: e assi ficáram tão soberbos, que houveram que tinham pouco que fazer em tomarem a fortaleza. E logo os Reys de Geilolo, e Tidore negociáram suas Armadas pera irem tomar a Ilha de Moutel, que era d'ElRey de Ternate, do que foram avisados os seus sangajes, e moradores, e mandáram pedir soccorro a Cachil Daroez. Dom Jorge mandou em sua companhia Fernão Baldaya por Capitão da galeota nova, que já estava acabada, e lhe deo trinta e cinco Portuguezes, e regimento a Daroez que andasse no mar da Ilha de Moutel pera a de Maquiem, e que fizessem aos inimigos toda a guerra que pudessem. Desta Armada foram os Castelhanos avisados: e Fernão de la Torre despedio logo Alvaro de Sayavedra na galeota nova que tambem fez, com quarenta Castelhanos, e no caminho de Moutel se encontrou com Fernão Baldaya, que hia apartado de Cachil Daroez;

e como ambos eram esforçados Cavalleiros, logo se commettêram desparando primeiro sua surriada de bombardadas. E envestindo-se, começáram huma mui travada batalha, e nos primeiros encontros matáram Fernão Baldaya com oito Portuguezes; os mais (que era gente muito coitada) logo se renderam aos Castelhanos, tanto que se víram sem Capitão. Sayavedra se recolheo com a galeota, levando sinco mortos, e todos os mais feridos, e em Tidore foi recebido com muita festa, e affirmavam os homens de Maluco que houveram os Castelhanos esta vitoria por culpa do nosso Condestabre, porque não metteo pelouro no camelo da coxia, ou por esquecimento, ou peitado. Este ruim successo sentio muito D. Jorge, porque lhe não ficavam na fortaleza mais de sincoenta Portuguezes. Cachil Darocz havendo-se por tão affrontado daquelle caso succeder estando elle ausente, de anojado deixou a Armada em Moutel, e se foi a Ternate. Foi isto aos quatro de Maio; e aos oito, quando os nossos estavam mais desconfiados, chegou Vicente da Fonseca, (que se tornou com o soccorro que achou em Banda,) e deo novas ao Capitão da vinda de Gonçalo Gomes de Azevedo, e do que passára com D. Garcia. Fernão de la Torre, tanto que soube do soccorro, determinou

nou de o mandar esperar ao caminho, e armou pera isso as duas galeotas, e hum bargantim, em que mandou embarcar Sayavedra com cento e vinte homens. Gonçalo Gomes vindo sua derrota chegou á Ilha de Bachão, e vio-se com aquelle Rey, de quem soube o estado em que a nossa fortaleza estava; e deixando alli Manoel Falcão, até que o saneasse com D. Jorge, foi seguindo sua jornada. E indo na volta de Ternate, houve vista da Armada Castelhana, que logo conheceo, e mandou embandeirar o seu navio, por lhe mostrar o alvoroço, que tinha de se encontrar com elles, porque vissem o pouco que os receava; e pondo-se em armas com ambos os navios juntos, tocando seus instrumentos de guerra, os foi demandar. Sayavedra vendo tanta confiança, foi passando de largo, tocando as trombetas, como que o salvava. Gonçalo Gomes sem fazer caso mais delles foi surgir em Ternate no porto de Talangame, e dalli se passou á fortaleza, onde foi mui bem recebido de D. Jorge, que logo lhe entregou a capitania mór do mar, e a Alcaidaria mór da fortaleza; e sabendo de D. Jorge o danno que tinha recebido dos Castelhanos, pareceo-lhe bem tratarem de pazes, e assi o aconselhou a D. Jorge, pelo que enviou hum Cavalleiro honrado a Fernão de la Tor-

re, mandando-lhe dizer, que sempre dese-  
 jára de ter com elle paz, e amizade, assi  
 por serem Christãos, como por vassallos do  
 Emperador, tão liado em parentesco com  
 ElRey de Portugal, e que já agora podia  
 cuidar que não commettia aquellas amiza-  
 des por necessidades que tivesse, pois esta-  
 va com soccorro fresco; mas porque lhe  
 parecia serviço de Deos, e d'ElRey esta-  
 rem amigos: que se quizesse acceitar as pa-  
 zes com aquelles apontamentos, que lhe  
 mandava, estava prestes pera as fazer, se-  
 não que de todas as perdas, males, e da-  
 mnos, que da guerra succedessem, daria  
 conta ao Emperador. Fernão de la Torre  
 recebeu bem a Jorge Goterres, (que assi se  
 chamava aquelle Cavalleiro,) e vio os apon-  
 tamentos, que eram os seguintes. » Que Dom  
 » Jorge era contente de fazer pazes com os  
 » Reys de Tidore, e Geilolo por amor de  
 » Fernão de la Torre, e que daria hum Cas-  
 » telhano, que lá estava cativo do tempo de  
 » D. Garcia, e que Fernão de la Torre lhe  
 » havia de dar todos os Portuguezes, que fo-  
 » ram cativos na galeota, e tornar-lhe a me-  
 » tade da Ilha de Maquiem, e que não aju-  
 » daria aquelles Reys contra elle: e que os  
 » Portuguezes, e Castelhanos, que se passaf-  
 » sem de humia parte pera outra, não sendo  
 » por caso crime, se entregassem, e o mes-  
 » mo



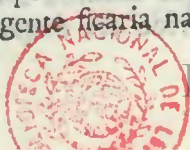
» mo os escravos: e que Cachil Daroez, e  
 » ElRey de Bachão não fariam mais guerra  
 » aos Reys de Tidore. » Fernão de la Torre  
 consentio em tudo, sómente na restituição  
 da metade da Ilha de Maquiem, porque  
 dizia que era já do Emperador, e sem sua  
 licença o não podia fazer. Jorge Goterres  
 respondeo, que pois alli era, que ficasse co-  
 mo dantes; e despedindo-se delle se foi pe-  
 ra Ternate, ficando a guerra aberta. Ven-  
 do D. Jorge que Fernão de la Torre esta-  
 va alterado, determinou de lhe fazer toda  
 a que pudesse, em que sobre esteve, por-  
 que entendeo em Gonçalo Gomes de Aze-  
 vedo Capitão mór do mar, que mais fol-  
 garia de fazer cravo, que guerra: e que  
 pelos poderes que levava, o não podia obri-  
 gar a cousa alguma. E por se não vir de-  
 pois a achar em faltas, despedio Simão de  
 Vera em hum navio com as cartas, e pa-  
 peis contra D. Garcia, que eram os que  
 Vicente da Fonseca tornou a trazer, pedin-  
 do alli ao Capitão de Malaca, como ao  
 Governador da India, que o soccorresse com  
 gente, navios, roupas, e munições, dan-  
 do-lhes conta do estado em que aquella for-  
 taleza estava. Simão de Vera se fez á véla,  
 e foi tomar a Ilha de Mindanao pera to-  
 mar mantimentos, e alli foi morto pelos da  
 terra, e quantos hiam com elle. Fernão de  
 la

la Torre foi logo avisado do navio , que D. Jorge mandava a pedir soccorro , pelo que tambem despedio Sayavedra na sua naveta pera a nova Hespanha , escrevendo aquelle Viso-Rey o estado em que ficava , pedindo-lhe soccorro. E pera testemunhas das vitorias , que tinha havido dos nossos , mandou embarcar com elle alguns dos Portuguezes , que foram cativos na galeota , em que entrava hum Fernão Moreira , patrão da ribeira , hum Comitre , e hum Escrivão do público judicial da fortaleza , e outros dous , que por suas vontades quizeram ir naquella jornada , hum chamado Simão de Brito Patalim , e outro Bernardo Cordeiro. Sayavedra se fez á véla a quatorze de Junho , e fazendo sua derrota foi tomar a Ilha Hamei , cento e setenta leguas de Tidore , onde surgio pera fazer agua , e lenha. Os nossos que hiam contra suas vontades , determináram de lhe queimar o navio , porque não pudesse ir á nova Hespanha : e não podendo achar commodo pera isso , furtáram huma noite o batel , e com quatro escravos , que tomáram da náó , se foram caminhando pera Ternate , de Ilha em Ilha , soffrendo tantas fomes , trabalhos , e infortunios , que de cansados se deixáram ficar tres delles em huma daquellas Ilhas : os outros tres foram seguindo sua derrota

até

até chegarem á Ilha Grandij do senhorio de Tidore , onde foram conhecidos , prezos , e mandados a Fernão de la Torre , que sabendo quem eram , os mandou metter a tormento , e confessando o que passava , mandou degollar Simão de Brito Patalim , e enforçar Fernão Moreira , o outro ficou cativo. Destas cousas teve aviso D. Jorge , que sentio muito , e quiz fazer guerra aos Castelhanos ; mas Gonçalo Gomes de Azevedo se escusou disso , porque não tratou mais que de cravo , e largou os cargos , pera que os proveesse em quem quizesse , ficando como mercador particular , forrando-se de todas as obrigações. D. Jorge deo os cargos a hum Leonel de Lima , que fez tambem tanto como o outro : pelo que ficou pairando até lhe vir o soccorro que mandava pedir. Alvaro de Sayavedra vendendo-se sem batel , esteve a risco de se tornar , mas commetteo a jornada até tomar humas Ilhas , que por terem muitas arvores , e serem frescas , lhe poz nome Bel-jardim , que estam em altura de dez grãos do Norte , quasi duzentas e sincoenta leguas donde tinha partido. Os naturaes daqui são homens alvos , de olhos pequenos , poucas barbas ; parecem-se muito com os Chins , e presume-se que se perderia alli algum junco seu , e que a gente ficaria na terra , de

que



que se veio a povoar muito , ( porque todos trazem consigo suas mulheres per onde vam ; ) e como ficáram naquellas Ilhas sem conversação , fizeram-se os que delles procedêram tão barbaros , que pareciam selvagens. Não havia naquellas Ilhas criação de aves , nem de gados ; vestiam huns paunos que faziam de hervas : não tinham ferro , porque em seu lugar usavam de cascas de amexas , e de ostras , com que cortavam as coufas que queriam : pescavam em humas almadias de madeira de pinho , de que havia muitas nas Ilhas : o seu pão eram cocos seccos ao Sol , a que na India communmente chamão copra. Comião hervas pizadas , e não usavam fogo , porque nunca o viram , senão depois que estes da companhia de Sayavedra lho ensináram a fazer , e comêram até então o peixe crú. Sayavedra deixou-se ficar alli alguns dias , em que lhe entráram os Ponentes , com que foi forçado arribar a Maluco , como adiante diremos. Certo que são muito pera considerar estas coufas , e parece que foi permissão Divina o máo fim que tiveram estes dous homens que hiam pedir soccorro , o Sayavedra , e o Simão de Vera , hum por parte dos Portuguezes , e outro da dos Castelhanos : no que mostrou Deos clarissimamente quão deservido era daquellas guerras , que

huns Christãos faziam a outros, entre o mais apartado paganismo do Oriente, e onde a lei de Mafamede se começava a atear, e que depois accendeo tamanhas labaredas por aquellas partes: mas estes avisos de Deos não deixa entender a cubiça humana, que sempre mede as cousas mais por seu appetite, que por razão. Deixando esta materia, tornemos a D. Garcia Henriques, que estava em Banda. Tanto que Gonçalo Gomes de Azevedo se partio, elle se embarcou em hum junco, e foi sua derrota pera Malaca: no caminho tomou huma embarcação de Mouros Jaos com alguma fazenda, e chegando a Malaca, antes de surgir, mandou pedir seguro a Pero de Faria pera elle, e pera todos os que hiam com elle, pelo negocio de D. Jorge que lhe elle mandou, e desembarcando em terra, lhes tomou a fazenda a todos, dizendo que elle lhes não segurára mais que as pessoas, mas depois lha tornou com fiança de se apresentar em Goa, o que lhe concedeo por acudir a huma briga de Amoucos, que em Malaca houve, que elle apazigou com morte de oito.

## CAPITULO IX.

*Do que acontceco a Antonio de Miranda, que invernou em Ormuz: e de como Diogo de Mesquita foi cativo da Armada de Cambaya, e foi mettido em huma bombardarda, pera que se fizesse Mouro, e da grande constancia que teve: e de como esta Armada pelejou com Henrique de Macedo, e da brava batalha que tiveram.*

**R** Ecolhido, como atrás dissemos, Antonio de Miranda de Azevedo pera Ormuz com as prezas que tinha tomadas, mandou vender toda a fazenda das náos que tomou, em que se fizeram sessenta mil cruzados: pagou aos soldados, e deo-lhes mezas. Como entrou Agosto foi-se a Mascate, e negociou a Armada toda, com que se fez á véla pera ir esperar as náos de Méca (que haviam de ir pera Cambaya) na paragem da ponta de Dio, onde todas vam demandar. E fazendo sua jornada, tanto que deo na costa da India, achou o tempo tão grosso, que não se atreveo andar ao paio, porque o comiam os mares. E fazendo final á frota foi-se na volta de Chaul, pera onde todos o seguiram. Sómente Henrique de Macedo, e Antonio da

Sil-

Silva, que se deixáram ficar na paragem de Dio por soffrerem melhor o paio. Os da Armada de Antonio de Miranda hiam trabalhados: o Çamorim pequeno, de que era Capitão Lopo de Mesquita, desviou-se da Armada, e os ventos, e aguas o leváram á enseada de Cambaya com mares que os comiam, onde quiz a Fortuna que encontrasse huma náó de Mouros mui bem artilhada, que trazia duzentos homens de peleja, que tambem hia correndo com tempo, levando hum bolso de véla, com que hia demandando Surrate. Lopo de Mesquita, posto que não tinha mais de trinta soldados, armou-se, e dando o traquete foi demandar a náó, e a investio, e da primeira pancada que lhe deo se lançáram dentro Lopo de Mesquita, e Diogo de Mesquita seu irmão com alguns vinte soldados, que foram recebidos dos inimigos com muito esforço, travando-se dentro huma bem formosa batalla. As náos como estavam afidas huma da outra, davam tamanhas pancadas com os mares que eram banzeiros, que abríram por algumas partes, por onde começaram a fazer muita água: e sempre se desfizera huma com a outra, se com a força não quebrára a balroa com que estavam prezas, com o que se apartáram cada huma pera sua parte, ficando Lopo de Mes-

Couto. Tom. I. P. I.

V

qui-  
N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

quita com os seus pelejando na náó dos inimigos com muito valor, ferindo, e matando nos Mouros cruelmente. Os do galeão não puderam tornar a ferrar a náó, e foi-lhes forçado (pela muita agua que faziam) dar á véla pera Chaul. Os que ficavam na náó vendo que sua salvação estava em seus braços depois de Deos, determinaram de se livrar por elles, pelejando como leões famintos, fazendo tamanha destruição nos Mouros, que depois de terem os mais delles mortos, e os outros feridos, entregáram-se-lhe, ficando os nossos também com muitas feridas. A náó com a muita agua que fazia hia-se ao fundo, a que os nossos acudiram, huns ás bombas, outros a tapar os buracos, mas a cousa hia em crescimento: pelo que Lopo de Mesquita mandou a seu irmão Diogo de Mesquita, que se mettesse no batel com alguns Portuguezes: com elle, e mandou metter muitos caixões de ouro, e prata que a náó trazia; porque se se ella fosse ao fundo, se salvasse aquillo, e não deixou de trabalhar por vencer a agna. Os do batel havendo que a náó não poderia deixar de se ir ao fundo, receando-se que os forvesse com ella, e que os outros se quizessem metter no batel, que era pequeno, o que sería causa de se perderem todos, affastáram-se da náó,



e deram á véla , sem Diogo de Mesquita (que gritava tal não fizessem) lhe poder valer ; e foram governando pera Chaul , fazendo-lhe Diogo de Mesquita seus requerimentos , e pedindo-lhe que o puzessem na náó onde ficava seu irmão , de que lhe a elles deo muito pouco. Lopo de Mesquita que ficou na náó com outros tantos como hiam no batel , que seriam oito , ou dez , tanto trabalháram ajudados dos Mouros , que tomáram algumas aguas por partes , com que ficou a náó pera poder governar , e deram á véla pera Chaul , onde ao outro dia surgio , achando já alli Antonio de Miranda , que soube do que passava , e ficou muito agastado pelos do batel , que se não sabia delles. A fazenda desta náó se tirou , e vendeo , dando-se as partes aos soldados , e ficáram a ElRey forros mais de sessenta mil pardáos , a fóra o ouro , e prata que hia no batel , que montava mais. Os do batel , que tomáram o caminho de Chaul , quiz Deos pagar-lhes sua deshumanidade , (porque não cuidem que ha quem possa fugir a seus castigos , ) e assi foram dar com a Armada de Dio , que já andava fóra , que seriam trinta e tres galcotás mui bem pertrechadas , de que era Capitão mór hum valente Mouro chamado Alixá. Este vendo o batel se foi a elle , e o tomou , recolhen-

do-se com huma preza tão folgada, e que aos nossos custou tanto; e fazendo-se na volta de Dio, encontrou com o galeão de Henrique de Macedo, (que como já disse-mos se deixou ficar com o de Antonio da Silva naquella paragem, de quem se tinha apartado com o tempo.) Alixá vendo o galeão, o rodeou com sua Armada, começando-o a bater com sua artilheria de canhões, e falcões de metal, de que trazia muitos. Henrique de Macedo negociou muito bem o seu galeão, repartindo o trabalho delle pelas pessoas de mais confiança, e recebendo os inimigos com muito animo, dando-lhes suas salvas com a artilheria que trazia léstes: com que lhes desapparelhou muitas das fustas por cima, porque como o galeão era alteroso, passavam-lhe os mais dos tiros por alto, por serem as galeotas rasteiras, que se mettião debaixo da sua artilheria, batendo o galeão ao lume d'agua, por onde lhe abriram muitos rombos, e se houvera de ir ao fundo, se não fora a muita diligencia de Henrique de Macedo, que acudia a tudo com muita presteza, mandando tapar os buracos com colchas, colchões, e com outras cousas. A bateria dos inimigos era cada vez maior, e o galeão estava já todo desapparelhado, os mastos quebrados, as obras de cima desfeitas de sorte, que fi-

ficava razo, e os nossos no convés descubertos a seus tiros, sem deixarem seus lugares, pelejando todos com muito valor. Henrique de Macedo corria o galeão de poppa á proa, animando, e esforçando os seus, tendo em baixo alguns homens de muito recado com escravos, e marinheiros pera acudirem aos buracos que se abrissem. Todos este dia merecêram hum grandissimo louvor, porque com andarem feridos de rachas, e fréchadas, por huma parte pelejavam com suas espingardas; com que tinham mortos muitos dos inimigos; e por outra ajudavam a bornear as peſſas da artilheria, fazendo os mais delles o officio de bombardeiros, carregando as peſſas, e atirando com ellas como se toda a vida o usáram, soffrendo, e pelejando como homens que se viam tão destroçados, e perdidos, e que queriam vender mui bem suas vidas. Alixá vendo o galeão todo arrazado, determinou de o abalroar, e entrar, o que accommetteo com grandes gritas; mas custou-lhe caro este accommettimento, porque achou nos nossos tal resistencia, que com morte de muitos o fizeram affastar, e assi por outras algumas vezes que os tornáram a commetter. Durou esta briga quasi oito horas, sendo cada vez mais cruel, e apertada, estando os inimigos admirados

### 310 ASIA DE DIOGO DE COUTO

do trabalho, que os nossos tinham soffrido, e do novo animo com que cada vez que os accommettiam, os achavam. Estando neste risco, e o Alixá determinado de os não largar até os render, soccorreo-os Deos com a chegada do galeão Reys Magos, de que era Capitão Antonio da Silva, que acudio ao tom das bombardadas, e vinha com as vélas dadas, e postos em armas; e vendo o nosso galeão tão piedoso, deo graças a Deos pela mercê que lhe fizera em o trazer aquelle tempo; e pera alegrar a todos, mandou com inuito alvoroço tocar as trombetas, que começaram a tanger: *Alegrai-vos, alegrai-vos, que aqui vem os tres Reys Magos.* Chegando ás galeotas, metteo-se em meio dellas, e as começou a varejar com sua artilhêria, em que fez mui bom emprego. Alixá tanto que vio o soccorro, tomando o remo em punho, se foi sahindo, e Antonio da Silva seguindo-o ás bombardadas, fazendo-lhe o Alixá sempre rosto com algumas galeotas, e atirando-lhe tambem muitos tiros, de que quiz a desventura que acertasse hum Antonio da Silva, de que cahio morto, não perigando outrem no seu galeão. Os seus soldados ficaram muito tristes, e voltáram pera o outro galeão. E sabendo Henrique de Macedo tamanho defastre, o sentio em ex-

ob

N IMPRENSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tremo ; e porque o seu galeão não tinha mastos , deo-lhe os Reys Magos huma toa , e com muito trabalho o poz em Chaul tão destrocado , que não apparecia mais que hum pequeno de casco sobre a agua ; e assi apparece ainda hoje das varandas da Igreja das Chagas em Goa , onde está esta batalha pintada , e cada anno se renova por memoravel . O Alixá se foi recoihendo pera Cambaya , onde chegou , e apresentou ao Sultão Badur os cativos , com que elle folgou muito . E como era fraco , e cruel , ( couças que sempre andam juntas , ) e sobre tudo malissimo , mandando levar aos Portuguezes diante de si , os persuadio a se fizessem Mouros , apertando muito com Diogo de Mesquita , que soube ser homem Fidalgo , e grande Cavalleiro , do que elle sempre zombou , com lhe fazerem muito grandes promessas , e mimos . E vendo que por aqui o não vencia , o quiz fazer por tormentos que lhe mandou dar , de quem se elle moveo menos ; o que visto pelo tyranno , mandou levar huma bombardarda muito grossa , e o mandou metter nella , estando elle presente , a quem o Cavalleiro de Christo com grande constancia disse : *Faze , cruel , o que quizeres , que eu por nenhun temor da morte hei de deixar a Fé de meu Senhor Jesus Christo , pela falsa , e menti-*

*rosa lei de Mafamede: manda pôr o fogo, que a morte he breve, e eu gozarei dos bens eternos, que se não acabam. Tomára que o tormento fora maior, e mais cruel, e comprido, pera mostrar o gosto com que desejo de passar todos pela honra de meu Deos. Palmado o Badur daquelle animo, e constancia, o mandou tirar da bombardada. Os mais companheiros convencidos daquelle firmeza, não houve em algum delles, a quem promessas, e ameaças mudassem, e foram todos mettidos em huma cruel prisão, donde depois sahíram com honra, porque Deos não desampara os seus servos. E de Diogo de Mesquita sabemos que lhe deo ElRey D. João só por isto as fortalezas de Çofala, e Moçambique, como em outro lugar se verá.*

## C A P I T U L O X.

*Do que aconteeo na jornada a Martim Affonso de Mello Juzarte: e de como se perdeo na costa de Bengala: e dos grandes trabalhos que passou até ser cativo.*

**C**Om todos os que no cabo do verão partíram pera fóra, temos continuado, sómente com Martim Affonso de Mello, que guardámos pera este lugar, por não

contarmos suas cousas por pedaços. Partido este Capitão de Goa, foi tomar a Ilha de Ceylão, como levava por regimento, pera soccorrer áquelle Rey da Cota, que estava já desapressado da Armada de Calecut; porque tanto que teve rebate da nossa, logo se recolheu, e o Maduné levantou o cerco que tinha posto ao irmão. E porque a causa desta guerra, e a origem destes Reys adiante em principio da quinta Decada damos razão, por nos parecer alli melhor lugar, o deixamos agora. Estimou aquelle Rey da Cota este soccorro muito, e ficou mais obrigado ao serviço d'ElRey de Portugal, cujo vassallo era. Martim Affonso não tendo alli mais que fazer, deo á véla, e passou os baixos á outra banda, e foi invernar a Paleacate, onde mandou desarmar os navios, e concertallos, e alimpallos muito beni, pera na entrada de Agosto seguir sua jornada pera Malaca. O segredo della não pode estar tão cuberto, que se não viesse a romper pelos soldados, de que ficáram tão enfadados (cuidando que hiam ás prezas) que se amotináram, e alteráram; chegando a cousa a tanto, que tratáram de queimar a Armada pelo avorrecimento que tinham todos á jornada da Sunda: e assim puzeram fogo, a que Martim Affonso acudio, e quiz Deos que o apagassem, sem

nunca se saber donde lhe veio. Vindo Agostol, embarcando-se Martim Affonso, deixaram-se ficar na terra muita parte dos seus soldados, e elle foi seguindo sua jornada. E por ter novas que na costa do Pegu andavam algumas fustas de Rumes, a foi demandar, e furgio na ponta de Nagramale, onde se deixou estar por ver se vinham as fustas dos Rumes dar com elle. Aqui lhe deo tamanho temporal, que não podendo soffrer a amarra, levantaram-se, e foram correndo com os traquetes por onde cada hum pode. Ao outro dia achou-se Martim Affonso sem os navios, e como a tormenta cessou, tornou a voltar pera Negramale aos esperar. E navegando per antre humas ilhas, deo a galé em hum baixo onde logo adornou. Castanheda diz que era caravela; mas nos livros velhos dos provimentos das Armadas deste tempo achamos nomeada galé, que naquelle tempo eram carracas na grandeza, e no pezo, e não se remavam mais que pera se revocarem. Martim Affonso teve tal tento, que por sentir reboliço na gente, poz cobro na bateira, e mandou metter nella André de Sousa, mandando-lhe que se affastasse, e não deixasse metter pessoa alguma dentro, porque tratou de ver se os podia salvar em jangadas, que logo mandou ordenar de páos, tavoas, e re-



mos. E por ser de noite escura, e medon-  
 nha, com as pancadas acabou a galé de se  
 abrir, ficando alguns pedaços grandes no  
 secco, em que os Portuguezes se deixáram  
 estar, fazendo-se prestes alguns pera se lan-  
 çarem ao mar, ao que lhes foi á mão Mar-  
 tim Affonso, esforçando-os, e animando-  
 os, affirmando-lhes que com o favor Di-  
 vino elle trabalharia por salvar todos. E  
 chamando a bateira, metteo-se nella, e re-  
 colheo hum, e hum, os que elle chamou,  
 e depois de se encher, ficando só seis Por-  
 tuguezes, e os escravos todos, se affastou  
 por recear que se os tomava se perdessem,  
 ficando os da galé pedindo misericordia,  
 com palavras piedosissimas, que cortáram  
 bem a Martim Affonso; mas não pode fa-  
 zer outra cousa, promettendo-lhes, que  
 tanto que lançasse aquella gente numa terra  
 que apparecia, tornaria a voltar por elles.  
 E foram remando com muito trabalho até  
 chegarem a huma Ilha, distancia de huma  
 legua de caminho. E por ser de noite, e o  
 mar fazer grandes esgarceos, temeo chegar-  
 se a terra; e lançou dous marinheiros a  
 nado, pera verem se havia alli praia, ou  
 penedia, que não tornáram mais, nem se  
 soube o que foi delles, pelo que tornou  
 Martim Affonso a voltar pera a galé, e to-  
 mou os Portuguezes que nella ficáram, e

tornou-se pera a terra, onde tomou conselho sobre o que faria, e assentou de se ir de longo della até Arracão, persuadindo, e esforçando a todos a soffrer os trabalhos da fome, e sede, porque não levavam mais que hum pouco de biscouto que puderam salvar, sem agua alguma, e todo aquelle dia por causa da sede não quizeram comer. E indo seu caminho houveram vista de huma aldeia affastada da praia. Martim Affonso mandou á terra hum homem Fidalgo chamado Francisco da Cunha, e com elle hum João Fialho, pera irem á aldeia ver se lhe queriam dar agua, e chegados a terra foram cativos dos naturaes, que á vista dos nossos os leváram amarrados. E porque o vento, e o mar crescia, e elles estavam sem agua, e havia dous dias que não bebêram, requerêram todos a Martim Affonso, que os lançasse em terra, porque antes queriam ser cativos, que morrerem á sede. Martim Affonso trabalhou de os tirar deste proposito, com os persuadir a soffrerem mais hum dia de trabalho até chegarem a Arracão, (que era terra onde os Portuguezes hiam todos os annos commutar, e vender;) mas elles sem ter respeito a cousa alguma se puzeram em desembarcar, o que Martim Affonso sentio muito, e fez grandes estremos. Visto este caso por alguns

Fidalgos Cavalleiros, como Simão Ferreira, André de Sousa, Gonçalo de Mello, Nuno Freire, e outros dous Cavalleiros, lançáram-se da parte de Martim Affonso, e fizeram com os mais, que desistissem de seu proposito, e que se fossem até Arração, e que permittiria Deos que achassem alguns dos navios de sua companhia, e affi foram correndo a costa. Os dous que alli ficáram foram depois resgatados com Francisco da Cunha, que viveo depois muitos annos no Algarve casado. O batel foi de longo da terra até darem em hum ribeiro, que sahia ao mar, de agua doce, de que mandou Martim Affonso encher huma jarra, ao que foram Diogo Pires Deça, e Nuno Fernandes Freire, com outros dous companheiros, porque Martim Affonso sempre se guardou de chegar a terra porque se não sahisses todos pelo risco a que se poriam. Alli foi ter com elles hum negro dos naturaes, com huma panella pequena de arroz cozido que lhe resgatáram, com que se recolhêram pera a embarcação, aonde se repartio por todos; e como eram perto de sessenta pessoas, coube a cada hum seu bocado, e com esse pouco de biscouto que tinham, como tiveram agua ficáram satisfeitos, e foram seu caminho com provisão na jarra, que era pequena, de que

fe não dava mais razão, que quanto se podia molhar o padar tres vezes ao dia. Com estes trabalhos chegaram a Arração, e tomáram dous Ilheos que estavam á entrada, onde acháram logo na praia dous sacos de biscouto todo molhado, e hum caixão com alguns guingões dentro, e pareceo-lhes que seria de algum dos navios de sua companhia. Nestes Ilheos acháram agua roim, e falobra, e humas favas como as nossas, humas verdes, e outras seccas, de que alguns comêram, e no mesmo instante lhes deo humas desinterias, a que na India chamam corruptamente mordexim, havendo-se de chamar morxis, e a que os Arabios chamam sachaiza, que he aquillo que Rasis chama sáhida, que he hum mal, que em vinte e quatro horas mata, cujos effeitos são ficar logo o pulso submerso, muito delgado, com hum suor frio, com grande incendio por dentro, e sede grandissima, os olhos mui sumidos, grandes vomitos, em fim deixa a virtude natural tão derribada, que parece hum homem morto, como todos os que comêram as favas ficáram. Martim Affonso acudio a este negocio, defendendo aos outros que as não comessem. E porque não havia com que remediar os pacientes, ficáram deitados por essa praia, esperando pela hora em que espirassem. Mar-

tim Affonso anojado de ver dez , ou doze companheiros naquelle estado sem lhes poder valer , toda a noite passou , e o mesmo fizeram os sãos. E andando Nuno Fernandes Freire , e Francisco Mendes de longe da praia , porque fazia luar , vigiando se viam alguma embarcação , viram sahir d'agua huma grande tartaruga , e baqueando-se , foram mui escondidamente apôs ella , até a verem recolher em huma parte onde tinha os ovos , e chegando a ella a tomáram com trabalho , e acháram duzentos ovos , que com muito alvoroço leváram a Martim Affonso que os estimou muito , e logo mandou escalfar as gemas em huma bacineta de latão , que por acerto hia no batel , e elle com a sua mão os foi dar aos doentes , que estavam taes que não sentiam cousa alguma , e a tartaruga fazendo-a em pedaços a mandou cozer em hum capaceite , de que todos comêram com esse pouco biscouto que tinham. Com isto cobráram os doentes algum alento. Ao outro dia tomáram outra tartaruga com outra somma de ovos , que se deram aos doentes , e com isto saráram sem perigar algum ; no que se cumprio bem aquelle nosso adagio antigo (que a quem Deos quer dar a vida , a agua da fonte lhe he mézinha.) Alli estiveram tres dias , e Martim Affonso se embar-

barcou com determinação de passar a Chagigão, porque hia alli hum companheiro que já estivera naquella Cidade, e navegando pera lá, foram tomar a praia de huma Cidade chamada Suquriá, de que era senhor hum Mouro chamado CodavaScan. Alli estiveram tres dias comendo palmitos de que havia muitos. CodavaScan foi logo avisado de sua chegada, e desejou de os haver, por se ajudar delles em huma guerra que tinha contra hum vizinho: e mandou a isso hum Capitão com duzentos homens que os tomáram, sem os nossos lhes poderem fugir, levando-os soltos com muitas promessas de honras, e mercês. CodavaScan os recebeu mui bem, consolando-os de seus trabalhos, e que fizessem conta que estavam em Portugal, porque tudo se lhes daria de que tivessem necessidade, e que elle lhes promettia de os mandar pera a India; e deo cuidado a pessoas de recado que os agasalhassem, mandando-os logo veltir, porque hiam quasi nós. Ao outro dia que isto passou chegaram áquella barra duas fustas da companhia de Martim Affonso, de que eram Capitães Duarte Mendes de Vasconcellos, e João Coelho, que souberam de huns pescadores como alli tinham chegado huns poucos de Portuguezes que estavam na Cidade: pelo que lançáram em terra

ra hum Negro em trajo dos naturaes pera ir saber quem eram, que fallou com Martim Affonso, e sabendo dos seus Capitães, ficou muito alvoroçado, e foi-se logo a Codavaſcan, e lhe pedio licença pera se ir, lembrando-lhe a promessa que lhe fizera. Codavaſcan lhe disse que lhe não negaria ir-se pera a India como lhes promettêra, mas que por então tinha necessidade de sua ajuda pera contra hum vizinho seu; e que mandasse recado aos Capitães dos navios que se deixassem estar, que elle os mandaria prover de tudo. Martim Affonso os mandou avisar do que passava, pedindo-lhes se deixassem ficar, como fizeram, mandando-lhes ElRey dar mantimentos, e logo se partio pera a guerra, dando armas aos noffos, que levou pera guarda de sua pessoa. E vindo á batalha com o inimigo, fizeram Martim Affonso, e os companheiros tamanhas cavallerias, que elles sós desbarataram os inimigos, e Codavaſcan lhe tomou a sua Cidade, e terras, e recolheo-se vitorioso. Martim Affonso lhe pedio, que, pois o tinha servido no que queria, o deixasse embarcar nos seus navios, que os esperavam por seu mandado; como todos os Mouros não amam a Christão senão por necessidade, ou interesse, lhes disse, que se resgatassem, e que então os soltaria. Martim Af-

Couto. Tom. I. P. I.

X

fon-

**N** IMPRENSA  
NACIONAL

fonso ficou muito enfadado, dizendo-lhe que com que se havia de resgatar se estava alli perdido como elle via? que puzesse elle o preço ao resgate de todos, e mandasse com elle hum homem, que no primeiro porto de Portuguezes lho daria sem lhe faltar hum real. CodavaSCAN zombou daquillo. Vendo Martim Affonso, e os mais aquella tyrannia, determináram de fugir, pera o que mandáram recado aos Capitães das fustas pelo mesmo Negro que lho trouxe dellas, em que lhes pedia, que em hum certo dia (que lhes limitáram) mandasse pelo rio affima algumas almadias até hum certo lugar pera os recolher. Vindo a noite aprazada sahíram de casa, porque não tinham guardas, e espallados foram demandar o lugar das almadias, que era dalli a quatro leguas. O caminho era mui roim, e comprido, em que se perdéram alguns, que não tiveram outro remedio senão tornar-se pera a Cidade, onde entráram ainda de noite; e achando que não foram sentidos, se deitáram nas suas camas pera dissimulação, e antre estes era Diogo Pires Deça hum delles. Martim Affonso com os mais foram por diante, e como o caminho era pestifero, tardáram tanto, que lhes amanheceo nelle, e foi-lhes necessario embrenharem-se. Ao outro dia soube-se de sua fugida, e



mandou Codavaſcan levar perante ſi Diogo Pires Deça , e os mais , a que perguntou pelos companheiros; elle lhe diſſe que não dera fé de couſa alguma , nem os achára menos , ſenão pela manhã quando acordára. Codavaſcan despedio logo quatrocentos homens apòs Martim Affonſo , e apellidando a terra foram dar com os noſſos embrenhados , e os tomáram. Martim Affonſo diſſe ao Capitão (cuidando que Codavaſcan lhes mandaffe fazer algum mal) que elle só tinha a culpa daquella fugida , e não ſeus companheiros , porque como ſeu Capitão os levava , que ſe merecia caſtigo , que a elle só ſe deſſe. O Mouro lhe diſſe , que não ſe perturbaffe , porque não havia culpa em pertender ſua liberdade: que Codavaſcan não deixaria de lhe fazer muitos gazalhados , e de cumprir a palavra que lhe tinha dada. Eſtando neſtas praticas , chegaram alguns Bramenes , e peitáram aquelles Mouros pera que lhes deſſem hum dos Portuguezes pera o ſacrificarem a ſeus Idolos , porque lhe tinham feito promettimento , que ſe lhos deparavam , de lhe ſacrificarem hum delles. Hum Capitão dos Mouros lhe entregou hum Gonçalo Vaz de Mello , que nas guerras paſſadas tivera humas palavras , em que affrontára o Mouro , porque ſe quiz vingar delle. Martim Affonſo

prometteo por elle grande resgate, mas não pode acabar com elles cousa alguma, e logo alli á vista de todos o degolláram, mostrando grandes actos de Christão, e muita firmeza na Fé de Christo. Do sangue deste, e de outros muitos Martyres estão todas as praias do Oriente banhadas, pelo que ainda ha Deos de permittir, que por todas ellas se vejam Templos levantados, onde elle seja venerado, e louvado. Martim Affonso ficou muito triste do caso, e alli foi levado com os mais a Codavaflan, que o tornou a mandar pera sua casa, como dantes, sem mais prizão, dando-lhe todo o necessario. Vendo Martim Affonso que este negocio não tinha remedio, escreveo aos Capitães das fustas tudo o que lhe tinha acontecido, mandando-lhes huma carta pera o Governador, em que lhe pedia os mandasse resgatar, (como depois fez, mandando a isso hum Mouro chamado Coge Cabadim, que os trouxe a Goa já em tempo de Nuño da Cunha.) Dos mais navios da Armada de Martim Affonso não achámos em lembrança o que foi delles, nem Castanheda o diz; mas quanto a nós, a maior parte delles se perdêram.



# DECADA QUARTA.

## LIVRO V.

Da Historia da India.

---

### CAPITULO I.

*De como ElRey D. João mandou por Governador da India Nuno da Cunha: e do que acouteceo na jornada.*

**P**ELAS náos do anno de vinte e seis, que chegáram da India em Agosto de vinte e sete, de que eram Capitães Tristão Vaz da Veiga, Francisco de Anhaya, e outros, teve ElRey D. João novas das differenças dantre Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio; e assi mesmo por via de Veneza as teve da Armada que o Turco fazia, e mandava ordenar pera passar á India. E sendo-lhe necessario acudir áquellas cousas com huma grossa Armada, elegeo pera Governador da India Nuno da Cunha seu Veador da Fazenda, pessoa de muita confiança, e em quem concorriam as partes, que o cargo requeria, ordenando-lhe

onze náos, e quasi, ou mui perto de quatro mil homens. Correo logo a fama, e por ser Armada contra Turcos, acudiram muitos Fidalgos, e Cavalleiros á Corte a se offerecerem a ElRey, despachando-os, e fazendo-lhes mercês a todos: mandando dar tanta pressa á Armada, que quando foi em Março, estava toda posta em Belém, onde ElRey foi estar alguns dias pera despachar muitas cousas. Alli deo a Nuno da Cunha grandes regimentos, cujos principaes pontos eram, que logo fizesse huma fortaleza na Ilha de Dio pera segurança da India, pera os Turcos não virem alli ter receptaculo, porque dariam grande oppressão ao Estado. E que assi mesmo fizesse outra no Reyno do Camorim, na parte que lhe melhor parecesse, pera ter enfreado aquelle Rey, e pera credito do Estado, em lugar da outra que D. Henrique largou em Calecut; e que lhe mandasse prezo Lopo Vaz de Sampaio, e lhe fizesse inventario de sua fazenda, que fosse em mãos de pessoas abonadas. Que se os Turcos passassem á India, ajuntasse todo o poder, e se puzesse na barra de Goa ao mar, até saber aonde hiam demandar, e que depois de saber onde os tinha seguros, fosse pelejar com elles; e outros da fazenda, e justiça, que não são da nossa historia. Embarcados todos, e

a Armada prestes pera dar á véla , faltou-  
 lhes o tempo , por onde não pode sahir  
 pera fóra senão aos dezoito de Abril deste  
 anno de vinte e oito , em que Nuno da  
 Cunha se fez á véla com onze náos , de  
 que eram Capitães ; elle , que hia embarca-  
 do na náos Rosa ; Simão da Cunha Copei-  
 ro mór d'ElRey em Santa Maria do Cas-  
 tello ; e Pero Vaz da Cunha Estribeiro mór  
 d'ElRey irmãos do Governador na náos San-  
 ta Catharina. D. Fernando de Lima em  
 Santa Maria do Espinheiro ; Francisco de  
 Mendoga em Santa Maria de Monserrate ;  
 Antonio de Saldanha em Santa Maria da  
 Ajuda ; Garcia de Sá na náos Vitoria , e  
 hia provído da capitania de Malaca ; e Dóm  
 Francisco Deça , João de Freitas , Bernar-  
 din da Silveira , Affonso Vaz Zambujo.  
 Nestas náos mandou ElRey duzentos mil  
 cruzados em Portuguezes , e outras moedas  
 pera as necessidades da India , e pera a car-  
 ga , que hiam repartidos por todas as náos.  
 Seguindo sua derrota , indo todas em con-  
 serva na volta das Canarias , a náos de Si-  
 mão da Cunha , que hia por poppa da de  
 João de Freitas , por se não querer desviar  
 o seu Piloto ( que nisto são todos mui tei-  
 mosos ) lhe deo duas pancadas tamanhas ,  
 que logo a abrio em dous pedaços , e por  
 levarem o esquife em cima se lançou com

muita pressa ao mar, onde se metteo João de Freitas com alguns que puderam, sobre o que houve muitas cutiladas, e mortes, e se foram pera a náo de Simão da Cunha, que logo amainou sentindo bem aquelle desastre, e mandou lançar o batel fóra pera recolher a gente, que andava já a nado onde perccêram muitos: entre estes foi hum homem casado, que na náo hia com sua mulher, e tres filhas moças, que vendo a náo aberta, abraçando-se todos siaco, com hum pranto piedosissimo, e gritos que penetravam os ares, assi liados todos se foram com a náo ao fundo; expectaculo, que fez arrebenatar a todos em lagrimas, com ter cada hum bem que chorar sua desventura. Succedeo isto ás dez horas do dia, e foi tão supito, que as outras náos que hiam á vista não souberam de cousa alguma senão quando víram submergir-se a náo debaixo do mar, e acudindo todos com esquifes fóra salváram ainda muitos, e afogáram-se cento e sincoenta pessoas. Nuno da Cunha sentio em estremo este roim successo, e seguindo sua viagem foram todas as náos (tirando a de Bernardim da Silveira que se apartou) tomar a Ilha de Santiago, onde fizeram aguada, e se provêram de mantimentos em duas caravélas que hiam carregadas delles pera isto. Dalli as

despedio Nuno da Cunha com cartas pera ElRey, em que dava conta do successo da viagem até li. E tomando sua derrota deram na costa de Guiné, onde acháram grandes calmarias: e por a náó de Antonio de Saldanha ir muito zorreira, e andar tão pouco, que toda a viagem foi Nuno da Cunha sem vélas de gavea por esperar por elle, lhe requeréram os Pilotos que a deixassem, porque melhor era perder huma náó viagem, que todas. Nuno da Cunha mandou disto recado a Antonio de Saldanha, e que trabalhasse por arrumar a náó, e compassar-se, porque lhe era necessario adiantar-se por não perder viagem. Antonio de Saldanha lhe mandou dizer, que se fosse muito embora, que elle trabalharia tudo o que pudesse por ver se havia remédio no andar da náó. Com isto deo Nuno da Cunha com as outras náós os traquetes, e em pouco tempo desapparecêram. Antonio de Saldanha ficou triste, e todos os da náó por se verem alli ficar sós. Hia com elle embarcado o pai de Fernão Lopes de Castanheda, que ElRey mandava á India pera escrever os feitos daquellas partes, porque foi Rey que se não contentou de pagar a seus Vassallos os muitos serviços que nellas lhe fizeram, com outras muitas honras, e mercês, mas ainda com lhes orde-

nar, que vivessem perpetuamente por fama na escriptura. Este homem andou na India quasi dez annos, correndo a mór parte della, até chegar a Maluco, escrevendo as cousas daquelle tempo mui diligentemente, que recopilou em dez livros, acabando o seu decimo com o Governador D. João de Castro. Este volume nos disseram algumas pessoas dignas de fé que ElRey D. João mandára recolher a requerimento de alguns Fidalgos, que se acháram naquelle raro, e espantoso cerco, porque fallava nelle verdades. A estes, e a outros riscos se põem os escriptores, que as escrevem em quanto vivem os homens de quem o fazem; e por isso com menos receio escrevemos as cousas passadas (como ElRey nos mandou) que as presentes, que tambem temos escriptas, e assi em humas, como em outras, nem por respeito, nem por temor deixaremos de as fallar: e posto que tambem em algum tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro virá em que se ellas manifestem. E tornando a Antonio de Saldanha, os Officiaes da sua náó andáram vendendo donde nascia o defeito della, mudando humas vezes a carga á proa, outras á poppa, andando com os mastos, ora a ré, ora ávante, e tantas cousas destas fizeram até lhe acertarem o compasso; e começou a náó



não a andar dalli por diante muito differentemente; e seguindo sua derrota, encontrou com a não de D. Francisco Deça, que se festejaram bem, acompanhando-se sempre até irem na volta do Cabo de Boa Esperança, onde encontráram as náos de Nuno da Cunha, de Pero Vaz da Cunha, de Dom Fernando de Lima, e a de Affonso Vaz Zambujo, porque todas as mais eram espalhadas, indo cada huma seguindo sua derrota, que logo contaremos. Nuno da Cunha, tanto que conheceo as náos, foi o seu alvoroço mui grande, e chegados á falla souberam o que lhes tinha acontecido, e assi todos juntos foram demandar o Cabo. No rosto delle, a seis de Julho, lhes deo tamanho temporal, que não podendo soffrer o paio por serem os mares mui grossos, e cruzados, foram arribando em poppa com pequenos bolsos de véla, salvo Antonio de Saldanha, que por ter não nova, pode soffrer o trabalho; dos mais foi cada hum correndo por onde melhor pode. Ao outro dia acalmou o vento, e Nuno da Cunha, e D. Fernando de Lima vindo á falla sobre o que fariam, assentáram que fossem por fóra da Ilha de S. Lourenço, porque era já tão tarde que por dentro não podiam passar á India. E seguindo seu caminho, estando já do Cabo pera dentro,

fo-

foram governando a Lefnordeste , pera se deitarem por fóra da Ilha , onde os deixaremos por continuarmos com as outras náos. D. Francisco Deça , Francisco de Mendonça , Affonso Vaz Zambujo , depois de passada a tormenta dobráram o Cabo , e tomáram o caminho por dentro , e foram demandar Moçambique , por irem faltos de agua , e mantimentos ; e chegando áquelle porto ao entrar da barra , a náo de Affonso Vaz Zambujo deo na Ilha de S. Jorge , onde ficou pera sempre , salvando-se toda a gente , e por ser tarde ficáram alli invernando. Bernardim da Silveira , que ao sahir do Reyno se apartou logo , foi seguindo sua derrota , passando alguns temporaes , que lhe deram muito trabalho , e depois de dobrar o Cabo de Boa Esperança , indo demandar Moçambique , foi o seu Piloto encalhar no parcel de Cofala , onde se perdeu , affogando-se muita parte da gente , e a outra mais , que se salvou em terra , foi morta pelos Cafres , o que depois se soube por alguns da terra.

CA-

**N** IMPRENSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## CAPITULO II.

*Do que succedeo ás mais ndos da companhia do Governador Nuno da Cunha : e de como elle se perdeu na Ilha de S. Lourenço : e do que aconteceu á gente da companhia de Manoel de Lacerda.*

JÁ temos dado relação do successo de cinco náos , agora continuaremos com as mais ; e como esta viagem foi desastrada , e teve varios successos , he necessario que relatemos todos : e assi o faremos agora do que aconteceu á náo de Garcia de Sá , e á de Antonio de Saldanha , que de toda esta Armada ellas fós passáram á India. A náo de Garcia de Sá , depois que fez sua aguada na Ilha de Sant-Iago , logo se apartou da conserva , e foi seguindo sua derrota , achando no rosto do Cabo o mesmo tempo que as outras , com que esteve de todo perdida. Passado o Cabo foi tomando o caminho por fóra padecendo muitas fómes , sedes , e infortunios , de que lhe morreo muita gente , e chegou a estado , que não havia na náo mais de huma pipa de agua , mas foi em paragem que ao outro dia houve vista da costa do Malavar , como adiante diremos. Antonio de Saldanha depois de passada a tormenta , que elle esperou ao  
pai-

paíro , foi seu caminho até dobrar o Cabo , achando muitos temporaes , e contrafetes , que lhe deram bem de trabalho. E passando á vista da Ilha de S. Lourenço na paragem do rio de Sant-Iago , onde estava a gente das náos de Manoel de Lacerda , e de Aleixo de Abreu , que se alli perdêram o anno passado , como dissemos , onde todos tinham padecido gravissimas fômes , e trabalhos , esperando que Deos os soccorresse com alguma náo que por aquella paragem passasse , pera lhe fazerem final , encommendando-se ao mesmo Deos em seus corações , pedindo-lhe os tirasse daquella terra : e como suas esperanças estavam em elle trazer por alli alguma náo , não tiravam os olhos do mar , onde de continuo os estendiam por verem se viam vélas , e acertando de verem esta de Antonio de Saldanha , em todos fez grande alvoroço , parecendo-lhes que já estavam remidos. E porque hia anoitecendo fizeram grandes fogos em cruces , pera por elles mostrarem aos da náo , que estava alli gente perdida , que foram logo vistos de todos , e bem entenderam que eram Portuguezes os que lhe faziam aquelle final , e tomando os traquetes , puzeram-se de noite á trinca. Como amanheceo foram na volta da terra a que não ousáram de chegar por não ser sabida ,  
es-

esperando que da terra lhes viesse algum em alguma almadia com recado do que era : e assi affastando-se de noite da terra, e tornando a ella de dia, andáram alli oito, sem se determinarem a mandar o esquife a saber daquella gente , e no cabo dos oito dias dando-lhes hum tempo rijo desapparecêram. Os da terra ficáram desconsoladissimos tanto que deixáram de ver a náó, e tomando conselho sobre o que fariam, assentáram que se passassem á outra banda, assi porque lá teriam mais mantimentos, como por serem por lá as náós mais continuas, e poderiam ser vistos de algumas que se dispuzessem a tomallos, ou pela ventura achariam alguma embarcação da terra, em que se pudessem passar a Cofala, ou a Moçambique : fazendo dous esquadrões em que haveria trezentas pessoas, tomáram o caminho do sertão , ficando alli hum mancebo doente por não poder seguillos. Estes homens todos desapparecêram neste caminho, e até hoje se não soube delles coufa alguma, por onde parece que foram mortos pelos da terra; porque aquelles do sertão são barbarissimos, sendo o remate de todos seus trabalhos outros tanto maiores como foram os que lhes custáram as vidas. Vejam agora os Reys se ha na vida coufa com que se fatisfaçam ramanhos trabalhos, como seus

seus vassallos passam nesta Conquista da India : e que preço ha com que se pague hum só risco da morte , quanto mais tantos , quantos são os em que cada dia se vem , no mar tanta tormenta , e perigos , na terra tanto risco entre pelouros , e fogo : comendo mal , dormindo peor : pelejando todas as horas por honra de seu Deos , e de seu Rey. Por onde haviam de trabalhar , que os homens que fossem repartidores dos galardões , fossem aquelles que tem visto , e experimentado os mesmos riscos , e trabalhos , porque dem com compaixão , e não taxem com escaceza , tendo mais respeito aos merecimentos dos homens , que á pretensão que muitos tem de quererem valer com os Reys por hum muito mal entendido meio , como o de quere-rem acrescentar em sua fazenda , porque nunca ella cresce mais , que quando justamente se pagam merecimentos. Antonio de Saldanha foi seguindo sua derrota com tantos trabalhos , fomes , e sedes , que lhe morreram sessenta homens , e lhe adoeceram quasi todos , indo mais de hum mez a quartilho de agua por dia a cada pessoa. E em fim de todos estes trabalhos , havendo-se cada dia por perdidos , foram a ferrar a costa da India , como adiante diremos. E tornando a Nuno da Cunha , e Pero Vaz da

da Cunha , e D. Fernando de Lima , depois de passada a tormenta , foram sempre em companhia com roins tempos , e com calmarias que lhes deram , e com muito trabalho foram ferrar terra na Ilha de S. Lourenço , na paragem do rio de Sant-Iago , já no fim de Outubro , onde lhes foi forçado surgirem pera fazerem aguada , de que hiam muito faltos. O Governador Nuno da Cunha mandou o esquife a terra pera verem aonde havia agua , e sendo na praia , acudio a elle aquelle mancebo que atrás disse-mos ficára da companhia de Manoel de Lacerda por doente , (que parece que ordenou Deos ficar alli pera se salvar.) Este tanto que vio o batel em terra , remetteo aos que hiam nelle como doudo abraçando-se com todos , chorando com prazer de os ver ; e elles de dó de o verem daquella maneira arreventáram todos em lagrimas , e soluços , e tomando-o no batel o leváram a Nuno da Cunha , a cujos pés se lançou , contando-lhe sua desventura , e a perdição daquellas duas náos ; e como havia mez e meio que Manoel de Lacerda , e Aleixos de Abreu com todos os da sua companhia se partíram dalli desesperados de poderem alli vir náos tão cedo. Nuno da Cunha sentio muito a desventura daquella gente , e houve-se por mofo em não chegar a tempo

Couto. Tom. I. P. I.

Y

po

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

po que os pudera salvar a todos, mandando a seus criados que agazalhassem bem aquelle moço, e o curassem, que depois viveo muitos annos casado em Goa, e foi Meirinho. Nuno da Cunha, e os mais Capitães mandáram fazer aguada em abastança. E havendo quatro dias que alli estavam, deo-lhes hum temporal travessão tão rijo, que a náó de Nuno da Cunha, que estava sobre huma só ancora, começou a cassar pera a terra, e largando outra que deo sobre pedra, foi logo cortada, e o mesmo fizeram outras até seis, que todas foram trincadas do rato, (fallando ao modo marinho,) de maneira, que foi a náó encalhar em terra sobre hum areal, aonde se encheo de agua até a cuberta debaixo da ponte. As outras duas náós quiz Deos que tiveram amarras de cairo, que se não cortáram, e puderam ter, e soffrer o tempo, estando porém muito arriscadas. Estavam a este tempo os batéis em terra fazendo aguada, e querendo acudir á náó, não puderam sair pera fóra, porque o vento fazia na boca do rio mui grandes escarceos. A gente da náó ficou toda sobre os castellos, e na ponte, onde estiveram até o outro dia, andando Nuno da Cunha toda a noite vigiando, e mandando tirar affima o cofre do cabedal, e algumas cousas, que  
mais



mais puderam , porque se não perdesse tudo. Ao outro dia acalinou o vento , e vieram os batéis , em que o Governador mandou embarcar o cofre , e a mais fazenda que pode , e a artilheria que hia por cima : e depois de ter recolhido o que havia , elle se passou com parte da gente pera a não de seu irmão Pero Vaz da Cunha , e a outra mandou pera a de D. Fernando de Lima. Dalli se fizeram á véla , com tenção de se irem pór dentro de Moçambique , tomando aquella derrota , em que os deixaremos por continuarmos com as cousas , que neste tempo succedêram na India , por guardarmos a ordem dos tempos.

### C A P I T U L O III.

*De huma Armada nossa , que partio de Cochim , e se perdeu no rio de Chatuá : e de como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio pera Cochim , e desbaratou huma grande Armada do Çamorim.*

**A** Ffonso Mexia Veador da Fazenda , que estava em Cochim , foi avisado que o Çamorim fazia algumas nãos prestes pera mandar a Méca carregadas de pimenta , que tinha a carga em diferentes rios , e querendo impedir que não sahisses pera fóra , armou com muita pressa treze navios

Y ii

de

de remo, a cujos Capitães não achámos os nomes, e a oito de Setembro se fizeram á véla, e indo pera a costa de Calecut, deo-lhes huma tormenta, a que chamam a Vára de Choromandel, tão grossa, e grande, que deo com todos os navios á costa no rio de Chatua, sem escapar hum só; affogando-se a mór parte dos nossos, e os que se salváram em terra, delles foram mortos pela gente della, e delles cativos. Camorim ficou soberbissimo com este successo, e mandou com muita pressa preparar huma grossa Armada, ajuntando todos os seus navios de seus portos, pera sahirem a dar guarda ás náos que havia de lançar fóra em fim de Setembro. Os Mouros de Cananor que estavam de pazes, com esta desaventura começaram-se a alterar. De tudo foi logo o Governador Lopo Vaz avisado, e com muita presteza despedio Simão de Mello em hum galeão, e seis fustas pera guarda daquella costa, e elle se ficou preparando pera acudir a ella em pessoa, primeiro que os movimentos dos Mouros de Cananor fossem por diante, esperando por Antonio de Miranda, que sabia que estava em Chaul, que não tardou muito. O Governador o recebeu muito bem, pedindo-lhe ficasse em Goa descansando dos trabalhos, e elle se fez á véla com seis galeões,

in-

indo elle embarcado em S. Diniz , e dos outros eram Capitães Heitor da Silveira, Fernão Rodrigues Barbas , Lopo de Mesquita , Henrique de Macedo , e Antonio de Lemos da Trofa , a que deo o galeão Magos , que foi de Antonio da Silva , que as galeotas de Dio matáram. Levava o Governador mais sete fustas , de cujos Capitães não achámos os nomes de mais que de D. Tristão de Noronha. E fazendo sua jornada tanto ávante como monte Deli , achou Simão de Mello com sua Armada , de quem soube , como D. João Deça Capitão de Cananor lhe mandára recado , que em Tremapatão estava huma frota do Canorim de cento e trinta vélas , sessenta paraos bem artilhados , e as mais náos , e pagueis de carga , que liam pera Méca carregadas de drogas , e que os paraos lhe liam dando guarda. Desta frota era Capitão hum Mouro , natural do Reyno de Tanor , chamado Cotiale , havido entre elles por homem santo , que aquelle verão passado tinha vindo de Méca de se offerecer á casa do seu Sancarrão. Tanto que o Governador soube esta nova , hayendo consêlho com aquelles Capitães , assentou-se que se lançassem ao mar defronte de Cananor , que alli havia a frota de ir dar com elles , porque se os tomassem a terra , haviam todos de fugir della.

la. O Governador mandou as fustas de longo da costa vigiar a Armada inimiga, e tanto que foi noite, furgio com os galeões, e mandou Serqueira o Malavar no seu navio, que era muito ligeiro, espiar os inimigos, e saber que derrota tomavam. Cotiale sabendo que Simão de Mello estava a monte Deli, não tendo ainda novas do Governador, determinou de ir pelejar com elle, e tomallo, e voltar sobre a fortaleza de Cananor, e commettella, havendo que seria facil levalla nas mãos, e vinha com toda aquella frota, que cubria o mar á véla. O Serqueira em a vendo voltou ao Governador, e lhe deo de noite a nova, e logo se preparou pera pelejar com elle, mandando recado aos galeões pera que se fizessem prestes. Cotiale de madrugada houve vista da Armada do Governador, e cuidando que era Simão de Mello, assi á véla como lia a foi demandar. Os nossos vendo tamanha frota ficáram embarçados, porque tudo o que viam em tanto navio era multidão de gente que os cubria, muita, e grossa artilheria, que por suas proas apparecia, e muitas, e bastas armas de todas as sortes que reluziam, muitos, e muito diferentes instrumentos de guerra que vinham tocando: em fim tantas carrancas, e ameaços de morte, que pudera espantar outra

muito maior Armada que aquella. O Governador chamou a si os Capitães, e lhes disse, que elle havia de pelejar com os inimigos, que se fizessem prestes. Alguns dos Capitães lhe disseram que pareceria temeridade; que o bom seria ajuntarem-se os galeões, e encadearem-se, e fazerem-se fortes pera se defenderem, se os inimigos os fossem commetter. Outros foram de parecer que pelejassem, porque os navios inimigos eram rasteiros, e que forçado haviam de receber muito damno. E baralhando-se o negocio em porfias; chegou Serqueira o Malavar, e como era muito esforçado, e sabia bem da guerra daquella costa, e conhecia aquelles Mouros, disse ao Governador: » Senhor, que esperais, que vagar he » este? Porque não commetteis aquelles ini- » migos que vem chegando? Porque assi he » muito peor, que como são muitos, e se » vos sentirem, receio hão-vos de fazer » damno. Commettei os inimigos, que vem » espalhados por huma ilhargá daquellas com » as fustas, e primeiro que os outros lhe » acudam, os desbaratareis, e chegarão os » galeões com a tormenta de sua artilheria, » e tudo farão franco. » Ao Governador pareceo-lhe bem, e levantando-se, disse: » Ora sus, hei de pelejar, a elles com o » nome de Jesus; e quem quizer acompa- » nhar

» nhar o seu Governador, e a bandeira de  
 » seu Rey, siga-me.» E tomando huma es-  
 pingarda ás costas saltou em huma fusta,  
 de que era Capitão João Fernandes o Ta-  
 ful, valente soldado, e dos do seu galeão  
 saltáram com elle Ruy Vaz Pereira, Dom  
 Sancho Manoel, João Rodrigues Pereira,  
 Braz da Silva de Azevedo, Garcia de Mel-  
 lo, Duarte Coelho, Fernão da Silva, Nu-  
 no Pereira, André Casco de Evora, Ma-  
 noel de Brito Cabral, Francisco de Bairros  
 de Paiva, e outros Fidalgos, e Cavalleiros.  
 Embarcado o Governador, achou-se com  
 treze fustas, porque áquella hora lhe che-  
 gáram tres de Cananor, cheias de muita,  
 e boa gente, cujos Capitães eram Francis-  
 co Mendes de Braga, Martim da Silva, e  
 Jorge Vaz, que D. João Deça lhe manda-  
 va de foccorro; porque tanto que teve vis-  
 ta da Armada do Governador, e vendo ar-  
 rancar a do inimigo da terra, despedio os  
 navios. De todos fez o Governador duas  
 batalhas, ou alas, dando huma a Simão de  
 Mello, a quem encommendou a dianteira, e  
 com elle Lopo de Mesquita, e Fernão Ro-  
 drigues Barbas nos batéis de seus galeões,  
 e nesta ordem foram demandar os inimi-  
 gos, que vinham espalhados, e os com-  
 mettêram por huma ponta, dando-lhes a  
 primeira salva de bombardadas, de que def-

troçaram alguns , e sem quererem investir , tornáram a metter cargas nos falcões , e deram outra surriada , com que tambem mettêram alguns no fundo. Sete navios nossos investíram logo com outros tantos dos inimigos ; sendo os primeiros que ferráram , Serqueira Malavar , Francisco Mendes de Braga , e Martim da Silva todos de Cananor. E deitando logo nos inimigos huma somma de panellas de polvora , os abrazáram de todo. O Governador com o seu terço chegou tambem áquella quadra , e deo sua salva , de que desbaratou muitos , e ferrou com outros com muito animo , sendo elle dos primeiros que os investíram , e tal pressa lhes deo , que rendeo toda aquella quadra , primeiro que Cotiale lhe soccorresse. Os galeões hiam em meio da Armada , ficando-lhe toda a inimiga descuberta , com que tiveram lugar pera jogarem com sua artilheria ; e como a Armada vinha muito estendida , e a nossa pelejava em huma das quadras , empregáram seus tiros de maneira , que mettêram muitas náos no fundo. Os nossos tinham já axorados mais de vinte navios ; e vendo os mais tamanho damno , começaram-se a desmandar , e recolher pera a terra. Andava já neste tempo o mar coalhado de corpos mortos , e os galeões já baralhados com as náos inimigas.

gas. Durou isto até o meio-dia que a vitória começou a ventar, com que os inimigos deram á véla, e se foram fugindo pera a terra. O Governador os não quiz seguir, porque estava com alguns feridos, e todos cansados, e contentou-se com a victoria que lhe Deos tinha dado, que era tamanha, que ficáram dos navios dos inimigos, antre mettidos no fundo, e tomados, trinta e cinco, e foram tomadas sincoenta peffas de artilheria; e Mouros antre cativos, e mortos foram dous mil, sem da nossa parte haver mais que alguns feridos: o que pareceo milagre pela multidão das fréchas, e pelouros grossos, e miudos, de que os navios todos estavam encravados, e o mar parecia de côr de sangue. A Armada inimiga que hia fugindo hia tal, e com tamanho medo, que alguns navios varáram na primeira terra que acháram, sem irem buscar rios, ou barras. Foi esta grande victoria defronte de Cananor, cuja praia estava cuberta de Mouros, esperando ver o desbarato dos nossos; e vendo a presteza com que os seus com tamanha Armada foram desbaratados, ficáram pasmados, e em todo o Malavar se fez hum geral pranto, porque poucas casas houve em que não faltasse marido, filho, ou irmão. Isto quebrantou tanto a todos, e atemorizou o Camo-  
rim



rim de feição, que receando que ElRey de Cochim, com o favor do Governador Lopo Vaz lhe tomasse Cranganor, despedio com muita pressa o Principe herdeiro pera ir segurar aquella fortaleza. O Governador parecendo-lhe que Cotiale se quizesse desaffrontar, e que ajuntasse pera isso mais Armada, como estava com a mão leve da vitoria, deixou-se estar dous dias esperando por elle, e vendo que não vinha, determinou de ir por todos os rios em que os seus navios haviam de estar recolhidos, pera os acabar de abraçar, e assolar, mandando diante Simão de Mello, que levou consigo o Serqueira por espia, porque sabia todos aquelles rios; e achando em hum delles doze paraos varados, entráram de madrugada de supito, e puzeram-lhe fogo, em que todos ardêram. E desembarcando Simão de Mello em terra, cortáram todos os palmares que havia ao derredor da povoação, a que tambem se deo fogo. Dalli se passou ao rio de Chatua, onde a nossa Armada se perdeu, pera dar hum castigo a seus moradores pela morte que deram aos nossos, e entrando nelle de madrugada queimáram quatorze paraos, que estavam varados, e a povoação, com morte de muitos Mouros; e assi foram destruindo outros lugares até chegarem a Cranganor,

onde acháram huns navios nossos em guarda daquelle rio , que Affonso Mexia tinha mandado , depois que soube que o Principe de Calecut era chegado , pera defende-rem a pagassem daquelle rio aos seus.

#### C A P I T U L O   I V .

*De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio destruiu o Arel de Porca : e da Armada que do Reyno partio: e do que lhes aconteceu na jornada até chegar a Cochim.*

Chegando o Governador a Cranganor , lembrou-lhe que tinha adiante o Arel de Porca , que havia vinte annos vivia a despeito do Estado , recolhendo muitos ladrões , e lançando outros de seus portos , que faziam muita guerra aos Portuguezes , e lhe tinha dado muitos trabalhos , sem Governador algum o poder castigar , tendo por isso cobrado tamanho bico , que publicamente deitava Armadas fóra , que correndo a costa até a de Choromandel roubavam os Portuguezes , com o que se tinha feito poderoso , e rico. E pelos descuidos dos Governadores , de pobre pescador se fez senhor de terras , e Estados , e inimigo declarado da India , o que se lhe dissimulou pelo muito perigo , e pouca honra

que se ganhava com o quererem destruir: e tinha feitos tantos damnos por estar bandedado com o Camorim, que quando o Governador D. Henrique estava em concerto de pazes com elle, a primeira cousa que lhe pedio foi que lhe entregasse este Arel. E isto não foi só agora, porque ainda depois nossos descuidos deixáram crescer de nada inimigos, que deram bem de trabalhos ao Estado, como pelo decurso da historia apontaremos: o que nasceo dos Governadores da India estarem com o olho em seus respeitoos particulares, e com o tento em se lhes virá successor, ou não, a quem como chegava lhe lançavam (como lá dizem) o gato nas barbas: e disto tem nascido todas as miserias da India. E certo que parece hum jogo de dochelo vivo, que de mão em mão se vai apagando hum pouco, e praza a Deos que o não faça de todo. E deixando esta materia, Lopo Vaz de Sampaio como hia vitorioso, não quiz deixar arrefecer sua Fortuna, e determinou de dar hum castigo a este Arel, porque não vivesse tão folgado. E dando rebate aos Capitães pera que se fizessem prestes, mandou a Simão de Mello, que com a gente dos navios de remo levasse a dianteira, e elle com toda a mais dos galeões a retaguarda. E chegando de madrugada sobre

aquella barra, desembarcáram todos em terra em dous batalhões de quatrocentos homens cada hum: e Simão de Mello sem sentimento entrou a povoação, e deo nas casas do Arel, que eram de madeira, pondo-lhe logo o fogo por muitas partes, que começaram a arder com grande braveza. O Arel escapou por desastre, e queimou-se-lhe a mulher, e mais familia, e a povoação foi mettida a ferro, e a fogo, e lhe tomáram trezentos paraos mui bem feitos, e muitas peſſas de artilheria de bronzo, falções, berços, e dous camelos, hum de metal, e o outro de ferro, e lhe cortáram todos os palmares que puderam, de sorte que ficou destruido de todo. Feito este negocio, que foi muito honroso, embarcáram-se os nossos a seu salvo, e a outro dia entráram em Cochim, onde o Governador foi muito bem recebido. Foi isto aos dezeseis de Outubro, e aos dezeseite chegaram as náos de Garcia de Sá, e de Antonio de Saldanha com muita gente menos, e todos os mais doentes, que o Governador mandou desembarcar, e curar muito bem, e festejou aquelles Fidalgos muito. Delles soube como Nuno da Cunha era partido por Governador com huma grossa Armada, e que não sabiam delle, mas que conforme ao tempo que se tinham apartado, pois o não

achavam na India , que não poderia já aquelle anno vir a ella. O Governador se deixou ficar até quinze de Novembro esperando por elle pera se embarcar pera o Reyno , se elle viesse: e vendo que tardava , affirmando-lhe que estaria em Moçambique , despedio em busca d'elle hum Bastião Freire em huma naveta com regimento , que tomasse a costa de Melinde , o mais affima que pudesse pera Guardafú , e que dalli fosse discorrendo por ella abaixo até Moçambique , pera ver se havia algumas novas do Governador Nuno da Cunha. Bastião Freire se fez á véla a vinte de Novembro; e de sua viagem adiante daremos razão. O Governador ficou despachando as náos pera o Reyno , e depois de tomarem a carga as fez á véla entrada de Janeiro de vinte e nove , em que com o favor Divino entrámos , e não achámos lembrança alguma , de quem foi por Capitão dellas , porque os que trouxeram ficáram na India. Partidas as náos , o Governador se embarcou , e foi correndo a costa do Malavar , na ordem que levou quando foi pera Cochim , mandando diante Simão de Mello com a fustalha , e o Serqueira por espia , que entrava todos os rios , e tomava falla donde havia paraos; e sabendo que em Marabia ( que he hum rio do Reyno

de

de Cananor) estavam recolhidos quatorze navios de Calecut, dando rebate a Simão de Mello, (que de madrugada entrou áquelle rio) poz fogo a todos, por se não embarçar em os tirar, tendo huma muita arrezoada briga com os da terra, que acudiram aos defender, (por estarem a mór parte delles abicados em terra,) em que os nossos saltáram pera os queimarem á sua vontade; e depois de feitos em cinza, se embarcáram a seu salvo, e se foram pera o Governador que chegou a Goa, e mandou ordenar huma Armada grande, em que mandou Antonio de Miranda pera o Malavar; de cujos Capitães não achámos nomes, sómente Christovão de Mello que hia em huma galé, e Francisco de Mello em huma galeota; e do que lhes aconteceu, adiante daremos razão.

## C A P I T U L O V.

*De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio foi avisado de huma Armada de Cambaya que andava fóra: e de como a foi buscar, e pelejou com ella, e a desbaratou de todo.*

**H**Avendo poucos dias que o Governador era chegado a Goa, lhe veio hum recado apressado de Francisco Pereira de

de Berredo Capitão de Chaul, em que o avisava como ficava a Armada de Cambaya sobre aquelle porto, e que receava o quizessem commetter, e que lhe podia acontecer hum desastre pela pouca gente com que estava. O Governador como tinha ainda os galeões no mar, mandou-lhes metter mantimentos, e munições, e negociar as fustas que havia com muita brevidade: e começou-se a embarcar contra parecer de todos os Fidalgos, e Capitães por dizerem que era descredito do Estado ir a pessoa do Governador da India buscar hum Capitão d'ElRey de Cambaya, o que podia fazer outro Capitão com o mesmo poder que levava, e deixar-se ficar em Goá por opinião do Estado; porque sempre se havia de cuidar antre os inimigos, que ficando elle, ficava mais cabedal. O Governador por cima de todas as razões se embarcou, e se fez á véla entrada de Fevereiro, levando cinco galeões, duas galés, e quarenta e quatro navios de remo. Os Capitães que foram nesta jornada nos galeões, e galés foram: Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Heitor da Silveira, Simão de Mello, Henrique de Macedo; e os Capitães das fustas adiante nomearemos os mais delles. Dando á véla despedio Heitor da

Silveira com todos os navios de remo, pera que fossem cingindo a ribeira, e elle com os galeões, e galés se foi ao mar. Chegando a Chaul não achou os inimigos, pelo que despedio hum navio ligeiro a espiallos: e elle com toda a Armada surgio a hum Ilheo, que está huma legua ao Norte daquella barra. Alixa Capitão mór da Armada de Cambaya estava com toda ella (que eram sessenta e quatro galeotas) mettido no rio de Bombaim, e sabendo da Armada do Governador despedio treze fustas, pera que fossem haver vista della. E o dia que o Governador surgio no Ilheo, lhe apparecêram a balravento, estando Heitor da Silveira a terra com as fustas furtas. Os inimigos depois de notarem tudo, chegaram-se ao Governador a tiro de falcão, e lhe deram huma boa salva. Heitor da Silveira tanto que os vio, arrancou donde estava apòs elles, que como o víram se foram recolhendo. O catur, que o Governador tinha mandado a espisar os inimigos, chegou o mesmo dia, e lhe disse, como todos estavam mettidos em huma enxada na boca do rio de Bombaim, o que sabido pelo Governador chamou todos os Fidalgos, e Capitães a conselho, e lhes disse que lhe parecia bem fazerem-se na volta de Dio, porque havia de estar fraca aquella fortaleza, e sem gente,



te, porque toda andava na Armada, e que seria muito facil tomarem-na; e que os de dentro quando o vissem sobre aquella barra haviam de cuidar que deixava a sua Armada desbaratada, e que sem dúvida o não esperariam, e lhe largariam a fortaleza, e que depois se buscariam os inimigos. Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá que votáram primeiro, disseram que lhes não parecia bem aquillo, que muito melhor sería ir buscar aquella Armada, e pelear com ella, e que depois de desbaratada se poderia fazer o que elle dizia; mas que assi, vendo Alixá que desapparecia, cuidaria que lhe fogiam, e cobraria animo, e voltaria sobre Chaul, que lhe seria tão facil de tomar, como elle o fazia a Dio, e que seria muito grande perda, e affronta; que se não podia suspeitar que estivesse Dio tão desapercebido, que se pudesse tomar com a facilidade que dizia: e que tambem lhes não parecia bem ir sua pessoa buscar as fustas de Cambaya; que se deixasse alli ficar, e mandasse hum daquelles Fidalgos áquelle negocio, e que todos o acompanhariam, e que isso bastava pera os inimigos; e seria maior credito, e reputação dizer-se, que hum Capitão desbaratára tamanha Armada, que não que a pessoa do Governador se achára nisso. Com este parecer

se foram todos os mais Capitães. O que visto pelo Governador, deo-lhe a desconfiança de cuidar, que cada hum pertendia aquella honra pera si, e tomar-lha a elle, e disse, que elle havia de ir pelejar com os inimigos, e que quem o quizesse acompanhar o fizesse: e despedio dalli Heitor da Silveira, que fosse com as fustas todas diante a pôr-se na barra, e o Governador á sua vista hum pouco ao mar foi demandar o rio de Bombaim. Esta noite se vio huma cousa no Ceo maravilhosa, que foi hum sinal branco, e luzente, comprido á feição de espada larga, que corria do Noroeste a Sueste, e ficava com a ponta pera a parte em que estava Dio. Os Mouros notáram isto a roim final. A estes cometas chamam os Gregos Xiphia, porque xiphos he o mesmo que espada: e os que escrevem destes cometas dizem que são de côr luzente, e que acabam em ponta, como este tinha, que era aquella que cahia sobre Dio. O Governador amanhecco sobre Bombaim aos seis de Fevereiro, que foi ao outro dia logo, em que cahio dia de Cinza, e houveram vista da Armada do inimigo, que estava na ponta daquella barra. O Governador metteo-se em hum navio ligeiro, e foi correr as nossas fustas, e fez a todos huma muito breve falla, pondo-lhes diante suas  
obri-

obrigações, facilitando-lhes a vitoria, affirmando-lhes que estava só no commettimento: que lhes mandava da parte d'ElRey, que nenhum navio tirasse bombardada, sob pena do caso maior, ao tempo do commettimento, porque se não estorvassem os marinheiros, que os afferrassem primeiro, e que ganhassem aquella honra á espada, porque alli ficaria a vitoria mais formosa, e ao primeiro que investisse navio lhe prometteo cem cruzados, e o navio, tirando artilheria, encomendando a dianteira a Heitor da Silveira, que poz todos os seus navios em ordem. O Governador receando que os inimigos lhe fugissem pera o rio de Bandora, que estava diante meia legua, mandou a hum Capitão, que tanto que a batalha se travasse, fosse com oito navios, (que lhe nomeou, e a quem mandou recado,) e tomasse a boca daquelle rio. Heitor da Silveira escolheo os melhores navios pera a dianteira, de que eram Capitães Diogo Coelho, Gaspar Paes, Francisco Alvares, João Rodrigues o Chatim, Pedralvares de Mesquita, Antonio Correa, Lourenço Botelho, Christovão Lourenço Carracão, o Calafate de Chaul, Diogo Quaresma de alcunha o Malu, Pero Barriga, Antonio Colaço, Christovão Correa, Jorge Dias, e Antonio Fernandes; com este hiam embar-

cados estes Fidalgos Christovão de Mello de Sampaio, sobrinho do Governador, D. Francisco de Castro, João Pereira, Manoel Rodrigues Coutinho, André Casco, Francisco de Barros de Paiva, Luiz Coutinho, Duarte Coelho, João de Mello, Antonio Barbudo, João da Silveira, Manoel do Carvalhal, Nuno Pereira, Lançarote de Alpoem. De todos os navios de remo fez o Governador tres batallas, e nas duas hiam as duas galés, e pera as fustas se passáram todos os Fidalgos, e Capitães da Armada; e assi nesta ordem foram demandar o rio. Alixá vendo ir os nossos navios os sahio a receber com grande determinação, e chegando a tiro de bombardas, deram sua salva sem os nossos fazerem caso della, com choverem sobre todos os navios nuvens de pelouros, e passando os nossos pelo meio de todos estes perigos, e bombardadas, os foram afferrar, dando-lhes ao mesmo tempo a sua surriada, de que lhes matáram muitos, investindo-os logo. E o primeiro que poz a proa em humna galeota muito formosa foi Antonio Fernandes, com quem hiam embarcados os Fidalgos, que assim nomeámos, onde se baldeou logo Francisco de Barros de Paiva, que hia no esporam, e da pancada que a fusta deo, tornou a recuar pera fóra, ficando elle só dentro sobre

bre a postiga, que era de appellação, onde se defendeo com muito valor de muitos que o commettêram. A fusta tornou logo a ferir a galeota, e os nossos trabalháram pela entrar; mas foi-lhes mui bem defendida, ficando Francisco de Barros em grande aperto, porque carregavam sobre elle muitos tiros, e golpes, de que se defendia com muito trabalho. Os nossos trabalhavam pelo soccorrer, commettendo a entrada, sobre o que se fazia huma muito aspera batalha, porque os inimigos eram muitos. Estando a cousa mui baralhada, acertou de cahir da meia gavia da galeota dos Mouros huma panella de polvora na mesma galeota do masto á poppa, que quiz Deos dêsse em outras, que todas tomáram fogo, com que a fusta arrebentou, deitando por esses ares a todos quantos nella havia. Francisco de Barros quiz sua ventura que cahisse dentro na nossa fusta ferido de huma zargunchada. Ficáram mais feridos João Pereira de huma fréchada no rosto, D. Francisco de Castro de huma pedrada na cabeça. Heitor da Silveira, que foi dos primeiros que abalroáram, trabalhou por chegar á galeota do Alixá, mas por estar na retaguarda afferrou em outra que logo axorou, e o mesmo fizeram os mais Capitães cada hum á sua, apertando tanto com os inimigos,

gos , que os fizeram lançar ao mar depois de mui bem escalavrados. Alixá vendo o estrago dos seus mudou-se a hum navio pequeno , e tomando o remo foi-se acolhend-o. Os mais da sua companhia vendo-o ir, trabalháram por se salvar , e seguindo-os os nossos , os foram alcançando , e axorand-o , ficando-lhes desta feita nas mãos quarrenta , e seis galeotas , em que se tomáram oitenta bombardas grossas , e outras miudas , e das outras foram queimadas tres. Das quinze que escapáram recolheo Alixá sete , com que se foi pelo rio dentro até Taná , as outras se mettêram pelo rio de Nagotana , onde foram tomadas pela gente do Melique Rey de Chaul. Venceo-se esta batalha sem custar da nossa parte mais que hum homem que cahio ao mar. Perdêram-se dos inimigos antre mortos , e cativos oitocentos homens brancos Turcos Rumes , e mais de duzentos bombardeiros , e da gente da terra mais de dous mil. Foi cousa milagrosa , que o cometa , com ser dia claro , sempre appareceo no Ceo até aquella hora que se a batalha venceo , que se escondeo. O Governador Lopo Vaz de Sampayo deo muitas graças a Deos por tamanha mercê , e armou muitos Cavalleiros ; e pondo em conselho dos Capitães se voltaria pera Dio com tamanha vitoria , cuja fa-

ria havia de ter os inimigos espantados, e atemorizados, foram muitos de parecer que sim; mas Garcia de Sá, e Antonio de Saldanha foram do contrario, antes lhe requerêram da parte d'ElRey que não roubassem a honra a Nuno da Cunha, que vinha só áquelle negocio, pedindo ao Secretario que lhe dêsse instrumento daquillo, e o Governador tambem lhe pediu outro, de como quizera commetter aquella jornada, e que os seus Capitães lha estorváram. É certo que se entendeu que se voltára a Dio, tomára aquella fortaleza, segundo todos ficaram quebrantados com a perda de tamanha Armada, em que elles tinham toda sua força, e cabedal. Vendo-se o Governador contrariado, determinou de ir dar em Taná, e destruir aquella Cidade, pera dar hum sacco grande á sua gente, por irem cheios de honra, e de proveito; e caminhando com todas as fustas pelo rio dentro, lá nos passos que são perigosos, deo em secco toda a Armada, onde ficou aquella maré a risco de se perder, trabalhando todos até lhes rebentar o sangue das mãos. A alguns Capitães que ficaram em nado, deo-se-lhes pouco do trabalho em que o Governador estava, porque como esperavam por outro novo, já lhes não tinham muito respeito. Como a maré tornou a en-

cher,

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cher, alevantáram-se os navios do secco, e sahíram-se pera fóra. O Governador por não experimentar outra desobediencia, e por ser já fim do verão, determinou de se ir pera Goa, deixando Heitor da Silveira com vinte e sete navios de remo pera ficar na costa de Cambaya, fazendo toda a guerra que pudesse; e elle se recolheo a Chaul, e dalli a Goa.

## C A P I T U L O VI.

*Da guerra que Heitor da Silveira fez na costa de Cambaya: e de como destrubio a Cidade de Baçaim, e as Villas de Taná, Bombaim, e outras: e do que o Governador Lopo Vaz de Sampaio fez em Goa, e do que aconteceu no Malavar.*

**P**Artido o Governador Lopo Vaz de Sampaio pera Goa, determinou Heitor da Silveira de ir tomar huma fortaleza afastada da agua duas leguas por aquelle rio de Nagotana dentro, em que estava hum Capitão d'ElRey de Cambaya com seiscientos homens de cavallo, e dous mil de pé, e indo demandalla não pode chegar a ella, porque o estreito que entrava até lá era baixo, e de pouca agua; mas desembarcando onde pode chegar a Armada, queimou seis povoações muito grandes que havia na-



quella parte em que desembarcou. O Capitão que estava na fortaleza soube de como os nossos andavam em terra, acudindo com toda a gente que tinha, foi a tempo, que os nossos tinham já tudo feito, e se começavam a embarcar. Os de cavallo que hiam diante remettêram a elles com grandes gritas, e apupadas, chamando-lhes nomes. Heitor da Silveira, que ainda estava em terra, foi-lhe forçado fazer rosto aos inimigos, pera terem os seus tempo de se embarcarem; e tomando cem espingardas, teve-lhes o encontro, derribando-lhes alguns, com que os fizeram parar. Hum soldado dos nossos, homem não conhecido, e sem nome, (a que muito desejámos de o saber, pera lho darmos muito honrado nesta historia,) adiantando-se hum pouco com humma lança, e rodela, esperou hum Mouro de cavallo a pé, que des que vio nelle romper seu encontro com a lança alta, o soldado correo a sua, e o tomou por debaixo do braço da lança, e passando-o todo, deo com elle no chão; e ainda não estava bem nelle, quando já o soldado (que lhe levou logo as redeas do cavallo na mão) saltou em cima com muita ligeireza, e ar; e enrestando a lança, voltou a outro de cavallo que remettia com elle, e o levou pelos peitos, dando com elle de per-

nas

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

nas affirma muito mal ferido, a que os nossos deram huma grande apupada, e logo furriada da espingardaria. O soldado em derribando o Mouro, remetteo ao cavallo, e o tomou pelas redeas, e com muita confiança se veio recolhendo pera Heitor da Silveira, cavalgado em hum, e com outro a destro; e chegando a elle lhe pedio o armasse Cavalleiro, o que elle logo estava. Louve agora Livio o seu Marco Corvino, por matar hum Francez em desafio, por cujo feito lhe mandou Octaviano Augusto alevantar estatua em meio de seus aposentos. Engrandeça o seu Torquato pelo collar que tomou a outro, que eu não farei mais que contar singelamente estes, e outros feitos semelhantes, mais dignos de estatuas, que os dos seus Romanos. Mas o tempo que deixo de gastar em seus louvores, gastarei em estranhar o descuido dos Reys nesta parte, que a estes taes nem com estatuas, nem com pão satisfizeram nunca seus feitos: pelo que muitos, e muito valerosos Cavalleiros, que obráram façanhas dignas de memoria eterna, estão hoje tão postos em esquecimento, que até os nomes se lhes não sabem, como a este nosso Cavalleiro, que por este feito não teve mór galardão, que em quanto Lopo Vaz governou depois disto chamar-lhe o seu Ca-

valleiro, e tello na Igreja apar de si em pé; e depois que acabou, póde bem ser que o acabasse tambem a fome. E tornando a Heitor da Silveira, com aquella boa ventura do soldado carregou sobre os inimigos, e os fez affastar, e elle, e todos se embarcaram a seu salvo, e se tornaram a sahir do rio. Dalli foram pela costa assima até a Cidade de Baçaim do Reyno de Cambaya, e chegando áquella barra, mandou Heitor da Silveira sondalla, e reconhecer o sitio da Cidade por Christovão Correa Capitão de hum Bargantim, que foi entrando pelo rio, e notou que antes de chegar á Cidade estava huma tranqueira de madeira de duas faces entulhada com tres baluartes grandes, e fortes, em que havia sessenta peffas de artilheria; e por huma almadia que tomou soube estar Alixá Capitão das galeotas, que depois de desbaratado se recolheo áquella Cidade, e a fortificou, com receio que o Governador fosse dar nella, e ajuntou tres mil homens de pé, e quinhentos de cavallo que comsigo tinha. Informado Heitor da Silveira de tudo, poz em parecer dos Capitães se daria na tranqueira, em quanto o conselho durou, os soldados da Armada todos bradavam que dessem na Cidade, e concluiu-se que se desse, e negociando-se pera de madrugada desembarcarem, tanto

### 366 ASIA DE DIOGO DE COUTO

que rompeo a alva, entráram os nossos pelo rio dentro, e chegando á tranqueira, que estava estendida de longo da praia, em que haviam de desembarcar pera commetterem a Cidade, puzeram os proizes em terra por meio de muitas; e mui amiudadas bombardadas, que lhes atiravam dos baluartes: e os primeiros que saltáram em terra, foram duzentos Canarins, que ficáram na Armada, de que era Capitão Malu, Mocadão mór dos marinheiros, que Heitor da Silveira lançou diante pera quebrarem nelles aquella primeira surriada dos inimigos, que deo por antre elles sem lhes fazer damno. Heitor da Silveira desembarcou muito á sua vontade, mandando diante hum Capitão com huma companhia pera commetter as tranqueiras, e elle com a bandeira de Christo, e toda a mais gente foi na retaguarda. Chegados os nossos á tranqueira, a commettêram com muito animo, achando os de dentro postos em defensão, antre quem se ateou huma muito crespa briga, de que os de dentro ficáram de ventagem, porque de cima lançavam sobre os nossos toda a cousa que achavam de páos, pedras, fogo, polvora, e todos os mais instrumentos mortaes; os nossos sem temerem cousa alguma ás espingardadas, fizeram affastar os Mouros de alguns lugares

com morte de alguns , com o que outros muitos ajudados huns dos outros cavalgáram pelos lugares vastos a tranqueira , e de fima appellidáram *Portugal* , *Portugal*. Os Mouros vendo os nossos em fima largáram tudo , e se recolhêram á Cidade até onde os nossos os seguíram , entrando de volta com elles. Alixá não estava na tranqueira , porque entendendo , que se os nossos desembarcassem a haviam de cavalgar , foi-se pôr em filada fóra da Cidade , porque quando os nossos accommettessem lhes sahisssem , e os desbaratassem. E assi foi , que indo os nossos no alcance dos seus até a Cidade , arrebentou da filada com a gente de cavallo , e detrás toda a de pé , e foi demandar os que entravam na Cidade. Heitor da Silveira que estava fóra , vendo os inimigos tocou a recolher , e ordenou hum esquadrão com toda espingardaria á roda , ajuntando todos a si , que logo voltáram , tanto que sentíram os inimigos , e assi se poz com proposito de pelejar com elle. Alixá cuidou que os nossos fugiam , vendo-os recolher ao esquadrão , e os foi seguindo até chegar a Heitor da Silveira , que os de cavallo foram commetter com grande determinação , cuidando que rompesssem o esquadrão ; os nossos desparando sua arcabuzaria , derribando muitos , fizeram voltar os

mais ; porque os cavallos com o estrondo espantados voltavam pera trás rompendo os seus de pé , que vinham chegando , e alli huns , e outros se desbarataram deitando a fugir , e sem pararem na Cidade se foram recolhendo huns pera a ferra , outros pera outras partes. Os nossos não os quizeram seguir por estarem cansados , e mandando-os espiar , sabendo que desampararam a Cidade , a entraram , e saquearam , roubando muita fazenda , ouro , e prata , porque estava rica , e prospera ; e depois de se fartarem bem , lhe puzeram fogo em que toda ardeo. Heitor da Silveira esteve sempre á porta com a bandeira de Christo , e tocando a recolher foi-se á tranqueira , e mandou embarcar toda a artilheria della , e puzeram fogo a tudo , que ardeo até os aliesses. No rio tomaram tres Taurins carregados de madeira mui formosa , que logo mandou pera Goa , que o Governador estimou pera o concerto das Armadas. Os Tanadares vizinhos ficaram disto tão amedrontados , que o de Taná mandou offerrecer a Heitor da Silveira quatro mil pardaos de pareas cada anno , que lhe elle acceitou , de que se fizeram papeis , que não apparecem , nem são necessarios , porque o direito senhorio destas terras ficou depois melhor pela doação , que o Soltão Badur Rey de

Cambaya fez dellas aos Reys de Portugal, como adiante diremos. Heitor da Silveira deo outra volta pela enxada de Cambaya, e desembarcou em alguns lugares que destruiu, e abrazou, e como foi tempo se recolheu a invernar a Chaul. O Governador, tanto que chegou a Goa, despachou Garcia Deça pera ir entrar na capitania de Malaca, mandando provinientos pera Maluco; e pera Ormuz mandou tres galeões carregados de fazenda d'ElRey, de que eram Capitães D. Francisco Deça, Antonio de Lemos, e Lopo de Mesquita. Antonio de Miranda sabendo no Malavar, onde andava, que no rio de Chael estava huma não carregada de pimenta, entrou dentro, e a tomou, e tirou pera fóra, e a mandou a Cochim, e queimou aquella povoação, e quatro paraos que estavam varados, e tomou outros quatro que estavam no rio; e depois deste successo, andando correndo a costa, succedeo andar Christovão de Mello ao longo da terra com a sua galé, e seis navios mais, e Antonio de Miranda ao mar d'elle, não sabendo os Mouros do Capitão mór, e vendo aquella galé, e poucos navios de longo da terra, armáram sincoenta paraos, e o foram demandar. Christovão de Mello tanto que houve vista delles, foi-se remando pera o mar, alli pelos affastar

*Couto. Tom. I. P. I.*

Aa

da

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L 4

da terra, como pera chegar ao Capitão mór. Os inimigos cuidavam que lhes fugia, e foram-no seguindo até haverem vista do Capitão mór, que vendo aquella Armada ir apòs a nossa, como tinha o balravento, dando á véla descarregou sobre elles, e o mesmo fez Christovão de Mello. Os inimigos vendo o Capitão mór ficáram entbaraçados, e voltáram pera a terra; Christovão de Mello, que lhes ficou mais perto, lhes chegou com seus navios, e pondo-lhes as proas os foi axorando, ficando-lhes nas mãos quatorze navios, e os mais por ligeiros escapáram. Esta vitoria foi a derradeira deste verão, e Christovão de Mello se recolheu a Goa, e Antonio de Miranda a Cochim.

## CAPITULO VII.

*De como Christovão de Mendocça Capitão de Ormuz mandou Antonio Tenreyro por terra ao Reyno com as novas das galés, e da jornada que este homem fez pelo deserto de Arabia: e de como chegou ao Reyno, e ElRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz a prender Rax Xarrafo.*

**A** Trás temos dito como Christovão de Mendocça foi entrar na capitania de Ormuz, levando em sua companhia Rax



Xarrafo , que como era homem alterado , e soberbo , tornou logo a usar de sua natureza , e a se levantar contra ElRey , revolvendo aquella Cidade , e tyrannizando-a , pelo que deixavam as Casilas de vir a ella , e a Alfandega a render menos. E porque no mesmo tempo em que chegou a Ormuz succedeo o caso de Rax Soleimão , porque se desfez a Armada , que era sahida contra a India , pareceo-lhe a Christovão de Mendoça obrigação avisar ElRey de tudo , escrevendo-lhe assi isto , como as cousas de Rax Xarrafo ; e elegeo pera esta jornada hum Antonio Tenreyro , natural de Coimbra , homem nobre , que já fora com Balthazar Pessoa ao Xequé Ismael , donde tomou o caminho pera Jerusalem , e foi prezo pelos Turcos , cuidando ser espia , e levado ao Cairo , onde foi depois solto , e dalli passou a Chipro , e por hum caso que lhe naquella Ilha aconteceo , se tornou pera a India ; e desembarcando em Trypoli atravessou o deserto , e foi ter a Bassorá , e dahi a Ormuz , onde havia pouco que era chegado desta jornada. Este homem sabia bem a lingua Turquesca , e Persica , e pelo muito que importava levar-se recado a ElRey , acceitou a jornada , e a vinte deste Setembro passado partio de Ormuz pera Bassorá , até onde poz quarenta dias , por

causa dos ventos que achou contrarios. Nesta Cidade se deteve vinte dias, porque não achou já a Casila que hia pera Damasco, e o Xequé que era nosso amigo o não queria deixar atravessar o deserto só, nem dar-lhe pera isso guia; e foi tão importunado delle, que lha houve de conceder. E comprando duas camelas de leite, huma pera elle, outra pera o Piloto, provendo-se de mantimentos, de tamaras, biscouto, farinha, alguma carne de fumo, e odres de agua, partíram entrada de Novembro deste anno de vinte e nove, depois de meia noite, porque não fosse visto. Caminhando o que restava della, ao outro dia se mettêram por aquelle espantoso deserto, por onde tudo o que alcançavam com os olhos eram nuvens, e serras de arêas soltas, e movediças, que com qualquer vento eram levadas de huma parte pera a outra, como fazem as ondas do mar com grandes tempestades, não encontrando por todo o caminho senão urfos, tygres, leões, lobos, e alimarias bravas, de que Deos sempre os guardou, governando-se o Piloto pela estrella do Norte de noite, e de dia por algumas balizas que os caminhantes tinham postas em paragens que os ventos as não pudessem arrancar; e assi caminhavam vinte e cinco leguas por dia, dormindo em cima das camelas,

on-

onde tambem comiam , sem se descerem ,  
 assi por amor das alimarias bravas , e feras ,  
 como por se não enterrarem , e sumirem  
 naquelle mar de arêas ; dando a cada ca-  
 melas huma quarta de farinha huina vez ao  
 dia , e alguma pouca de agua , e cada qua-  
 tro , sinco dias as fartavam della em char-  
 cos , que a paragens havia em partes duras ,  
 e seccas , em que as aguas do inverno se re-  
 colhiam. E em certas paragens como estas  
 se acham alarves , grandissimos ladrões , que  
 vivem de saltar ás Cafilas. Ao derredor  
 destes charcos se criam alguns cardos bra-  
 vos de que as camelas comiam. Antonio  
 Tenreyro foi commettido duas vezes das  
 alimarias , de que Deos , e a ligeireza das  
 camelas o livraram. E huma madrugada  
 fugindo á redea solta de dous leões , corrê-  
 ram daquella feita duas leguas , ficando a  
 camela de Antonio Tenreyro manca de hum  
 pé dum estrepe que se lhe metteo ; e foi-lhe  
 forçado deter-se , descer-se , e tirar-lho , e  
 curallo como pode , e desta feita esteve tres  
 dias sem caminhar , e no cabo delles torná-  
 ram á sua jornada , padecendo grandes fó-  
 mes , sedes , e medos ; e a cada oito dias  
 achavam aquellas partes seccas , em que se  
 refaziam de agua ainda que roim , e em  
 cada huma dellas se detinham hum dia ,  
 por dar folga ás camelas. Em duas partes

destas acháram dous Castelllos arruinados, onde já se agazalháram Alarves; e a cabo de vinte e dous dias de caninho chegaram a huma pequena Villa acastellada, cercada de muro, e taipas grossas, e povoada de Alarves, na entrada della estava huma formosa fonte, de que regavam suas sementeiras, e por derredor havia alguns palmares de tamaras. Aqui acháram huma Casila já de caminho pera Damasco, em que se metteo Antonio Tenreyro, despedindo dalli o Piloto, tendo-lhe bem pago seu caminho. Este dia que partio a Casila, foram dormir a outra fortaleza perto, e desta a quarenta leguas sahiram do deserto, e entráram pelas terras de Alepo Cidade grande de Soria, cercada de muros, prospera de tudo, povoada de muitos, e mui ricos mercadores, que alguns presumem que fosse edificada das reliquias da muito antiga Hierapoly de Alepio Prefeito do Emperador Juliano, e que delle tomou o nome. Mas o Bispo D. Ambrosio, Penitenciario que foi do Papa Julio Terceiro, que veio á India por Turquia, e Arabia, e esteve nesta Cidade de Goa no Convento de S. Domingos, de cuja Ordem era, homem douto nas letras Divinas, e nas linguas Chaldea, e Arabia, disse que quando Deos livrára Abrahão de Ur Cidade dos Chal-

deos, fora ter a Alepo Cidade cabeça de Soria; e como trazia muitos gados, e era homem de grande caridade, estando aqui aposentado dava cada dia aos pobres do leite de seus gados, e tinham já esta ração por ordinaria, que acudiam pela manhã aos criados de Abrahão, e lhe perguntavam, *Jelep*, que na lingua Chaldea quer dizer, *ordinhaste já?* e que daqui ficou este nome a esta Cidade; e que os mesmos Arabios doutos de Alepo, que assi o tinham em suas escrituras, e que sem dúvida esta Cidade fora habitada, e senhoreada de Abrahão. Isto contava elle aos Padres de S. Domingos, de quem o nós soubemos. Este Bispo morreo em Cochim, indo-se embarcar pera o Reyno, e segundo a nossa lembrança em tempo do Conde do Redondo. Aqui nesta Cidade se deixou ficar Antonio Tenreyro pera esperar por hum Venezcano chamado Micer Andreas pera quem levava cartas, e letras pera lhe dar dinheiro, e aviamento pera passar á Europa, que era ido a Constantinopla, e ficou esperando por elle; e tambem porque o inverno era grande, e de grandes neves esteve aqui trinta dias, até vir Micer Andreas, que o aviou, e se metteo em huma Casila que hia pera Tripoli de Soria, onde se embarcou, e foi ter a Chipro, e dalli se passou a Ve-

neza, passando muito grandes trabalhos, e tormentas; e tomando o caminho por terra, chegou a Portugal pouco depois de ser partido Nuno da Cunha pera a India. El-Rey estimou muito as cartas de Christovão de Mendouça, e as novas das galés serem desfarmadas; e por saber que por terra, e em espaço de tres mezes podia ter recado de Ormuz, porque não poz este homem no caminho ordinario mais, que todo o outro tempo foram detenças por impedimentos que lhe succedêram. Esta viagem, e chegada de Antonio Tenreyro poz grande espanto no Reyno, por ser o primeiro que a commetteo só com hum Piloto. Succedeo-lhe no cabo de todos estes trabalhos, que o primeiro dia que chegou ao Reyno, que esteve com El-Rey até bem de noite, dando-lhe novas da India, sahindo dos Estaos onde El-Rey poufava pera ir descansar, indo vestido em hum albernoz, que todo o caminho levou, saltáram com elle no Rocio, e lhe deram dezefete, ou dezoito cutiladas, e estocadas, de que o deixáram por morto, e foi dalli levado, e curado. Soube-o logo El-Rey, mandou ao seu Surgião mór que o curasse como sua pessoa, e que se inquiresse aquelle negocio, sobre que as Justiças fizeram inui grandes diligencias, sem se alcançar cousa alguma,

nem elle suspeitou nunca donde lhe aquillo podia vir. Viveo este homem depois ; mas ficaram-lhe algumas fontes que lhe purgavam, em que trazia canudos de prata. Aposentou-se em Coimbra onde casou, e viveo de tenças, e comedias, que lhe El Rey deo. El Rey pelas novas que teve das inquietações do Guazil, vio que lhe era necessario acudir ás cousas de Ormuz primeiro que Rax Xarrafo acabasse de as damnar; pera o que mandou ordenar huma não pera partir em Outubro pera a India, porque determinou de mandar prender Rax Xarrafo; e levallo pera o Reyno; e este negocio encarregou a Manoel de Macedo, que chegou da India nas náos da viagem, depois do Tenreyro chegar, pelo ter por homem determinado pera todo o negocio, e lhe deo por regimento que fosse tomar Ormuz, e como entrasse do estreito da Persia pera dentro abrisse hum regimento que levava, e que fizesse o que lhe nelle mandava, porque nem delle quiz fiar aquelle negocio por se não vir a romper. Esta presfa, e segredo metteo em confusão Tristão da Cunha, pai de Nuno da Cunha, porque fez todas as diligencias possiveis por saber ao que hia Manoel de Macedo, sem nunca o poder alcançar. Pelo que escreveu huma carta por elle ao filho, que continha

estas palavras : » Filho Nuno, lá vai hum  
 » mancebo em huma não mui apressado por  
 » mandado d'ElRey, nunca pude saber ao  
 » que vai, deixa-lhe fazer tudo o que lhe  
 » ElRey manda, sem lhe ires á mão a cou-  
 » sa alguma, manda pimenta, e deita-te a  
 » dormir.» Ha-se de saber, que Tristão da  
 Cunha a todos os seus filhos nomeava pe-  
 los nomes, e sobrenomes, e lhes fallava  
 por vós; só a Nuno da Cunha com ser  
 o mais velho Veador da Fazenda d'El-  
 Rey, do seu Conselho, e Governador da  
 India, nunca o nomeou senão por Nu-  
 no, e não lhe fallou senão por tu. Manoel  
 de Macedo deo á véla em Outubro, e de  
 sua viagem adiante daremos razão.

## C A P I T U L O VIII.

*Das cousas que acontecêram em Malaca  
 até chegar Garcia de Sá: dos ardís de  
 que o Achem usou com Pero de Faria,  
 por ver se podia colher em seu porto  
 algum navio: e de outras cousas  
 que mais passáram.*

**C**Om a tomada da galé de Simão de  
 Sousa, como atrás temos contado, fi-  
 cou o Achem muito soberbo; e como era  
 malissimo, e falso, pareceo-lhe que podia á



conta daquelles Portuguezes que tinha cativos , colher naquelle porto algum navio nosso pera o tomar. Pera isso determinou de usar de ardís , e manhas com o Capitão de Malaca , como logo diremos. Andava elle neste tempo em guerra com ElRey de Aru , que era nosso amigo , e como este tinha mandado a Malaca a pedir soccorro ao Capitão , do que logo o Achem foi avisado , e receou que com o nosso soccorro lhe dêsse aquelle Rey grandes trabalhos , pelo que determinou de atalhar , e estorvar o soccorro que mandava pedir. E tomando hum dos Portuguezes cativos da galé de Simão de Sousa , chamado Antonio Caldeira , com outro companheiro , lhes deo hum bantim , mandando-lhes que fossem a Malaca , e díssem da sua parte ao Capitão , que elle desejava muito de ter com elle paz , e amizade , e que pera princípio della lhe queria dar todos os cativos Portuguezes , e a galé com toda a sua artilheria , e a que tomára na fortaleza de Pacem , e a de huma náó nossa que dera á costa , e que bem podia mandar logo por tudo. Chegado este homem a Malaca , ( estando naquella Cidade o Embaixador d'ElRey de Aru , com promettimentos da ajuda que pedia , ) e dando recado ao Capitão Pero de Faria , que o grangeou muito , parecendo-

Ihe que Deos lhe abria o caminho pera haver aquellas cousas em que ganhava mais que no soccorro d'ElRey de Aru, que já negociava, tendo commettida aquella jornada a Diogo de Macedo Capitão mór do mar de Malaca, que estava com toda a Armada que tinha no mar, pelo que determinou de a recolher, e fazer pazes com o Achem. Isto não pareceo bem a Martin Correa, que conhecia a maldade daquelle Rey, e disse a Pero de Faria que tanto offerecimento parecia invenção, que aquillo era mais espiar a fortaleza, que commetter pazes, e ver se dava soccorro ao Rey de Aru, pera o fazer sobreestar nelle; porque bem sabia elle a grande causa que havia pera estarem escandalizados delle pela tomada da galé; e que forçado se havia de tratar de satisfação, e vingança por todas as vias: que elle havia de temer, e arreccar que a mór, que por então se podia tomar delle, era dar-se ajuda a ElRey de Aru pera o poder desbaratar, e que entendessem que Mouros não commettiam nunca pazes, senão por interesse, ou necessidade, e que esta não tinha elle agora por parte dos Portuguezes, mas que receava tella, se mandasse Armada contra elle ao Aru; e que tantas promessas juntas sem ver ainda o flagello sobre si, era cousa que dava bem a

entender sua tenção. Estas razões parecêram bem a Pero de Faria, e disse a Antonio Caldeira perante o mesmo Martim Correa, o que lhe tinha dito, pedindo-lhe que lhe dissesse o que suspeitava, e se se podia arrear serem aquillo invenções do Achem? Antonio Caldeira lhe disse que o que entendia eram tamanhos desejos no Achem de pazes, que sem dúvida daria tudo o que tinha offerecido; e quanto a elle em nenhuma fórma deixaria de se tornar pera elle, pela vontade que sentia pera com todos os Portuguezes, e porque lho promettêra, que lhe dêsse resposta, porque logo havia de voltar. Com esta confiança deste homem ficou Pero de Faria mais crente que o Achem lhe fallava verdade. Pelo que determinou de acceitar as pazes, porque desejava de haver ás mãos os Portuguezes, e tanta artilheria como lhe offerecia, pelo que o despachou logo, e escreveu ao Achem que acceitava sua amizade em nome d'ElRey de Portugal, e que dalli por diante o havia por amigo, e que como a esse, o ajudaria em tudo o que lhe fosse necessario, e que logo mandaria pelos Portuguezes, e mais cousas, e que não favoreceria ElRey de Aru, e que logo mandaria recolher a Armada que pera isso tinha prestes, e mandou com esse homem hum casado de Malaca,

que sabia a lingua Malaya , com procurações bastantes pera assentar as pazes com o Achem , mandando-lhe por elle algumas peças , e brincos. Estes homens foram tomar hum Ilha na costa do Achem , que era povoada de Mouros , que vendo os dous Portuguezes só os matáram. O Embaixador de Aru que estava em Malaca esperando pelo soccorro despedio Pero de Faria com desculpas pera ElRey de lhe não mandar soccorro , porque pera haver aquelles Portuguezes , e mais cousas que o Achem offerecia , lhe era assi necessario ; mas que elle era seu amigo , e assi o mostraria em todas suas cousas que lhe cumprissem. Com esta resposta se foi o Embaixador descontente , e se embarcou sem se despedir de Pero de Faria , de que elle ficou hum pouco pejado , porque desejava de poupar a amizade deste Rey , porque era muito fiel amigo ; pelo que logo despedio Fernão de Moraes , que alli estava por Capitão de hum galeão , pera se ir ver com aquelle Rey , e temperallo , e dar-lhe satisfações das cousas por que então o não ajudára contra o Achem. Fernão de Moraes chegou ao porto de Aru poucos dias depois do Embaixador ; e como ElRey estava tomado de Pero de Faria , mandou que nenhuma pessoa fosse a bordo do galeão. Fernão de Mo-

raes esteve quatro dias sem vir recado da terra , pelo que entendeu que nascia aquillo do aggravo d'ElRey , e como era homem de muito animo , muito arriscado , contra o parecer de todos se metteo em hum balão com alguns criados , e foi a terra , e caminhou pera os Paços , e entrando muito confiado aonde estava ElRey , lhe fez sua cortezia. ElRey vendo aquella confiança o agazallhou com bom rosto ; Fernão de Moraes lhe deo todas as satisfações que pode , e os respeitos por que Pero de Faria o não ajudava por então contra o Achem , e que quanto ás obrigações que lhe tinham , estas lhe não podiam negar , porque bem sabiam quão leal amigo fora sempre do Estado. ElRey pareceo por então que ficava desalivado com o que lhe elle disse , mas era ao contrario , porque o escandalo que dentro tinha era tal , que determinou de prender a Fernão de Moraes , e tomar-lhe o galeão ; mas quiz por então dissimular até ver o que succedia á sua Armada , que havia poucos dias era partida a Pacem a buscar a do Achem ; porque se viesse com vitoria , então faria o que determinava , e quando não , pela necessidade dissimularia ; e por esta razão deteve Fernão de Moraes oito dias , sem no galeão se saber novas d'elle , e o tinham já por morto , e estive-

ram algumas vezes pera se irem pera Malaca. Passados estes dias chegou a Armada d'ElRey, que teve com a do Achem huma grande batalha, de que se apartáram sem vitoria de nenhum: esta Armada trazia outro Portuguez dos que estavam no Achem, que o mesmo Rey tornava a mandar a Pero de Faria, porque lhe tardava o recado de Antonio Caldeira, e lhe mandava por este dizer que mandasse logo buscar a galé, e Portuguezes, e artilheria: este Portuguez foi tomado em hum balão. Vendo ElRey a Armada sem vitoria, lançando suas contas, vio que lhe não vinha bem quebrar com os Portuguezes, porque pela ventura os haveria ainda mister, ou ao menos porque se não juntassem com o Achem, pelo que largou Fernão de Moraes, e lhe deu o Portuguez. Fernão de Moraes chegou ao galeão, onde achou todos desconfiados d'elle, e fazendo-se á véla pera Malaca, deu conta a Pero de Faria de tudo o que lhe succedeo. Os Reys ambos como eram Mouros houve pouco que fazer em se concertarem fazendo pazes, com cócegas que ambos tinham hum do outro do favor dos Portuguezes. E como o Achem se vio desapressado, não quiz mais nada de Pero de Faria, que sem dúvida se acudira com huma Armada áquelle negocio, houvera-lhe

de

de entregar tudo , ao menos a galé , e os Portuguezes , porque receára que não o fazendo , se fosse ajuntar com ElRey de Aru , e o destruissem ; e assi se perdeu esta occasião , e os Portuguezes morreram em cruel cativoiro.

## C A P I T U L O IX.

*De como ElRey do Achem tomou por engano hum galeão , de que era Capitão Manoel Pacheco : e de como foram descubertos huns tratos que Sinaya de Raya Chelly de Malaca trazia com o do Achem , e de como foi morto.*

**N** Este tempo chegou Garcia de Sá áquella fortaleza , e tomou posse della , do que logo foi avisado o Achem , e houve que com o Capitão novo faria melhor seu negocio. E porque de ambos os recado que tinha mandado a Malaca não tinha resposta alguma , nem sabia o que se lá tratava , mandou hum homem seu áquella Cidade em muito segredo a saber do Bandoirá Sinaya de Raya (com que tinha intelligencias secretas) o que se lá praticava sobre as offertas que mandára fazer , e que gente haveria na fortaleza , porque desejava de a tomar. Este homem se vio com Bandoirá , que lhe deo conta de tudo o que

Pero de Faria passára com Antonio Caldeira, e como seguro em sua amizade mandava fazer pazes, e buscar os Portuguezes, e que sempre segundára, se não chegára Garcia de Sá. Com este recado despedio o Achem logo hum Embaixador a pedir pazes, e chegando áquella fortaleza desembarcou em cima de hum elefante com grande acompanhamento que trazia, e foi correndo a Cidade de fóra com hum prato de ouro nas mãos, em que levava a carta, que o Achem escrevia ao Capitão, e diante delie hia hum homem, como Rey darmas, que ao som de alguns instrumentos hia gritando, e publicando alto, que ElRey do Achem mandava commetter pazes, e amizades aos Portuguezes: (esta ordem guardava em todas as que commettia,) e assi foi levado ao Capitão, que o recebeu com aparato. Elle lhe deo sua embaixada, cuja conclusão foi desculpar-se do que fora feito a Simão de Sousa na sua barra pelos seus sem o elle saber, e que estava prestes pera emendar aquelle agravo, assi em castigar os culpados, como em restituir a galé, Portuguezes, e artilheria, e que lhe pedia correffem em amizade, e commercio; e que seguramente podiam os Portuguezes ir, e vir a seu porto, comprar, e vender, sem receberem agravo algum. Garcia de Sá ou-



vio tudo muito bem , não lhe parecendo que pudesse haver tamanho fingimento , e maldade em homem que tinha titulo de Rey , cuja obrigação era guardar verdade , e justiça. E aceitando-lhe as offertas , negociou hum casado , que mandou em companhia do Embaixador com procurações , e apontamentos pera concluir as pazes com o Achem. Chegados áquella Cidade , foi o nosso recebido d'ElRey com muitas honras , dando-lhe peças a elle , e a todos os que com elle hiam. E praticando nas pazes lhe concedeo tudo o que levava por apontamentos , como quem se não queria desconcertar no preço , pera ver se podia effectuar seus concertos. Assentadas as pazes , mandou-as pregoar por toda a Cidade com grandes solemnidades. Feito tudo isto , despedio o nosso Embaixador com mostras de amor , e amizade. E embarcado na barra de noite , foi salteado , e morto elle , e todos , e o balão fumido por mandado d'ElRey em tanto segredo , que nunca se soube , e Garcia de Sá presumio que se perderiam no mar. O Achem foi logo avisado de tudo por Sinaya de Raya , que lhe mandou dizer que nada suscitavam , antes o Capitão estava muito satisfeito das honras , que elle fizera ao seu Embaixador , com o que o Achem despedio logo outro Embai-

xador a Garcia de Sá com o peza-me do desaparecimento do seu, que lhe pedia mandasse confirmar as pazés por algum homem honrado, já que o outro se perdêra com os papeis, e capitulos dellas. Garcia de Sá enganado com estas mostras, mandou fazer prestes hum galeão, e Manoel Pacheco pera ir nelle, avisando-o alguns da maldade daquelle Mouro, que elle nunca cuidou que houvesse tanta em nenhum peito humano, como houve neste. Negociado Manoel Pacheco, embarcáram-se com elle mais de oitenta Portuguezes mercadores com muitas fazendas pelo proveito que esperavam daquelle novo commercio. Sinaya de Raya avisou logo ao Achem, aconselhando-lhe, que tomasse o galeão, porque depois seria facil ir tomar aquella fortaleza, pela pouca gente com que ficava, porque a mór parte della hia nelle. Manoel Pacheco foi tomar a barra do Achem, e andando aos bordos lhe sahiram muitas lancharas, poucas, e poucas, que o foram demandar, como que hiam de paz; e alli carregáram tantas que pareceo mal a alguns, que differam a Manoel Pacheco, que bom seria precatarem-se, e armarem-se, que aquillo era alguma manha do Achem. Já no galeão havia alguns Achens, e derredor delle muitas lancharas, que vendo a confiança dos

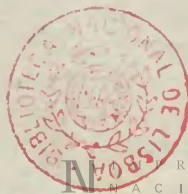
Portuguezes arremessáram-se dentro , e re-  
 metteram com elles , e primeiro que tomaf-  
 sem armas foi morto Manoel Pacheco , e  
 os mais delles , e todos os outros foram to-  
 mados ás mãos , sem escapar hum só. O  
 galeão foi levado dentro , e entregues os  
 Portuguezes a ElRey , que logo os fez ma-  
 tar a todos , e aos que lá tinha , e com is-  
 to mandou dizer a Garcia de Sá , que lhe  
 agradecia muito o galeão que lhe mandá-  
 ra , que lhe não faltava mais que hum bar-  
 gantim que lá tinha , que lhe rogava lho  
 mandasse , senão que cedo o iria tomar.  
 Garcia de Sá vendo tamanho engano , e  
 maldade ficou pasmado , e parecia que que-  
 ria arrebentar de pezar , do que lhe tinha  
 acontecido. Sinaya de Raya mandou di-  
 zer ao Achem que mandasse huma Arma-  
 da , que elle cumpriria a palavra que lhe  
 tinha dado de lhe entregar aquella fortale-  
 za , o que o Achem fez , mandando se-  
 tenta lancharas com tres mil homens , que  
 foram dar vista a Malaca. Garcia de Sá  
 com essa pouca gente que tinha se fechou  
 na fortaleza , tendo grande guarda , e vigia  
 nella. Os Achens andáram por aquella cof-  
 ta aguardando recado de Sinaya de Raya ;  
 e permittio Deos pera evitar tamanho mal ,  
 que sahisse hum dia em terra , e se puzes-  
 sem ao longo de hum tanque , que cha-

mam d'ElRey, a comerem, e beberem os Achens com os Malayos de Sinaya de Raya; e foi o banquete de feição que ficáram os Achens bebados, e contáram aos Malayos todos os tratos, que seu amo trazia com o seu Rey, e de como tinha ordenado hum Domingo (estando o Capitão com todos os homens na Igreja) ter levado hum camelo; que estava defronte da porta principal, e borneallo pera dentro, e dar-lhe fogo, com que mataste todos, e abrir-lhes as portas da fortaleza; e assi lhe contáram da morte do Embaixador, e de Manoel Pacheco. Recolhidos daqui, inspirou Deos no coração de hum Malayo daquelles, que se fosse logo á fortaleza, e contou ao Capitão tudo o que ouvira, de que Garcia de Sá ficou sobrefaltado, e escondendo o Malayo mandou chamar Sinaya de Raya, que logo foi com hum enteado seu chamado Tuão Mafamede, e recebendo-os bem, recolheo-se com Sinaya pera cima, onde tinha homens que o tomáram, e deram com elle de huma janella em-baixo, onde se fez em pedaçõs, porque cahio de altura de sinco sobrados. E vindo pera baixo disse a Tuão Mafamede o que fizera, e o porque; ao que lhe elle respondeo, que se tal era que fizera muito bem. Garcia de Sá o segurou, e lhe disse, que servisse ElRey de Portugal,

gal , que elle lhe faria muitas honras , e mercês , e que se recolhesse , e quietasse , mandando-o acompanhar até sua casa , e fez mercê ao Malayo que lhe descobrio a traição , que teve em segredo , sem se saber que veio d'elle. Logo correo a nova da morte de Sinaya , pelo que os Achens se recolhêram , e o seu Rey ficou mui magoado do successo. Tuão Mafamede affombrado do que víra , logo desapareceo com mulher , e filhos , e se passou a Viantana , onde estava o Rey que Pero Mascarenhas desbaratou em Bintão.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA IV.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO  
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

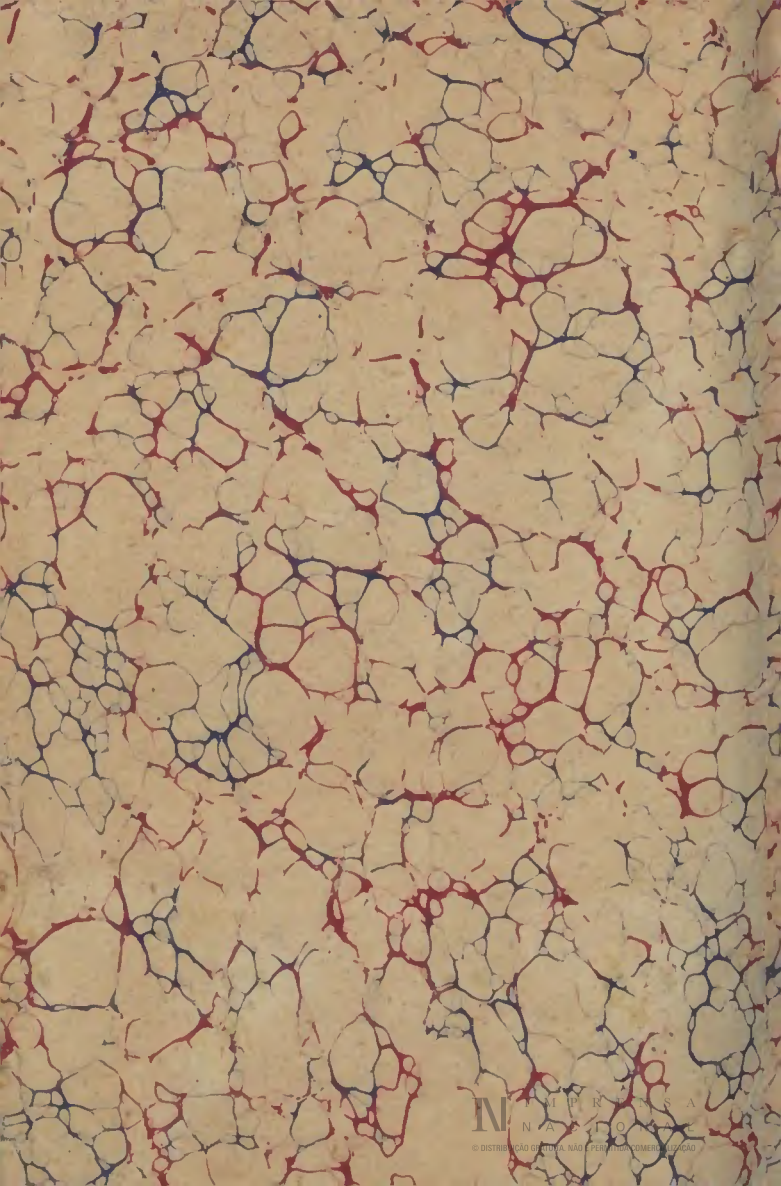


RENSA  
NACIONAL



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

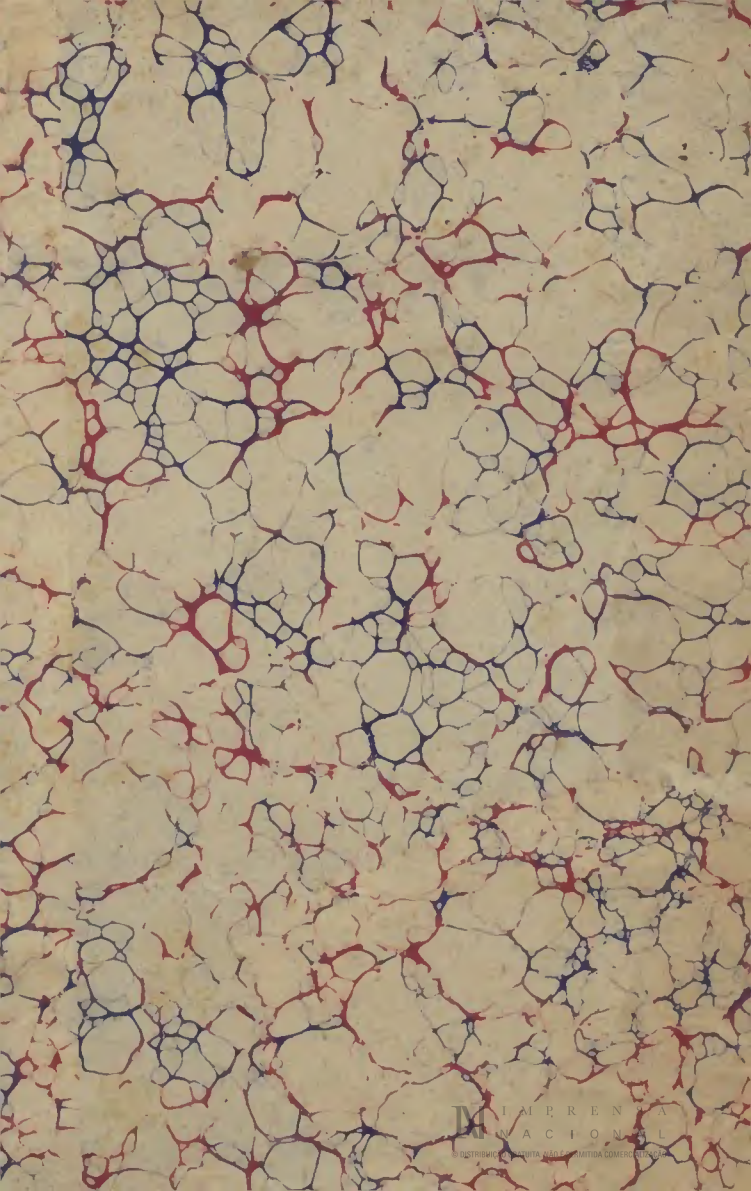
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRESSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO





IMPRESA  
NACIONAL

DISTRIBUCIÓN GRATUITA PARA LA ACTIVIDAD COMERCIAL

**NB**



•EFG0000088100•

N S  
N A

COMERCIALIZADA